

TIFFANY REISZ

THE ANGEL



"The Original Sinners series is painful, prideful, brilliant, beautiful, hopeful and heartbreaking. And that's just the first hundred pages."

—COURTNEY MILAN, *New York Times* bestselling author of *The Duchess War*



THE ROSE



TRADUÇÕES

Disponibilizado: Stella

Tradução: Sofia M

Revisão Inicial: Nick e Laura

Revisão: Sabbra

Leitura Final e Formatação: Nanna Sá

NENHUMA PALAVRA DE SEGURANÇA PODE PROTEGER O CORAÇÃO

A infame autora de erótica e talentosa dominatrix Nora Sutherlin está fazendo algo totalmente incomum para ela: se escondendo. Enquanto seu amante de longa data, Søren, cujos fetiches, se expostos seriam a ruína dele, está sob pendente escrutínio de uma grande promoção, Nora está sendo discreta e longe da tentação no colo do luxo.

Seu anfitrião, o rico e desinibido Griffin Fiske, está entusiasmado por Nora ficar na casa de campo dele, especialmente quando conhece o companheiro de viagem dela. Jovem, inexperiente e angelicalmente bonito, Michael tornou-se o protegido de Nora, e este verão com Griffin, onde a obscuridade nunca acaba, vai ser o treino dele.

Mas, enquanto a carne está disposta, a mente de Nora está vagueando. Para pensamentos sobre Søren, o mestre dela, sob investigação de uma jornalista com um machado para esmagar. E para outro homem do passado de Nora, cujo poder sobre ela é menos contundente, mas cujos segredos não são menos dolorosos. É um verão que vai provar o velho ditado: o amor dói.



Para a Gina Scalera, meu Anjo. Sinto saudades suas.

Para a Eve, original Sereia Original.

E para o Andrew Shaffer, *muitas águas*...

PARTE I



— Fudge¹.

Quase totalmente de cabeça para baixo, com a cabeça pendendo para fora da cama, Nora viu a inclinação sinistra da luz solar deslizar através da janela e pelo chão. Søren empurrou dentro dela novamente e ela estremeceu de prazer.

— Eleanor, você está pensando sobre comida em um momento como este? — Søren empurrou duro mais uma vez e veio com um estremecimento controlado.

Rindo do seu recente orgasmo e o absurdo de ter esta conversa em sua posição atual, Nora terminou seu pensamento.

— Você foi o único que me disse que eu não estava permitida a praguejar aos domingos. Então, fudge, eu vou estar atrasada para a missa, senhor.

Søren baixou a cabeça e beijou seu pescoço.

— Eu acredito que o seu padre ficaria bastante descontente se você se atrasasse, — ele sussurrou em seu ouvido.

— Então o meu padre precisa desatar minha perna da cabeceira da cama dele.

Søren levantou-se e olhou para ela; ela inocentemente bateu os cílios para ele.

— Implore, — ele ordenou, e Nora começou a rosnar. Arrogante filho da puta.

¹ Sem tradução. É uma sobremesa doce feita de açúcar, manteiga e leite.

Ele nunca disse nada sobre não amaldiçoar em sua mente. Somente que ela nunca poderia amaldiçoar em voz alta.

Søren colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Nada de rosnar. Implore.

Abrindo e fechando sua mandíbula, Nora respirou fundo.

— Por favor, senhor, você pode me libertar para que eu possa dirigir minha *bunda* para casa, tomar um banho, o café da manhã pela primeira vez esta semana, vestir algumas roupas e dirigir de volta para a igreja, para que então eu possa me sentar no meu banco parecendo respeitável e apropriada enquanto imagino o tempo todo você nu, dando algumas homilias sobre o pecado e como, surpreendentemente, Deus é contra isso? Por favorzinho com você no topo?

Søren bateu na parte detrás da coxa dela com força suficiente para que ela gritou. Mas ainda assim ele estendeu a mão e desfez o nó da corda de seda preta de seu tornozelo. Com evidente relutância, ele retirou-se dela e rolou para o lado.

Agora, livre, Nora começou a engatinhar para fora da cama.

Søren apoiou a cabeça na mão e se esticou languidamente sobre seus lençóis brancos.

Ela não ia olhar para ele. Se ela olhasse para Søren, ela rastejaria de volta para ele.

— Com pressa, pequena?

— Para deixá-lo? Não. Para não estar atrasada para a missa e ganhar mais uma surra esta semana? Sim. — Søren acariciou as costas de sua

panturrilha e Nora se voltou para olhar furiosamente para ele. — Você está tentando me fazer chegar tarde... Senhor?

Suspirando, Søren puxou sua mão para longe dela. Não era justo. A reitoria ficava a dois minutos a pé da igreja; ser do sexo masculino e não ter que se preocupar qual roupa vestir, Søren podia ficar pronto em dez minutos.

— Uma acusação viciosa, Eleanor. É claro que eu nunca iria tentar atrasar você. Você é um modelo para os jovens na igreja depois de tudo.

Bufando uma risada, Nora começou a pegar suas roupas. Ela puxou a camisa do topo da cabeceira da cama em que ela tinha sido amarrada a noite passada enquanto Søren tinha-a açoitado sem parar. Sua saia estava toda amassada no chão onde tinha aterrado após Søren tê-la aberto e a deixando cair antes de dobrá-la sobre a cama e prender seus tornozelos na barra distanciadora. Em algum lugar debaixo da cama, ela encontrou seu sutiã e sua calcinha estava em casa, em uma gaveta. Ela raramente se incomodava com a calcinha em torno de Søren, contraproducente realmente.

— Um modelo? Nora Sutherlin—escritora erótica, ex-dominatrix. É um prazer conhecê-lo. — Ela estendeu a mão para apertar. Søren unicamente olhou para a mão e levantou a sobrancelha para ela.

— Você é um modelo para Michael. Ele adora você.

— Mas Michael é um de nós, senhor. — Ela sorriu para a memória do presente de aniversário dela de Søren no ano passado: a virgindade do, possivelmente, adolescente mais bonito do mundo existente. Consideravelmente kinky² e, infelizmente, profundamente perturbado. — É

² Pessoa que pratica sexo Kink (pouco convencional)

claro que ele tem um fraquinho por mim. Ou um local molhado³. De qualquer forma, nenhum desses idiotas baunilhas da igreja precisam me ver como um exemplo.

Nora empurrou os pés nos sapatos quando Søren saia da cama. Seu coração bateu forte com a visão de 1,95m do seu perfeitamente esculpido corpo, desavergonhadamente nu vindo em direção a ela. Ninguém vendo ele agora alguma vez acreditaria que Søren tinha 47 anos. E ninguém, que os tivesse visto na noite passada e esta manhã quando ele bateu nela e a tomou repetidamente em uma variedade de posições deliciosamente degradantes, teria sonhado que era um dos padres católicos mais respeitados em toda a Nova England.

— Você dá-lhes esperança de que se pode ser um adulto católico sem ser convencional ou condescendente.

— Você está tentando dizer que as crianças pensam que eu sou legal, não é?

— Meus pensamentos exatamente.

Ela virou o rosto para ele para um beijo rápido de adeus. Em vez disso, ele se abaixou e beijou-a longamente e lentamente... profundamente, possessivamente. Ninguém nunca tinha beijado ela do jeito que Søren beijava, como se estivesse dentro do corpo dela, mesmo quando ele estava apenas dentro da boca dela. Após quase cinco minutos de puros beijos apaixonados, Søren finalmente se afastou.

— Eleanor, você realmente deveria parar de perder tempo. — Os olhos de cinza aço brilharam maliciosamente.

³ Wet spot em inglês. Significa que a pessoa tem uma atração sexual pela outra. Decidi manter a tradução original.

Nora olhou para ele.

— Seu bast- — Nora começou, e Søren olhou para ela. Essa coisa de “nada de praguejar aos domingos” iria matá-la. Mas ela faria isso, não importava o quê. — Bastião de más intenções. Você acabou de me roubar cinco minutos só ao me beijar. Deus Todo-Poderoso.

— Garotinha, se você não parar de usar o nome do Senhor em vão, eu vou reintroduzir a vara⁴ em nosso relacionamento. Você está realmente reclamando que eu beije você?

— Sim. Você está trapaceando. Você quer que eu esteja atrasada, então você vai ter uma desculpa para me surrar.

— Como se eu precisasse de uma desculpa. — Søren sorriu para ela, e ela estava dividida entre o igual impulso de esbofeteá-lo ou beijá-lo novamente.

— Estou indo. Adeus. Eu te amo, eu te odeio, eu te amo. Vejo você às onze, e vou tentar muito duro ouvir a sua homilia nesta manhã em vez de ter flashbacks da noite passada. Mas nada de promessas.

Nora dirigiu-se para a porta.

— Eleanor... esquecendo alguma coisa?

Nora girou nos calcanhares e voltou para ele. Esticando-se, ela colocou os braços ao redor do pescoço dele.

— Estou, senhor?

Inclinou-se para beijá-la novamente.

— A cama.

Nora revirou os olhos. Ela afastou-se dele e rapidamente fez a cama, afofando seus travesseiros com quase a força de um furacão.

⁴ Caning – bater com uma vara de bdsm. Geralmente de pele e flexível.

— Aqui, senhor. Feliz agora?

Søren puxou-a para ele e passou os dedos sobre sua bochecha.

— Você está aqui. Claro que eu estou.

Nora suspirou com suas palavras e seu toque. Nos anos que ela e Søren passaram juntos, aqueles bonitos dez anos na coleira dele antes do incidente, até que ela tinha-o deixado, eles normalmente passavam, no máximo, duas ou três noites por semana juntos. Então depois de cinco anos separados, ela voltou para ele, e desde aí, ela quase passava todo o momento livre que podia com ele, na reitoria, na casa do seu amigo Kingsley ou no 8th Circle, o infame clube S&M do submundo onde Søren era praticamente adorado. Ela, atualmente, odiava estar em casa sozinha. A casa parecia muito grande, muito vazia, muito quieta.

As mãos de Søren deixaram o rosto dela e alcançaram o pescoço. Ela ouviu um clique, sentiu algo ceder e Søren tirou a coleira de couro branco. Como sempre, no momento em que a coleira saía de seu pescoço, ela sentiu algo apertar em torno de seu coração. Søren abriu a caixa jacarandá que estava pousada em sua mesa de cabeceira, tirou o colarinho branco e substituiu-o pelo colar de Nora.

— *Jeg elsker dig. Du er mit hjerte.*

Eu te amo. Você é o meu coração.

Com um gemido dramático Nora caiu contra o peito dele.

— Você sabe o quanto me excita quando você fala dinamarquês?

— Sim. Agora vá. Você está atrasada, e eu acredito que você se lembra do que aconteceu na última vez em que você esteve atrasada para a missa.

— Eu lembro. Mas eu meio que gostei, de modo que isso não é bem uma ameaça.

— Eu podia ameaçá-la com uma semana de celibato, mas como *eu* não vou estar atrasado, não vejo nenhuma razão para me punir. Eleanor, você sempre pode vir morar para mais perto. Você já considerou isso?

Ela tinha considerado isso. Por cerca de cinco segundos antes de decidir que preferia cortar seu braço a vender sua casa.

— Eu amo a minha casa. Eu quero mantê-la.

— É a casa ou as memórias que você ama e deseja manter?

Nora olhou para o chão.

— Por favor, não me faça mudar de casa.

Søren pediu-lhe há mais de um ano atrás, para se mudar para mais perto dele e da igreja. Ela disse que não na altura e ela estava dizendo não agora. Ela sabia que ele podia pedir a ela para se mudar para mais perto e ela iria se ele pedisse. Mas até agora não tinha feito isso. Søren assentiu e Nora afastou-se dele.

— Estamos jogando de novo depois da igreja, certo? — Nora perguntou da porta do quarto. As tardes de domingo pertenciam a eles. Os paroquianos de Søren sempre o deixavam sozinho nas tardes de domingo. Eles assumiam que ele estava ocupado rezando. Não era bem assim.

— Salvo intervenção divina.

— Intervenção divina, Padre Stearns? — Nora jogou o cabelo com arrogante diversão. — Deus deve saber melhor agora.

Jogando um sorriso por cima do ombro, Nora deu a Søren um longo último olhar. Ele tinha, sem dúvida, o rosto mais bonito de qualquer homem

que ela já conheceu. O rosto mais bonito, a mente mais aguçada, a libido mais cruel, o corpo mais sexy e o coração mais dedicado... Dos cinco anos que ela viveu separada dele, quatro haviam sido agonizantes. E agora eles estavam juntos novamente a mais de um ano e tudo era perfeito.

Bem, quase perfeito.

* * *

Como de costume, Michael acordou muito antes de seu alarme. Ele estava deitado na cama com a mão na cueca boxer e contemplou encontrar uma gravata para tornar este processo mais agradável. Mas ele tinha prometido ao Padre S que ele não iria mais se ferir. Padre S não tinha objeções à asfixia erótica, mas ele proibiu Michael de fazê-lo sozinho. *“Nós quase perdemos você uma vez, Michael. Eu prefiro não repetir essa experiência”*, Padre S havia dito a ele, e Michael sabia que nunca se perdoaria se ele colocasse o padre dele, o homem que tinha salvado sua vida, através desse pesadelo novamente.

Então, ao invés disso, Michael simplesmente fechou os olhos e conjurou a memória de Nora Sutherlin amarrando-o, guiando-o para dentro dela e apertando com tanta força em torno dele que ele se encolheu. Essa memória sensorial funcionou como de costume e Michael veio duro em sua mão.

Ignorando o papel, Michael se levantou e foi direto para o chuveiro. Ele passava muito tempo no chuveiro, mais tempo do que a maioria dos rapazes da sua idade, provavelmente demoravam. Claro que a maioria dos rapazes da sua idade não tinham cabelo que caia nos ombros e uma predileção por auto-abuso no sentido literal. A água escaldante não era tão divertida quanto à cera escaldante de uma vela, mas era o melhor que tinha.

Após a ducha, Michael tirou a toalha e se vestiu. Ele secou o cabelo comprido e deixou-o em um baixo rabo de cavalo. Ele passou à ferro a camisa branca e a calça cargo preta e até mesmo colocou uma gravata. Mas não por razões eróticas... A menos que ele contasse o tentar impressionar Nora Sutherlin como um motivo erótico.

Como de costume, antes de sair de seu quarto, Michael arregaçou as mangas e esfregou vitamina E líquida sobre as cicatrizes brancas em ambos os pulsos. A vitamina E, supostamente, ajudava a cicatriz a curar e a desaparecer, mas até agora o efeito foi mínimo. Ele amarrou sua larga pulseira de couro em seu pulso direito e puxou uma pulseira preta no esquerdo antes de ir para o quarto de sua mãe.

Michael bateu na porta do quarto.

— Vá sem mim, — ela gritou, como ele sabia que ela faria. Ainda assim, ele sempre tinha que perguntar.

— Deixe o carro. Eu tenho que fazer recados esta manhã.

Deixe o carro... ótimo. Boa coisa que o Sagrado Coração era apenas a algumas quadras de distância.

Ele empurrou os óculos de sol no rosto, agarrou seu skate e sua mochila no caminho para a porta e saiu para a rua. Patinando diretamente até aos degraus da frente do Sagrado Coração, ele virou o skate para cima e enfiou-o debaixo do braço. Antes de entrar no santuário, ele foi ao escritório do secretário da igreja, cavou algo para fora da mochila e enviou um fax rápido.

Michael foi para o santuário e viu que Nora ainda não tinha chegado. Ele sentou-se no décimo banco da igreja na parte de trás, duas filas atrás do local habitual de Nora. O pequeno sombra dela, Owen Perry de sete anos, já

esperava que a senhorita Ellie dele aparecesse. Owen adorava Nora, Senhorita Ellie, e não fazia nada para esconder esse fato. Ele se sentava ao lado dela durante a missa e às vezes até mesmo se enrolava em seu colo. Uma vez, Michael passou por eles e viu Owen deitado meio dormindo em seu joelho enquanto Nora, sem notar, passava os dedos sobre a minúscula testa dele. Ambos tinham cabelos pretos ondulados. Qualquer um que vissem eles pela primeira vez pensaria que Nora era a mãe do garoto.

Incomodava-o ver Owen se enrolar no colo de Nora. Ele invejava esse garoto pequeno por, sem medo, banhar Nora com carinho e atenção. Michael beijaria seus pés se ela o deixasse. Mas, novamente, ele também invejava Nora. Ela tinha pelo menos alguém que não tinha medo de tocá-la em público. Michael não conseguia nem se lembrar da última vez que alguém o houvesse tocado. Mesmo sua própria mãe tinha parado de abraçá-lo depois de seu pai saiu de casa.

Nora não tinha só pessoas que a tocavam publicamente. Ela tinha Padre S, que a tocava em particular. Michael secretamente se preocupava que alguém iria descobrir sobre Padre S e Nora. Todo mundo sabia que Nora era escritora erótica, e a igreja secretamente amava ter uma mini-celebridade em seu meio. E todo mundo na igreja adorava Padre S. Mas Nora e o Padre S tinham se apaixonado quando ela tinha apenas quinze anos. Se o seu passado, e pior ainda, seu presente, vazasse... Michael nem sequer queria pensar o quão ruim seria.

Verificando o relógio, Michael viu que ele tinha tempo suficiente para correr para beber água. Ele se levantou rapidamente e se dirigiu para a porta. Quando ele saiu do santuário Nora deslizou através das portas da frente

vestindo uma saia branca apertada e uma blusa preta a medida. Seu cabelo comprido estava preso com um nó frouxo e ela tinha um pequeno sorriso no canto dos cheios pálidos lábios vermelhos dela. Ele só podia imaginar o que o Padre S fez a ela naquela manhã para colocar aquele sorriso no rosto. Podia imaginar e muitas vezes imaginava.

Nora veio em direção a ele e Michael congelou. Eles nunca falaram um com o outro, não com palavras de qualquer maneira, não desde daquela noite juntos. Mas, como de costume, ele lhe deu um pequeno aceno com a mão. Em vez de acenar de volta, Nora estendeu a mão e pegou a mão dele por um breve segundo. Ela apertou os dedos dele e soltou-o, andando como se nada se tivesse passado entre eles.

Michael olhou para a mão. Ela o tocou.

Quando Michael olhou para cima, um dos homens casados da congregação que tinha o mau hábito de flertar com Nora estava olhando para ele. Olhando para ele com um olhar que Michael reconhecia ser inveja. Michael se endireitou e voltou para seu lugar no banco da igreja. Ele fez uma pausa antes de mudar de ideia, dando dois passos para frente e se deixar cair junto à Nora. Ela não olhou para ele, só conversou com Owen sobre um desenho que ele tinha feito para ela. Mas Nora esticou sorrateiramente a mão novamente e beliscou Michael na coxa com força suficiente que ele sabia que teria uma contusão amanhã.

Michael sorriu. Deus, ele amava os domingos.

* * *

Suzanne acordou para encontrar o braço de Patrick no seu estômago nu e sua boca na parte detrás do pescoço.

— Patrick, a sério. Eu estou dormindo. — Ela empurrou o braço para longe dela. — Eu ainda tenho Jet lag.

Rindo, Patrick beliscou seu ombro. Ela respondeu, virando para o lado, de costas para ele.

— O sexo é uma cura homeopática para o Jet lag. Eu li isso em algum lugar.

Suzanne fechou os olhos, puxou os lençóis até ao queixo e tentou lembrar exatamente quando, na noite passada, ela decidiu que dormir com um ex-namorado era uma boa ideia. Provavelmente algo entre o quarto e o sexto rum e Coca-Cola.

— Ontem a noite não foi suficiente para você? — Suzanne vagamente recordou, pelo menos dois, mas possivelmente três encontros—uma vez na sala de estar e duas vezes em sua cama. O terceiro podia não ter contado.

— Eu não me lembro muito da noite passada. Impressionante festa de “bem-vindo a casa”. — Patrick aninhou em seu pescoço.

— Patrick, sério, — Suzanne disse quando ela sentiu sua ereção pressionando a parte inferior das costas. Patrick podia ser insaciável às vezes, uma de suas melhores qualidades nos cálculos dela. Não que ela alguma vez tenha dito isso a ele.

— É domingo de manhã. Vamos foder enquanto todas as pessoas certinhas estão na igreja.

— Mencionar igreja não vai fazer você chegar ao meu lado bom, Patrick. Ou em qualquer lado que você esteja interessado.

Suzanne sentiu a cama se mexer quando Patrick rolou. Virando de novo de costas, ela obrigou-se a encontrar seus olhos. Um IED⁵ explodiu não muito longe de um veículo em que ela tinha estado em Cabul há duas semanas. Não era sua vida, mas a cara de Patrick, seu cabelo castanho desgrenhado, olhos com alma e sorriso brincalhão que tinha passado diante dos olhos dela. Ele era ex-namorado por uma razão, disse a si mesma. Às vezes, porém, ela tinha dificuldade em lembrar qual era a razão. Esta manhã, ela se lembrava.

— Merda, Suz. Eu sou um idiota. Eu não quis dizer... Deus, eu estava tão feliz que você estava de volta, e eu já fodi tudo.

— Cale a boca, — disse ela, mas sem maldade. — Eu acho que ouvi a minha máquina de fax.

Ela agarrou a camisa de Patrick do chão e vestiu-a enquanto ela deixava o quarto. No canto da sala de estar dela, estava um pequeno escritório de casa. Ela despejou livros e bloco de notas no chão. Os leitores elogiavam os artigos dela em jornais e revistas por sua clareza e organização. Esses mesmos leitores ficariam divertidos ao ver quanto caos era preciso para criar tais organizados, eruditos artigos.

Atrás da segunda pilha de livros e notas, ela encontrou a máquina de fax coberta de poeira. Um único pedaço de papel estava sobre a bandeja de saída. Seus olhos se arregalaram quando ela viu o logotipo e o cabeçalho no topo.

— Patrick?

— O que foi? — Perguntou ele, abotoando a calça jeans quando ele entrou na sala de estar.

— Leia. — Ela empurrou o papel nas mãos de Patrick.

⁵ Improvised Explosive Device – Artefato Explosivo Improvisado, também conhecido por bomba caseira.

— Denúncia anônima?

— Eu acho que sim. Sem folha de rosto. Sem número de fax na parte inferior. Bizarro.

Suzanne observava os olhos de Patrick verificando a página. Ele balançou a cabeça em choque ou confusão.

— É isso que eu penso que é?

Suzanne pegou a folha de papel de volta e leu novamente.

— Diocese de Wakefield. O que você sabe sobre a diocese? — Ela perguntou.

Patrick passou as mãos pelo cabelo e olhou para cima. Ela sabia que ele sempre fazia isso quando estava a pensar profundamente, como se Deus ou o teto fossem dizer-lhe todas as respostas.

— Wakefield... Wakefield... pequena diocese em Connecticut. Segura, limpa, suburbana. Bastante liberal, muito chata.

Suzanne ouviu a hesitação na voz de Patrick.

— Apenas derrame, Patrick. Eu aguento.

— Tudo bem, — disse ele, suspirando. — Um dos caras deles, Padre Landon, era suposto substituir o Bispo Leo Salter. No último minuto, ele é arrasado com uma acusação de 33 anos por abuso. Então, ao invés de se tornar bispo, ele está sendo enviado para o lugar onde os acusados de abuso sexual são enviados.

— Eles enviam os abusadores sexuais para outra igreja cheia de crianças normalmente. — As mãos de Suzanne quase tremiam de raiva mal contida.

Patrick deu de ombros e pegou o fax de volta dela. Como repórter investigativo, Patrick agia como uma enciclopédia ambulante de cada

escândalo na área tristate⁶. Eles se conheceram dois anos atrás, quando ambos estavam trabalhando para o mesmo jornal.

— Suzanne, — disse Patrick em tom de aviso, — não faça isso, por favor. Deixe isso pra lá.

Suzanne não respondeu. Sentando em sua cadeira giratória, ela enrolou as pernas contra o peito e alcançou a fotografia emoldurada que estava colocada no canto da mesa. Seu mais velho irmão, Adam, sorriu para ela de dentro da moldura. Ele tinha vinte e oito na fotografia. Agora, ela tinha vinte e oito anos e Adam se foi.

— Suzanne, — Patrick disse com tranquila solenidade. Por um momento, ela ouviu o eco de seu pai no tom preocupado de Patrick. — Esta é a Igreja Católica. Eles são o próprio país deles, com o seu próprio exército e esse exército são principalmente de advogados. Eu sei que você odeia a Igreja. Eu também odiaria se eu fosse você. Mas você precisa pensar sobre isso antes de você mergulhar cegamente.

— Eu não sou cega. Eu sei exatamente para o que eu estou olhando. Uma denúncia anônima que diz algo está podre no estado de Wakefield. E eu vou encontrar o que é.

Patrick exalou pesadamente.

— Ok, — disse ele. — Mas você vai me deixar ajudar. Certo?

Suzanne revirou os olhos e tentou não sorrir.

— Certo. Bem. Se você insiste.

— Então, por onde é que vamos começar? — Perguntou a ela.

Suzanne apontou para o nome no fax que lhe interessava.

⁶ Nome dado a área metropolitana de Nova York, Nova Jersey e Connecticut.

Padre Marcus Stearns, Sagrado Coração, Wakefield, Connecticut.

— Nós começamos com ele.

Patrick pegou seu laptop da bolsa que ele tinha deixado em seu sofá na noite anterior.

— Bastante fácil, — disse Patrick, iniciando o Mac⁷. — O que você quer saber sobre ele?

Suzanne olhou, novamente, para a foto de Adam. Se Adam não tivesse morrido, ele teria 34 anos este mês.

— Tudo.

* * *

Nora reprimiu um sorriso, quando Michael, pela primeira vez, se sentou ao lado dela. Pobre garoto, por um ano ela esperou que ele tivesse coragem de falar com ela. Jovem e frágil como era, ela não queria empurrá-lo. Michael pode ser o nome do arcanjo de Deus e o guerreiro chefe, mas o Michael ao lado dela facilmente se qualificava como o jovem mais calmo que ela já tinha encontrado. Da mistura de afeto e simples travessura, Nora deu rapidamente a Michael um violento, duro beliscão na perna quando Owen deu a ela mais um de seus desenhos sobre ela. Este era um polvo amputado de sete braços. Ela declarou-o digno do próprio George Condo⁸, dobrando-o com cuidado e colocando-o em sua bolsa. Uma boa manhã até ao momento. Ela tinha sido fodida pelo seu homem favorito, abraçada por seu filho favorito e silenciosamente adorada por seu anjo favorito. Mas a felicidade desapareceu

⁷ Laptop da marca Apple.

⁸ Artista visual contemporâneo.

quando notou um padre que nunca tinha visto antes, tomar seu assento no banco da frente. Ele olhou para ela com um olhar de desaprovação. Isso não a chocava ou surpreendia. Ela recebeu seu quinhão de olhares de desaprovação por parte do clero, Søren especialmente. Mas então o olhar passou dela para Michael. O misterioso padre olhou para Michael, com uma mistura de pena e desgosto. Michael apercebeu-se do olhar e a cor desapareceu da aparência já pálida dele.

O coração de Nora bateu. Será que o padre sabia alguma coisa sobre ela? Sobre como ela e Søren tinham "ajudado" Michael a se recuperar da tentativa de suicídio?

Antes que Nora pudesse descer em um ataque de pânico, os sinos tocaram, a música processional começou e Søren entrou por trás da cruz e tomou seu lugar no altar.

— A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós, — disse Søren. O padre visitante permaneceu em seu assento. Mau sinal. Um padre visitante quase sempre compartilhava os deveres da missa. Que ele simplesmente se sentasse e assistisse significava algo. Algo ruim.

— E também com você, — Nora recitou com o resto da congregação. Søren parecia calmo e imperturbável, como de costume. O padre visitante não o incomodou de forma alguma. Ver Søren, tão calmo pouco fez para confortá-la. Søren podia estar calmo no meio de um ataque repentino.

Nora observou como Søren deslizou os dedos até o lado do seu pódio e bateu no canto três vezes. Para qualquer outra pessoa aquilo teria sido um gesto sem sentido, mas Nora sabia que era um sinal para ela. Ele queria que

ela fosse ao seu escritório depois da missa em vez de ir direto para a cama dele. Algo estava acontecendo. *Exceto intervenção divina*, Søren tinha dito. Nora odiava intervenção divina.

Nora se virou para Michael e ela viu seu próprio medo refletido em seus estranhos olhos prata. Ela olhou para Søren e sussurrou uma palavra de medo para si mesma.

— Porra.

Devolver Owen aos seus pais confusos atrasou Nora no santuário alguns minutos depois da missa. No momento em que ela chegou ao escritório de Søren, Michael já estava de pé do lado de fora da porta, encostado a parede com os braços cruzados.

— Ele chamou você também? — Perguntou ela, sentando-se em frente a ele no banco do lado oposto da porta de Søren.

Michael concordou.

— Quase parece que estamos sentados do lado de fora do escritório do diretor, — disse Nora. — Eu ouvi que você é o orador da turma este ano, então você provavelmente nunca teve de se sentar do lado de fora do escritório do diretor, não é?

Nora esperou e ainda assim não obteve resposta de Michael. Ele sorriu, mas não falou.

— Michael? A boceta comeu sua língua⁹?

Ele riu... audível.

— Finalmente, — Nora respirou, aliviada ao ouvir algo dele. — Você tem alguma ideia por que estamos aqui?

Michael deu de ombros.

— Nenhuma. Não acho que seja boa, no entanto.

— Michael, você não falou com ninguém, você sabe, sobre nós, não é?

⁹ Pussy e Cat significam gato. Ela faz um trocadilho sexual de gato com pussy (boceta, bichano).

O olhar que Michael lhe deu abundava com tanta dor que ela percebeu imediatamente que ela tinha sido uma idiota por considerar que Michael iria dizer uma palavra a alguém sobre ela ou Søren.

— Nora, — disse ele, sua voz quase um sussurro, — Eu nem sequer falo para mim mesmo.

Agora foi a sua vez de rir.

— Sinto muito, Anjo. Eu estou apenas sendo paranóica.

— Tudo bem. Eu não disse nada, prometo. Eu nunca falo.

Nora se levantou e caminhou até Michael. Ela se sentou ao lado dele e olhou fixamente. Ele começou a olhar para longe, mas ela estalou os dedos na frente de seu rosto e apontou diretamente em seus olhos. Imediatamente seus olhos de prata encontraram seus verdes.

— Você falou comigo naquela noite, — ela soprou em seu ouvido.

Seu rosto pálido ruborizando, Michael sussurrou, — Foi apenas um sonho.

Nora soprou por cima do pescoço sob sua orelha.

— Nós tivemos o mesmo sonho, então.

As pupilas de Michael se arregalaram e ela sabia que ele estava se lembrando da noite em que Søren o deu a ela, como um presente e um teste. Ela tinha desfrutado do presente. Ela falhou no teste.

— Você está bem? — Ela perguntou, dando um passo atrás para dar a ele um pouco de espaço para respirar.

Michael nervosamente esfregou os braços.

— Ok, eu acho.

— Será que Søren te deu esse livro?

— Sim. Isso ajudou. Obrigado, — disse Michael. Ela passou a sua velha cópia de *The Other Secret Garden* para ele, uma obra clássica sobre a psicologia da submissão sexual.

— De nada. O nosso padre está ao telefone?

Michael assentiu.

— Que língua?

— Primeiro, francês. — Michael inclinou-se para a porta. — Agora dinamarquês.

— Hmm... isso é uma boa notícia e uma má notícia.

— Como?

Nora voltou para banco e cruzou as pernas, um movimento que chamou a atenção de Michael.

— O francês é ruim. Francês significa Kingsley.

— Quem é Kingsley?

Nora sorriu. Quem era Kingsley? Kingsley Edge, o Rei do Kink¹⁰ na cidade de Nova York. Metade-francês, todo pervertido. Amante ocasional dela e melhor amigo de Søren. Bem, melhor amigo nas ocasiões em que Søren não ameaçava matá-lo.

— Francês é ruim, pois Kingsley é chamado quando há necessidade de resolver algo. Mas dinamarquês é bom. Søren sempre liga para a sobrinha em Copenhagen aos domingos depois da missa assim que o que está acontecendo não é tão ruim que perturbe a rotina.

— Padre S tem uma sobrinha? — Michael parecia incrédulo com a ideia.

¹⁰ Nome dado a prática de sexo pouco convencional, neste caso S&M, BDSM.

Nora sorriu para ele. Søren tinha uma aura de ter saltado da cabeça de Zeus¹¹. Dificilmente se podia imaginá-lo como um garotinho ou ter pais, ir à escola e fazendo lição de casa. Mas ela sabia tudo sobre sua família, o bom e o mau.

— Duas sobrinhas, um sobrinho. E, — ela levantou três dedos — três irmãs. Duas irmãs americanas, uma na Dinamarca.

Michael olhou para o teto.

— Uau.

— Você pode imaginar ter ele, — ela apontou para a porta fechada, atrás da qual estava um dos homens mais intimidante vivo, — como irmão? Aterrorizante, certo?

— Não invejo os namorados.

Eles riram juntos, embora Nora soubesse que Søren não tinha tido a chance de ter experiências fraternas normais com suas irmãs. Ele e Freja tinham crescido em países diferentes e Claire era quinze anos mais nova que ele. E Elizabeth... bem, Elizabeth era outra história.

— Venha aqui e deixe-me olhar para você, — disse Nora, se afastando da trajetória dos escuros seus pensamentos. — Quão alto volta está agora?

Apenas 13 meses atrás, ele era apenas alguns centímetros mais alto do que ela.

— 1,77m. — Michael obedientemente se moveu para ficar mais perto dela.

¹¹ Na mitologia grega, Zeus era o deus supremo. Atena nasceu da cabeça de Zeus, por isso essa referência.

— Eu sabia que você não tinha terminado de crescer, — disse ela, lembrando-se como ela o estudou enquanto ele dormia naquela noite. — Você cresceu nas mãos. Não no peso, embora.

Ele fez uma careta.

— Não me lembre.

— Nada dessa angústia adolescente agora, Anjo. Você é alto, magro, tem pele de porcelana perfeita e maçãs do rosto de supermodelo. E ao contrário do meu, o seu longo cabelo preto se comporta. Você, jovem, é mais bonito do que qualquer cara que eu já vi.

Nora estudou-o. Pobre criança, provavelmente, foi condenado ao ostracismo em sua escola por sua aparência. Ele não era de todo efeminado, mas ele tinha passado há muito tempo atrás de garoto lindo e caiu direto para belo. As meninas, sem dúvida, o invejavam por acordar parecendo mais bonito do que elas poderiam depois de uma hora a se embelezar, e os meninos provavelmente o odiavam por inspirar pensamentos homoeróticos em seus febris cérebros adolescentes.

— Se você o diz.

— Eu digo. E eu estou sempre certa sobre essas coisas. Você já não está legal, ninfeto? — ela provocou.

— Dezesete anos no mês passado, — disse ele, corando.

— É legal neste estado, — ela disse e piscou para ele. O rubor aprofundou e Michael começou a dizer algo. Mas antes que ele pudesse falar, a porta para o escritório de Søren se abriu. Sem uma palavra, Søren torceu o dedo para ambos antes de desaparecer para dentro.

Nora respirou fundo.

— Essa é a nossa dica. — Levantando-se, ela estendeu a mão. Michael hesitou apenas um segundo antes de deslizar os dedos trêmulos nos dela.

De mãos dadas, entraram no escritório de Søren. Apesar de conhecer Søren por quase vinte anos, ela tinha passado relativamente pouco tempo em seu escritório. Cada membro do Sagrado Coração conhecia as "Regras do Padre Stearns". Nenhuma criança menor de dezesseis anos estava autorizada estar no seu escritório sem a presença dos pais, ninguém era permitido estar sozinho em seu escritório sem a porta estar aberta, conversas privadas eram somente no confessionário, e ninguém, absolutamente ninguém, jamais era permitido na reitoria. Jamais.

Exceto Nora, é claro.

As regras eram rigorosas mas necessárias na controversa-cautelosa Igreja Católica. E em todos os seus anos no Sagrado Coração, Søren não tinha causado sequer um sussurro de escândalos.

Nora e Michael sentaram-se em frente à mesa de Søren. Olhando em volta, Nora observou que pouco mudara no escritório desde que ele assumiu o Sagrado Coração quase vinte anos atrás. Seu arrumado e elegante escritório estava repleto de livros e Bíblias em quase duas dezenas de idiomas. Em sua enorme mesa de carvalho estava uma foto emoldurada de sua bela sobrinha, Laila. Laila devia ter a idade de Michael agora. Nora não a tinha visto desde a última viagem deles a Dinamarca. Nora amava as excursões raras para fora do país em conjunto, somente em outro continente ela e Søren podiam andar na rua de mãos dadas. Mas ele era um padre quando ela se entregou a ele, e ele avisou-a antes que ela se comprometesse de que a relação deles nunca seria uma relação normal. Aos dezoito anos não custou prometer a ele que

não se importava sobre os sacrifícios que ela teria que fazer. Aos trinta e quatro anos, ela ainda tomaria a mesma decisão que ela tinha na época, mas talvez ela não fizesse tão facilmente.

Nora voltou seus olhos para Søren. Ela ainda segurava a mão de Michael por conforto. Mas se ele estava confortando-a ou ela a ele, ela não sabia dizer.

— Eleanor, Michael, — Søren começou. — Nós temos uma situação.

— Foda-se, eu sabia, — Nora praguejou e não recebeu a menor bronca de Søren. Agora ela sabia que era ruim, muito ruim, por Søren para extinguir a ordem “nada de praguejar aos Domingos”. — Alguém falou de nós? Juro por Deus, eu vou matá-los...

— Eleanor, acalme-se. Eu disse que tínhamos uma situação, não uma crise. O padre visitante de hoje...

— O que deu um olhar fedorento a mim e a Michael?

— Esse, — disse Søren com diversão mal disfarçada. Pelo menos um deles conseguia achar todo esse pesadelo engraçado. — Esse era o padre Karl Werner...

— Deus, eu odeio alemães católicos, — Nora, nascida Eleanor Schreiber e possuindo não uma, mas duas avós católicas alemãs, disse com veneno.

— Padre Karl, — Søren continuou, fingindo não ouvi-la, — é bastante conservador. Se ele lhe deu um olhar sombrio, Eleanor, foi apenas porque a sua reputação procede você.

— E Michael? — Perguntou ela. Michael tinha apenas dezessete anos e para além de escandalosamente escolher a escola pública em vez da escola católica, ele era um modelo adolescente no Sagrado Coração: calmo, trabalhador e prestes a se formar no topo da sua classe.

Michael suspirou, virou as palmas das mãos para cima e empurrou seus pulsos significativamente. Ela não precisava ver suas cicatrizes para saber o que ele queria dizer.

— Sim, — disse Søren com simpatia. — Padre Karl não está satisfeito que abriguem...

— Um pecado mortal andante? — Michael completou por Søren. Nora envolveu os dedos em torno do pulso de Michael. Ela colocou seu dedo indicador sob a sua pulseira e levemente acariciou a cicatriz branca que ela sabia estar escondida por baixo. Um pouco mais de dois anos atrás, quando Michael tinha apenas quatorze anos, seu pai conservador descobriu que Michael tinha um interesse real e crescente por BDSM. Muito parecido com ela quando ela era uma adolescente, Michael muitas vezes se machucava simplesmente pela emoção sexual. Ao contrário dela, foi o próprio pai julgador, não o simpático padre, que o apanhou fazendo isso. O pai de Michael tinha colocado tanta vergonha e culpa sobre ele que um dia Michael cortou os pulsos e quase morreu. Alguns católicos, especialmente da geração mais velha, consideravam o suicídio o mais terrível de todos os pecados. Sem dúvida Padre Karl pensou que Michael devia de ir à outra Igreja. De preferência, uma que não ostentasse ainda as manchas de sangue de Michael sobre a madeira.

— A opinião do Padre Karl sobre ambos não está relacionada com a vossa visita de hoje, — Søren continuou, deixando claro em seu tom que ele pouco se importava com a opinião do Padre Karl. — O motivo da vossa visita de hoje só tem a ver comigo. Como ambos devem saber, o Bispo Leo tem câncer de cólon e em breve vai se aposentar.

— E o Padre Landon vai substituí-lo, certo? — Perguntou Nora.

— Padre Landon ia substituí-lo. Até três dias atrás, quando certas alegações vieram à tona.

— Jesus Cristo, — Nora gemeu. — Por que razão os padres não podem manter seus paus sagrados dentro das malditas calças está além de mim.

Michael respirou fundo e Nora fez uma careta. Ela olhou para Søren e sorriu desculpando-se. Søren arqueou a sobrancelha para ela.

— Exceto presente companhia, é claro, — disse ela.

— Claro.

Søren levantou-se e deu a volta na mesa. Nora olhou para ele e olhou para o seu rosto. Tudo nele era tão aristocrático e aquilino. Mesmo na Dinamarca, onde cabelo e olhos azuis loiro era regra e não a exceção como aqui na América, Søren ainda se destacava por sua altura e sua beleza masculina inegável.

— Com a transferência do padre Landon resta à questão de quem irá substituir o Bispo Leo. — Søren fez uma pausa. A implicação de suas palavras atingiu Nora mais forte do que a vara nas suas coxas.

— Ah Merda. Søren. — Nora cobriu a boca com a mão.

— Bem dito, — disse ele, assentindo.

— O que está acontecendo? — Perguntou Michael. — Isto é ruim, certo?

— Muito ruim. — Nora se virou para Michael. — Nosso Padre Stearns pode ser o próximo bispo da diocese.

Michael olhou fixamente para Søren.

— Oh, merda, — disse ele.

— Temo que não possa discordar. Que o padre Karl veio aqui em pessoa significa que estou na curta lista de candidatos.

Nora fechou os olhos. Bispo... se Søren se tornasse bispo, ele seria o padre de todos os padres da diocese. Ele teria que deixar a casa paroquial do Sagrado Coração, onde algumas centenas de árvores davam-lhe quase total privacidade e mudar para uma casa que teria que compartilhar com outros padres. Sua agenda já ocupada viraria agitada e ela raramente ou nunca chegaria a vê-lo. E isso se ele conseguisse o trabalho. Que ele iria, a menos que descobrissem sobre as atividades extracurriculares dela e de Søren.

— Você não pode simplesmente dizer-lhes não?

— Não sem elevar tanto a ira como desconfiança. Isto é suposto ser uma grande honra.

— Honra a minha bunda, — disse Nora e viu Michael suprimir uma risada. — Eu não quis dizer literalmente, — ela disse para ele e notou novamente quão belo jovem ele estava se transformando. — Ok, talvez eu quisesse.

— Eleanor, cinco minutos de decoro é tudo que eu peço, — disse Søren.

— Sinto muito, — disse ela com sinceridade. — Eu estou apenas um pouco aterrorizada. Qual é o plano?

Ela conhecia Søren. Ele não estaria enlouquecendo-a com algo como isto a menos ele já tivesse um plano.

— Normalmente, o processo de voto para um novo bispo é de um a dois anos. Com o bispo ficando mais fraco a cada dia, eles vão tentar ter um novo bispo, o mais tardar, em agosto.

Hoje era 16 de maio.

— Então o que vamos fazer pelos próximos dois meses e meio? — Perguntou ela.

— Vocês dois não farão nada. — Søren olhou para ela e Michael. — Eu vou lidar com isso. A diocese vai me investigar, é claro. Esta não é uma preocupação. Mesmo que eles descubram algo sobre nossa vida pessoal, Eleanor, a Igreja vai fazer o que sempre faz quando confrontada com escândalo iminente.

— Abafar, — Nora forneceu e Søren não discordou. — Mas?

— Mas amanhã de manhã um artigo vai aparecer no *Times* sobre o Padre Landon. A imprensa provavelmente vai se focar na diocese e envolver-se completamente na investigação.

— A imprensa, hein? Explica por que você estava já hoje ao telefone com Kingsley.

Kingsley tinha uma relação fascinante com a imprensa — fascinante da maneira como o saque de Roma ao invadir as hordas bárbaras era fascinante. Uma repórter uma vez ameaçou escrever uma publicação expondo um dos clientes de Kingsley, um procurador de renome dos direitos humanos, como um travesti com vários fetiches sexuais. Duas noites antes da publicação acontecer, uma gravação da repórter e seu marido fazendo sexo tinha feito disponibilizado, sem paragens, em cada computador na exclusiva escola privada do filho deles de seis anos. O vídeo era irremovível. Todos os duzentos computadores tiveram de ser sucateados e substituídos.

A história nunca foi publicada.

— Eu prefiro não recorrer a qualquer um dos métodos de Kingsley para manter a nossa vida privada, privada, — disse Søren. Søren podia ser um

sadista mas ele só machucava as pessoas consensualmente. — Mas a informação dele muitas vezes é inestimável. Tenha certeza, Eleanor, vou encontrar uma maneira de evitar tornar-me o próximo bispo. Não foi por isso que eu chamei ambos aqui.

— Eu já estou morrendo para não saber por que você nos chamou aqui, — disse Nora. Algo nos olhos cinzentos de Søren avisou que fosse o que fosse que ele estivesse prestes a dizer, ela não ia gostar.

— Você e Michael são os únicos dois membros do Sagrado Coração que sabem quem e o que eu sou. A imprensa vai vir e eles vão fazer perguntas. Não posso pedir a qualquer um dos dois que minta por mim. E como eu sei que nenhum de vocês vai dizer a verdade quando perguntarem...

— Lógico, porra — disse Michael em voz baixa, e Nora disse uma oração de agradecimento pela lealdade de Michael. Ela sabia que Michael dava créditos a Søren por salvar sua vida. Ela nunca ouviu a história toda, mas ela sabia que Søren tinha arriscado sua carreira, dizendo a Michael a verdade sobre si mesmo e sua relação com Nora. A noite em que ela e Michael passaram juntos mais de um ano atrás, foi a recompensa de Søren a Michael por ficar um ano inteiro machucar a si mesmo novamente. Apesar de ser um adolescente invulgarmente inteligente e maduro naquela altura e agora, Michael tinha quinze anos na noite em que ela tinha tomado sua virgindade. Dezesseis, não quinze anos, era a idade legal em Connecticut e Nova York, o que fazia da sua noite juntos um crime. Ela tinha feito sem saber a idade dele, mas Søren tinha feito o favor de dizer.

— OK. Assim, Michael e eu não estamos autorizados a mentir sobre você? Voto de silêncio, então?

Søren sorriu.

— Você fazer um voto de silêncio, Eleanor, é tão provável como você fazer um voto de celibato. Não, eu acho melhor vocês saírem da cidade enquanto isto está acontecendo. Juntos.

O silêncio desceu sobre a sala como uma mortalha.

— Posso falar com você sozinho por um minuto, por favor, senhor? — Nora perguntou, e Søren soltou um suspiro exasperado.

— Michael, você se importaria?

Michael levantou-se e saiu do escritório.

— Você está louco?

— Pequena, quem possui você?

Nora afundou na cadeira.

— Você, senhor. Mas você realmente quer...

— Eleanor, se um repórter perguntasse a você se nós fomos amantes, o que você faria?

— Eu diria a ele para se preocupar com o seu maldito negócio. Então eu faria Kingsley congelar seus cartões de crédito e contas bancárias por uma semana apenas por diversão.

Søren levantou a sobrancelha.

— OK. Ponto tomado, — disse ela.

— Eu preciso ser capaz de lidar com essa situação sem me preocupar com você. Mas a razão mais importante é Michael. Ele precisa de você.

— Precisa de mim para quê?

— No que você é melhor, — Søren disse simplesmente.

— Você espera que eu *treine* o Michael? — Perguntou Nora, horrorizada.
— Eu era uma dominatrix de jogo-por-jogo, lembra? A formação não era a minha área. Certamente há alguém mais...

— Não há mais ninguém em quem confio. E ninguém mais em quem Michael confia. Ele começa a faculdade no outono. Este verão é a nossa última chance de ajudá-lo.

Nora ouviu algo por debaixo das palavras de Søren, e um arrepio de preocupação ondulou através dela. Ela realmente não tinha falado com Michael desde a sua noite juntos, mas ela ainda se preocupava com o garoto.

— Ajudá-lo? A última vez que o ajudou foi porque você estava com medo que ele fosse tentar se matar novamente. O que há de errado com Michael?

— Nada que eu possa te dizer, eu temo.

Suspirando, Nora se levantou e andou até a janela de vidro colorido que adornava a parede de trás do escritório de Søren. Ao contrário dos vitrais no santuário, esta janela não representava santos ou cenas bíblicas, mas uma rosa vermelha-sangue. Nora traçou um dos raios de metal frio da bonita janela com a ponta do dedo.

— Søren, nós só estamos juntos há um ano, — ela lembrou a ele, relutante em deixá-lo por um dia muito menos todo o verão.

— Eu sei, Eleanor. — Søren deu um passo para trás dela e passou os braços em torno do seu estômago. — Mas você tem que confiar em mim, confiar de que eu sei o que estou fazendo. Eu preciso que você ajude o Michael. Eu preciso que você me ajude.

Eu preciso de você... A comunidade do infame submundo a que pertenciam universalmente consideravam Søren o dominante do topo. Søren tinha até ganho o apelido de Alpha e Omega masculino. Mas essas palavras, *eu preciso de você*, escapou de seus lábios mais vezes do que a maioria dos que pensavam que o conheciam iriam acreditar. Durante seus cinco anos separados, Nora, às vezes, foi acordada no início da manhã por um telefonema e aquelas três palavras de Søren. Embora ela o tivesse deixado, ela nunca lhe disse que não naquelas raras ocasiões que ele ligava. Às vezes, nem ele mesmo podia controlar o desejo escuro dele. *Eu preciso de você*, ele diria, e Nora deixaria a cama e respondia de forma simples, *OK. Diga-me onde e quando*.

— Ok. — Ela respondeu a essa necessidade agora. — Onde e quando?

— Assim que possível, eu temo. E eu vou deixar o onde para você. Eu só sugiro que vá para longe o suficiente para que ninguém siga você.

— Inglaterra? — Perguntou ela. — Zach e Grace estão tentando engravidar. Isto é algo com o qual eu posso ajudar. Ou pelo menos, você sabe, ver.

— Fora de questão, — disse Søren. — Eu sei como você se comporta em outros países. Que um passaporte ainda é permitido a você é um dos grandes mistérios do universo.

— Isso não foi culpa minha, — ela lembrou. — O consulado me limpou.

— Eleanor...

— Tudo bem. Vamos para a casa do Griffin, — disse ela. — Ele herdou dos avós a velha fazenda de cavalos, e ele vem me incomodando há meses para visitar. Como isso soa?

Søren soltou um suspiro forçado.

— Griffin...

Nora reprimiu uma risada.

— Vamos, Griffin está bem. Ele é um dos meus melhores amigos.

— Ele é mimado, juvenil e um covarde.

Ele também era rico, lindo e ótimo na cama, mas ela decidiu não lembrar Søren desses detalhes.

— Você sempre o chama de covarde. Importa-se de me dizer por quê? — Ela virou-se em seus braços.

— Não. Mas suponho que até mesmo Griffin merece uma segunda chance.

Embora curiosa pelo que Søren queria dizer com segunda chance, Nora sabia que não devia perguntar. Por um momento, Søren ficou em silêncio. Ele deu tapinhas no queixo, como sempre fazia quando estava tramando alguma coisa.

— Eu vou permitir que você passe o verão com Griffin, — Søren disse finalmente. — Mas ele não vai tocar em Michael, ou eu vou revogar tanto a chave dele para o 8th Circle como você da vida dele completamente. Entendido?

Nora empalideceu. Ameaças sérias, realmente.

— Sim senhor.

— Onde é a fazenda dos avós dele?

— No norte do Estado, — disse ela. — Perto de Guilford.

Søren olhou para ela ríspidamente e sua boca se contraiu em alegria reprimida.

— Essa área é bastante perto de onde sua mãe está, não é? — Perguntou.
— Talvez você pudesse tirar um dia e visitá-la.

— Nem sequer pense nisso, — ela disse, horrorizada com a perspectiva de Søren ordenar que ela visitasse a mãe. — Eu prefiro correr no inferno. Usar sapatos de salto alto em um dia quente em Agos...

— Eleanor.

— Sim senhor?

— Seu decote está tocando.

Nora engoliu e puxou o celular do sutiã onde ela o enfiou antes da missa.

— Desculpe. Esqueci-me de desligá-lo. — Nora silenciou o toque.

Søren olhou para ela. Nora olhou de volta. Como de costume, Søren ganhou o concurso de olhares.

— É o Wes, — ela confessou, sem nem mesmo ter que olhar para o número. Domingo à tarde. Sempre Wesley.

Søren estudou-a. Desta vez, ela não conseguia encontrar seus olhos.

— Wesley liga muitas vezes para você?

Nora assentiu.

— Uma vez por semana, — ela admitiu. — Todos os domingos depois da igreja.

— E por que esta é a primeira vez que eu ouvi sobre isso?

— Não importa. Eu nunca atendo.

— Por que você não atende ao telefone quando Wesley liga? — Søren perguntou no mesmo tom que ele usava no confessionário. Levemente curioso, nada de condenação, e completamente e totalmente irritante.

— Porque você não me deu permissão.

— Você nunca pediu permissão. Você tinha medo que eu fosse dizer não?

Nora mordeu o lábio inferior, um hábito nervoso com o qual Søren estava tentando acabar desde que ela tinha quinze anos. Søren estendeu a mão e passou o dedo sobre a boca. Nora olhou para ele.

— Eu tinha medo que você dissesse que sim.

Søren balançou a cabeça lentamente.

— Eu te amo, — disse ela, ficando reta. — E eu vou embora este verão, mas só porque você está me fazendo ir. Mas se eles escolherem você para bispo, eu vou mudar-me para L.A. e me converter a Cientologia. Aviso justo.

Alívio passou por ela com a visão do sorriso de Søren. Mas ela sabia que não tinham terminado de falar sobre Wesley.

— Michael está esperando por você lá fora. Eu acho que ele agradecerá uma explicação e uma carona para casa.

— Eu posso fazer as duas coisas, — disse ela e foi para a porta. Ela fez uma pausa antes de sair e virou ao redor. — Não posso acreditar que eu tenho que passar o verão inteiro sem você por causa dessa promoção estúpida.

Søren não disse nada, mas Nora viu algo passar em seus olhos.

— É só a promoção, certo? — Perguntou ela. — Não há mais nada, não é? — Medo súbito apertou Nora, medo que Søren não a quisesse ao redor por alguma outra razão.

— Kingsley ligou. Ontem à noite, alguém invadiu a casa dele.

Os olhos de Nora se arregalaram.

— Ele está bem? A Juliette estava lá? O que aconteceu? — Seu coração disparou. A mente de Nora imediatamente voou para o pior cenário possível. Que Kingsley e sua bela secretária haitiana foram feridos.

— Ele e Juliette estão ambos bem. Eles estavam... distraídos ontem à noite. Alguém drogou os cães e roubou um arquivo do escritório particular de Kingsley.

Nora entrou em colapso em uma cadeira. Quem quer que fosse o ladrão devia ter bolas de aço. Só o nome de Kingsley geralmente assustava quem cobiçava um pedaço das resmas do material de chantagem que ele tinha de quase todo policial, juiz, político e advogado nas três áreas do estado. Se o seu nome não assusta os ladrões, então a matilha bem treinada de rottweiler que ele tem, normalmente assustava.

— Apenas um arquivo? Isso é bom, pelo menos.

— Eleanor, era o seu arquivo.

— Meu? Por que o meu? Eu nem sequer sou mais uma dominatrix. — As palavras feriam quando ditas, mais do que ela esperava. Enquanto ela tinha sido uma dominatrix empregada por Kingsley, ela reclamava sobre isso constantemente. Agora que ela tinha saído, ela descobriu que ela sentia falta. Somente outra coisa para adicionar à sua lista de "sentindo falta todos os dias", uma comprida lista que estava crescendo perigosamente.

— Quem me dera saber, pequena. Kingsley acredita que um cliente antigo pode estar tentando ter algo sobre ele.

— Faz sentido, eu acho. — Em seus dias como dominatrix, a lista de clientes da Nora era lida como Quem é Quem dos ricos, famosos e

excêntricos; CEOs da Fortune 500¹², políticos de alto nível e estrelas do rock, tinham pago bastante para beijar a ponta da bota dela. — Não importa de qualquer maneira. Quem quer que seja não será capaz de ler o que está no arquivo.

Kingsley e Juliette eram a equipa perfeita. Os arquivos de Kingsley eram notórios por duas razões. Em primeiro lugar, eles continham os segredos de uma cidade inteira, e, segundo, porque eram totalmente inatingíveis para qualquer pessoa além de Kingsley e Juliette. Só eles podiam ler as páginas escritas em crioulo haitiano codificado.

— É a motivação, e não o crime, que me preocupa, — disse Søren. — Ainda assim, simplesmente mais uma razão por que você deve passar algum tempo longe da cidade, enquanto Kingsley e eu resolvemos isto.

— Eu podia ajudar a resolver as coisas se você me deixasse. Eu não tenho mais quinze anos, lembra?

Søren levantou-se e foi até ela. Ele estendeu a mão e ela pegou-a. Delicadamente, ele puxou-a para ficar em pé e olhou em seus olhos.

— Você é o meu coração, — disse ele. Ele disse essas mesmas palavras para ela naquela manhã. Mas naquela manhã elas tinham soado carinhosas e divertidas. Agora ele as disse como se estivesse afirmando um fato da anatomia. — Eu não vou perder você. Estou enviando você para longe para te manter segura. Você entende isso? Diga “Sim, senhor”.

Nora assentiu e engoliu um repentino nó na garganta.

— Sim, senhor.

¹² Lista das 500 empresas com mais ganhos anuais.

Søren inclinou a cabeça e beijou-a longo e lento antes de se afastar. Relaxando contra ele, ela encostou o ouvido no peito dele. Ela adorava ouvir a batida do seu coração. Ela chamou Søren de perigoso, e para aqueles que se cruzavam com ele, ele certamente era. Quem quer que tenha sido que roubou o arquivo... ela não o invejava. Mas Søren não era mau. Ele tinha o melhor coração de qualquer homem que ela tinha conhecido. Um coração forte e bom.

— Meu coração, — ela sussurrou e olhou para Søren.

— Descanse, pequena — Søren disse enquanto ele passava as mãos possessivamente do pescoço e pelas costas a baixo, — Eu posso te enviar para longe, mas vou dar-lhe um adeus que irá segurar você durante todo o verão.

* * *

Michael ficou do lado de fora do escritório do Padre S, esperando pelo que fosse o que ele devia estar fazendo. Ele sentou-se no banco com seu skate debaixo de seus pés e rolou distraidamente para frente e para trás, enquanto recordava cada palavra que Nora e Padre S tinham dito. O padre que ia ser o próximo bispo estava sendo transferido. Padre S estava na curta lista de candidatos para ser o próximo bispo. Padre S queria que ele e Nora fossem para longe durante o verão. Era suposto ele passar todo o verão longe com Nora Sutherlin.

O verão inteiro... com Nora Sutherlin...

Michael teve esses sonhos. Ontem à noite ele teve esse sonho.

Nora saiu do escritório do Padre S e sorriu para ele.

— Bom, eu estou feliz que você esperou. Quer uma carona para casa?

Michael deu de ombros e se levantou. Ele não podia acreditar. Mais de um ano, sem dizer uma palavra um ao outro e agora ela estava se oferecendo para levá-lo para casa?

— Sim. Obrigado.

O parque de estacionamento estava deserto para além de um conversível de prata brilhante de dois lugares.

— Você gosta? — Nora clicou no botão em suas chaves para destravar o carro.

— Sim. Impressionante, — Michael disse, caminhando ao redor do carro. Ele mordeu o lábio com um suprimido riso quando viu a matrícula de Nora, onde se lia: NC-17.

Nora ficou na frente de seu carro e estudou-o.

— Decidi cuidar de mim o mês passado. Não tão bom como o meu Aston Martin, mas um BMW Z4 Roadster não é nada desprezível. Eu sou uma fã da boa engenharia alemã.

Michael olhou para o corpo elegante, mas curvilíneo dela de cima para baixo, fale sobre boa engenharia alemã. Ele começou a dizer isso em voz alta, sabendo que ela iria rir do elogio e da referência à sua origem alemã. Mas, como de costume, ele não conseguiu fazer sair as palavras.

— Aqui, você dirige. — Ela atirou-lhe as chaves.

Michael estendeu a mão e pegou as chaves com as pontas dos dedos.

— Você quer que eu a conduza o seu BMW novinho em folha?

— Você tem idade suficiente para dirigir, não é? — Ela abriu a porta do lado do passageiro e olhou por cima do carro para ele. — E considerando que

eu deixei-o dentro do meu corpo, não é assim tão difícil deixá-lo dirigir meu carro, certo?

Ela deixou-se cair no assento e fechou a porta.

Os joelhos de Michael dobraram ante as palavras dela. Respirando fundo, ele abriu a porta do condutor. Deslizou o skate por trás do banco e sentou-se lentamente atrás do volante.

— Vamos conversar, — Nora começou quando ele ligou a ignição e começou a dirigir. — Bem, você não fale para que você possa ouvir enquanto eu falo.

— Somente, por favor, não...

— Não o quê?

— Não diga coisas como essa novamente ou eu vou meter a gente em um acidente.

Nora riu e apertou o joelho dele.

— Tudo bem, Anjo. Eu prometo que não vou falar sobre a noite em que amarrei você e tomei a sua virgindade. Se você insiste.

— Nora, por favor, — implorou. Ele amava que ela ainda o chamava Anjo. Nunca ninguém o chamou assim, exceto Nora.

— Tudo bem, eu vou comportar-me. Por agora. De qualquer forma, aqui está o negócio. Søren quer que a gente desapareça durante o verão para que ele possa lidar com as coisas do jeito dele. Acho que ele sabe que, se alguém começar a cheirar em torno de mim, eu provavelmente vou chutar a bunda da pessoa, que talvez, admito, não ajude a situação.

— Provavelmente não.

— E considerando que eu meio que cometi um estupro na noite que você e eu estivemos juntos, bem, eu acho que ele está tentando me manter fora de toda essa confusão, tanto quanto possível. E a você também.

Michael ligou o sinal em uma parada de quatro vias. Nenhum carro estava vindo de qualquer direção. Tão nervoso como estava, ele esperava que eles não encontrassem outro carro em toda a viagem para casa.

— Você não me estuprou, Nora. Eu queria. Eu tinha quinze anos, quase dezesseis anos, não cinco.

Ele não podia acreditar que estava finalmente conseguindo falar com ela sobre aquela noite. Ele sabia que Nora e Padre S estavam chateados sobre toda essa situação. Mas hoje podia ser o melhor dia de sua vida.

— Os tribunais têm um jeito engraçado de não se importar com a idade legal de consentimento, quando meninos menores de idade e escritores famosos estão envolvidos. Mas, ei, você não é menor.

— Então o que devemos fazer? — Michael enviou aos céus uma oração rápida de que ele não tivesse alucinado quando o Padre S disse que ele e Nora precisavam sair da cidade juntos.

— Eu tenho um amigo chamado Griffin Fiske. Ele tem uma fazenda no norte de Nova York. Eu acho que devemos esperar com ele neste verão até que esta catástrofe termine.

— Griffin Fiske?

— Sim. Ele é o filho de John Fiske, presidente da Bolsa de Valores. Tipo de Wall Street. Griffin é o bebê do fundo fiduciário. Mas ele é um querido. Søren não o suporta, mas Søren tem um gosto terrível, obviamente, — disse ela, apontando para si mesma.

— Ele é, — Michael fez uma pausa e tentou forçar as palavras. — Você sabe, um de nós?

Nora sorriu.

— Vamos apenas dizer que, no submundo, seu apelido é Griffin Fist¹³.

O estômago de Michael apertou.

— Oh Deus.

— Não me diga nada. — Nora deu um tapinha no seu joelho novamente. Ela realmente precisava parar de tocar seu joelho. — Então, o plano. Vamos nos esconder na fazenda do Griffin durante o verão.

— Esconder e fazer o que?

Michael parou na calçada do pequeno bangalô em que ele vivia com a mãe.

Graças a Deus, sua mãe não parecia estar em casa.

— Este é o lugar onde você mora? — Perguntou Nora com nada mais que curiosidade em sua voz.

— Eu sei que não é grande. Mas é um bairro agradável.

— É um palácio em comparação com a casa onde eu cresci. Você gosta daqui?

Michael deu de ombros.

— As coisas não estão bem com a mamãe, — disse ele. — Ela provavelmente vai ficar contente quando eu começar a faculdade.

— Para onde você vai?

¹³ Punho em inglês. Aqui se refere a Fist fuck ou fisting ou fist fucking que é uma prática sexual que envolve a inserção da mão ou antebraço na vagina ou no ânus.

— Yorke. Consegui a bolsa completa. Enviei, esta manhã, por fax a minha carta de aceitação da bolsa.

— Yorke? Boa escola. Meu antigo colega de casa costumava estudar lá. De qualquer forma, — ela disse e parecia escovar para fora uma tristeza repentina, — Søren disse que neste verão pode ser a nossa última chance de ajudar você. Ajudar você. O que ele quis dizer com isso?

Michael não respondeu ao primeiro. Mas tudo dentro dele lhe disse que era confiável. Que não só ele podia confiar nela, mas ele devia confiar nela.

Ele se inclinou para trás no banco e desligou o carro.

— Há duas semanas... Eu quase fiquei com alguém que eu conheci na web.

— Uma dominatrix? — Perguntou Nora.

Michael assentiu com a cabeça e não disse nada.

— Michael, você faz ideia de quão perigoso isso foi?

— Eu sei, eu sei. Padre S me deu o inferno por isso também. Eu só estava...

— O que, Anjo?

— Solitário. Por você.

Nora estendeu a mão e tocou-lhe no rosto. Seu coração acelerou no peito enquanto ela traçava gentilmente a linha de seus lábios, a curva de sua mandíbula.

— Agora você não tem mais que estar sozinho. Você vai ter-me todo o verão. Søren acha que você está pronto para ser treinado. Eu também acho.

— Treinado?

— Para ser um submisso. — Nora deixou cair à mão de seu rosto. Ela saiu do carro e Michael seguiu o exemplo.

— Eu pensei que eu era... — Michael olhou em volta para se certificar de que nenhum de seus vizinhos estava na rua. Ele morreria se alguém descobrisse o que ele era. — Eu pensei que era um submisso.

Nora se encostou no carro e cruzou as pernas bem torneadas na altura dos tornozelos.

— Søren me treinou durante dois anos antes de ele me bater ou foder pela primeira vez, criança. Subs têm que ser bem treinados com dominantes se você vai fazer e não se ferir.

— Eu quero que me machuque.

— Diferentes tipos de dor.

Michael arriscou um sorriso.

— Michael, — Nora começou e toda a alegria havia deixado sua voz, — ser um sub é difícil. Ser um sub masculino é ainda mais difícil. Uma mulher diz que quer ser amarrada, todo mundo acha que é sexy. Um homem diz isso e todos pensam...

— Que ele é um veado, — Michael terminou por ela. — Pelo menos isso é o que meu pai pensa. Diz que eu preciso de terapia para o meu fetiche.

— Esqueça o que o seu pai pensa. Vou ensiná-lo a ser o melhor sub no Submundo. E para citar o sábio e poderoso Kingsley sobre o tema dos fetiches, — Nora começou e, em seguida, entrou em um sotaque francês exagerado, mas sexy, — “Fetiches... eles são o animal de estimação que você alimenta ou a besta que te come. Vamos alimentar a besta até que esteja domada. *Oui?*”

Michael riu. Alimentar essa besta soava como uma boa ideia.

— *Oui.*

— Bom. Então você está dentro?

— Eu tenho sonhado com isso desde... sempre. Se você e Padre S acham que estou pronto...

— Isso não importa. Você acha que você está pronto?

Ele estava pronto? Deus, por Nora Sutherlin tinha até nascido pronto. Michael concordou.

— Estou dentro.

— Ótimo. Agora, como vamos tirá-lo daqui sem a sua mãe chamar a polícia?

Michael zombou.

— Você não conhece a minha mãe. Ela vai ficar aliviada se eu desaparecer por alguns meses. Ou para sempre.

Nora empurrou seus óculos de sol para cima da cabeça. Empatia brilhou em seus olhos verdes.

— Tenho certeza que ela te ama, Anjo. Se ela não vier ao redor, você sempre terá a nós. Eu fiquei em apuros quando eu tinha quinze anos. Minha mãe lavou totalmente as mãos de mim. Nosso padre praticamente me criou depois disso. Como você acha que eu terminei?

— Maravilhosa, — disse ele, e Nora fez uma reverência.

— Sua mãe virá ao redor, talvez. Inferno, talvez minha mãe eventualmente também venha.

Michael esperava que fosse verdade. Ele sentia falta de sua mãe. Eles viviam sob o mesmo teto, mas eles existiam em dois mundos diferentes.

— Eu só vou dizer-lhe que consegui um emprego de verão no norte do Estado. Eu estive fora a maior parte no verão passado trabalhando como um conselheiro do acampamento.

Nora refletiu sobre isso.

— Quando é a formatura? — Perguntou ela. — Você tem que estar lá se você é o orador oficial, certo?

— É quarta-feira. Eu posso faltar, no entanto. Eu não sou o orador oficial. Eu reprovei em Física.

— Oh, sinto muito, Michael.

— Eu não sinto. Eu reprovei de propósito.

— Por quê?

— Não queria fazer o discurso.

Ele esperava que Nora o criticasse por sua estupidez intencional. Em vez disso, ela apenas riu.

— Eu gosto do seu estilo. Olha, não pule a graduação. Mesmo eu fui à minha. Vou mandar um carro para você na quinta de manhã. — Ela puxou uma caneta e um caderno de sua bolsa. — Aqui. Este é o meu e-mail. Mantenha contato, ok? Pergunte-me qualquer coisa.

Michael pegou a folha de papel com os dedos sutilmente trêmulos.

Ela trocou a folha de papel por suas chaves.

— Nora? — Michael disse quando ela abriu a porta do carro.

— O quê, Anjo?

Michael olhou para o papel em suas mãos.

— Obrigado.

Ela sorriu para ele.

— De nada.

— Padre S... vai ficar tudo bem com ele? Ele vai resolver tudo, certo?

— Ele tem suas maneiras de conseguir que qualquer um dobre à sua vontade. Se ele não quer ser bispo, ele vai encontrar uma maneira de não ser.

Michael acenou com a cabeça, querendo acreditar nela. Ele odiava o pensamento de que Nora e Padre S iriam ficar em apuros apenas por estarem apaixonados um pelo outro.

— Você realmente acha que ele vai ter de lidar com a imprensa?

— A mídia está toda sobre os escândalos sexuais na Igreja nos dias de hoje. Provavelmente sim.

— O que ele vai fazer? — O estômago de Michael formou um nó apertado de preocupação. Mas Nora apenas sorriu para ele.

— Ele provavelmente vai fazer o que faço quando falo com repórteres — fazê-los cair aos seus pés.

* * *

— Alguma coisa? — Suzanne perguntou e estendeu os braços doloridos.

— Não muito. Toda vez que eu clico em um link de Marcus Stearns, tudo que eu vejo é um artigo sobre a expulsão dos huguenotes franceses¹⁴.

— Eu também, — disse Suzanne e fechou o laptop. Ela olhou para suas anotações. Em quatro horas de busca online, ela e Patrick não tinham descoberto nada sobre o Padre Stearns. Nada de útil de qualquer maneira. O fax anônimo que ela recebeu não tinha sido apenas uma lista de nomes. Na

¹⁴ Protestantes franceses durante as guerras religiosas na França no século XVI.

parte inferior da página, o asterisco tinha sido explicado dentro de quatro sinistras palavras, “possível conflito de interesses”. Essa lista de nomes, disse a ela duas verdades vitais: Padre Marcus Stearns estava na curta lista para ser o próximo bispo da diocese e Padre Marcus Stearns tinha algo a esconder.

— Cavei ao redor do Facebook, etecetera. Alguns paroquianos mencionaram-no, — Patrick disse, folheando suas anotações. — “Padre Stearns realizou um casamento maravilhoso da homilia do livro do Eclesiástico”, — Patrick citou. — “Eu não posso acreditar que Matthew não grunhiu quando o Padre Stearns despejou a água em sua cabeça”. Nada emocionante. Disto tudo, nós estamos encarando um padre perfeito que é adorado por sua igreja.

— Eu não compro isso. Ninguém é tão perfeito. E eu tenho um asterisco que diz diferente, — disse Suzanne, segurando o fax novamente. Todo o dia ela esteve pegando o fax novamente e olhando para o asterisco ao lado do nome do Padre Stearns.

— Suzanne, — disse Patrick, olhando nos olhos dela, — a frase *conflito de interesses* pode significar qualquer coisa. Você sabe disso, certo? Ele podia ter doado dinheiro para algum candidato político que a igreja não gosta. Isso não significa automaticamente que ele é um molestador de crianças.

Suzanne sacudiu a cabeça.

— Se fosse assim tão inócuo, ninguém teria se dado ao trabalho de me enviar o fax. Temos de continuar a cavar.

— Bem. Então, o que agora? — Perguntou Patrick, arrastando Suzanne em seu colo. Ela sabia que ele esperava que a resposta fosse *Desista e supere isso*. Mas ela só tinha apenas começado a luta.

— Você é o repórter investigativo. O que você faria? — Perguntou ela.

— Comece a fazer chamadas telefônicas. Obtenha as fofocas dos moradores.

Suzanne se afastou de Patrick e encontrou o celular.

— Você é o profissional, — disse ela, dando-lhe o celular. — Eu sou apenas uma correspondente de guerra. Mostre-me como isso se faz.

Patrick suspirou e abriu de novo o laptop. Espiando por cima do ombro, Suzanne viu quando ele olhou para o número de telefone do editor-chefe do jornal Wakefield. Patrick discou o número e conversou com alguns peões.

— Patrick Thompson para o Evening Sun, — ele disse, e Suzanne ficou impressionada de que ele estava usando o seu próprio nome e jornal. — Eu estou procurando por um incidente que aconteceu na Igreja Católica do Sagrado Coração há alguns anos atrás. Tenho certeza que você sabe do que me estou referindo...

Suzanne cobriu a boca para abafar uma risada. Que mentiroso. Ela e Patrick não sabiam absolutamente nada sobre qualquer coisa que aconteceu no Sagrado Coração em toda a sua história.

Patrick estava sorrindo quando ele ligou, mas o sorriso desapareceu enquanto escutava o quer que seja que a voz do outro lado estava dizendo.

— Dois anos atrás, — repetiu Patrick e rabiscou alguma coisa no bloco de notas ao lado de seu joelho. Enquanto lia as palavras, o sangue drenou de seu rosto e mãos.

Patrick desligou e olhou para Suzanne. Suzanne desviou os olhos da página e olhou para Patrick.

— Agora você sabe por que eu vou atrás disso, — disse ela, e Patrick assentiu. — Não é apenas sobre Adam. Não mais. — Ela olhou para as palavras novamente.

Michael Dimir, quatorze anos, tentativa de suicídio no santuário Sagrado Coração.

Uma testemunha. Padre Marcus Stearns.

Nora esperou até depois do anoitecer e dirigiu para o Sagrado Coração. Ela estacionou o carro na sombra do pequeno bosque densamente arborizado que protegia a reitoria em todos os lados. Enquanto ela andou pelo curto caminho de seu carro para a porta dos fundos da casa de Søren, ela sorriu para as árvores. Lembrou-se de se esgueirar para a reitoria numa sexta-feira, quando ela tinha dezesseis anos, quando ela ainda era Eleanor Schreiber e Nora Sutherlin nem sequer existia. Ela faltou a escola naquele dia, por nenhuma razão em particular a não ser pelo sol chamando-a e ela tinha um palpite de que, se ela ficasse em química, ela ia acabar explodindo a acetona no armário de suprimentos. Passeando pela floresta atrás da igreja dela, ela encontrou Søren em seu quintal. Nunca antes tinha o visto vestindo nada além de suas vestimentas ou roupas clericais. Mas naquele dia ele usava jeans e uma camiseta branca. Mesmo em sua roupa de padre, ela podia dizer que ele era bem musculo, mas agora ela podia ver, pela primeira vez, seus braços musculosos, bíceps tensos e pescoço forte, sem o colarinho romano. Suas mãos estavam cobertas de sujeira enquanto cavava buracos com impressionante força e eficiência e colocar árvores com cerca de um metro no chão. Em suas roupas seculares e óculos de sol, a luz do sol de abril refletindo seu cabelo loiro, seu padre parecia ser um de beleza imoral. Os músculos profundos em seus quadris apertaram apenas com a visão dele.

— Eleanor, você deveria estar na escola. — Ele nem sequer olhou para ela do seu trabalho enquanto ele se agachava no chão e cobria as raízes do rebento em terra negra.

— Foi uma situação de vida ou morte. Se eu ficasse na escola, eu teria me matado.

— Como o suicídio é um pecado mortal, eu vou te absolver por faltar a aula. Mas você sabe que você também não deveria estar na reitoria. — Ele não parecia em absoluto irritado ou decepcionado, somente divertido por ela como de costume.

— Eu estou fora da cerca. Eu não estou na reitoria, estou apenas perto dela. O que você está fazendo de qualquer maneira?

— Plantando árvores.

— Obviamente, mas por quê? Os dois milhões de árvores em torno de nós não são suficientes para você?

— Não é bem assim. Você ainda pode ver a reitoria da igreja.

— Isso é uma coisa ruim?

Søren se levantou e caminhou até a cerca. Nora se lembrou de como seu coração tinha martelado naquele momento. Ela pensou que ele, com certeza, podia ouvi-lo batendo através de seu peito.

Cara-a-cara com apenas a cerca e uma diferença de idade de quatorze anos entre eles, Søren tirou os óculos escuros e encontrou seus olhos.

— Eu gosto da minha privacidade. — Ele deu um sorriso cúmplice.

— Vai levar anos até você ter. — Søren arqueou uma sobrancelha para ela, e ela corou. — Privacidade, quero dizer. Árvores demoraram uma eternidade para crescer.

— Não estas. Árvores Imperatriz e esta espécie particular de salgueiro são algumas das que crescem rápido.

— Com pressa para a sua privacidade?

— Eu posso esperar.

Algo em seus olhos e sua voz lhe disse que eles não estavam mais falando sobre as árvores. *Eu posso esperar*, ele disse e olhou para ela com um olhar tão íntimo que ela sentiu como se fosse a mão dele em seu rosto e não apenas seus olhos.

Ela invocou sua coragem e devolveu o olhar.

— Então eu também posso.

Nora sacudiu a memória e entrou na casa paroquial pela porta de trás. Na hora noturna tranquila, o único som veio da madeira rangendo. Ela iria sentir falta desse som neste verão, falta dessa casa e o padre que presidia aqui. Esta noite seria sua última noite juntos até ao fim do verão e a agitação sobre um substituto para o Bispo Leo tenha diminuído. Então ela e Søren seriam capazes de retornar a sua própria incomum versão de vida normal.

Mas só se ele não fosse escolhido para substituir o bispo. *Por favor, Deus, rezou, por favor não o escolha.*

Passando pela cozinha, Nora viu uma única vela acesa no centro da mesa. Ao lado da vela estava um pequeno cartão branco, e escrito com a elegante caligrafia de Søren estavam instruções: *Banhe-se primeiramente. Em seguida, venha até mim.*

Segurando o cartão pelo canto, ela mergulhou-o na chama da vela e deixou o fogo comer as palavras de Søren. Ela apagou a chama logo que tocou em seus dedos e enxaguou as cinzas na pia. Como quase todos os

párocos, Søren tinha uma governanta que lidava com todas as suas necessidades domésticas. Nora estava grata pela Sra. Scalera, uma mulher suficientemente formidável que até podia forçar Søren a sentar e comer algo de vez em quando, mas Nora sabia que tudo o que bastava para pôr em perigo a carreira de Søren, seria sua governanta encontrar uma nota perdida dele para ela, um único fio de cabelo preto longo ou grampo de cabelo, ou qualquer outro sinal indicador de que uma mulher tinha passado lá à noite.

Nora começou a se despir enquanto subia a estreita escada para o segundo andar. Ela adorava a reitoria. Por dezessete anos, tinha sido a sua secreta segunda casa. Uma pequena casa gótica de dois andares, Nora sabia que era um grito distante da grande mansão onde Søren nascera e vivera até aos onze anos. Mas essa casa nunca tinha sido um lar para ele. Por toda a sua beleza exterior, tinha sido uma casa de horrores. Este lugar, no entanto, tinha capturado seu coração assim como ela tinha todos aqueles anos atrás.

Respirando o vapor da água quente, Nora deixou o calor se infiltrar em sua pele. Søren frequentemente a banhava antes de suas sessões. Era um ato de dominação, o ato de um pai com uma criança pequena, mas mais importante, relaxava os músculos para que as surras só fossem magoar ela e não ferir.

Nora não se demorou no banho. Ela também não se preocupou em lavar os cabelos. Ela o queria, precisava dele. Esta noite era a última noite deles juntos por dois ou três meses. Cinco anos, recordou-se, enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos. Cinco anos tinham vivido separados. Dois meses deviam parecer como nada.

Mas, e se ela o deixasse e desta vez ela não conseguisse voltar?

Ela puxou-se para fora da água e se secou. Vestindo nada além de uma toalha branca, ela caminhou pelo corredor para o quarto. À primeira vista o quarto de Søren parecia um reflexo adequado do que ele parecia ser. Madeira escura de duzentos anos de idade, cama de dossel que combinava perfeitamente com a madeira do chão. O teto arqueado como uma nave da igreja. A janela da sacada separava o luar que se intrometia no quarto. Tudo era limpo, livre, humilde, elegante e piedoso. Imaculado de tecnologia moderna, organizado pela decoração supérflua, era o quarto de um homem que não tinha nada a provar.

Ainda... um olho treinado, que sabia o que procurar veria marcas na cabeceira da cama que não eram naturalmente derivadas do tempo. O baú bloqueado, uma relíquia de família, sob a janela parecia desnecessariamente pesado para simplesmente guardar roupas de cama. E a caixa jacarandá na mesa de cabeceira não apenas segurava o colarinho branco dele, também tinha a coleira dela.

Os olhos de Nora percorreram a sala iluminada por velas tentando localizar Søren. Ela não o viu. Em vez disso, viu a cama... Ele tinha mudado os lençóis. Os lençóis brancos se foram e em seu lugar ricos lençóis negros enfeitavam a cama. Lençóis negros significavam apenas uma coisa. Nora respirou fundo e se esqueceu de exalar de novo.

— Respire, pequena, — Søren instruiu quando ele veio por trás dela e colocou os braços ao redor dela.

— Sim, senhor. — Dentro e fora ela respirou, arrastando ar em seu estômago e empurrando-o para fora pelo nariz. Nora fechou os olhos quando

ele trouxe a coleira dela ao redor do pescoço; ela estremeceu quando ele levantou seu cabelo para afivelar e fechar.

— Para baixo, — ele ordenou.

Nora afastou-se dele; seus pés tremiam sob ela. Enquanto caminhava até a cama, Søren pegou a toalha dela. Nua, ela deitou-se nos lençóis, os lençóis negros e obrigou-se a continuar a respirar.

Søren estava ao lado da cama, olhando para ela. Ele estendeu a mão para o pescoço e tirou seu próprio colarinho branco. Ele desabotoou a camisa e lentamente puxou para fora. Nora nunca tinha visto um homem com um corpo mais bonito do que o de Søren. As corridas matinais e as quinhentas flexões e abdominais que fazia todos os dias o mantiveram em imaculada forma. Magro, tensos músculos envolviam cada polegada do seu corpo alto. Às vezes, ela simplesmente não podia manter suas mãos longe dele. Mas esta noite ela temia seu toque tanto quanto ela desejava.

Søren deixou a camisa cair no chão. Descalço e vestindo apenas calças pretas, ele rastejou sobre a cama, rastejou sobre ela.

Ele baixou a cabeça e beijou-a. Ela amava como ele a beijava, como se possuísse, como se ele a possuísse. Às vezes Nora maravilhava-se com o pensamento de que, enquanto ela tinha tido mais amantes do que ela podia contar, Søren tinha compartilhado seu corpo com apenas três pessoas em toda a sua vida. Sua devoção a ela humilhou-a, e Nora colocou os braços ao redor dele, para puxá-lo para ainda mais perto. Raramente, ou nunca, ela conseguia tocá-lo quando faziam amor. Søren era um sadista e um dominante. Quando ele tomava-a, ela estava quase sempre amarrada, presa a cama, ao chão ou na Cruz de St. Andrew. Apenas em noites como esta, ele

deixava seus braços e pernas livres. O ato que ele estava prestes a realizar era sádico o suficiente, nenhum bondage era necessário para satisfazê-lo.

Søren afastou-se dela e estendeu a mão para a mesa de cabeceira. As mãos de Nora cavaram nos lençóis, os lençóis negros.

Nora olhou para cima e para os olhos dele, olhos cinza da cor de uma tempestade levantando.

Quando ele trouxe a mão de volta, ela viu a pequena lâmina curva brilhando na mão.

* * *

Michael passeou no seu quarto enquanto tentava decidir exatamente como dizer a sua mãe que ele planejava sair da cidade durante o verão. Ele odiava mentir para ela. Mas ele não podia simplesmente sair e dizer-lhe que ele estava fugindo com Nora Sutherlin. Ele sabia que sua mãe sabia o que ele era. Ou pelo menos ela sabia que ele não era como as outras crianças. Os meninos em sua escola tiveram problemas por terem revistas *Playboy* escondidas debaixo do colchão ou por engravidar as líderes de torcida. Mas quando Michael se metia em problemas era por se queimar e cortar a si mesmo, por fazer download de imagens de homens sendo amarrados e surrados por mulheres e até mesmo por outros homens. E quando estava em apuros, ele não ficava de castigo. Ele levava um tapa e era jogado contra a parede por seu pai com força suficiente para deixar hematomas, do tipo ruim, nele.

Doentio... pervertido... anormal... Seu pai tinha dito tudo isso. Quando sua mãe tentou defendê-lo contra seu pai, dizendo que Michael era apenas jovem e confuso, seu pai havia batido nela também. As discussões tinham se tornado uma coisa diária, até que seu pai finalmente apenas foi embora. A mãe de Michael tinha entrado em estado de choque e ainda não tinha totalmente se recuperado da partida dele. A noite em que Michael cortou os pulsos, foi com um pensamento em mente: talvez se ele morresse seus pais não teriam mais razões para discutir.

Michael respirou fundo e deixou o quarto. Ele encontrou sua mãe na cozinha guardando as compras.

— Hey, — ele disse, esfregando os braços como se ele estivesse frio. Ele não tinha, mas ele estava arrepiado de qualquer maneira.

— Ei, você, — respondeu ela enquanto ela enrolava um saco de plástico e jogou-o para baixo da pia da cozinha. Sua mãe ainda era linda mesmo depois de dois filhos e um casamento que tinha caído aos pedaços ao redor dela. Dela, Michael tinha herdado seu cabelo escuro esticado, corpo magro e aparência pálida. De seu pai, pelo que podia dizer, ele tinha nada. Às vezes, ele se perguntou se seu pai não era seu verdadeiro pai. Nenhum lado da família tinha a cor dos olhos dele. Mas ele sabia que era uma ilusão. Ele se parecia muito com a irmã mais nova de seu pai, então ele sabia que não havia nenhum amoroso, indulgente pai verdadeiro lá fora esperando para ser encontrado.

— Posso ajudar? — Michael tinha aprendido a perguntar antes de ajudar com qualquer coisa que envolvesse a cozinha. Não importa o que ele

mexesse, sua mãe sempre voltava e movia de volta para o mítico lugar "certo".

— Quase pronto. Como foi seu dia? — Sua mãe abriu o armário por cima do fogão e reorganizou os jarros e frascos na prateleira para dar mais espaço.

— Bom. Feliz por ter terminado a escola.

— Eu levei seus livros para a biblioteca. Você os terminou, certo?

— Eu terminei. Obrigada.

Michael passava de um pé para o outro. A postura rígida de sua mãe e sua recusa a fazer contato visual com ele não pressagiam nada de bom. Ele não tinha certeza do que havia feito dessa vez, mas ele decidiu que agora podia não ser o melhor momento para dizer-lhe que estava indo embora no verão.

— Ok, eu vou ler, eu acho.

— Michael, você está esquecendo alguma coisa? — Perguntou a mãe antes que ele pudesse deixar a cozinha.

— O quê? Não, eu não acho.

Sua mãe deu-lhe um olhar longo, um olhar examinador, um olhar familiar, um olhar que ele vinha recebendo dela durante os últimos três anos. Ele tinha até mesmo dado um nome ao olhar. Ele chamou o olhar de *Quem é você e o que você fez com o meu filho?*. O cabelo longo, o incidente sobre os sites e as queimaduras, a noite em que ele tentou se matar... Michael sabia que sua mãe estava convencida de que ele tinha perdido sua mente há alguns anos e ela tinha desistido da esperança que ele algum dia a recuperasse.

Ela balançou a cabeça e caminhou até a porta dos fundos. Ela puxou seu skate de trás da porta aberta e entregou a ele.

— Obrigado. Deixei isso em algum lugar.

— Você deixou-o no banco de trás do carro de Nora Sutherlin.

Merda. Michael respirou, decidiu tentar uma pequena deflexão em sua mãe, uma sobrevivência estratégia que Padre S lhe tinha ensinado durante as suas sessões de aconselhamento.

— É um BMW Z4 Roadster. Ele não tem um banco traseiro.

Seus olhos brilharam com raiva.

— O que você estava fazendo no BMW Z4 Roadster de Nora Sutherlin que não tem um banco traseiro, Michael?

— Nada. Ela me deu uma carona para casa da igreja.

A mãe de Michael continuou a olhar para ele.

— Você sabe que ela tem idade para ser sua mãe, certo? Eu sei que ela não parece e Deus sabe que ela não age como se tivesse, mas ela tem.

— Foi apenas uma carona para casa, mãe. Ela é legal. Ela não é como você pensa que é.

— Eu acho que ela é uma mulher muito perigosa. E eu acho que você pode se machucar se você passar mais tempo com ela.

Michael pensou em Nora, como ela vivia tão descaradamente. Será que algum dia seria tão destemido como ela? Michael lembrou há alguns meses ele tinha rondado os corredores após a igreja, escutando as conversas de Nora. Um dos velhos morcegos falava sobre a abominação da sodomia¹⁵. Nora tinha dado tapinhas nas costas da mulher e disse, *“Se é uma abominação, é porque você está fazendo isso errado. Concentre-se, em seguida relaxe. Vai encaixar*

¹⁵ Prática de sexo anal.

melhor”. Então ela foi embora, deixando as velhinhas corando e bufando. Michael tinha corrido para o banheiro e rido pra cacete no box.

Destemido. Ele podia fazer isso.

— Eu gosto que me machuquem, — disse ele.

Sua mãe sacudiu a cabeça.

— Não me lembre.

Michael começou a virar para ir embora. Ele sentiu como se tivesse passado a maior parte dos últimos dois anos se virando e afastando de sua mãe. Ele preferia correr até ela e abraçá-la do que afastar-se dela mais uma vez. Mas isso não parecia mais ser uma opção.

— Eu não vou estar aqui neste verão. Vou embora na quinta-feira. Tudo bem, certo?

— Tudo bem, — disse sua mãe. Ele pensou ter ouvido uma nota de alívio em sua voz. — Se isso é o que você precisa fazer. Você vai ser conselheiro do acampamento de novo?

— Algo assim, — disse ele. — Eu tenho dinheiro e tudo mais. Então você não tem que se preocupar comigo.

— Eu tenho estado preocupada com você desde o dia em que você nasceu. Não vou parar agora.

Michael tentou rir, mas o som não saiu muito bem. Ele começou a sair.

— Michael?

Lentamente, Michael virou-se e olhou para a mãe.

— Você não está realmente indo para o acampamento, não é?

— Mãe, eu... — Michael disse e parou.

— Eu não acho que quero saber o que você está fazendo neste verão, não é?

Michael pesou as palavras.

— Não, provavelmente não.

* * *

Søren colocou o primeiro corte em seu quadril.

Um corte raso apenas um centímetro de comprimento, sangrou lentamente. O sangue de Nora brotou e deslizou em uma fina linha sobre seu quadril, secando em sua pele antes de tocar os lençóis negros.

O segundo, Søren cortou seu estômago bem na borda de sua caixa torácica.

— Fale comigo, Eleanor, — Søren mandou quando ele fez um terceiro corte, apenas um centímetro de comprimento, em seu peito.

— Ow. — Nora riu um pouco. Søren olhou para ela, amor e desejo queimando nos olhos dele.

— Vai doer menos se você falar comigo. O que você está pensando?

— Eu estou pensando que não fazemos isto há muito tempo, senhor.

A última vez que tinham feito jogo-de-sangue tinha sido um ano atrás, apenas duas semanas depois que ela voltou para ele. Naquela noite, eles tinham-se comprometido um ao outro. Nora comprometeu-se a pertencer-lhe de novo, e ele comprometeu que faria tudo em seu poder para fazê-la feliz e mantê-la segura. Como na primeira noite como amantes catorze anos atrás, o sangue foi derramado naquela noite, seu sangue. Na primeira noite deles

juntos, o sangue do hímen rasgado tinha manchado os lençóis dele; na noite de há um ano, o sangue veio de dezoito cortes por todo o corpo. Dezoito... um corte por cada ano que ele a conhecia, um corte por cada ano que ele a amava.

— É melhor fazer isto raramente, — disse ele, acariciando o lado do rosto com as costas da mão. Søren parecia perfeitamente calmo agora, seu rosto uma máscara de serenidade absoluta. Mas ela o conhecia como ninguém fazia. Sob a superfície de seu plácido comportamento ondulava desejos escuros, perigosos e mal contidos.

Nora olhou para baixo quando Søren trouxe a lâmina logo abaixo do seu seio direito e fez um corte deliberado.

— Você ama isto, — ela disse e Søren solenemente concordou. — Nós podíamos fazer isto mais vezes, se você quisesse, senhor.

— Claro que podíamos, — ele disse simplesmente, e Nora sorriu mesmo com os olhos em água da dor dos pungentes, ardentes cortes nela. Eles poderiam e iriam envolver-se em jogo-de-sangue todos os dias se ele decretasse isso. — Mas nós dois temos que trabalhar.

Søren sorriu para ela e ela sorriu através das lágrimas.

— Trabalhar? O que é mesmo isso? — Desde que desistiu do outro emprego como dominatrix, Nora trabalhava apenas como uma escritora nos dias de hoje. Um trabalho que exigia pouco mais do que beber café e chá e vestir pijamas até às quatro da tarde realmente não se qualificava como trabalhar para ela. Søren, por outro lado, dava a sua vida a igreja. Quase todas as manhãs, estava de pé as cinco para correr, em seu escritório no Sagrado Coração, o mais tardar, as sete. Ele confessava, visitava os doentes e

moribundos, aconselhava os casais, realizava casamentos, comunhões, batizados, funerais e celebrava a Missa de quatro a oito vezes por semana... Nora sabia que se fosse descoberto que ela e Søren eram amantes, não seria o sexo que causaria o maior escândalo. O próprio Søren era quase um objeto de culto no Sagrado Coração e dentro da diocese. Se a Igreja descobrisse que ele era um sadista que bate nas mulheres, mesmo consensualmente, ele seria expulso do sacerdócio. Søren não iria desistir dela, não se arrependeria e nunca concordaria que a relação dele era um pecado. Por isso a Igreja iria excomungar ele. Poucos fora da Católica Igreja compreendiam o que significava a excomunhão. Não era apenas ser demitido ou expulso da igreja. Seriam negados a Søren os sacramentos, ele seria evitado e condenado.

— Estou com medo, senhor, — ela finalmente admitiu.

— Precisamos parar?

Ela balançou a cabeça.

— Não disto. Do que poderia acontecer. E Michael? E se sair lá para fora o que ele é? E se eles descobrirem sobre o 8th Circle? — Nora não queria sequer pensar sobre o quão ruim poderia ser se a imprensa descobrisse sobre eles. Kingsley Edge protegia os membros de sua comunidade subterrânea com aterrorizante tenacidade. Mas nem mesmo ele poderia parar os tubarões uma vez que o sangue estivesse na água. Um padre católico e uma escritora erótica que tinha pertencido a ele, de uma forma ou de outra, desde que ela tinha quinze anos... um adolescente que tinha tentado o suicídio por causa da sua orientação sexual e que havia perdido a virgindade com Nora durante uma cena ritualizada de S&M... e o 8th Circle, onde todos desde um agente do FBI de alto nível à enteada do governador eram membros detentores de

chave¹⁶. Se o mundo descobrisse sobre ela e Søren, não haveria fim para a escavação. O 8th Circle, nomeado por cauda do andar do *Inferno* de Dante, onde moravam aqueles que abusavam de seu poder, se tornaria um verdadeiro inferno para aqueles que pensaram que tinham encontrado um lugar seguro onde eles poderiam ser si mesmos.

— Eleanor, o que eu prometi a você na última vez que fizemos isto?

Nora inalou e mordeu o lábio inferior.

— Você prometeu que iria me manter a salvo.

— Eu quis dizer isso. Eu vou lidar com isto e nada de ruim vai acontecer com você ou Michael.

O quinto corte foi curto e acentuado e caiu ao longo da borda de sua clavícula.

Søren pousou a faca de lado e abriu suas pernas. Ele beijou sua coxa; o beijo moveu-se mais para cima até que ele tocou seu clitóris com os lábios e abriu-a com a língua. Jogo-de-sangue fazia Søren ainda mais amoroso do que o habitual. Enquanto o sangue brotava e secava em sua pele, Nora sentiu seu clímax se construindo, duro e profundo dentro dela. Søren conhecia seu corpo como nenhum amante conhecia nem nunca o faria.

— Permissão para gozar? — Perguntou ela e sabia que Søren não negaria a ela, não esta noite. O orgasmo, como o banho quente, tinha uma finalidade utilitária. Quanto mais endorfinas inundavam o seu sistema, mais dor ela podia tomar.

¹⁶ No livro anterior foi mencionado que o Top 8 tinha direito a uma chave que dava para um quarto particular. Nº1 é Søren, nº 2 é Nora, nº7 é o Griffin. Os dois mencionados acima estão incluídos neste grupo.

— Goze, — Søren ordenou quando ele deslizou um dedo dentro dela e empurrou para a parede frontal da sua vagina. Enquanto o orgasmo de Nora crescia, Søren pegou a pequena faca novamente e fez um corte rápido em sua coxa. Ela se encolheu, mas só um pouco. O prazer e a dor dançavam em conjunto sem tocar.

Nora respirou enquanto Søren escovava o cabelo de sua testa.

— Você pode aguentar mais? — Perguntou.

Ela queria dizer não e terminar com isso. A dor era quase demais até para ela. Mas a intensidade disso era inebriante, intoxicante. A intimidade disso era maior do que até mesmo sexo. Só com Søren ela alguma vez se submeteria a este ato. Søren não exigia fidelidade sexual dela. Ela continuou a ver Sheridan, a favorita de todos os seus antigos clientes e Søren ainda dividia com Kingsley ocasionalmente. Mas quando era sobre dor, só ele estava autorizado a machucá-la.

— Sim, senhor.

Søren empurrou-a sobre seu estômago.

O sexto corte fatiou aberto o ombro.

Nora mordeu os lençóis tentando abafar o grito de dor. Virando a cabeça para o lado, ela engoliu em seco e se preparou.

O sétimo corte não veio.

— Olhe para mim, pequena.

Nora virou outra vez, estremecendo quando seu ombro ferido e sangrando fez contato com os lençóis.

— Você vai voltar para mim. Você acredita nisso, não é?

— Sim, senhor, — disse ela, acenando com cabeça. Søren nunca tinha falhado com ela antes. Quando ela tinha sido presa aos quinze anos, Søren foi quem impediu de ela ir para o reformatório. Quando o seu fodido pai havia tentado levá-la embora, Søren tinha-o parado. Quando ela esteve em problemas na escola por causa de uma história que ela tinha escrito, foi ele que, mais uma vez, puxou o rabo dela para fora do fogo. Ele ajudou-a a entrar na faculdade, ajudou-a a se graduar, manteve-a segura, manteve-a perto, manteve-a feliz e mostrou a ela um mundo que poucos sequer sabiam existir e, em seguida, fez dela a rainha... e tudo o que ele sempre pediu em troca foi que ela desse a si mesma a ele, coração, corpo e alma.

Parecia um preço tão pequeno a pagar.

— Quantos cortes hoje à noite? — Ela perguntou quando Søren estudou com olhos reverentes o seu corpo sangrando. Ela viu seu peito elevar; seus olhos tornarem-se negros do desejo. Jogo-de-sangue excitava-o como nada mais fazia. E nada a excitava mais do que vê-lo assim... tão desesperado por ela que o fazia quase fraco.

— Sete, — ele respondeu, com a voz baixa e ofegante. Ela já tinha sobrevivido aos primeiros seis.

— Um bom número bíblico, — observou ela.

— Cinco pelos anos que estivemos separados. E um pelo ano que você esteve de volta comigo. E outro pelo resto de nossas vidas.

O final foi sempre o pior. E ela não tinha que perguntar onde seria. Søren esperou e Nora tentou encontrar coragem. Este era Søren, lembrou a ela mesma. O homem que tinha amado por quase vinte anos. Ela só amou outra

pessoa que não ele, e por Søren ela tinha desistido dele. Se ela podia desistir de Wesley por Søren, ela podia fazer isso.

Nora abriu as pernas amplamente. Søren posicionou-se entre as coxas e com mãos surpreendentemente estáveis, espalhou mais as pernas.

Nora fechou os olhos com força e respirou pelo nariz quando Søren correu parte lisa da lâmina ao longo da costura de sua vagina e deixou um pequeno corte em seus lábios. Ela se recusou a vacilar quando ela sabia que sua bravura seria recompensada.

A dor já tinha desaparecido quando Søren pegou a mão dela e colocou a faca em sua palma. Nora se preparou mentalmente enquanto ela levantava a mão. Com um movimento rápido e com certeza, ela cortou o peito dele sob o coração. Ela baixou a mão e pousou a faca de lado. Elevando-se para cima, Nora levou a boca para a pele dele e lambeu a ferida que sangrava. O ato rompeu o último fio de contenção de Søren. Ele empurrou-a de costas e abriu suas calças. Quando ele empurrou em seu corpo sangrando, ela sentiu uma dor tão aguda que ameaçou dominá-la. Sua palavra segura pronta na ponta da língua. Mas ela respirou e engoliu-a quando Søren começou a se mover dentro dela.

Ela colocou os braços e as pernas em torno dele, cravou as unhas nas costas e marcou sua pele. Ele mordeu seu pescoço e seios, enfiou os dedos em sua pele. Seu corpo ganhou vida com a dor, dor que virou prazer enquanto ele continuava seu assalto a ela. Ela pressionou os calcanhares na cama, arqueado contra seus quadris. Quando ela gozou, ela gozou duro. O orgasmo esgotando-a. O prazer cravando através dela, agarrando ela e cortando-a como a mais afiada das facas.

Søren continuou empurrando e ela agarrou-se a ele no amor e desespero. Em momentos como este, ele estava perdido nele mesmo, perdido nas sombras que se escondiam debaixo de seu coração. Raramente ele se deixava ir, e quando o fez foi só com ela. Nora deixou-se ficar debaixo dele e deixou-o usar seu corpo como um recipiente para a sua necessidade. Quando ele gozou, finalmente, foi com um empurrão final tão feroz que Nora sabia que ela ficaria machucada por dentro da força dele. Ele engasgou seu nome quando todo o seu corpo estremeceu em seus braços.

Nora segurou Søren enquanto estavam entrelaçados, seu corpo ainda incorporado no dela. Por um longo tempo não disseram nada, simplesmente deitados juntos contidos em seu silêncio e na proximidade um do outro.

— Você está tremendo, Eleanor, — Søren finalmente disse, tocando seu rosto com os lábios.

— Um pouco. Eu só tenho frio, — ela admitiu. Nora passou as mãos pelo cabelo de Søren e beijou-lhe a testa.

— Você está tremendo também. — Seus braços, suas costas tremiam sob suas mãos.

— Não de frio, — confessou. Ela sabia o porquê, e ele não precisava dizer mais nada.

— Você pertence a mim... sempre.

— Sempre, — ela repetiu.

— Vou fazer o que preciso para que possa voltar para mim.

— Eu sei que você vai, senhor.

— E vamos manter nossa promessa um ao outro.

Nora estendeu a mão e tocou-lhe o rosto.

— Eu vou morrer na minha coleira. — Ela repetiu sua parte da promessa.

Søren virou a cabeça e beijou o interior da palma da mão dela.

— E eu vou morrer no meu colarinho.

* * *

Suzanne sentava de pernas cruzadas em seu sofá com seu laptop aberto sobre as pernas. Ela tinha começado uma pasta em seu computador chamado Asterisco e nele, ela estava colocando todas as informações que ela poderia desenterrar do Sagrado Coração e Padre Marcus Stearns. Até agora, era uma pasta muito pequena. Patrick tinha conseguido quase nenhuma informação adicional sobre o menino que tinha tentado o suicídio no santuário. Nenhuma acusação foi arquivada e o rapaz aparentemente ainda frequentava a igreja. Que tipo de garoto iria continuar a voltar para a mesma igreja que o havia inspirado a se matar? Ela se perguntou. Quem era este padre que tinha esse tipo de puxão? Seu estômago revirava ao apenas imaginar isso.

Ela estava perigosamente perto de pensar em seu irmão Adam quando seu celular tocou. Ela verificou o número. Patrick, claro.

— Alguma sorte? — Ele perguntou assim que ela respondeu.

— Não muita. Esse homem é um fantasma. E você?

Ela ouviu uma risada do outro lado da linha.

— O quê? — Ela perguntou.

— Estou prestes a entrar para uma reunião durante o jantar, então eu realmente não posso falar. Mas você nunca vai adivinhar quem vai ao

Sagrado Coração. Não apenas vai, mas, aparentemente, nunca perde a missa de domingo.

Suzanne expirou ruidosamente. Ela não tinha tempo para jogos.

— Eu não sei. O Dalai Lama?

— Ainda melhor—Nora Sutherlin.

Os olhos de Suzanne se arregalaram e seu estômago fez uma pequena cambalhota.

— Você só pode estar brincando comigo.

— Eu tenho que me despachar. Vou ligar de volta amanhã. Mas não, eu não estou brincando.

Desligando, Suzanne simplesmente olhou para sua sala de estar por um longo tempo. Ela fechou seu computador e se dirigiu até sua estante. Percorrendo os títulos, ela finalmente encontrou o que estava procurando. Um livro intitulado *The Red*. Na capa havia uma foto de umas belas mãos pálidas de uma mulher, amarradas com uma fita de seda vermelho sangue. A autora? Nora Sutherlin. Era a história de uma mulher que possuía uma galeria de arte chamada The Red caindo aos pedaços e o homem misterioso que aparece e se oferece para salvar a galeria em troca dela se submeter a ele em todas as formas possíveis por um ano. Escabroso e gráfico com algumas das cenas de sexo mais explícito que ela já tinha lido, *The Red* era possivelmente um dos romances favoritos de Suzanne. Não que ela alguma vez disse isso a alguém.

Um menino de quatorze anos de idade tentando suicídio no meio do santuário... A mais infame autora erótica do mundo indo à missa com a

constância de uma freira... e aquele asterisco misterioso com o nome do padre.

— Jesus, — ela respirou. — Que tipo de igreja é esta?

Søren fez amor com Nora mais duas vezes naquela noite. Ele puxou-a para a borda da cama e tomou-a enquanto ela estava deitada de barriga para baixo e ele estava atrás dela. E depois disso eles estavam lado a lado, suas costas no peito dele enquanto ele se movia nela lentamente e com cuidado.

Enquanto empurrava dentro dela, ele sussurrou o quanto ele a amava, como ele sentiria muito a sua falta e o que ele faria com ela quando ela voltasse para ele novamente. Quando Nora gozou na última vez, ela veio através de lágrimas.

— Silêncio, pequena... é apenas por dois meses, — ele prometeu a ela enquanto beijava as lágrimas do seu rosto.

Ela se agarrou a ele e chorou ainda mais forte.

— Mas eu já sinto saudades.

Suas lágrimas secaram, Nora descansava em frente à lareira na sala de estar. Søren tinha feito um fogo baixo para aquecê-la de novo e ela sorriu para a visão diante dela. Como se Søren não a tivesse torturado o bastante já esta noite...

Estudando a tábua no chão à sua frente, espreitando primeiro com o seu olho esquerdo e depois o direito, Nora estendeu a mão e moveu um peão dois espaços para frente.

— Pequena, — disse Søren com desgosto dissimulado. — Isso foi inútil.

— Bem, não foi um passo atrás, então vamos considerá-lo um passo à frente. Além disso, estou somente jogando xadrez com você para mantê-lo acordado por mais tempo, — ela admitiu. — Eu sou terrível neste jogo e você sabe disso.

— Eu sei, de fato. — Søren moveu sua rainha. *Checkmate*.

— Bem. Você ganha, — Nora admitiu. — Embora que eu chutaria o seu traseiro se estivéssemos jogando Battleship¹⁷. Esse é o meu jogo.

— Battleship?

Nora sorriu. Søren tinha tido uma infância tão incomum como as coisas que ela conhecia. Jogos de tabuleiro bobos, desenhos animados no sábado de manhã, Søren não tinha nenhuma experiência. Aos cinco anos ele tinha sido enviado para a Inglaterra para frequentar a escola. Um incidente desagradável com um colega forçou-o de volta para a América aos dez anos. Um muito mais desagradável incidente em sua casa terminou com ele sendo enviado para um internato jesuíta na rural Maine quando ele tinha apenas onze anos. Mas foi lá entre os padres e monges que Søren encontrou não só a sua salvação, mas seu chamado. Isso e encontrar-se com um certo jovem meio-francês que viria a mudar o curso de sua vida para sempre.

— Battleship. É este jogo estúpido que Wes e eu jogávamos quando estávamos evitando fazer o nosso trabalho.

— Você raramente fala de Wesley, Eleanor. E no entanto, tantas recordações dele fazem você sorrir. Por que você não fala mais sobre ele?

Por que ela não fala mais sobre ele? Nora sacudiu a cabeça e olhou para o tabuleiro de xadrez. Olhando para trás, ela ainda não tinha certeza por que

¹⁷ Batalha Naval. Jogo onde os jogadores têm que descobrir em que quadrados estão os navios do oponente.

ela pediu a Wesley para viver com ela além dele ter insinuado que ele poderia ter de voltar para casa em Kentucky já que Yorke era uma faculdade liberal de artes¹⁸ proibitivamente dispendiosa. Mas assim que Wesley estava lá, ela começou a se perguntar como ela alguma vez viveu sem ele. Antes de Wesley, ela praticamente vivia na casa de Kingsley em Manhattan. Ela trabalhava tanto na cidade que passavam vários dias antes de voltar para a casa dela em Connecticut. Assim que Wesley estava lá, no entanto, ela encontrou-se correndo de volta para casa depois de um trabalho, vestindo roupas normais e enrolando-se no sofá com ele.

Nora nunca iria esquecer o dia em que ela se cansou de escrever em seu escritório e levou seu laptop para a cozinha apenas para uma mudança de cenário. Wesley se juntou a ela na cozinha e sentou-se à sua frente na mesa. Ele abriu seu laptop e começou a trabalhar em um projeto para a sua classe História Europeia naquela semana. Nora se lembrava de ter lançando olhares furtivos sobre a parte superior de seu computador para ele. Ele tinha olhos castanhos com pequenas manchas de ouro neles e cabelo loiro escuro que caia sobre a testa. Apenas com dezoito anos nessa altura, ele era absolutamente adorável, e às vezes ela teve de praticamente se sentar em suas mãos para impedi-las de estender a mão e agarrá-lo quando ele passava por ela. Eles eram apenas colegas de casa, apenas amigos, ela sempre tinha de lembrar a si mesma. E Wesley era um bom garoto Cristão e virgem. Uma noite com ela não iria apenas tirar sua virgindade, iria também roubar a inocência dele. Mas naquele dia tudo o que ela sentia por ele era carinho. Afeto e diversão.

¹⁸ Faculdade que permite aos alunos escolherem áreas de estudo de outros cursos.

— Wes, eu tenho que dizer, — ela disse, olhando para os seus laptops abertos de costas um para o outro.

— Não diga, Nora, — Wesley disse enquanto se manteve digitando.

— Eu tenho que dizer isso.

— Não. Diga. Isso., — Wesley ordenou, tentando e falhando parecer intimidante. Seu sexy híbrido sotaque Kentucky-Geórgia fez os dedos dos pés se enrolar mas não se deixou intimidar. — Se você disser, eu vou embora.

— Wesley...

— Nora...

Nora respirou fundo, fingiu digitar algo e sussurrou: — Wes?

— O que?

— Você afundou o meu Battleship.

Com aquilo, Wesley se levantou e saiu da cozinha. Nora dissolveu-se em risos quando Wesley jogou o casaco, pegou as chaves do carro e saiu da casa. Ela ainda estava rindo meia hora mais tarde, quando Wesley voltou carregando um jogo Battleship recém-comprado com ele. Nora fechou seus computadores e ele colocou o jogo na mesa da cozinha. Ela venceu facilmente por 2-1. Depois disso, cada vez que um deles ou ambos precisavam de uma pausa do trabalho, eles apareciam silenciosamente atrás do outro, gritavam, “Você afundou meu Battleship” e o jogo começaria.

— Eleanor? — A voz de Søren puxou-a da memória e de volta ao presente.

Nora tocou seu rosto e estendeu a mão. À luz da lareira, as lágrimas brilhavam na ponta dos seus dedos.

— É por isso que eu não falo sobre Wes, — ela disse, e Søren estendeu a mão para ela e puxou-a em seus braços.

Ele abaixou a cabeça e beijou-a quando sua mão deslizou sob a camiseta que ela usava, a camiseta dele, e enfiou dois dedos dentro dela. Ela queria que ele fizesse amor com ela de novo mas o momento tinha passado. Um verdadeiro sadista, Søren só podia se excitar com a inflição de dor e humilhação. Então, em vez disso foram os seus dedos exploradores que penetraram nela. Ele abriu os dedos amplamente dentro dela, deslizou um terceiro e pressionou-se contra o seu osso púbico. Os quadris de Nora levantaram quando seus músculos internos o agarraram. Ela foi ficando molhada ao toque dele mesmo com o corte em seus lábios ainda doendo e queimando.

— Goze para mim, — Søren ordenou, — e, em seguida, vamos dormir.

— Eu posso adiar o orgasmo por um longo tempo, — ela brincou. — Qualquer coisa para manter você acordado.

Søren, como ela sabia que ele faria, tomou isso como um desafio. Ele pressionou seu polegar no seu clitóris e os precisos círculos a deixaram ofegante. Ainda assim, ela respirava através do prazer.

Com a mão livre, Søren desabotoou a camisa e expôs os seus seios. Ele beijou os mamilos e eles endureceram em sua boca quente. Com seus lábios e língua fazendo lânguidos círculos sobre os seios, seus dedos continuaram seu ataque suave dentro dela. Nora encolheu-se e agarrou o tapete debaixo dela. Ainda assim, ela não se deixou ir.

Søren deslizou a mão por trás do pescoço e forçou-a a encontrar seus olhos.

— O dia em que nos conhecemos, você estava usando uma saia preta plissada e botas de combate, — ele disse, e Nora sabia que não importava o quanto ela lutasse contra ele, ele iria ganhar. — Você tinha arranhões em seus joelhos e usava muita maquiagem nos olhos. E eu teria deitado você sobre o altar, surrado você e tomado sua virgindade na frente de Deus, de Cristo, todos os santos e anjos e toda a igreja naquele mesmo dia se eu tivesse pouco autocontrole. Eu teria bebido o sangue de suas coxas, virado você em seu estômago e tomado de novo, fodido você até que implorasse para parar. E você sabe o que eu teria feito se você me pedisse para parar?

— Não, senhor, — ela respirou, seu coração batia tão forte que ela pensou que iria explodir de seu peito.

— Eu não teria parado, — disse ele e enfiou a mão fortemente dentro dela. Nora gritou; o clímax rasgou através de seu estômago e os quadris enquanto seus músculos internos contraíam descontroladamente em torno dos dedos de Søren.

Ela se deitou debaixo dele ofegando através do orgasmo que era tão intenso que provocava espasmos na sua parte inferior das costas. Depois de alguns minutos, seu coração desacelerou e seus olhos eram capazes de se concentrar mais uma vez.

— Você trapaceou.

— Eu não sei o que você está se referindo, — Søren disse, puxando com cuidado a mão de sua abertura dolorida.

— Você falou sobre o dia em que nos conhecemos. Isso é batota¹⁹.

¹⁹ qualquer forma de trapaça; falcaturia, maroteira

Søren rolou de costas e Nora se arrastou em cima de seu peito e caiu contra ele.

— Você é a única que vai dormir, neste verão, com dois jovens que não são eu, e você me acusa de fazer batota?

Nora sorriu para ele.

— Com ciúmes?

— Nem mesmo remotamente, — disse ele, e ela sabia que era verdade. A certeza de Søren sobre seu amor por ele impossibilitava até mesmo o menor indício de ciúme. Ele não podia se importar menos com quem ela tinha relações sexuais desde que ela fosse dele. Mais do que não se importar, Søren ficava excitado com a visão e o pensamento dela com outros homens. Ele nem sequer se importa que ela fosse kink com outros, desde que ninguém a machucasse. Esse era só o trabalho dele.

— Falando de ciúmes, Simone e Robin disseram que ficariam felizes em tomar o meu lugar este verão enquanto eu estiver fora.

— Meninas bonitas, ambas — disse Søren, sorrindo. Se Nora ia passar o verão na cama com dois outros caras, o mínimo que podia fazer por Søren era providenciar que ele tivesse acesso às duas das mais belas, bem treinadas e discretas submissas do Submundo. Ela sabia que ele não faria sexo com elas. Sadismo era sexo para ele. Então Søren ficar dois meses sem bater em alguém seria semelhante a ela ficar dois meses sem sexo. Pensamento horrorizado.

— Agora eu temo que este absurdo vai ter que acabar. Estou ouvindo confissões em..., — Søren fez uma pausa e olhou para o relógio sobre a lareira — Quatro horas.

Nora fez uma careta.

— Merda, eu sabia que havia algo que eu deveria fazer antes de eu ir embora. Você tem tempo para mim antes de eu partir amanhã de manhã? — Perguntou ela. Ela tinha a intenção de se confessar durante a semana passada, mas tinha esquecido completamente. Não era culpa dela. Ela culpava Zach, o editor dela, o outro sadista em sua vida, por enviar para ela cinquenta páginas para rever em dois dias.

— Eu posso ouvir agora se quiser.

Sentando-se, Nora abotoou a camisa de Søren sobre os seios. Søren rolou e enfrentou dela. E, embora ele também usasse calça preta e nada mais, no momento em que encontrou seus olhos, ela sabia que seu amante tinha ido e ela agora estava sentada na presença do seu padre.

Nora respirou fundo e começou.

— Deus tem misericórdia de mim, uma pecadora.

— Não se vendem cinco pardais por dois centavos? No entanto, nenhum deles é esquecido aos olhos de Deus. Mas até os cabelos a sua cabeça estão todos contados. Não tema; você tem mais valor do que muitos pardais.

Nora sorriu. Lucas, capítulo doze, versos seis e sete, uma das passagens favoritas dela.

— Abençoe-me, padre, porque pequei. Tem sido...

— Oito dias, — forneceu Søren.

— Oito dias desde a minha última confissão. Vamos ver... por onde começar?

— Apresse-se, Eleanor. Se você esquecer alguma coisa, eu vou lembrá-la.

— Oh, muito obrigada, padre. Você é muito gentil. Eu tenho feito alguns graves pecados esta semana.

— Como habitualmente.

— Eu menti em uma entrevista por telefone. Não pela primeira vez, também. Eles queriam saber dos planos de verão e eu disse que eu provavelmente estaria no exterior trabalhando em um novo livro. Vamos ver... o que mais? Oh, eu tenho um grande cheque gordo real²⁰ e eu não dei um maldito pequeno pedaço dele para a caridade.

— Há quem muito é dado, muito é exigido, — Søren lembrou. Deus sabia que ele certamente tinha razão para falar²¹.

— Eu sei, — disse Nora e suspirou. Ela sabia. Ela só precisava que a lembrassem às vezes. — A igreja precisa de alguma coisa?

— Os pais de Owen têm sofrido financeiramente este ano. Não terrivelmente mas eles podem ter que colocar ele na escola pública.

— Escola pública? Esse rapaz vai ser comido vivo na escola pública. Ele ama St. Xavier.

— St. Xavier não é barato.

— Será que cinco cobrem?

— Sim, e então algum.

Nora concordou. Não há muito tempo ela podia fazer 5K²² em poucas horas sendo o top²³ de alguém. Certamente Owen merecia tanta bondade como seus clientes receberam crueldade dela.

— Eu vou deixar um cheque amanhã de manhã na mesa da cozinha. Não lhes diga que é de mim.

²⁰ A editora de Nora (onde Zach trabalha) chama-se Royalty que é realza em português. Por isso ela chama o cheque de real (devirado da realza).

²¹ Søren é rico.

²² K representa milhares em inglês. Exemplo: \$5k = \$5,000, \$100k = \$100,000

²³ Posição do dominante. O submisso é bottom.

— Claro que não. Algo mais?

— Bem, eu fiz jogo-de-sangue com um padre, esta noite, do qual após veio muitas fudas.

— Esses foram um bom trabalho.

— Eu direi.

— Eleanor, o que mais?

Ela ouviu na voz de Søren uma expectativa. Ele sabia que ela tinha mais a confessar.

— Eu menti sobre outra coisa, — ela finalmente sussurrou.

— Você nunca tem que ter medo de me dizer qualquer coisa, — disse Søren, naquele tom sacerdotal que persuadia as confissões como sombras com medo dos cantos mais escuros dos corações.

— Você me perguntou hoje por que eu não atendo o telefone quando Wes liga. Eu disse que era porque você não tinha dado permissão. Essa não era verdade.

Nora olhou para o chão, sem vontade e incapaz de encontrar os olhos de Søren.

— Qual é a verdade?

Engolindo, Nora se forçou a encontrar seus olhos.

— Eu acho, — ela começou e respirou duro, — que não seria bom para nós se eu o fizesse.

Søren parecia estudá-la através da luz baixa e morrendo à lareira. O coração dela doía com o pensamento de ferir Søren. Mas ele queria a verdade dela, não o que importa.

— A sua penitência, — ele começou e ela se preparou.

— Sim, Padre?

— Faça as pazes com Wesley neste verão, enquanto você estiver longe de mim. Faça as pazes e não volte para mim até que você faça.

O estômago de Nora cerrou. Fazer as pazes com Wesley? O que isso quer dizer?

Esquecer ele? Ou será que ela tem que falar com ele? Ela não sabia. Ela não queria saber.

— Sim, Padre — era tudo o que ela podia responder.

Ela inclinou a cabeça.

— Através do ministério da Igreja, que Deus possa dar-lhe o perdão e paz, e eu absolvo-a de seus pecados em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Nora benzeu-se.

— Amém.

Nora levantou-se com o coração pesado. Ela odiava que na sua última noite juntos antes da sua partida, ela teve que confessar algo tão doloroso. Mas de repente ela estava fora de seus pés e nos braços de Søren. Sem uma palavra, ele levou-a para cima para o seu quarto.

— Você não está com raiva? — Ela perguntou quando ele despiu sua camisa e deitou-a na cama.

Ele deslizou para fora da calça e pressionou seu corpo nu no dela.

— Eleanor, você alguma vez vai aprender que quando eu digo “eu te amo” eu quero dizer isso?

— Eventualmente, talvez, — ela disse e sorriu para ele através da escuridão. — Vou sentir tanto a sua falta neste verão. Tem a certeza que eu

tenho que ir? Fugir não é realmente a minha coisa. Não mais, de qualquer maneira.

— Temo que, neste cenário, a discrição será a melhor parte do valor. Eleanor, isto não é simplesmente sobre a Igreja ou a constatação pública sobre nós. Há mais a temer do que alguém simplesmente descobrindo que estamos juntos.

— Você não concorda com Kingsley, não é? Você não acha que foi apenas um velho cliente meu que roubou o meu arquivo, certo?

— Eu estou realmente no escuro sobre este assunto. — Søren olhou na direção das sombras que espreitavam lá fora da luz da lâmpada. — Quem quer que seja, e por qualquer que seja motivo... Eu não vou deixá-los te machucar. Eu deixarei eles arrancarem o meu coração em primeiro lugar.

Nora se esticou e tocou a ferida sobre o coração de Søren. Um corte superficial, iria curar em poucos dias. As feridas por baixo, no entanto, eram velhas e escarificadas e provavelmente nunca iriam se curar completamente. A marca da cicatriz, ela tinha lido uma vez, era o mais forte de todas as marcas. Talvez o coração de Søren fosse assim tão forte, porque estava cheio de cicatrizes.

— Eleanor? Você se lembra do funeral do meu pai?

Nora fechou os olhos e de repente tinha dezessete anos de idade novamente. Ela deu uma boa desculpa falsa a sua mãe e acompanhou Søren ao funeral de seu pai. Ela estava lá para Claire, a irmã dele de dezesseis anos de idade. Ou, pelo menos, essa foi a história que cobriu sua presença.

A noite após a visita, ela encontrou Søren sentado em uma grande poltrona em seu quarto de infância, um quarto que continha, para ele, apenas

memórias de pesadelos. Lembrou-se de entrar e vê-lo sentado, orando silenciosamente em uma piscina do luar. A luz branca tinha iluminado seu rosto, seu cabelo claro. Em passos silenciosos ela foi até ele, e ele pegou-a em seus braços e segurou-a. Tinha sido a primeira vez que ele admitiu que ele a amava, tinha amado ela desde o momento que a viu quando ela tinha apenas quinze anos de idade. Sua tristeza e dor pelo pai que tinha tentado destruir ele saiu naquela noite, quando ele contou a ela a história de horror que tinha sido a sua infância. Ela apenas queria confortá-lo. Ela chegou à manhã seguinte ainda virgem, mas apenas pouco.

Nora riu.

— Ah não. Enquanto eu viver eu nunca vou esquecer-me daquela noite.

Søren acariciou seus lábios com as pontas dos dedos.

— Eu sei o que você ouviu, pequena.

Outra lembrança veio a ela. Desta vez não era nem de perto tão agradável. Depois de deixar Søren naquela noite, ela se dirigiu para o quarto que ela e Claire estavam compartilhando. A casa tinha mais de uma dúzia de quartos, mas Søren insistiu que nem ela nem Claire dormissem sozinhas. No minuto em que eles chegaram a casa, Søren mudou. Ele sempre foi altamente protetor com ela, mas de repente ele virou quase paranóico com ela e Claire. Ele agiu como se houvesse um fantasma perigoso assombrando sua casa de infância. E nos braços de Søren naquela noite, ela aprendeu que não estava longe da verdade. No seu caminho para o quarto, viu a forma de uma mulher de pé perto de uma janela aberta. Ela estava com os braços cruzados sobre o peito e sua cabeça baixa. Próximo a ela estava Søren, e eles sussurravam um para o outro. Nora tinha deslizado para uma sombra e ocultou-se lá. Foi para

mais perto e ouviu a mulher dizer para Søren três palavras, *Não Estou arrependida*. E ela ouviu a resposta de três palavras de Søren. *Nem eu estou*.

Naquele momento Nora sabia que ela tinha ouvido algo que ela não devia. Ela desapareceu no quarto que dividia com Claire e olhou, bem acordada, para o teto até ao amanhecer, seu corpo queimando onde Søren tinha tocado nela, sua mente cambaleando com o que ela pensou ter ouvido.

No funeral ela ficou cara-a-cara com a mulher com quem Søren tinha falado na noite anterior. Alta e elegante, com cabelos vermelho marrom e olhos violeta, a mulher tinha aterrorizou-a tanto com a sua beleza como com o desespero que parecia envolvê-la como um halo escuro. Søren a apresentou como Elizabeth, sua irmã mais velha, e introduziu Nora como uma amiga de Claire. Nora se lembrava de estudar Elizabeth e percebendo que ela estava olhando não para uma pessoa, mas para um fantasma. Um vivo, respirando como um fantasma, mas um fantasma mesmo assim. Mesmo no escuro, Nora viu esse fantasma piscar através dos olhos cinzentos de Søren.

— Eu prometi que iria protegê-la, pequena. Essa é a única razão pela qual estou lhe mandando embora, — disse Søren e puxou Nora em seus fortes braços.

— Sua irmã... Você está com medo que eles vão descobrir o que Elizabeth fez, não é?

Søren empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Meu medo de Elizabeth é o mesmo que sempre foi. Eu tenho medo dela descobrir sobre você.

Na segunda-feira de manhã, Suzanne acordou com o amanhecer e nem sequer se preocupou em ligar o computador. Ela nunca antes tinha estado tão frustrada como agora. Era como se algum tipo de presença estivesse na outra extremidade da internet propositadamente frustrando todos os seus esforços em descobrir algo de importante sobre o Padre Marcus Stearns. Mas hoje ela ia puxar todas as paradas²⁴. Tempos de desespero pediam uma investigação desesperada.

Ela ia procurar offline.

A biblioteca abriu cedo, mas ela chegou antes mesmo das portas terem-se aberto. Tão logo eles deixaram-na entrar, Suzanne correu para a mesa de pesquisa com lápis e bloco de notas. Ela não tinha feito uma pesquisa impressa em anos. Provavelmente não desde o ensino médio, quando a classe inteira tinha feito uma pesquisa de campo na biblioteca e aprendeu a cavar através dos gordos livros verdes e anotado o nome, data e número do periódico que estavam procurando. Suzanne não tinha muito que procurar. Tudo o que ela tinha adquirido a partir de sua linha pesquisa foi que o Padre Marcus Stearns tinha estado no Sagrado Coração por quase vinte anos e não tinha presidido outras paróquias. Aparentemente Padre Stearns também atuou como confessor a uma ordem vizinha de irmãs beneditinas. Uma delas tinha um blog e mencionou que o Padre Stearns, como ela, tinha nascido em New Hampshire.

²⁴ Pull out all stops. Significa que iria fazer de tudo para conseguir algo. Decidi manter tradução do original.

Supondo que ele se formou no seminário aos vinte e oito anos de idade, isso significava que ele teria 47 ou 48. Então ela sabia o seu nome, a idade aproximada e o local de nascimento. Algo por onde começar, pelo menos.

Ao meio-dia, Suzanne decidiu desistir novamente. Não havia nada sobre Marcus Stearns lá. Mas ela deu mais um mergulho nas pilhas e descobriu um Marcus Stearns que tinha estado nos seus 40 e poucos anos em 1963 e viveu em New Hampshire. Pelo menos era o mesmo nome, se não a idade certa. Possivelmente um parente, ela decidiu, e continuou cavando.

Por uma hora, Suzanne sabia que ela estava no caminho certo.

Marcus Augusto Stearns, nascido na Inglaterra em 1920, foi o herdeiro de um pequeno baronato. Ele tinha vindo para Nova England com quase 40 anos e usou seu título para se casar com uma família espetacularmente rica. A mãe, Margarida, tinha realizado a fantasia de Edith Wharton e se casou com o barão, apesar do fato de que a sua única posse era o seu título. Depois de apenas um ano de casamento, Daisy tinha dado à luz uma filha, Elizabeth Bennett Stearns. Não apenas uma fã de Edith Wharton, mas uma fã de Jane Austen também, Suzanne observou. E, em seguida, quase um ano após, Suzanne ficou entusiasmada ao descobrir que um filho, Marcus Lennox Stearns, tinha nascido. Além disso, a trilha ficou fria. O jovem Marcus aparentemente desapareceu. Não havia de todo registros escolares, registros da faculdade, nenhuma menção dele.

Suzanne recostou-se na cadeira em seu apertado recanto de estudo na biblioteca e fechou a olhos.

Padres católicos não faziam quase dinheiro nenhum. Ninguém se tornava um padre católico para ficar rico. E, no entanto, se este era o mesmo

Marcus Stearns, ele tinha desistido de uma enorme herança e um título, ainda que menor, na nobreza britânica para se tornar um padre. Ela tinha dificuldade em acreditar que era possível. Ainda assim, uma possibilidade tentadora.

— Padre Stearns, — ela sussurrou para si mesma, — quem diabos é você?

* * *

Quando Nora acordou na manhã seguinte, ela encontrou seu pescoço nu sem sua coleira e a cama vazia além dela. Ela eliminou todas as evidências de sua presença. Ela substituiu os lençóis brancos da cama, tirou as velas e fez uma varredura por restos femininos perdidos antes de se vestir no banheiro de Søren e ir até a cozinha. Nora pegou a bolsa e escreveu um cheque para o fundo da escola de Owen Perry. Ela sabia que Søren iria encontrar uma maneira de dar o dinheiro para a família Perry sem eles saberem que foi ela. Sua pequena sombra na igreja, a companhia do doce, inocente Owen durante a missa era sempre bem-vinda. Mas ainda assim... ela tinha uma reputação muito má a defender.

Deixando o cheque sobre a mesa de Søren, Nora gemeu quando ela viu que ele deixou-lhe outra nota. Desta vez, a nota estava em um envelope selado e no exterior estavam as palavras, *Não abra até que seja instruída.*

— Sadista, — Nora rosnou e enfiou o envelope em sua bolsa. Ela tirou suas chaves e verificou as horas no celular. Ela tinha uma nova mensagem de texto.

*Apresse-se, dizia. O meu pau não pode esperar para vê-la. Amor, O Grifo*²⁵.

Nora escreveu de volta, *Só por isso, eu estou tomando a rota cênica.*

Com uma pitada de tristeza em seu coração, Nora deixou a casa de Søren e dirigiu-se para o carro. Ela jogou as coisas dela e ela própria dentro e ligou o motor.

Griffin... Fazia mais de um ano e meio desde que eles tinham dormido juntos. A última vez provavelmente tinha sido em Miami na casa de praia do pai dele. Ela mentiu para Wesley e disse que ela tinha lá uma sessão de autógrafos do livro em uma livraria alternativa quando tudo que ela realmente queria fazer era fugir do seu desaprovador companheiro de casa por alguns dias e ter sexo kinky ininterruptamente. Ela tinha tido o seu desejo. Ela provavelmente continuaria a ver Griffin, mesmo depois de voltar para Søren, mas mesmo a paciência de Søren seria testada pelo jovem e muitas vezes desagradável Griffin Fiske. Para Søren, S & M era como o ar ou água, precisava disso para funcionar. Para Griffin, S & M era um jogo que ele jogava para ficar com alguém tão frequentemente quanto humanamente possível.

Nora lembrou-se da última noite com Griffin na casa de praia. Eles tinham saído para um clube e trouxeram para casa um garoto português insanamente quente chamado Mateo ou Mateus... algo parecido. Bi-curioso e mal com vinte e um anos, ele nunca tinha estado com outro cara antes ou feito kink. Nora tinha tido a primeira volta, Griffin a segunda. Então eles atacaram-no ao mesmo tempo. Na manhã seguinte, o garoto caiu de joelhos implorando-lhes para levá-lo para Nova York com eles.

²⁵ Trocadilho. Griffin em inglês.

De repente Nora encontrou-se sorrindo como uma idiota. Ela e Griffin eram um bom time.

Nora acelerou o motor, colocando um pouco de Beastie Boys, dirigiu para a alameda e bateu o gás.

Foda-se a rota cênica.

* * *

Não importava onde ele adormecia na noite anterior. No sofá da sala de estar, na sua pequena cama de solteiro na casa de sua avó, sua própria cama debaixo do teto da sua mãe, não importava em que cama ele adormecia, ele estava sempre de volta a cama de hospital quando ele acordava.

Michael se lembrou da secura na boca quando ele finalmente acordou, como os lábios se sentiam como papel rasgado. Lembrou-se da tubulação ao redor do nariz e os fios correndo dentro e fora de seus braços. Ele tinha medo de mover as mãos, com medo que se ele tentasse elas não estariam lá para se moverem.

Ele abriu os olhos e piscou dolorosamente. Um homem de preto estava na janela no quarto do hospital olhando para o heliporto. Noite profunda, a única luz no quarto veio do equipamento de suporte de vida que buzina e respirava no escuro.

— Padre S? — Levou tudo o que Michael tinha para resmungar essas palavras.

Seu padre se afastou da janela e caminhou até sua cama. Olhando para baixo para Michael, ele sorriu e Michael viu nada no sorriso além de perdão.

— Sua mãe está aqui, Michael, — disse o padre em voz tranquilamente como a noite que os rodeava. — Ela está com o seu pai e o médico nesse momento. Devo ir procurá-la para você?

Michael balançou a cabeça. Ele não estava pronto para a sua família, no entanto, não tinha certeza de que ele alguma vez estaria pronto para enfrentá-los novamente.

— Eu estou, — ele começou e tossiu um pouco. — Estou indo para o inferno?

Padre S estendeu a mão e rapidamente colocou a mão na testa de Michael.

— Não,— ele disse simplesmente e com tanta convicção que Michael acreditou imediatamente nele. Michael olhou para o rosto do seu padre. Ele tinha admirado Padre S a partir do momento em que a sua família começou a ir ao Sagrado Coração. O que ele não daria para ter a paz e a convicção do Padre S.

— Eu vou viver? — Michael mal ouviu sua própria voz.

— Você vai, sim. Graças a Deus. — Michael ouviu a sombra do medo à espreita por trás do alívio na voz de seu padre. Ele nunca imaginou que ele alguma vez veria Padre S com medo de alguma coisa. Mesmo no escuro ele podia ver uma mancha vermelha no colarinho branco do Padre S. O sangue do próprio Michael, ele percebeu. — Suas mãos vão ter alguma dormência, mas toda a sensação deve retornar eventualmente. Você perdeu uma grande quantidade de sangue e estará fatigado por algumas semanas enquanto você recupera. Eu temo que você vá estar no aconselhamento por algum tempo. Eu perguntei a sua família, se eles e permitiriam aconselhá-lo em vez de enviá-lo

para um psiquiatra secular. Eles estão discutindo isso com o seu médico no momento.

— Eu não acho que você pode me ajudar.

Padre S tinha olhado para ele e exalado lentamente.

— Sua mãe me contou sobre as fotos para as qual seu pai encontrou você olhando alguns meses atrás, e os cortes e queimaduras.

Só a perda de sangue grave manteve Michael de corar.

— Papai acha que eu sou doente. Ele deixou a mamãe porque continuavam discutindo por minha causa. Eu acho que sou doente também. Quero coisas ruins. Eu não sei por quê. — Ele fez uma pausa para tossir novamente. — Eu não sei o que eu sou.

Padre S olhou para ele por um minuto e Michael sentiu-se sendo avaliado na mente do padre. Ele deve ter passado no teste porque o Padre S sentou-se ao lado da cama de Michael e começou a falar palavras que Michael nunca sonhou que iria ouvir do santo Padre Marcus Stearns.

— Michael, como padre, ouço centenas de confissões todas as semanas. Mas agora, se você me permitir, eu vou deixar você ouvir a minha confissão. E esteja avisado, é uma longa confissão e certamente vai chocá-lo.

— Sua confissão? — Michael engoliu a lixa na garganta.

Padre S cruzou os braços sobre o peito e encontrou os olhos de Michael. Michael estudou o perfil de seu padre. Mesmo agora, ele parecia o epítome de piedade e tranquilidade, o seu belo rosto sem rugas e sereno, com os olhos tão fortes e cinza como aço.

— Michael, — Padre S disse, em voz baixa, mas firme, — Eu sei o que você é.

— Você sabe?

— Sim. Você é algo diferente, algo que algumas pessoas acham estranho e temeroso, mas o que você é, é tão natural como ser homem ou mulher ou acordado ou dormindo. As coisas que você deseja, que você almeja, eu entendo-as. Você pertence a um mundo diferente do que esse que você vive agora.

— Que mundo? O que eu sou? — Michael perguntou, querendo sentar-se, mas descobrindo que o corpo não iria colaborar com ele ainda.

Padre S tinha encontrado os seus olhos e Michael viu a sugestão de um sorriso neles, um sorriso secreto e a passagem de sombra de uma menina de olhos verdes, que podia fazer qualquer homem perder a sua religião.

— A minha confissão começa, — Padre S disse — como as confissões de muitos homens, com três palavras.

— Pai, perdoe-me? — Michael arriscou um palpite.

Padre S suspirou.

— Eu conheci Eleanor.

Michael abriu os olhos e viu, como ele sabia que ele faria, que estava em seu próprio pequeno, arrumado quarto na casa de sua mãe. Rolando para fora da cama, ele vestiu as roupas e ligou o computador. Suas mãos tremiam de emoção quando viu que tinha um e-mail de Nora.

Michael—Um carro vai buscá-lo na quinta de manhã às dez horas. Embale o que quiser, mas eu vou certificar-me que você tem tudo o que você precisa. É uma longa viagem então traga algo para ler e comer. Não posso ter você desgastado. Deus sabe que você vai precisar de sua força neste verão. Oh, não se incomode em embalar sua auréola, Anjo. Você não vai precisar.

Esta mensagem, e suas calças, se autodestruirão em cinco minutos.

Cobrindo sua boca quando ele riu, Michael recostou-se na cadeira.

Michael sabia o suficiente sobre dominantes e submissos para saber que a relação entre eles nem sempre era sexual. Ele iria viver feliz como escravo pessoal de Nora, ela fodesse ele ou não. Dominantes se excitavam ao dominar e submissos se excitavam submetendo, e se Nora quisesse que ele limpasse o chão com seu cabelo, ele faria isso com prazer. Finalmente o cabelo comprido seria útil. Mas algo sobre essa sentença, *não se incomode em embalar sua auréola*, fê-lo pensar que Nora tinha a intenção de usá-lo para algo diferente do que serviços de zeladoria. Fantástico.

Você tomou a minha auréola um ano atrás, ele escreveu e apertou Enviar com um sorriso.

Fazendo um rápido cálculo mental ele percebeu que tinha 49 horas até que o carro viesse buscá-lo. 49 horas... Ele faria as malas amanhã, sairia no dia seguinte, e hoje ele seria preguiçoso e leria.

Cavando por trás de sua cabeceira, ele encontrou sua cópia do mais recente romance de Nora. Ele não tinha lido este ainda. Ele estava forçando-se a esperar até que a escola terminasse para que ele pudesse apreciá-lo adequadamente. Apoiando-se em seus travesseiros, Michael começou a virar até a primeira página. No caminho, ele parou na dedicatória e olhou para a habitual mensagem secreta de Nora para o Padre S.

Os olhos de Michael se arregalaram um pouco quando ele viu a página da dedicatória.

Para W.R. muitas águas...

Michael franziu a testa para a dedicatória.

Quem era W.R.?

* * *

Era preciso um monte de dinheiro para impressionar Nora Sutherlin. Ela tinha dinheiro suficiente dela própria para não pensar muito bem sobre isso. E ela tinha tido suficientes clientes ricos, clientes muito ricos e clientes estratosféricos ricos e conhecidos, e tinha visto as suas casas, pelo menos, os seus quartos, para saber que havia mais elegância e beleza na reitoria de Søren do que em todas as suas mansões combinadas.

Mas em seu primeiro vislumbre da casa, fazenda, propriedade... ducado de Griffin, ela não podia segurar o espanto, — Puta merda, Griff...

Nora verificou duas vezes o seu GPS para se certificar de que ela não tinha terminado na Escócia por erro. Colinas suaves se estendiam debaixo de folhas do verde mais suave. A cerca branca corria o comprimento da proa e a parte de trás da propriedade. E a casa, renascentista grego com um toque de castelo medieval, levantava-se orgulhosamente, tensa através de seu campo de visão. Não admira que Griffin procurasse menos o 8th Circle nos dias de hoje. Agora que ele tinha se instalado neste Reino Encantado, ele tinha um parque de diversões privado só para ele.

Ela dirigiu para o enorme portão, ferro forjado e guardado por dois grifos de pedra em ambos os lados. Parecia que Griffin tinha sido chamado pela figura da família.

Nora pressionou o botão de chamada no interfone. Ela tinha esperado ouvir a voz de um servo ou guarda de segurança.

— Ei, menina má, — veio a profunda, sexy voz do próprio Griffin. — Não posso acreditar que o Papa deixou-a sair do Vaticano.

— Chame-lhe uma indulgência. Agora você vai me deixar entrar, Griff?

— Diga, por favor, e me chame de senhor.

— Você se esqueceu com quem você está lidando? — Nora levantou a sobrancelha e dirigiu um olhar severo para a câmara de segurança.

— Nunca, querida. Entre. Vamos começar esta orgia.

O portão de ferro abriu guinchando e Nora conduziu até a casa, ainda mais impressionante de perto do que a distância, e desligou o carro. A porta escancarou-se aberta enquanto ela se aproximava. Entrando no vestíbulo do tipo catedral, ela olhou ao seu redor no interior com ousada admiração; podia ser uma fazenda no nome, mas era um castelo em espírito. E descendo a escada principal em espiral dando dois passos de cada vez e vestindo nada além de um kilt preto e botas Doc Marten estava o próprio lunático Laird da herdade.

Griffin Fiske... Ele foi um dos achados de Kingsley há sete anos. Na altura, Griffin tinha apenas vinte e dois, mas ele estava danificado, perigoso e porra de sexy — a combinação favorita de Kingsley. Aparentemente uma noite Griffin estava festejando no Möbius, o infame clube de strip de Kingsley, e Kingsley observou Griffin bater o inferno fora de um cara que tinha cruzado a linha com uma das strippers. 1,80m, pele bronzeada e com o peito largo e ombros de um boxeador de peso-pesado, não havia muito no mundo mais divertido de que olhar para a Griffin Fiske. Ele tinha elaboradas tatuagens em torno de ambos os bíceps, cabelo escuro espetado demasiadamente perfeito e

o sorriso mais sujo que já tinha visto em alguém além dela. A casa podia ser renascentismo grego, mas o mestre era um guerreiro grego.

— Fiske não é um nome escocês, Griff, — Nora lembrou-lhe quando ele saltou os últimos quatro degraus para aterrar bem em frente a ela.

— Mas a casa é do lado da mamãe. E ela era uma Raeburn. De qualquer forma, eu ouvi que você tinha uma fraqueza. — Ele sorriu para ela antes de puxá-la em um abraço de urso.

— Duas palavras: fácil acesso, — disse ela, dando-lhe um forte tapa no kilt.

— No top, já? Não pode ter isso.

Nora gritou quando Griffin a levantou, pendurou-a no ombro e começou a subir as escadas.

— Senhor? — Veio um baixo, bem modulado sotaque Inglês a partir do fundo da escada. No patamar, Griffin virou antes que Nora pudesse vislumbrar a fonte da voz.

— Alfred, você está olhando por baixo da minha saia? — Griffin exigiu enquanto Nora se contorcia em seu ombro.

— Mestre Griffin, eu me casaria com a minha própria mãe por uma desculpa para apunhalar os meus olhos com os broches dela em vez de ver algo sob seu kilt, — disse a voz do homem com elegante aprumo. — Onde você gostaria de ter as coisas da sua convidada, senhor?

— Isso é uma referência *Oedipus Rex*²⁶, — Nora, a eterna major Inglês, forneceu. A voz claramente veio do mordomo de Griffin, que parecia totalmente imperturbável com a visão de seu empregador passear em nada,

²⁶ Obra do dramaturgo Sófocles.

mas um kilt e botas com uma mulher por cima do ombro. Nora adivinhou que isto não era uma ocorrência incomum.

— Coloque no Quarto Azul. E sem interrupções pelo próximo par de horas, por favor. A minha convidada e eu estaremos fodendo. Duas horas, Nora?

— Pelo menos, — ela concordou.

— É melhor fazer três, Alfred. — Griffin deslocou Nora mais alto em seu ombro e continuou a subir as escadas.

— Este vai ser um longo verão, não é? — Ela perguntou.

— 21cm de comprimento, se você se lembra.

Griffin chutou a porta do quarto principal. Ele atirou-a sem cerimônia na monstruosa cama envolta em montanhas de luxuosos travesseiros listrados a preto-e-branco. O coração de Nora acelerou quando Griffin subiu em cima dela. Ela divertidamente lutou, mas apenas para o prazer de ter Griffin segurando os seus pulsos e empurrá-los sobre sua cabeça. Se ela tivesse que escolher apenas um homem para estar para o resto da sua vida, seria Søren, inquestionavelmente e para toda a eternidade. Mas quando Griffin segurou-a para baixo com uma mão enquanto explorava debaixo da saia dela com a outra, não podia negar que Griffin tinha seus próprios encantos.

— Bota esquerda ou direita? — Ele perguntou, provocando seu clitóris através da calcinha de renda.

— Direita.

Ele cavou ao redor de sua bota direita e tirou um preservativo.

— Griffin, antes que você me foda, eu tenho que te dizer uma coisa.

Griffin fez uma pausa depois de rasgar a embalagem do preservativo com os dentes. Ele se debruçou mais perto e pôs a boca em seu ouvido.

— Diga-me qualquer coisa... — Ele a beijou de sua orelha até ao pescoço.

— É só que, — ela ofegou quando ele começou a deslizar um dedo em sua calcinha, — Eu preciso fazer xixi.

Griffin gemeu e rolou para fora dela. — Ali, — ele disse e apontou para uma porta.

— Obrigada, querido. Essa foi uma viagem terrível, sabe? Você fica cansado da cidade? — Nora se levantou e caminhou até ao banheiro.

— Os pais estão na cidade. Pais que querem netos. Eu estou aqui para não ser forçado a dar-lhes um.

— Compreensível, — Nora gritou. — Minha mãe parou de perguntar sobre netos dez anos atrás. Basta começar a foder um padre e eles vão recuar.

— Seu padre não é o meu tipo.

— Verdade. Mas ele vai bater o inferno fora de você se você pedir com jeitinho, embora. Jesus, Griffin, o banheiro é maior do que o meu porão. Mimado, não?

— Não o suficiente. Você terminou?

— Sim e não.

— Eu não quero saber o que isso significa, não é?

Nora lavou e secou as mãos. Parando na porta do banheiro, Nora olhou para Griffin, que estava sentado na cama, com as pernas suficientemente abertas, ela podia ver que ele usava o seu kilt no verdadeiro estilo escocês. Ela aprovou isso.

— Você sabe, eu provavelmente devia tomar uma ducha antes de transar. Søren me deu um adeus muito intenso ontem à noite, e eu não o limpei ainda.

— Você sabe que eu não me importo de foder depois de outro cara²⁷. E conhecendo o Papa Whatadick²⁸, ele provavelmente abençoa seu esperma antes de explodir.

— Eu prometo a você que ele não faz, — Nora disse enquanto ela caminhava lentamente de volta para a cama. — Por que você e Søren detestam tanto um ao outro?

— Pergunte a ele, — disse Griffin, estendendo a mão para desabotoar sua camisa.

— Eu perguntei. Ele não me diz.

— Vamos apenas dizer que temos uma contínua diferença de opinião. Minha opinião é que ele é um canalha arrogante pretensioso, e ele não concorda com isso.

Nora olhou para Griffin. Ele não conseguia encontrar seus olhos.

— Eu sei que não é verdade. Eu digo que ele é um idiota arrogante pretensioso o tempo todo e ele está em pleno acordo. Eu podia surrar você até saber.

— Sem chances. Você não fica mais no top. Neste verão, você é a minha cadela, switch²⁹.

²⁷ Gíria “Sloppy Seconds”, alguém que não se importa de ter sexo com alguém depois de ter estado com outra pessoa e ainda tiver o sêmen dela.

²⁸ What a dick – pessoa rude, idiota.

²⁹ Pessoa tanto pode ser dominante como na próxima vez ser submissa.

— Você costumava deixar-me ficar no top com você o tempo todo. — Nora lembrou as dezenas de vez que ela tinha amarrado Griffin e usado e abusado de sua pobre boa vontade.

— Só porque era a única maneira de você me deixar te foder. E mesmo assim você nunca me bateu.

— Que pena. Eu acho que uma boa forte surra seria boa para a sua alma. Tudo bem, você pode ficar no top. Mas não me surre, tampouco. Apenas dominância e servidão, infelizmente. Regras de Soren.

— Eu sei. Ele ligou e me leu o ato de motim³⁰ ontem, — disse Griffin, enquanto desabotoou o botão de cima com um movimento hábil de seus dedos.

— Ele é muito protetor de sua propriedade.

— Eu não posso dizer que o culpo. — Griffin recostou-se na cama e olhou para ela de cima a baixo. — Dispa-se para mim, linda.

Aos trinta e quatro anos, Nora aceitaria todas as apreciações eróticas que pudesse tirar de homens mais jovens. Ela deixou cair a camisa no chão e descascou lentamente para fora de sua camisola.

— Jesus, — disse Griffin e pegou-a pelo braço; Delicadamente, ele puxou-a para ele. O sorriso desapareceu, enquanto olhava para seu estômago e peito. — Ele fez dar-lhe um grande adeus, não foi?

— Oops. Desculpa. Deveria tê-lo avisado.

— Vocês dois fizeram jogo-de-sangue? — Griffin perguntou com espanto horrorizado.

Nora deu de ombros.

³⁰ Regras.

— Um pouco. Apenas sete cortes. Falando nisso, nós provavelmente devemos ficar por anal pelos próximos dias. O último corte foi em uma área muito sensível.

Ela esperava Griffin que risse, se não estavam fodendo, eles estavam rindo. Mas Griffin unicamente olhou para ela por um momento, enquanto ele estudava sua pele. Ele gentilmente correu um dedo em torno de seus ferimentos, o corte em sua clavícula, em sua caixa torácica, sob o peito.

— Não temos de jogar, se você não quiser, — disse ele.

— Griff, eu tive cortes de papel piores do que isto. E também sobre a minha virilha. Isso é o que acontece quando você adormece, enquanto trabalhava nua em suas edições. Eu quero isso. A sério.

— OK. Vamos foder se você me fizer, — disse ele, sorrindo para ela novamente. — Vamos apenas fazer baunilha até você estar curada.

Veementemente Nora sacudiu a cabeça.

— Sem chance. Nada de baunilha. A única vez que eu tentei sexo baunilha eu quase desmaiei.

— Nora Sutherlin tentou sexo baunilha? Isso eu tenho de ouvir.

Griffin esticou-se e divertidamente deu um tapinha na cama ao lado dele. Rolando os olhos Nora arrastou-se para os lençóis.

— Não é grande coisa. Tentei fazê-lo. Não gostei. Parei.

— Por que você parou? Sexo baunilha é chato, mas não é difícil. Você é a garota. Você apenas deita lá e finge que gosta.

Fingir que gosta... esse era o problema. Ela não tinha que fingir... Nora fechou os olhos dela. Por um segundo, ela não estava mais na cama de Griffin... ela estava em sua cama em sua casa com Wesley em cima dela. Eles

estavam se beijando, seus peitos nus pressionados um no outro. As mãos de Wesley acariciaram seus cabelos e seus braços. Ela beijou seu pescoço e ombros musculosos. Ele era tão jovem, apenas dezenove anos na época, e ainda virgem. E lá estava ele, tão valente como ele era bonito, pronto e disposto a dar-lhe a sua virgindade. E ela queria, queria ele... e não por seu corpo e não por prazer e não por sexo. Por outra coisa muito mais profunda e mais assustadora que, em vez de deixá-lo fazer amor com ela, ela deixou-o ir.

— É difícil de explicar, — disse ela, abrindo os olhos. — Baunilha simplesmente não funciona para mim.

— Não é tão difícil de explicar. Baunilha não presta, — disse Griffin. — E daí? Celibato?

— Nem sequer faça piada sobre isso. Apenas me amarre, foda-me a bunda, me chame de vagabunda e só lembre dos cortes.

Griffin sorriu para ela.

— Sim, senhora.

— Ha, — disse ela. — Eu ainda estou no top.

Griffin levantou a sobrancelha para ela e ela sabia que estava num bom tipo de apuros.

Em um segundo ela se encontrou deitada de bruços com Griffin tirando fora suas roupas. Por trás do canto de sua cama, Griffin puxou uma tira de couro. Ele agarrou dois conjuntos de algemas bondage da mesa de cabeceira. Com a experiência praticada, Griffin afivelou as algemas em seus pulsos e tornozelos, prendeu as mãos aos pés da cama e amarrou as pernas totalmente abertas a uma barra distanciadora.

Nora gemeu de prazer quando Griffin preparou seu corpo para ele, ela iria ter que perguntar-lhe que tipo de lubrificante ele estava usando, porque sentia incrível e, em seguida, empurrou cuidadosamente dentro dela. Ela sentiu o toque de lã quando o kilt dele esfregou contra a sua pele nua. Nora decidiu lá e então, ter suas próximas férias na Escócia.

Esta é quem ela era, ela se lembrou. Ela era uma switch. Todo o verão Griffin estaria no top com ela. Durante todo o verão, ela estaria no top com Michael. Ela teria o melhor de ambos os mundos e nada de sexo baunilha de forma alguma. Nada de olhar para os grandes olhos castanhos com manchas de ouro neles e dizendo, "Wesley" em vez de "senhor". Nada de abraçar enquanto eles faziam amor com apenas suor molhado entre eles e não sangue. Sexo era sexo. A dor era dor. E Wesley e essa parte dela estavam no passado.

Griffin continuou a mover-se dentro dela. Nora enterrou a cabeça contra o braço e sussurrou o nome de Wesley nos lençóis.

Michael sentou-se na varanda do fora de sua casa à espera pela carona que Nora havia prometido. Ele ainda não conseguia acreditar que, em poucos minutos, ele seria levado para uma fazenda no norte de Nova York para sair, todo o verão, com Nora Sutherlin e seu amigo kinky Griffin. A parte de Griffin na equação preocupava-o. Nora o conhecia há mais de um ano, mesmo a conhecia no sentido bíblico. Eles não falaram muito desde a noite que passaram juntos, mas ele ainda se sentia confortável em torno dela. Bem, tão confortável como ele se sentia em torno de alguém. Esse cara, Griffin podia odiá-lo. Afinal, Nora era suposto treiná-lo neste verão. Griffin podia não gostar de partilha-la com alguém, especialmente um adolescente sem dinheiro, do nada. Michael ainda não conseguia acreditar que Padre S partilharia Nora com qualquer cara. Mas, novamente, Padre S era um homem incomum. Ele tinha um conceito de propriedade muito literal onde Nora estava em causa. Uma vez que ele era seu dono, ele podia emprestá-la e ela ainda seria dele. Michael se perguntou como Nora se sentia sobre ser tratada como um livro da biblioteca. Michael meio que gostava da ideia ele mesmo. O pensamento de ser possuído por alguém por quem ele estava apaixonado deixou-o tão excitado, ele mal podia respirar. Sentia-se renegado ultimamente. Sua mãe realmente não o queria mais. E Deus, seu pai... seu pai?

— Michael? O que você está fazendo?

Michael congelou. Lentamente, ele virou a cabeça para o lado e viu seu pai em seu habitual terno azul espiando em direção a ele. Tão absorto em pensamentos sobre Nora, Michael nem tinha notado que seu pai tinha estacionado no outro lado da rua.

— Nada, — Michael disse, cruzando os braços sobre o peito. — Esperando uma carona.

Seu pai parou e olhou para ele. Mesmo que Michael não estivesse sentado e o seu pai bastante alto, entroncado, ainda estaria olhando para ele de cima.

— Uma carona para onde? — Seu pai perguntou.

Michael decidiu tentar um pouco de deflexão novamente.

— É quinta-feira de manhã.

— Eu tirei a manhã. Sua mãe disse que você vai ficar fora todo o verão. Eu pensei que deveria ver o que estava acontecendo com o meu filho.

— Eu sou seu filho de novo?

— Michael, eu pensei que tínhamos deixado isso para trás, — disse seu pai, em sua mais insinuante voz. Michael gostava mais dos gritos do que da bajulação. Pelo menos a raiva parecia genuína. A voz amistosa de seu pai significava apenas que ele queria alguma coisa. Respostas, obviamente. E Michael não estava disposto a dar-lhe alguma.

Sim, eu ultrapassei toda a coisa de você se lamuriar em mim e mamãe. Somos os melhores amigos de novo, pai, Michael pensou, mas não disse em voz alta. Seu pai podia virar qualquer coisa contra ele, assim Michael usava o silêncio como um escudo. Os olhos do pai viraram frios e ameaçadores.

— Jovem, me diga o que você está fazendo neste verão, ou eu vou ter certeza que seja o que for não acontecerá.

— Eu vou ficar com alguns amigos neste verão. Isso é tudo.

O pai de Michael olhou para ele sem falar. Mau sinal. O pai dele falava. Falava constantemente. Ele falava sobre equipes esportivas, sobre os idiotas no trabalho, sobre o presidente, o mercado de trabalho, os problemas do mundo que desapareceriam se todos fossem mais como ele.

— Não sabia que você tinha algum amigo, Michael, — disse seu pai com suspeita fria.

Michael apertou a mandíbula e não respondeu.

— Que amigos são estes? — Seu pai perguntou em um tom neutro que Michael não confiava em por um segundo.

Puxando os joelhos ainda mais apertados contra o peito, Michael concentrou-se no frio concreto debaixo dele. Ele sempre jogou este jogo quando seu pai estava com raiva. Michael iria desaparecer, puxar para si mesmo, deixar seu corpo se tornar um duro escudo exterior que protegida aqueça parte dele que só Nora e Padre S compreendiam.

— Responda-me, Michael.

Em momentos como este Michael desejava que ele pudesse falar como Nora fazia, desejou que ele pudesse dizer tudo o que ele pensava. O que ele queria dizer naquele momento era, *Seu imbecil*.

— Você as-, — Michael começou, mas parou quando um carro prata, talvez um Rolls Royce, virou a esquina de sua rua.

— Que diabos? — Perguntou seu pai, seus furiosos olhos escuros estreitando para o carro.

Michael levantou-se, pegou sua mochila e caminhou em direção ao carro.

— Michael, volte aqui, — seu pai gritou atrás dele. Quem estava dirigindo o Rolls Royce abrandou em frente da casa de Michael e a porta se abriu para ele. Michael atirou-se e a mochila no banco de trás e o carro começou novamente. Olhando para fora da janela, Michael viu seu pai olhando para ele com fúria solta. Haveria inferno para pagar quando ele voltasse no final do verão. Mas pelo menos agora ele estava livre.

De repente, Michael percebeu que ele não estava sozinho na parte de trás do carro de luxo. Primeiro ele viu botas de montaria, botas de montaria pretas e calças cinzentas escuras. As calças pertenciam a um terno um pouco antiquado mas de aspecto vistoso vestido por um homem de boa aparência de cabelo escuro que o estudou com um pequeno sorriso em seus lábios esculpidos. Michael não tinha ideia quem era o homem, mas ele não tinha nenhuma dúvida em sua mente que ele se sentou na presença de um amigo dominante da Nora, e, provavelmente, um dos mais importantes.

Michael arriscou um tímido, — Olá, senhor.

— Bonjour, Michael, — disse o homem com um sotaque francês, pronunciando seu nome como *Michelle*. Francês? Portanto, este era Kingsley, o mal necessário do Padre S. O homem olhou Michael de cima e para baixo mais uma vez antes de se reclinar para trás e jogando as botas de montaria no assento à sua frente e cruzando-as na altura dos tornozelos. — *Mon Dieu, chérie* tem realmente bom gosto em seus animais de estimação, não tem?

— Animais de estimação? — Repetiu Michael, com algum pesar.

O homem se inclinou e Michael nervosamente estudou seu formoso rosto. Olhos escuros fusco, forte nariz Europeu, a inclinação sensual da boca dele.

— Diga-me, Michael, você já fez sexo na parte de trás de um Rolls Royce?

* * *

Nora arqueou as costas e empinou seus quadris para cima. Finalmente, ela encontrou o ângulo de penetração certo. Admitindo, tinha sido ideia dela para que ela e Griffin fodessem em cima do Aston Martin dela, mas uma vez que ele se encapsulou dentro dela, ela percebeu que capôs de carros e sexo nem sempre se misturam. Não que Griffin se parecia importar. Enquanto ela estava deitada de bruços sobre o capô do carro, com as mãos amarradas atrás do pescoço, Griffin empurrou alegremente dentro dela. Assim que ela ergueu os quadris, ele enfiou a mão debaixo dela e encontrou seu clitóris. Agora igualmente alegre, Nora virou a cabeça para o lado e sorriu.

— Quando você comprou uma Ducati? — Perguntou Nora, notando pela primeira vez a motocicleta parada no canto da garagem de Griffin abastecida com Ferraris, Porsches e um incondicional Shelby Mustang.

— Eu estou fodendo você e você está me perguntando sobre a minha moto? — Griffin arfou entre os dentes.

— Desculpe, senhor, — disse ela, sem qualquer arrependimento real. — A Ducati é a razão de Søren e eu estarmos juntos.

— Droga, odeio que ele tenha uma também.

— Eu não...

Nora fechou os olhos quando uma memória flutuou para fora das névoas do passado.

— Eleanor Louise Schreiber! Saia da cama neste instante, — sua mãe gritou para ela.

Nora se lembrou de ter jogado as cobertas sobre a cabeça em sua determinação de que este seria o dia em que ela quebraria o espírito de sua mãe. Este seria o dia em que ela derrotaria a tirania da religião organizada. Ela faltaria hoje à missa e nunca, jamais, iria voltar.

— Eu sou uma budista, — ela gritou de volta por baixo dos lençóis.

— Eleanor, saia da cama neste instante e prepare-se para a missa.

Nora lembrava de ter ouvido verdadeira raiva na voz de sua mãe. Bom. Raiva era errática. Ela ou iria matá-la ou ia embora furiosa. De qualquer maneira, isso significava nada de igreja hoje. E se Eleanor pudesse lutar sua ida a missa, ela estaria livre... desacorrentada, sem restrições, desprendida da Igreja Católica para sempre.

— Eu sou uma ateia. — Ela virou sobre seu estômago. — Eu vou incinerar no segundo que eu entrar na igreja. É para o melhor de todos que eu fique longe desse lugar.

Sua mãe tinha resmungado baixinho. Então era dela que Nora tinha tirado esse hábito?

— Eleanor, — disse sua mãe, suspirando. Droga. Suspirar não era bom. Suspirar significava que a mãe dela iria tentar qualquer motivo com ela ou suborná-la.

— O quê?

— Padre Greg está se aposentando em breve. Hoje é o dia em que o novo padre começa no Sagrado Coração. Se o novo padre contrata alguém novo para fazer os livros da igreja, você não terá mais a bolsa para St. Xavier.

— Não importa. Envie-me para a escola pública. Não mais uniformes.

Nora lembrou-se da respiração forte que sua mãe tomou. Que sua mãe ainda não tivesse batido a merda fora dela ainda era um dos grandes mistérios da vida.

— Eleanor, — sua mãe começou, sua voz cheia de sacarina. — Mary Rose disse-me que o novo padre é suposto ser muito bonito.

Revirando os olhos, Nora tinha virado de costas e olhou para a mãe.

— Mãe, ele é um padre. Isso é nojento.

Mas sua mãe continuou.

— E ele monta uma moto.

Isso chamou a atenção dela.

— Que tipo? Nenhum pouco confiável pedaço de merda do Japão, não é?

— O pai não lhe tinha ensinado muito, mas tinha ensinado sobre carros e motocicletas.

Balançando a cabeça, sua mãe deu tapinhas no queixo.

— Eu não me lembro como se chama. Algo que soa italiano. Du-alguma coisa.

— Ducati?

— Era isso.

Nora se lembrou de seu coração acelerar um pouco naquele momento. Um bonito padre católico que montava a mais fina, mais rápida, mais

perversa motocicleta que o dinheiro podia comprar? Ela teria que ver para crer.

— Tudo bem, — ela disse, jogando as cobertas. — Eu vou.

Nora gozou duro e relaxada contra o capô de seu Aston Martin enquanto Griffin deu mais algumas estocadas em espiral dentro dela antes de puxar para fora dela e desatar as mãos.

— Boa ideia, — disse ele, arrastando-a de volta para ele. Com as mãos agora livres, Nora puxou a saia para baixo e recostou-se contra Griffin. — Nunca fodi em um Aston Martin antes. Algo para o livro de memórias, — disse ele.

— Nem eu. Cheguei perto com Zach embora. Ele tinha um grande tesão por este carro.

— Zach? — Perguntou Griffin, tirando o preservativo e fechando as calças.

— Olhos Azuis, lembra? Meu editor judaico insanamente quente que me deixou por sua esposa?

— Certo. Aquele cara. Eu acho que ele tinha tesão por você. O carro era apenas um bônus.

— É um carro muito bom, — disse Nora, passando as mãos sobre o capô. O Aston Martin tinha sido, há três anos, um presente de um amante, um membro de uma dinastia do Médio Oriente que vinha aos Estados Unidos a cada poucos meses para saciar sua própria obsessão secreta com dominantes do sexo feminino. Homem bonito. Ele adorava pintar poesia árabe no corpo nu dela depois do sexo. Depois da primeira semana juntos, ela tinha

encontrado o Aston Martin em sua garagem como um agradecimento. — É o meu bebê.

— Por que você me fez dirigi-lo até aqui e colocá-la aqui, então? — Griffin perguntou, fazendo um circuito ao redor do carro.

Nora beijou os dedos e tocou no capô em uma pequena bênção. Percebendo as manchas na pintura, ela pegou a flanela. Com cuidado e graxa, ela limpou as manchas de Nora/Griffin do acabamento vermelho-inferno.

— Eu ia dá-lo a Wes, meu antigo companheiro de quarto.

— Você tinha um companheiro de quarto?

— Estagiário interno. Nunca lhe disse. Lindo garoto. Você teria tentado transar com ele.

— Isso provavelmente é verdade. O que aconteceu com esse lindo estagiário?

Nora suspirou profundamente.

— Ele se apaixonou por mim. Situação ruim. Tive que deixá-lo ir. — Ela tentou soar fria, mas ela podia dizer Griffin não estava comprando.

— Parece que ele não era o único apaixonado. — Griffin olhou significativamente.

— Griff, você é bonito demais para ser também inteligente.

Nora mereceu o olhar furioso que ele mandou a ela.

— Você ainda fala com ele?

— Ele liga, mas eu não respondo. Tudo o que sei é que ele saiu de Yorke voltando para Kentucky.

— Você vasculhou por ele na Google? Veja o que ele está fazendo no Facebook ou Twitter?

Nora sacudiu a cabeça.

— Eu estou tentada, mas eu não sei. E se ele ainda estiver triste e solitário? Isso iria quebrar o meu coração.

Griffin rodeou o carro e ficou na frente dela. Ele segurou seu queixo e forçou-a a encontrar seus olhos.

— E se ele estiver feliz? Até mesmo namorando alguém?

Nora exalou pesadamente.

— Isso iria quebrar o meu coração.

— Nora, — Griffin suspirou. — Você realmente precisa de—

— Mestre Griffin? Senhora? — Veio uma voz com sotaque Inglês da porta para a garagem.

— Deus, isso me excita quando ele me chama de Mestre Griffin, — Griffin gemeu quando Nora riu e ajeitou a roupa. Ele tinha realmente colocado calças hoje. Khakis com uma T-shirt branca que se esticava através de seus poderosos bíceps tatuados. Calças e uma camisa, mas sem sapatos ou meias. Ainda assim, eles estavam fazendo um progresso.

— Seu outro convidado chegou, — disse o pomposo mordomo de cabelos brancos de Griffin.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Nora.

— Kinkster Júnior está aqui. Vamos.

Nora agarrou a mão de Griffin e correu passando seu mordomo.

— Então me diga sobre esse garoto, — disse Griffin. — Você disse que ele é um submisso de dezessete anos de idade de sua igreja. Qualquer outra coisa que eu preciso saber sobre ele?

— Como o quê? Alergias a comida?

— Vamos apenas dizer que eu mal me lembro de ter dezessete anos. Acho que passei metade do ano bêbado e a outra metade chapado.

— Você não tem que se preocupar com Michael. Ele é muito correto. Søren disse que ele nem sequer bebe. Mas há três coisas que você provavelmente deve saber sobre ele.

— Eu estou pronto, — disse Griffin, abrindo a porta da frente, assim que o Rolls Royce prata de Kingsley parou em frente da casa. — Bata em mim.

Nora deu um tapa no braço.

— Primeiro, Michael não fala.

— Ele é um mudo? — Perguntou Griffin, soando um pouco horrorizado. Griffin somente calava a boca quando você colocava algo na boca dele, de preferência uma parte do corpo.

— Não, só muito calmo. Do tipo nervoso. Quietos.

— Submisso?

— Isso, — disse Nora quando a porta do Rolls abriu e Michael saiu. Ele empurrou os óculos de sol em sua cabeça e sorriu para ela. Erguendo a mão, ele acenou nervosamente para ela.

— Puta merda, — Griffin respirou, seus olhos escuros alargando com a visão de Michael.

— Sim, — Nora disse, sorrindo de volta para Michael. — Número dois, Michael é absolutamente, completamente, ridiculamente bonito.

— Nora... — Griffin disse em uma voz angustiada. — Acho que estou apaixonado.

— Você está no cio, Griff. Grande diferença. Ah, e número três... Søren diz que você não pode transar com ele.

Salteando os degraus, Nora deixou para trás um Griffin sem palavras. Ela agarrou Michael e puxou-o em seus braços.

— Ei, Anjo, — disse ela, beijando-o nos lábios. — Como foi à viagem?

— Estranha, — Michael sussurrou. — Havia um cara no banco de trás. Com botas de montaria. Deixamos ele no Padre S.

— Oh, esse era apenas Kingsley. Ele gosta de inspecionar os novos recrutas. Ele bateu em você? Perguntou se você já fez sexo na parte de trás de um Rolls Royce?

— Hum, sim, — Michael confessou, corando. — Mas eu não...

— Bom, — disse Nora. — Você passou a inspeção. Vá dizer Olá a Griffin enquanto eu dou uns amassos com a condutora.

Nora girou o corpo de Michael, com o objetivo de ele ir em direção aos degraus e lhe deu um tapa em sua bunda com calça jeans. Robin, uma das submissas favoritas dela e Søren do 8th Circle, saiu do banco do motorista em um completo chique traje cinza de motorista com chapéu e luvas de couro.

— Eu amo uma mulher em uniforme, — disse Nora, dando a Robin um beijo longo e profundo. A partir do topo da escada, Nora ouviu aplausos. Ela afastou-se da bonita submissa e viu Griffin batendo palmas e Michael ofegando. Michael olhou para Griffin, que olhou para Michael. Michael olhou para ela. Griffin ficou olhando para Michael.

Nora gemeu.

— Robin, me leve de volta para a cidade com você.

— Sinto muito, senhora. King disse que eu não estava permitida. Ah, e Sr. S tem uma mensagem para você.

— Qual, me diga, é a mensagem do Sr. S? — Nora perguntou, já temendo qual mensagem Søren decidiu passar para ela através de um subordinado.

— Ele queria que eu perguntasse se você ainda tem aquela nota que ele deixou para você? Aquela que dizia: “Não abra até que seja instruída”?

— Sim. Eu ainda tenho. O que tem ela?

— Ele disse que você ainda não pode abri-la.

Nora concordou.

— Bem. Ótimo. Maravilhoso. Você pode dizer ao Sr. S que ele possa pegar a nota e empurrá-la pela...

— Nora? — Griffin a chamou. — Beije Robin novamente. Eu quero tirar uma foto.

Nora esfregou a testa. Um longo verão pela frente. Demasiado longo.

Nora apertou a mão de Robin em adeus, um movimento que levou vaia da galeria de amendoins³¹ no topo da escada. Robin entrou no Rolls e partiu, deixando Nora sozinha com um adolescente tímido e um Griffin com tesão.

Olhando para o céu azul acima dela, Nora enviou uma oração rápida para Santa Maria Madalena, padroeira das ex-prostitutas, e São Judas Tadeu, santo padroeiro das causas perdidas. A oração consistia de uma palavra.

— Socorro.

* * *

³¹ Peanut Gallery. Grupo de pessoas que fazem comentários idiotas.

Suzanne respirou fundo e sussurrou uma palavra para ela mesma. Afeganistão.

Um mantra estranho, mas que funcionava para ela. Ela tinha estado no Afeganistão nos últimos três meses, e nesse desolado, quebrado país, que ela tinha comido medo e dormido com coragem. Tenente Hatton, o texano bonito, que sempre a chamava de Red³² tirou o braço direito. Sargento Zimmerman, o judeu de Nova York que não conseguia parar de flertar com ela, uma bala no esterno. E o Guarda de Primeira Classe Goran, o tímido de Norte Dakota com uma filha de um ano de idade em casa, uma bala no cérebro. Sua própria.

Ela tinha visto tudo. Testemunhou horrores que ela mal conseguia lembrar porque sua mente tinha feito um trabalho tão bom em enterrar a visão tão profundamente, que nem mesmo ela podia encontrar. Ninguém realmente entendia por que ela fez o que fez, nem mesmo ela realmente. Na faculdade, quando ela decidiu se formar em jornalismo, seu conselheiro disse que ela tinha a aparência para uma garota de meteorologia. Sua inteligência impressionante poderia levá-la longe, ele tinha dito. Mas uma face e corpo como o dela como escolhas poderia levá-la a qualquer lugar que ela quisesse. E ele tinha agarrado a bunda dela e lhe disse exatamente onde ele queria que ela levasse. Em vez disso ela levou ao reitor e obteve o premiado professor, demitido. Enquanto ele limpava o escritório, ela bateu em sua porta, sorriu para ele e disse, “Nublado com chances de demitido”, antes de sair. Garota de meteorologia sua bunda. Um homem que não conseguia manter suas mãos para si mesmo tinha sido a morte de seu irmão Adam. Seu conselheiro

³² Vermelho.

tinha sido o primeiro poderoso homem abusivo que ela tinha eliminado. Padre Stearns podia ser o próximo.

— Afeganistão, — ela repetiu. Ela tinha estado em zonas de guerra. Ela podia fazer isso. Suzanne se mudou para um vestido preto razoavelmente anódino³³ e puxou seu longo cabelo vermelho em um coque. Mais cedo naquele dia, quando ela bateu em mais uma parede de tijolos tentando desenterrar algo sobre Padre Stearns, ela decidiu que ela não tinha escolha, mas encontrar o homem. Verificando o site do Sagrado Coração, ela descobriu que o Padre Stearns presidiria a missa vespertina na quinta-feira. Propositadamente, ela não tinha contado a Patrick sobre sua viagem a Wakefield. Ele se preocupava com ela, preocupado que ela iria se machucar. — Afeganistão, — ela disse a ele cada vez que ele começava a chateá-la. Ele perseguia políticos traidores ao redor da Upper East Side³⁴. Ela cobria zonas de guerra. Isso normalmente calava-o.

Antes de sair, Suzanne calçou um par de sapatilhas pretas lisas. Com 1,75m de pé, Suzanne era tão alta como a maioria dos homens que ela conhecia. Os padres de sua infância eram todos homens pequenos, velhos e fracos. Ela queria que este padre se sentisse confortável em torno dela, confortável o suficiente para falar. Intimidando-o com sua altura não ajudaria a situação.

Sendo uma garota da cidade até ao núcleo, Suzanne não possuía um carro. Felizmente Patrick tinha e ele confiava nela o suficiente para emprestá-lo. Ou isso, ou ele realmente a queria de volta e usaria todos os meios para

³³ Adjetivo fig. pouco eficaz; sem importância ou interesse; banal, insignificante, medíocre

³⁴ Zona rica de Nova York.

entrar em suas boas graças. Usando o Google Maps encontrou a Igreja Católica do Sagrado Coração há escassos cinco minutos antes da Missa de quinta-feira começar. Ela correu do carro para o santuário, sentando-se quase no final da igreja onde ela poderia espreitar despercebidamente. Uma vez dentro e sentada, Suzanne teve a oportunidade de olhar em volta e se orientar. Cavando em sua bolsa, tirou seu pequeno bloco de estenografia e abriu.

Santuário bonito, ela escreveu. Vitrais retratando os milagres de Cristo, arquitetura tradicional românica de Richardsonian, talvez? Coro acima de mim, acomoda cerca de 300 pessoas. Igreja verdadeiramente linda. Eu porra que odeio aqui.

Ela não se tinha sentado em uma Igreja Católica durante anos, não desde que Adam morreu. Mesmo antes disso ela tinha desistido da igreja, da sua fé de infância, das orações. Qualquer Deus que deixasse o tipo de mal que ela tinha testemunhado acontecer em Sua vigilância, não era um Deus que ela queria. E uma vez que não parecia haver outros deuses lá fora, fazendo melhor, ela tinha acabado de desistir completamente do conceito. Ela não sentia falta Dele ou Disso.

Suzanne endureceu com nervosismo quando um hino que ela não tinha ouvido em um milhão de anos começou e encheu o santuário. Para uma missa às 17:30 da tarde, um número impressionante de pessoas estavam presentes, quase cem pela sua estimativa. Bem, se o Padre Stearns era parte da curta lista para ser um bispo tão relativamente jovem, ele devia ter algo nele. Talvez ele fosse um desses teólogos liberais que fizeram um monte de trabalho social. Ou talvez a igreja tivesse um grupo de jovens bastante ativos ou música coral. Ou talvez...

O corpo de Suzanne levantou de seu banco enquanto seu coração despencava pelo chão. Choque veio primeiro e deu lugar à descrença. A descrença durou apenas um momento antes da suspeita se elevar em sua cabeça.

Nunca antes na sua vida tinha Suzanne visto um homem mais notavelmente, visceralmente bonito. Loiro, incrivelmente loiro, e assim tão alto que ela poderia ter usado os sapatos de salto de 12cm em seus pés sem medo de sequer olhá-lo olho no olho.

As roupas, o colarinho branco... tinha que ser ele. Mas como podia um padre católico ser tão... Ela não podia nem encontrar a palavra certa. Atraente? Belo? Desejável?

Ainda olhando, Suzanne quase se esqueceu de se sentar com o resto da congregação. Ela tinha escolhido seu assento com cuidado na esperança de passar despercebida no santuário meio cheio. Mas quando Padre Stearns foi até ao altar, ele passou o olhar por todo o povo e deixou-os descansar sobre ela por um longo, deliberado momento.

Quando o olhar dele tocou-a, Suzanne sentiu algo mexendo nos recessos de seu estômago, algo que formou um nó apertado e afundou profundo e duro. As mãos dela ficaram dormentes. Sua pele corada. Até mesmo os dedos dos pés formigavam em suas sapatilhas pretas lisas. Pela primeira vez em mais de uma década, pela primeira vez desde que Adam morreu, ela se sentiu obrigada a liberar uma pequena oração desesperada sob sua respiração.

— Meu Deus.

Se Michael não adorasse o chão que Nora pisava, ele provavelmente a mataria. A partir do que ele podia dizer, a casa-fazenda de cavalos-mansão de Griffin, como Nora chamava, tinha cerca de um bilhão de quartos. E de todo esse um bilhão de quartos, ela estava forçando Michael a dormir aqui. Ela tinha deixado Griffin no grande hall de entrada, enquanto ela o acompanhou até seu quarto. Seu quarto no...

— O berçário? — Michael perguntou com horror.

— Não é uma gracinha? Griffin disse que passou metade de sua infância aqui. Este é o antigo quarto dele. Não há mais nenhum berço. Foi redecorado.

— É o berçário, — Michael reiterou, sentindo-se com cinco anos de idade. Nora meramente bateu os cílios para ele e beijou sua bochecha.

— Se instale. Eu estarei de volta mais tarde, para que possamos começar a treinar.

Com isso, ela rodopiou para fora do quarto, um feito impressionante, considerando que a apertada saia e blusa decotada não nem sequer remotamente rodopiaram, e deixou-o sozinho.

Michael ficou no meio do berçário e decidiu que não era tão mau como o nome sugeria. Na verdade, o quarto, suite, na verdade, era bastante impressionante. Em um recanto do quarto, estava uma cama full-size de

aparência suntuosa. Uma janela grande saliente³⁵ com vista para uma enorme piscina. A piscina... perfeita, pensou Michael, drenando-a mentalmente. Profunda com os lados perfeitamente redondos. Ele sonhava em andar de skate em piscinas como essa.

— Ela está fodendo com a sua cabeça.

Michael se virou na direção da voz e viu o amigo de Nora, Griffin, de pé na porta. Nunca antes tinha visto Michael alguém como Griffin. Realmente alto e bonito e, obviamente, todo musculoso, Griffin tinha o cabelo que era um pouco longo mas ainda espetado de uma forma que ele só tinha visto em modelos masculinos com seus próprios cabeleireiros. Ele tinha uma ligeira curva no nariz como se tivesse sido quebrado uma vez e não foi concertado corretamente.

Em vez de estragar sua aparência, fazia-o parecer mais interessante, como se ele realmente tivesse vivido. Ele parecia jovem embora. Muito jovem para ter uma casa tão grande e velha. Michael supôs que ele estava em seus tardios vinte e tantos anos, se tanto.

— Nora está, — Griffin continuou quando Michael não respondeu. — Com a coisa do berçário.

Michael assentiu e enfiou as mãos nos bolsos.

— Então ela não estava brincando sobre você não falar, — disse Griffin, entrando no quarto com a grande mochila de mão verde-exército de Michael



35

tipo assim

sobre seu ombro. Michael quase dobrava sob o peso dela, mas Griffin carregava-a como uma simples mochila.

— Desculpe, — disse Michael. Anteriormente, ele tinha sido capaz de guinchar um Olá para Griffin antes de ambos se distraírem com a visão de Nora beijando a motorista.

— Melhor. — Griffin acenou com aprovação. — Uma palavra é melhor do que nenhuma palavra.

Michael tentou pensar em algo para dizer, algo que um rico, bonito cara como Griffin gostaria de ouvir. Ficou em branco.

— Onde você quer as suas coisas? — Perguntou Griffin.

— Em qualquer lugar, — disse Michael. Griffin deu-lhe um olhar severo.

— Você me dá mais de uma palavra³⁶ ou eu vou ficar com as suas coisas, — Griffin advertiu.

— Na cama? — Michael ofereceu.

Griffin levantou uma mão e assinalou algo em seu dedo.

— Isso é cinco palavras no total. Fabuloso.

Michael riu e corou um pouco. Ele ergueu sua própria mão e enumerou dois dedos.

— Obrigado³⁷.

— Por nada, — disse Griffin.

Fazendo uma pausa, Michael contou novamente em seus dedos. Ele ergueu as duas mãos.

— Dez palavras? — Griffin adivinhou e Michael assentiu.

³⁶ Em qualquer lugar é Anywhere em inglês (sendo somente uma palavra).

³⁷ Thank You em inglês (duas palavras)

— Obrigado por me deixar ficar aqui. Sua casa é impressionante.

— De nada. A senhora e seus amigos, Søren excluído, são sempre bem-vindos aqui.

Michael sorriu.

— Você gosta do quarto? — Perguntou Griffin.

— É muito bom. Para um berçário.

— É um berçário inglês, não um berçário americano. Conjunto de quartos em uma grande maldita casa para esconder as crianças. Sem Winnie-the-Pooh em qualquer lugar, eu prometo. Na verdade, — Griffin disse, olhando ao redor do antigo quarto dele, — Eu acho que era a arca de Noé quando eu era um bebê. Eu tive isso, você sabe?

— Teve o quê? — Michael perguntou, incapaz de parar de seguir Griffin com os olhos. Griffin era o dobro do seu tamanho. Normalmente grandes caras musculosos o intimidavam. O pai dele certamente usava seu tamanho grande para fazer com que todos ao seu redor se sentissem assustados e pequenos. Para um dominante de kink, Griffin, na verdade, parecia muito seguro e amigável.

— Decoração da Arca de Noé no berçário. Eu não sou religioso como você e a senhora, mas se eu não estou enganado a arca de Noé era sobre a destruição de todo o mundo, certo?

— Certo, — Michael concordou.

— Poderia muito bem decorar com os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Dando de ombros, Michael olhou para as paredes pintadas agora em um elegante azul claro.

— As crianças gostam de pôneis.

Griffin virou-se e olhou para ele antes de estourar em risadas.

— Ela não me disse que era engraçado, — disse Griffin, sorrindo para ele. Michael piscou. Griffin tinha o tipo de sorriso que brilhava tão brilhante e branco que deixava seus olhos em água.

— Eu não sabia que eu era.

— Você é, — disse Griffin, ainda olhando para ele. Michael corou um pouco sob o escrutínio. Nora também fazia a coisa de intenso olhar; também o Padre S. fazia. Deve ser uma coisa de dominante. A única razão que Michael conseguia encontrar para um cara como Griffin estar olhando intensamente para ele. — De qualquer forma, — Griffin continuou quando ele pareceu se lembrar de algo. — A senhora me enviou para fazer sua lista. Ela pensou que estaria mais confortável em fazê-lo com outro cara. Sua lista de verificação, quero dizer.

— Lista de verificação?

— Um monte de doms fazem listas com os seus parceiros antes de fazer kink. Dessa forma, o dom sabe de antemão o que você quer e o que você não quer. Ajuda a prevenir o sub de surtar no meio de uma cena. Você sabe, não querer acidentalmente fazer jogo-de-jaula com um ex-prisioneiro de guerra.

— Opa, — Michael concordou.

— Exatamente. Portanto, fique confortável. Esta coisa é tipo 10 páginas porra de longo, — Griffin disse, atirando-se para o assento da janela e cruzando as pernas. Nas suas calças cáqui e camisa branca, ele parecia um vagabundo de praia bem cuidado. Michael olhou ao redor por uma cadeira. Não vendo nenhuma, ele decidiu se comportar como o submisso que ele era e apenas sentar-se no chão.

Mais uma vez Griffin parou e olhou para ele. Michael abraçou os joelhos contra o peito e enfiou seu longo cabelo atrás das orelhas. A forma como Griffin olhava para ele fê-lo um pouco desconfortável. Mas desconfortável de um jeito que ele meio que gostava.

— Certo, ok, — Griffin disse, puxando um maço de papéis e uma caneta para fora do bolso detrás. — Fácil. Tudo está em uma escala de um a cinco, um significa que excita você tanto quanto beijar sua avó e cinco significa que faz você pulverizar seus calções só de pensar nisso. Não importa se você já fez isso ou não, apenas se você quiser fazê-lo. Primeira categoria sexo.

— Cinco, — Michael respondeu.

Griffin sorriu para ele.

— Isso foi apenas a categoria. Mas eu gosto do seu entusiasmo, Mick.

— Mick?

— Posso te chamar de Mick? Michael é muito formal. Eu não sou formal. Você tem sorte que eu até tenho calças hoje.

Michael refletiu sobre isso. Ninguém jamais o chamou outra coisa senão Michael exceto seu pai que o tinha chamado de Mikey quando era criança, um apelido que Michael detestava. E Nora o chamava Anjo. Mas ela era Nora. Ela podia chamá-lo de qualquer coisa.

— Eu gosto, — Michael decidiu e sorriu.

Enquanto deslizava as páginas da lista de verificação, Griffin murmurou algo que soou a Michael como "assassinar o Papa por isso". Michael decidiu que ele deve ter ouvido errado.

— A categoria um, — Griffin continuou, — em uma escala de um a cinco... sexo vaginal?

— Cinco.

— Concordo. Sexo oral?

— Cinco.

Griffin olhou para ele antes de deixar cair os olhos para suas notas novamente.

— Melhor ainda. O sexo anal?

Michael tossiu.

— Cinco.

— Múltiplos parceiros?

Michael olhou para seus pulsos e verificou que o relógio e a pulseira cobriam completamente as cicatrizes.

— Cinco.

— Trois?

— Cinco.

Michael não olhou para cima, mas ele podia sentir os olhos curiosos de Griffin sobre ele.

— Duas mulheres e um homem?

— Cinco.

— Dois homens e uma mulher?

Michael mexeu-se no chão e não olhou para Griffin. Levou um longo tempo para responder.

* * *

Cinco minutos depois da missa de quinta-feira terminar, Suzanne ficou do lado de fora do Sagrado Coração na sombra de uma árvore de salgueiro e observou Padre Stearns.

Lindo. O padre, seu alvo, era absolutamente lindo. A congregação se juntou fora das portas da frente e cumprimentaram o padre no ar quente do fim-de-tarde. Com os homens, ele trocou apertos de mão. Da maioria das mulheres ele recebeu luz, abraços castos. Cada criança recebeu um toque na parte superior da cabeça como uma pequena bênção. Todas as crianças, mas uma.

Um menino com cerca de seis ou sete anos com cabelo preto incontrolável foi até ao Padre Stearns e virou uma cara irritada para o padre.

— Owen, eu já disse a você — Padre Stearns começou, mas o menino não o deixou terminar.

— Não é justo, — disse ele, batendo o pé minúsculo. — Eu quero dizer obrigado. Você tem que me dizer —

— Owen, — Padre Stearns disse, curvando-se para encontrar olho no olho com o menino. — Você sabe que os padres não estão autorizados a contar segredos. A pessoa que lhe deu o dinheiro para a taxa da matrícula me pediu para não contar.

Suzanne ficou tensa com a visão do menino, Owen, e o padre em pé tão próximos. Pelo menos o menino não parecia intimidado pelo Padre Stearns. Ela já estava.

Owen levantou seu pequeno punho, estreitou os olhos e rosnou.

— Jovem, você acabou de rosnar para mim?

O menino olhou imediatamente se arrependeu.

— Talvez, — confessou, franzindo o rosto.

— Você, obviamente, tem passado muito tempo com a sua Senhorita Ellie. Ela rosna para mim também.

À menção da misteriosa senhorita Ellie, a raiva de Owen caiu de seu rosto.

— Quando ela vai voltar? — Disse Owen. — Eu fiz uma pintura nova para ela.

— Não posso dizer, — Padre Stearns disse, se endireitando em toda a sua altura. — Ela pode ficar fora por algum tempo.

Owen balançou a cabeça e olhou para seus sapatos.

— Eu sinto a falta dela, — disse o menino, cavando a ponta dos seus tênis na grama.

Padre Stearns suspirou e bateu no topo da cabeça do menino.

— Assim como eu.

Owen correu com isso, e Suzanne percebeu que ela finalmente tinha uma abertura. Nervosamente ela caminhou até Padre Stearns e estampou sua melhor tentativa de um sorriso de garota de meteorologia.

— Padre Marcus Stearns?

Ele virou-se para ela com um pequeno sorriso no canto de seus lábios.

— Muito bom ver uma cara nova no Sagrado Coração. Como você está, senhorita...? — Ele começou e estendeu a mão.

Suzanne congelou momentaneamente antes de se lembrar que ela estava disfarçada. Estendeu sua mão e deixou-o pegá-la. Ele tinha mãos perfeitas, esculpidas como uma estátua. Suave, pele quente, mas forte, muito forte,

embora ele agarrasse seus dedos levemente. Agarrou sua mão como um homem que conhecia sua própria força, sabia como comandar e controlar.

— Kanter, — ela forneceu. — Suzanne Kanter. Eu estou muito bem, obrigada, — disse ela, respondendo a etiqueta com a etiqueta quando ela puxou a mão de volta. — Gostei da missa.

— Fico feliz em ouvir isso. O que a traz ao Sagrado Coração? — Ele perguntou, sua voz curiosa, mas não suspeita. Suzanne decidiu pressionar sua sorte um pouco e ver se ela poderia obter uma reação dele.

— Nada muito piedoso. Você sabe, eu ouvi um boato de que Nora Sutherlin frequenta a igreja aqui. Eu sou uma grande fã, então eu pensei em aparecer. Mas eu não vi ninguém que parecesse uma escritora famosa.

— Ela é difícil de perder, — ele disse, seu sorriso alargando ligeiramente. — Geralmente nós somos agraciados com a sua presença, mas ela está em algo sabático neste verão.

— Que pena. Eu tenho que dizer que estou impressionada que sua igreja foi tão acolhedora com ela. Eu li alguns de seus livros. Coisa pecaminosa.

Suzanne viu algo piscar em seus olhos. Surpresa talvez? Ou foi regozijo?

— Foi a maneira de Cristo acolher os pecadores e cobradores de impostos e outros caracteres nefastos na companhia Dele e no Seu reino. Em Seus dias especialmente compassivos e generosos Ele até mesmo falaria com os jornalistas.

O sorriso dele mudou novamente. Agora pura ironia enfeitava seus lábios.

— Como é que você, — ela começou, chocada quase sem palavras.

— Você estava tomando notas durante a missa. Somente uma protestante evangélica ou uma repórter iria se incomodar a tomar notas durante uma homilia ou sermão, especialmente um dos meus. E depois de vinte anos de sacerdócio, eu posso descobrir um católico não praticante em mil jardas.

— É mesmo?

— Você fica de pé e senta nos momentos adequados, sem olhar perdido. Você me chamou de Padre confortavelmente, e não pastor ou reverendo. E você tem um olhar distintamente Católico nos seus olhos.

— Que olhar Católico?

— Culpa.

Suzanne levantou-se reto, recusando-se a deixá-lo ver que ele a atingiu. Afinal, ela não via um pingô de culpa em seus olhos.

— Ok, sim. Culpada. Repórter e ex-católica, — disse ela, pintando um sorriso ainda mais falso.

— Nós vemos ocasionalmente católicos não praticantes aqui, mas não muitos repórteres, — disse ele, seu tom conversativo. — Eu lhe asseguro nada digno de escrever aconteceu recentemente. Eu não tenho realizado um exorcismo em, bem, semanas.

Suzanne olhou para ele um longo, confuso momento.

— Você não é o que eu esperava, — disse ela, dispensando qualquer pretensão.

— Considerando como a percepção comum do clero é nos dias de hoje, tomarei isso como um elogio. Você vai ter que me perdoar, Ms. Kanter. Eu

tenho o meu povo para atender. Mas meu escritório está sempre aberto. Algo me diz que você tem algumas perguntas para mim.

— Sim. Muitas mais das que pensei inicialmente.

— Então vou vê-la novamente em breve. Bom dia para você.

Com um aceno educado ele deixou-a para se juntar a um grupo de homens que aparentemente tinha estado esperando para falar com ele também. Suzanne seguiu-o com os olhos enquanto ele se afastava. Isso não foi como o planejado. Nem mesmo perto.

Arrastando atrás de uma família barulhenta de cinco ou seis crianças discutindo sobre onde comer o jantar, Suzanne fez seu caminho para o estacionamento. Uma vez dentro do carro de Patrick puxou para fora o bloco de notas novamente.

Extremamente inteligente, ela escreveu. E ridiculamente bonito. Ele estava me esperando.

Na parte inferior da página, ela rabiscou, *eu não confio nele*, e sublinhou isso três vezes.

* * *

Nora organizou através de sua bagagem, separando as roupas de seus brinquedos. Em momentos com esse, ela sentia falta de ter o seu próprio calabouço. De volta a seus dias como dominatrix, ela teve um calabouço palaciano, se tal coisa pudesse existir, na ala VIP do 8th Circle. Søren ainda tinha seus aposentos pessoais lá, é claro. Como tinham Kingsley e Griffin. Mas assim que ela voltou para Søren como sua submissa, ela teve que desistir

de seu calabouço para a sua substituta, Senhora V. No entanto, ela manteve a maior parte de seu equipamento para aquelas ocasiões quando Søren lhe deu permissão para top alguém. Alguns dos kinksters na sua comunidade franzia a testa em seu jogo switch enquanto estava na posse do seu dom alfa. Mas Søren a amava e compreendia. E ele sabia melhor do que colocar o pé nessa área. Ela adorava top com as mulheres e até mesmo um certo switch francês de seu conhecimento. Os inimigos invejosos podiam ter suas barras distanciadoras e a chibata vermelha, sua assinatura, quando eles bisbilhotavam de suas mãos frias e mortas.

Nora tinha comprado uma coleira para Michael, uma preta para combinar com seu cabelo. Ela não tinha intenção ter a coleira permanentemente, mas ele precisava se acostumar a usar uma, se ele planejava ingressar no Submundo com ela e Søren. Ela cavou até o fundo de sua bolsa. Chicotes e correntes, uma roda de Wartenberg³⁸, dois conjuntos de algemas, de corda e de metal, algemas bondage, mosquetões... tudo acabou em um impressionante conjunto no chão. Nora mergulhou mais uma vez em sua bagagem e riu do que ela tirou. Como seu pijama de patinhos entrou em suas coisas kink? Lembrou-se de que ela tinha estado no telefone discutindo com Zach, seu editor, enquanto embalava. Obviamente Zach a tinha distraído um pouco.

Nora olhou para seu pijama, para os pequenos patos bebê impressos na flanela azul. O pijama tinha sido a causa de sua primeira luta com Wesley



³⁸ aparelho médico para testar reações nervosas.

logo depois que ele se mudou. Ninguém jamais iria chamá-la de exibicionista, ela conhecia demasiados exibicionistas reais para até mesmo fazer uma reclamação sobre esse título, mas ela tinha um bom corpo e não se importava que o vissem. Assim, na primeira manhã depois de Wesley se ter mudado, ela desceu para a cozinha em sua habitual roupa de dormir, uma pequena camisola preta quase transparente e calcinha. Meio dormindo ainda, ela entrou na cozinha, deu um tapinha em Wesley no topo de sua cabeça loira, pegou um croissant e uma xícara de café, e se dirigiu para o escritório. Poucos minutos depois, o visivelmente conturbado Wesley entrou em seu escritório e ficou de costas para ela.

— Sim, Wesley, os jeans fazem sua bunda parecer fabulosa, — ela disse, olhando mais em seu corpo alto, magro e demasiado-sexy-para-pertencer-a-um-virgem.

— Não é por isso que eu tenho as minhas costas para você. Você não tem roupas, Nora, — ele disse, soando regamente perturbado.

— Eu tenho roupas. Eu tenho o meu pijama.

— Você está usando o plástico filme e nada mais.

— Isso não é verdade. Já usei plástico filme antes e não parece nada como isto. Isto é La Perla.

— É La transparente. Pijamas têm substância neles. Eles são feitos de algodão ou tecidos igualmente opacos. Se eu vou viver com você sem perder minha mente—

— Ou a virgindade, — brincou ela.

— Você precisa vestir pijamas reais ao meu redor. Isso é final.

Ele tinha ido para a escola num acesso de raiva naquele dia. Quando ele chegou em casa ela o surpreendeu com um pequeno desfile de pijamas. Primeiro as peúgas de macacos, em seguida, os pinguins, em seguida, o de patinhos bebês vestindo galochas em seus pezinhos.

— Melhor? — Ela perguntou.

Wesley tinha sorrido para ela quando ele estendeu a mão e abotoou o botão superior do pijama de patinhos bebês. Ela tinha fingido asfixia embora se sentisse bastante confortável com um colarinho apertado em volta do pescoço. Wesley tinha desfeito o botão novamente, e por um momento sua olhos se encontraram e ela não queria nada mais no mundo do que ele continuasse. Seus dedos tremiam o suficiente para que ela soubesse que ele tinha estava tentado a fazer exatamente isso.

Wesley tinha sorrido para ela e sussurrou, “Perfeito”

— Ele é perfeito, Nora.

As palavras puxaram ela para fora do passado. Virando-se, ela viu Griffin entrando no quarto de hóspedes que ele tinha dado a ela, o quarto ao lado dele naturalmente, parecendo ao mesmo tempo irritado e excitado.

— Ninguém é perfeito, Griffin, — disse Nora, jogando os patinhos em uma gaveta. — Exceto Søren.

— Søren não é perfeito.

Nora olhou para Griffin.

— O padre bastardo mentiu para mim.

Griffin revirou os olhos.

— Michael é perfeito. Ele é o meu homem ideal... garoto. Tanto faz. Puta merda, Nora. — Griffin jogou-se sobre a cama. Ele pegou um par de algemas e pôs-las em seu rosto como um par gigante de óculos.

— Muito atraente. — Nora removeu as algemas do rosto de Griffin e colocou-as em sua pilha bondage no final da cama. — Você terminou a lista de verificação?

— Sim. Júnior é uma aberração. Estou apaixonado.

Nora jogou as botas até as coxas no armário.

— Você não está apaixonado.

— Você compraria “amor com boas intenções”?

— Não.

Griffin olhou para ela.

— Griffin Fiske, você sabe tão bem quanto eu que você nunca teve um relacionamento que durou mais do que três semanas. E isso foi quando você estava traindo sua namorada com seu meio-irmão. Você acabou de conhecer Michael.

— Sim, e então? Quanto tempo demorou para você se apaixonar pelo Papa?

Nora sorriu para si mesma.

— Dois ou três segundos. Mas isso durou cerca de uma semana antes de eu decidir que eu o odiava.

— É bastante impressionante quanto tempo vocês dois duraram. — Ela ouviu o relutante respeito no tom de Griffin. Griffin teve dezenas de amantes e aproximadamente zero relacionamentos sérios em seu cinto. — Qual é o seu segredo?

— Bem, Søren tem um grande poder de permanência. E ajuda que eu ainda esteja apaixonada por ele. Ajuda ainda mais que eu ainda o odeio, — disse ela, de repente, não querendo falar sobre Søren. Doía muito saber que demoraria dois meses ou mais antes que o visse mais uma vez. — Então, o que há com lista de verificação de Michael? Qualquer coisa que eu preciso saber?

Griffin revirou e tirou os papéis do bolso de trás. Nora tomou a má decisão de se juntar a ele na cama. Levou dois segundos antes de ela aterrissar de costas com Griffin batendo as algemas de sua pilha de escravidão em seus pulsos.

— Isso me lembra, — disse Nora, relaxando no aperto dos punhos, — eu preciso ligar para o meu editor.

— Você pode ligar depois de eu te foder.

— Você pode me foder depois de falarmos da lista de verificação de Michael?

Griffin entrou em colapso ao lado dela e deixou-a deitada de bruços ainda algemada. Gemendo em frustração, Nora usou seu ombro para se virar para o lado.

— A lista de verificação em primeiro lugar, em seguida, foder. O que há com júnior?

— Coisas de sexo? Cincos na lista. Pequeno pestinha com tesão.

— Ele tem dezessete anos.

— Ponto tomado.

— O que mais? — Perguntou Nora.

— Sem grandes fetiches. Nada de jogos aquáticos ou algo assim.

— Bom, — Nora disse. — Eu tenho uma bexiga tímida.

— O kink usual funciona para ele, — Griffin continuou. — Bondage é bom, todos os tipos. A dor é boa, todos os tipos. Isso foi estranho, porém, — Griffin disse enquanto virava para a última página.

— O quê?

— Ele quer dor e dominação. Tudo quatros e cinco nessa área. Mas quando eu perguntei sobre o corte, ele deu um grande número um. Estranho, né?

A mente de Nora foi imediatamente para as cicatrizes nos pulsos de Michael. Não parecia estranho para ela de todo, ele já tinha tido suficientes cortes na sua vida.

— Eu odeio bastinado, — disse Nora, tentando desviar a atenção da Griffin. Se Michael quisesse que Griffin soubesse sobre sua tentativa de suicídio, ela deixaria Michael contar a ele. — Faça o que você quiser a mim, mas não bata nos meus pés. Tenho cócegas.

Griffin levantou uma sobrancelha para ela. — Devidamente anotado. Oh, ele não gosta que gritem também.

Nora suspirou. Isso provavelmente veio do pai idiota dele.

— Eu nunca fui fã de gritar com meus clientes. Duro na garganta. Além de que um dominante realmente bom pode colocar o temor de Deus em um sub com um sussurro. Søren certamente pode.

— Søren pode colocar o temor de Deus em um sub ao apenas aparecer, — disse Griffin com inveja mal disfarçada.

— Eu sei. Eu amo esse homem, — disse Nora, sorrindo com orgulho. Em sua enorme comunidade subterrânea kinky, ninguém ordenava mais respeito

ou medo do que Søren. Às vezes ela agradecia a Deus que Søren tinha ido para a igreja e não pra o exército. Ele seria um ditador, com certeza.

— Uma última coisa sobre Mick, — disse Griffin, dobrando de volta a lista de verificação.

— Mick?

— Isso é como eu vou chamá-lo. *Michael* tem muitas sílabas.

— Ok, o que é a última coisa sobre Mick?

Griffin rolou para o lado e encontrou Nora olho no olho. Ele estendeu a mão e libertou o cabelo de seu grampo de cabelo preto e acariciou seu rosto e pescoço. Ruim, pensou Nora. Isto tinha que ser uma notícia ruim se Griffin tinha que a adoçar.

— É somente, e não surte, — disse Griffin, abrindo sua camisa, puxando a alça do sutiã para baixo e tomando um de seus mamilos em sua boca quente.

— Surtar não é o que eu estou sentindo agora, — ela disse, inclinando-se para trás para lhe dar melhor acesso a seus seios. — Diga-me a parte de surtar enquanto estou excitada.

Griffin deslizou a mão sob sua saia entre as coxas; ele deslizou um dedo sob calcinha e dentro dela.

— É só que, a coisa sobre Mick é que, — Griffin disse quando ele pressionou um segundo dedo em seu calor molhado, — ele é bi.

Sozinho no quarto que Nora e Griffin lhe tinham dado, Michael desempacotou a mochila. Seu skate, de rodas para cima, ele tinha embalado no topo das coisas e saiu primeiro. Agora que ele segurou-o em suas mãos, ele quase se arrependeu de trazê-lo. Nora sabia que ele era um skater, mas Griffin não sabia. Certamente alguém como Griffin iria achar andar de skate infantil. Michael colocou a prancha no chão e rolou-o para debaixo da cama.

Ele desempacotou suas roupas habituais, jeans e camisetas, boxers, meias e dobrou-as no armário vazio. Colocar suas roupas maltrapilhas dentro de móveis, que provavelmente custavam mais do que o carro de sua mãe, parecia um pouco errado. Cavando mais uma vez em sua mochila, Michael encontrou o seu bem mais precioso e puxou-o para fora.

Logo depois ele se mudou com seus pais para Wakefield e começou a frequentar o Sagrado Coração, Michael ouviu rumores de que a escritora Nora Sutherlin atendia essa mesma igreja anos antes de ela se tornar a Nora Sutherlin. Um dia no shopping, ele conseguiu escapulir para a loja Borders e encontrou uma cópia de seu livro *The Red*. A capa tinha uma imagem de uma mulher com pulsos amarrados com uma fita de seda vermelho-sangue. Lembrou-se de olhar para a foto por tanto tempo sem piscar que seus olhos tinham começado a ficar com água. Mas não havia nenhuma maneira que eles deixariam alguém de treze anos de idade comprar um livro assim. Ele pensou sobre roubá-lo, mas mesmo a ideia de furtar fez seu estômago revirar com culpa. Ele encontrou um romance fantasia sobre reis e unicórnios que era

do mesmo preço e tamanho que o *The Red* e trocou as capas. Ele não precisava da capa. A imagem dos pulsos amarrados tinha queimado em suas retinas. Quando ele olhou para o livro, olhou para esses pulsos amarrados e pálidas mãos, ele não podia deixar de imaginar seus próprios pulsos e mãos. Falou para ele, aquela imagem. Sussurrou para ele. Amor, pensou, quando ele olhou para a imagem, parecia bem aquilo.

Ele comprou o livro e levou-o para casa. Depois de seus pais terem ido para a cama, ele tinha ficado acordado toda a noite lendo-o. Ele ficou acordado toda a noite seguinte lendo-o novamente.

Quando o Padre Stearns começou a aconselhá-lo depois de sua tentativa de suicídio, Michael finalmente teve a coragem de perguntar a ele sobre Nora, que Padre S chamava de Eleanor.

Por alguma razão, a primeira pergunta que saiu foi, — Ela é bonita?

Padre Stearns respondeu, — Michael, Eleanor é sem dúvida a mulher mais bonita que já ou alguma vez vai viver. Se você pudesse pegar uma tempestade noturna e transformá-la em uma mulher, você teria uma ideia muito boa de como ela se parece. E uma justa boa ideia de como ela se comporta também,— ele disse e sorriu. Michael esteve calado por um longo tempo depois disso. Ele amava tempestades durante a noite, como faziam toda a casa tremer com a força do vento e da chuva e como quebravam o céu aberto com luz branca. Após um longo silêncio seu padre fez uma pausa e virou-se para ele. Ele olhou para Michael por um longo momento. — Você gostaria de conhecê-la?

Padre S tinha feito um acordo com ele: se Michael conseguisse ficar um ano inteiro sem se ferir de qualquer maneira, nada de queimaduras, nada de

contusões, sem cortes, sem tentativas de suicídios, ele providenciaria para que ele e Nora Sutherlin se conhecessem. Onze meses depois do acordo, Michael estava no Sagrado Coração fazendo a lição de casa. Sua mãe tinha conseguido um novo emprego após o divórcio ter sido finalizado. Ele pagava melhor do que seu antigo emprego, mas isso significava que ela tinha que trabalhar até as 23:30 em algumas noites. Ela não gostava de deixar Michael em casa sozinho. Padre S ofereceu-se para ficar até mais tarde na igreja nesses dias para que Michael não estivesse sozinho.

Numa segunda à noite, uma noite de escola, ele se lembrava. Ele estava trabalhando em um Mendel gráfico, devido para biologia no dia seguinte. Ele ouviu Padre S no telefone com alguém, mas não conseguia entender o que ele estava dizendo. Parecia que ele estava falando francês. Ele fazia isso algumas vezes ao telefone. Às vezes francês. Às vezes uma outra língua que soava talvez como sueco para Michael, mas que mais tarde aprendeu que era dinamarquês. Michael ouviu Padre S desligar o telefone. Quando seu padre saiu de seu escritório, ele tinha aquele mesmo sorriso triste novamente.

— Ela fazia a lição de casa aqui também, — ele disse sem preâmbulos. Michael não tinha que perguntar quem "ela" era. — A gente sempre sabia quando ela estava trabalhando no dever de casa.

— Como você sabia? — Michael tinha perguntado.

— Eu e qualquer um na igreja no momento podíamos ouvir a ladainha de palavras.

Michael riu então. — Eu não posso esperar para conhecê-la.

— Você não tem que esperar mais. Você está pronto?

As mãos de Michael tinham ficado dormentes então, pela primeira vez desde que recuperara toda a sensação um mês depois de sair do hospital. Ela, Nora Sutherlin, a mulher que tinha roubado seus sonhos mais profundos e colocou-os no papel. Michael tomou uma assustada, superficial respiração e começou a colocar sua lição de casa para longe.

Michael tinha assentido.

— Estou pronto.

Ele seguiu Padre S para fora da igreja e para um Rolls Royce prata que esperava na rua. O carro afastou-se do meio-fio e Padre Stearns tinha olhado para fora a janela.

— O que devo fazer quando eu me encontrar com ela? — Perguntou Michael.

— Você vai chamá-la de senhora ou mestra. E você vai fazer qualquer coisa que ela lhe disser para fazer.

Michael tinha estremecido então, como uma casa em uma tempestade.

— Será que... Quero dizer, o que vai—

— Ela vai tirar a sua virgindade, Michael. Se é o que você quer.

Michael assentiu e olhou para fora da janela. Parecia que o carro estava parado e apenas as ruas estavam se movendo.

— Sim, isso é o que eu quero.

E agora ali estava ele em uma maldita mansão no interior de Nova York, com a própria Nora Sutherlin. Deus, era surreal. *Que diabos estou fazendo aqui?* Michael perguntou a si mesmo quando ele colocou o livro na gaveta da mesa de cabeceira. Esta casa cheirava a riqueza e poder e dinheiro velho. Ele era

apenas um ninguém de dezessete anos de idade, com nada acontecendo para ele.

— Se eu ordenar para que sorria, você iria? — Veio uma voz da sua porta.

Michael olhou para cima e encontrou Nora observando-o com os braços cruzados e seu habitual pequeno sorriso no rosto.

— Sim, senhora, — disse ele, tentando sorrir para ela. Ela entrou em seu quarto e veio até ele. Pegando ambas as mãos na dela, ela ergueu os punhos para os lábios e gentilmente beijou suas cicatrizes.

Um sorriso verdadeiro finalmente veio.

— Ele salvou a minha vida, sabe? — Disse Michael. — Padre S salvou.

Nora afastou-se e sentou-se no banco da janela grande.

— Ele salvou?

Michael concordou. — Não apenas naquela noite, quando ele me encontrou. Contando sobre ele mesmo, sobre você... ajudou mais do que qualquer coisa.

— Alguma vez ele lhe disse como ele salvou a minha bunda? — Perguntou Nora, cruzando as pernas ágeis.

— Não

— Bem, ele realmente tenta manter a minha reputação esterlina quanto possível. Um dos trabalhos de Hercules obviamente. Logo depois que eu conheci Søren, eu tive alguns problemas. Quase fui para o reformatório.

Michael espantou-se com essa novidade. — Por quê?

— A minha mãe pensou que ela tinha casado com um mecânico. — Nora encostou-se à parede. — Um agradável marido de colarinho azul para uma

menina de uma grande, pobre família católica alemã. Não realmente um mecânico no final. Mais como administrador de uma oficina que desmantelava carros com conexões com a máfia.

— Puta merda. Seu pai estava na máfia?

Nora deu de ombros.

— Não dentro, realmente. Apenas parte. Ele estava dentro e fora da cadeia. Sempre devendo dinheiro a alguém perigoso. Mãe tentou me manter longe dele, mas é difícil para a garotinha do papai dizer não a seu pai quando ele liga e diz que ele precisa de sua ajuda. Vamos apenas dizer que eu era um pouco demasiado boa nos negócios da família.

— Você foi presa por roubar um carro?

Nora ergueu uma das mãos e espalhou os dedos.

— Cinco carros? — Michael perguntou, espantado.

— Eles me pegaram no quinto. Eu estava em um grande rolo naquela noite. Ninguém suspeitava que a menina de quinze anos de idade, rondando Manhattan em seu uniforme da escola católica estava atrás de seu Porsche. Eu parecia tão inocente. Foi o disfarce perfeito.

— Inocente? Você?

Nora olhou para ele por um momento antes de compor o rosto em uma expressão vazia. Ela arregalou os olhos, bateu as pestanas e mordeu o lábio inferior como uma criança nervosa. De repente, ela parecia ter quinze anos, doce e com medo.

— Droga, — Michael respirou.

— Oh, sim, — disse ela, com o rosto voltando ao normal. — Eu posso fazer inocente. Aquele olhar resultou em todos. Mãe, pai, polícia... todos, exceto Søren. Ele viu bem através dele. Ele vê através de tudo.

— Já reparei.

— Eu estava sentada na estação de polícia em uma sala de interrogatório. Quinze anos de idade e o padre que eu encontrei antes duas vezes, entra e desbloqueia as minhas algemas... com a própria chave da alga pessoal dele, eu descobri mais tarde. Ele sentou-se na minha frente e esperou, sem dizer uma palavra, até que eu encontrei seus olhos. Ele disse que me podia tirar disso, mas eu teria que fazer tudo o que ele me dissesse para fazer.

— Por quanto tempo?

— Isso foi o que eu lhe perguntei. Ele disse, “Para sempre”.

— O que você disse? — Michael perguntou, fascinado pela imagem de uma Nora de quinze anos de idade tentando se salvar do reformatório ao fazer um acordo desesperado com o misterioso padre.

— Você o conheceu. O que você acha que eu disse? — Perguntou ela e piscou para ele. — Mas suficiente sobre mim e história antiga. Como você está?

— Estou bem. Griffin é simpático, — disse ele, e imediatamente se arrependeu. Onde diabos tinha aquilo vindo?

— Ele é. Muito, — disse Nora, fitando-o longo e duro. Michael olhou para o chão e estudou as marcas nas pontas brancas de seus Taylors Chuck.

— Estou feliz que você gosta dele. Ele e Søren não se dão bem.

— Por quê?

— Nenhum deles me diz. Se você conseguir descobrir de qualquer um deles, eu vou te dar o que quiser.

Michael sorriu e balançou a cabeça. — Nora, estou aqui com você. O que mais eu poderia pedir?

Nora levantou-se e caminhou até ele. Em pé na frente dele, ela olhou-o de cima para baixo.

— Que tal isso? — Nora perguntou quando ela abriu sua calça.

— Ok, — Michael concordou. — Talvez isso.

* * *

Quando Suzanne chegou a seu apartamento, ela encontrou uma pasta no seu computador que Patrick tinha marcado como Nora Sutherlin, Agradável Escritora. Ela pensou que era um nome bastante estranho para a pasta até que ela notou as iniciais em letras maiúsculas: NSFW, gíria na internet para Not Safe For Work³⁹. Nisso ela acreditava.

Ainda abalada de seu encontro com o ímpio belo padre, Suzanne derramou um copo de vinho para acalmar seus nervos. Ela sentou-se em seu computador e abriu o arquivo.

Hey bonita, lia-se a nota de Patrick quando ela clicou na pasta. Eu percorri os interwebs para você e desenterrei tudo o que podia sobre a Ms. Nora Sutherlin. Você vai ficar chocada ao saber que eu não descobri muito sobre ela como eu pensei que iria. Ela, assim como o seu padre, parece ter

³⁹ Não Seguro Para Trabalho. NSFW é a sigla usada para marcar coisas impróprias para visualização em público.

algum tipo de campo de força da internet ao redor dela. Coisas sobre a carreira de escritora? Toneladas. Vida pessoal? Não muito. Mas eu fiz algumas chamadas e cavei algo. Leia o arquivo #1 em primeiro lugar. Em seguida, leia o arquivo #69. Em seguida, ligue e deixe-me levá-la para jantar, sua bela obcecada mulher. Eu sou mais sexy do que qualquer padre, certo?

Suzanne deu um risinho triste. Qualquer padre, mas Padre Stearns. Ela ainda não podia acreditar que ele era tão... *Não*, Suzanne disse a si mesma. Ela não ia deixar-se ficar cega pela aparência do homem. Alguma coisa ruim tinha que haver sobre este padre para alguém mandar um fax para ela anonimamente sobre ele. Bonito como ele era, não era difícil imaginá-lo ter um lado sexual-predador. Mesmo que ele não estivesse atrás de crianças, ele podia estar atrás das mulheres de sua congregação.

Ela abriu o arquivo marcado #1 e encontrou uma lista de citações de Nora Sutherlin em várias entrevistas.

De Weekly Escritores.

Entrevistador: De onde você tira as suas ideias?

N.S.: Eu tenho as minhas melhores ideias de enredo no mesmo lugar que eu tenho os melhores orgasmos.

Entrevistador: Na cama?

N.S.: Na igreja.

Suzanne riu alto com isso.

De Friction Literária, o maior blog de literatura erótica na web.

Entrevistador: Você se baseia em experiências pessoais ao escrever suas cenas de sexo?

N.S.: Não.

Entrevistador: Secretamente baunilha?

N.S.: Aconselhamento jurídico. Eu não quero nada lá fora, que possa ser usado contra mim em um tribunal.

Suzanne leu um pouco mais das citações que Patrick tinha compilado. Nora Sutherlin certamente falava um bom jogo. Mas ela conhecia alguns demasiados romancistas para acreditar que todo o escritor vivia tão loucamente como seus personagens. Os dias de loucura de escritores tipo Kerouac e Hemingway estavam a muito terminados. Nora Sutherlin poderia facilmente ser uma dona de casa de cinquenta anos de idade com excesso de peso, que só tinha tido relações sexuais na posição de missionário toda a sua vida e mesmo com apenas o marido. De qualquer maneira, essa era a teoria de Suzanne de como a maioria dos escritores de romance eram.

Ela fechou o arquivo #1 e viu um arquivo marcado Pics. Ela clicou na pasta e olhos dela se arregalaram.

— Uau, — Suzanne disse em voz alta para a sala vazia. Patrick, aparentemente, colocou uma grande quantidade de tempo e esforço em encontrar fotografias de Nora Sutherlin. Pobre coisa. Que tarefa. Nora Sutherlin poderia ter sido irmã de Rachel Weisz. Cabelo ondulado negro, grandes olhos verdes, carnudos lábios, pele pálida e curvas que não iriam embora. Em uma fotografia, Nora Sutherlin sentava em uma sessão de autógrafos com uma caneta vermelha. O espartilho que ela usava fez coisas magníficas ao seu decote. Em outra foto ela estava no topo de uma escadaria em espiral, em uma curta saia vermelha com um homem extremamente bonito, com um escuro corte de cabelo tipo Brutus. *Escritora Nora Sutherlin com o Editor da Royal House Zachary Easton*, lia-se a legenda da foto. Algo sobre

a forma como eles olhavam um para o outro na foto fez Suzanne imaginar se o Sr. Easton fez um pouco mais do que apenas editar seus livros. Não que ela o culparia. Lá se foi a sua teoria sobre escritores de romance. A última foto parecia ter sido tirada em algum tipo festa ou de arrecadação de fundos. Ela usava um lindo vestido de cetim vermelho-sangue. Ao lado dela estava um homem, não, um garoto de verdade. Embora significativamente mais alto que ela, o rapaz parecia consideravelmente mais jovem. Ele não podia ter mais de dezoito ou dezenove anos, no máximo. Em seu smoking ele parecia um adolescente brincando de vestir. Ele, como Zachary Easton na outra foto, olhava para Nora Sutherlin com ambos desejo e adoração. Ela parecia ser algo tipo coletora de homens. Suzanne tinha que imaginar se Nora alguma vez "coletou" o Padre Stearns.

Ok, pensou Suzanne, então Nora Sutherlin era bonita. Interessante. E ela escrevia erótica. E em entrevistas ela agia como se seus livros eram pálidas sombras em comparação com sua vida real. Suzanne tinha lido alguns dos livros. Difícil de acreditar que Nora Sutherlin poderia viver mais selvaticamente do que seus personagens. Isso tomaria muito esforço. Suzanne se lembrou das instruções de Patrick, leia o arquivo #1 e em seguida o arquivo #69.

Sofisticado, Patrick, pensou. Muito sofisticado.

Ela clicou duas vezes no arquivo #69. O documento continha apenas duas frases.

Se você quiser saber mais, você tem que jantar comigo, lia-se a frase número um. Mas foi a número dois, que chamou a atenção de Suzanne.

Nora Sutherlin é uma dominatrix mundialmente famosa.

Michael gemeu em êxtase quando Nora esfregou as costas de suas pernas com suas incrivelmente talentosas mãos. Ele tinha ficado um pouco decepcionado quando Nora disse que eles não estavam tendo uma cena juntos ou relações sexuais ainda. Mas uma massagem de corpo inteiro da única e exclusiva Nora Sutherlin? Ele não conseguia encontrar muitos motivos para reclamar.

— Eu sou o sub, — Michael disse quando Nora moveu-se para as costas.

— Eu não deveria estar dando-lhe a massagem?

— Você é o mais estressado, duro sub sobre a face da terra, — Nora disse, cavando seus dedos fortes no nó que estava nas costas. — Eu não posso bater em você até que você relaxe um pouco ou você vai puxar todos os músculos do seu corpo na nossa primeira sessão. Relaxe. Isso é uma ordem.

— Sim, senhora, — Michael disse, enrijecendo quando ela deslizou as mãos em seus boxers.

— Michael, — disse Nora com óbvia exasperação, — você apenas apertou seu traseiro mais apertado do que um segundo par de Spanx⁴⁰ em uma drag queen. Eu me esqueci de mencionar que relaxar era uma ordem?

— Eu sinto muito, eu sinto muito, — Michael disse, rindo.

— O que o deixou tão tenso, Anjo? — Nora puxou as mãos dela e esticou-se de lado ao lado dele.

Michael virou a cabeça para encará-la.

⁴⁰ Peça em lycra que ajuda a reduzir medidas.

— Você é a namorada do meu padre. Estou em casa de um estranho.
Ambos os meus pais pirariam se soubessem que eu estou aqui.

Nora estendeu a mão e acariciou o arco de sua bochecha.

— Diga-me a verdade. Por que você está realmente tão estressado?

Engolindo em seco, ele rolou e puxou sua camiseta de volta.

Ele virou o rosto dela e olhou pela janela.

— Há uma enorme piscina bem do lado de fora dessa janela, — disse Michael.

Nora sorriu.

— Eu sei. Você quer drená-la e andar de skate nela, não é?

— Como você sabia? — Ele perguntou, sorrindo timidamente.

— Eu sou velha. Eu vi *Gleaming the Cube* quase um milhão de vezes. Christian Slater como um skatista punk loiro? O filme é provavelmente a razão pela qual eu estou tão atraída por homens loiros.

— Nunca vi.

— Nós vamos alugá-lo. Agora, responda a pergunta. Por que você está tão estressado?

Suspirando, Michael puxou as pernas para o peito e apoiou o queixo nos joelhos.

— Eu não pertenço aqui, Nora. Com você, com Griffin, nesta casa... isso é loucura.

Nora não disse nada ao primeiro. Ela levantou-se e acendeu a pequena lâmpada de cabeceira.

Quando ele era criança, ele tinha uma lâmpada feia de plástico dos Power Rangers. O jovem Griffin tinha uma lâmpada Tiffany.

- Vá para a cama, — Nora ordenou.
- É apenas 22:30, — Michael protestou.
- Eu estou ficando com você.

Michael não podia se meter debaixo das cobertas rápido o suficiente. Na luz baixa, ele observou Nora tirar fora de seus sapatos, saia e blusa. Vestindo apenas sutiã preto e calcinha quase inexistente, ela deslizou na cama ao lado dele.

- Roupas, — disse ela e Michael sem jeito despojou sua camisa e boxers.
- Bom menino. Fique de conchinha comigo, suas costas para o meu peito.

Nervosamente, Michael pressionou em Nora, quase gemendo em voz alta quando sua pele encontrou a dela.

Ele gemeu em voz alta quando ela estendeu a mão e envolveu a mão em torno dele.

- Você não está apenas mais alto, — disse ela em seu ouvido. — Você ganhou um par de centímetros em outra área também, eu vejo.

Michael corou e não disse nada.

- Agora eu vou fazer duas coisas, — disse Nora. — Eu vou dar-lhe um orgasmo e contar uma história para dormir. Qual você quer primeiro?

— Ah... orgasmo? — Michael respondeu timidamente. Se ele não gozasse em primeiro lugar, ele provavelmente não seria capaz de se concentrar em uma palavra que Nora dissesse.

- Compreensível. — Nora apertou sua mão sobre ele, mordeu seu ombro e gentilmente acariciou para cima. Seu corpo ficou tenso duro ao toque de Nora e ele se libertou com um silencioso arrepio. — Sentindo-se melhor?

Michael concordou.

— E mais molhado.

— Deixe-o, — disse Nora. — Esta é a velha cama de Griffin. Confie em mim. O seu não é o primeiro sêmen a tocar estes lençóis. História para dormir agora. Pronto? Diga “Sim, senhora.

Sua própria história pessoal para dormir por Nora Sutherlin?

— Sim, senhora, — disse Michael com a coisa mais próxima que ele tinha em seu repertório verbal para gosto.

— Era uma vez, — disse Nora, quando ela deu uma série de beijos em seus ombros que enviou cada nervo em seu corpo cambaleando, — uma menina muito pobre de uma fodida família que se tornou uma famosa escritora com uma caneta ímpia e uma língua ainda mais perversa que fez sete números por ano. E ela foi a todos os lugares que queria e fez tudo o que ela queria. E nunca ninguém tentou impedi-la. E ela tinha Anjo, seu próprio animal de estimação, que precisava aprender a falar. Então, adivinhe o que ela fez?

— O quê? — Perguntou Michael. Ele riu com surpresa quando Nora empurrou-o de costas e deslizou em cima dele.

Ela trouxe sua boca para a dele e forçou os lábios a separarem.

— Ela deu-lhe a língua dela.

Uma gentil mão no seu ombro despertou Nora do sono. Ela virou-se e viu Griffin em pé ao lado da cama de Michael segurando o celular.

O Papa, ele fez sinal com a boca.

Nora assentiu e pegou o telefone. Ela virou-se e viu Michael enrolado na posição fetal com seus longos exuberantes cílios descansando em suas bochechas. Durante quase uma hora depois de enfiar a língua na garganta dele para fazê-lo rir, eles se deitaram na cama e falaram. Bem, ela tinha sido quem praticamente falou. Mas ele ouviu e perguntou algumas nervosas perguntas sobre o que aconteceria com eles neste verão, o que ela esperava dele, o que ele precisava. Finalmente ele relaxou o suficiente para adormecer.

Cuidadosamente Nora saiu debaixo das cobertas. Griffin ficou olhando, obviamente, paralisado pela curva do ombro nu pálido de Michael que espreitava para fora sob os lençóis e brilhava a luz da lua. Nora agarrou Griffin pela camisa e arrastou-o para o corredor. Ela fechou a porta atrás dela e deu a Griffin um olhar severo.

— Sim, senhor? — Ela disse, quando Michael estava em segurança, fora do alcance da voz.

— Como vai você, pequena? — Veio a voz de Søren do outro lado da linha.

— Solitária por um cara loiro escandinavo de 1,95cm que eu cá sei.

Griffin começou a voltar para o quarto de Michael e Nora barrou a porta fechada com seu corpo.

— Alguém que eu conheço? — Perguntou Søren.

— Alexander Skarsgård. — Griffin fintou para a direita antes de tentar passar sob o braço dela. Ela levantou a perna e apoiou-a na soleira da porta para bloqueá-lo.

— Temo que eu não esteja familiarizado com o cavalheiro.

— Ele é um vampiro sueco. De qualquer forma, como você está, senhor?

Ela ouviu a risada tranquila de Søren na outra extremidade da linha.

— Intrigado.

O sangue de Nora momentaneamente se transformou em gelo na pronúncia da palavra. Intrigado. Søren intrigado? Isso não podia mesmo começar a ser uma coisa boa.

— Intrigado com o quê? Ou por quem, devo perguntar?

— Por uma certa repórter que apareceu na missa esta noite. Suzanne Kanter.

Nora gemeu e não apenas com preocupação, mas prazer relutante. Griffin tinha tomado uma diferente abordagem e agora beijava o tendão sensível onde seu pescoço encontrava o ombro. Quando ele a beijou, ele desabotoou a camisa para revelar a extensão de seu peito musculoso e estômago.

— Oh, Deus, ela é bonita, não é? — Perguntou ela, sem sentir o menor fragmento de ciúme, mas apenas medo. Um Søren intrigado era um Søren distraído. Ela precisava dele frio, calculista e distante para que ele pudesse lidar com o turbilhão girando em torno dele em Wakefield. Não intrigado.

— Sim, ela é linda. Cabelo vermelho escuro, olhos escuros, bem alta, — disse ele e ela ouviu um pequeno timbre amoroso em sua voz. Griffin

desabotoou o sutiã e começou a desliza-lo pelos braços. — Ela ficaria primorosa na minha cruz St. Andrew.

De repente, visões de manchetes de jornal dançaram em sua cabeça.

Respeitado padre católico exposto como Senhor de S & M

Padre Católico é Fundador de Masmorra Erótica

Padre deprava e excomungado acusado de S & M

Escritora Bestseller de Erótica Ligada Padre Excomungado

Escritora Bestseller de Erótica considerada culpada de estupro estatutário

— Vamos todos para a cadeia, — ela suspirou.

— Eleanor, acalme-se, — disse Søren, sua voz agora severa e comandando, bem do jeito que ela gostava. — Tudo ficará bem. Vou lidar com Ms. Kanter. Ela veio com suspeita, não simples curiosidade, e é isso que me intriga mais do que qualquer coisa. Por todos os seus sorrisos e postura educada, ela parecia estar absolutamente aterrorizada de mim.

— Aterrorizada? — Nora repetiu quando Griffin mordiscou seus quadris ao tentar remover sua roupa de baixo. Søren, ao contrário dela, nunca exagerava. Ela sabia que a maioria das pessoas achavam Søren intimidante no início, com a sua altura, beleza extraordinária, o seu colarinho de padre e seu remoto comportamento. E ele certamente poderia assustar a merda fora de pessoas quando de bom humor. Zach Easton poderia atestar isso. Mas aterrorizado parecia exagero, a menos que esta repórter tivesse algum tipo de padre-fobia. Ela sabia de alguns traumatizados graduados da escola católica que quase urinavam em torno de freiras e irmãs.

— Ela deve ser católica, — Nora concluiu.

— Não mais, — disse Søren. — Além disso, ela é uma fã sua. Ou diz ser. De alguma maneira ela soube que você participa do Sagrado Coração.

— Se ela é uma fã, então eu tenho que gostar dela, — disse Nora, odiando esta repórter que tinha ido farejar ao redor de Søren. Mau sinal de que a repórter já a ligou a Søren. As coisas estavam ficando pegajosas já.

Nora olhou para baixo e descobriu que Griffin tinha conseguido deixá-la completamente nua e ele seminu no corredor. Ele levou a mão entre as pernas e levemente brincou com o pequeno aro de prata que perfurava seu clitóris. Ela tentou dar um tapa na mão dele, mas ele continuou, insensível as suas defesas.

— O que você vai fazer? — Ela perguntou quando Griffin deslizou um dedo dentro dela enquanto sua outra mão habilmente provocava seu mamilo. Michael sendo negado a ele, Griffin tinha claramente decidido tomar seu desejo frustrado nela. Contra sua vontade, seu corpo começou a responder ao seu ataque suave. Pelo menos um par de horas de kink iria a distrair de preocupações sobre Søren.

— Qualquer coisa que tiver que fazer, — ele disse simplesmente, a ameaça da escuridão profunda do Søren em suas palavras. — Cuide de Michael. Mantenha Griffin longe dele. Você vai estar em casa comigo onde você pertence em breve.

— Sim, senhor, — disse ela, seu estômago apertando ambos com tanto nervosismo e excitação.

— Eu te amo. — Lágrimas picaram em seus olhos quando ela disse as palavras. Nada de bom. Apenas alguns dias de separados e ela já sentia falta dele o suficiente para tê-la chorosa.

— Eu também te amo, pequena. Nada e ninguém vai nos manter separados. Saiba disso e acredite.

— Tentando, — ela disse e tomou uma respiração irregular.

Griffin pegou o sutiã e calcinha e a camisa dele e começou a ir pelo corredor para a ala leste. Ele virou-se e acenou para ela com o pacote do preservativo entre seu dedo indicador e médio. Que lembrou a ela...

— Søren? — Nora perguntou docemente. — Padre amado do meu coração? Posso pedir um favor?

* * *

Jantar com Patrick sempre começava com jantar, mas nunca terminava com o jantar. Suzanne estava debaixo dele quando ele puxou a calcinha por suas pernas. Péssima ideia, dormir com um ex-namorado, mesmo que ele estivesse ajudando-a com a sua investigação. Mas ela não podia negar que ela queria isso, queria a boca quente dele em seus seios e seus dedos em seu clitóris e...

— Eu quero seu pau em mim, Patrick, — ela engasgou enquanto cobria seu corpo nu com o dele. Patrick riu suavemente e a temperatura do corpo de Suzanne aumentou mais um par de graus quando o forte peito nu dele vibrou contra os mamilos tensos dela.

— Eu vou alegremente colocar meu pau em você. De onde veio isso? — Ele perguntou enquanto ele escorregava em um preservativo. Alcançando entre as coxas, ele acariciou suas dobras molhadas com os dedos que sabiam exatamente onde ela gostava de ser tocada.

— A culpa é sua, — ela disse enquanto ele traçou círculos vagarosos dentro dela com um e depois dois dedos. — Você é o único que me disse que Nora Sutherlin ia ao Sagrado Coração. Eu estive lendo seus livros... para a investigação.

— A pesquisa de uma mão? — Patrick beijou um caminho através de seus ombros e pescoço e até a boca dela.

— Você não gostaria de saber, — ela brincou.

— Eu amaria assistir, — disse ele, empurrando suavemente para dentro dela. Ela abriu as pernas e levou-o mais profundamente.

Ela gemeu no fundo da garganta quando Patrick começou lentos golpes contundentes. Balançando os quadris para Patrick, ela tentou impedir de pensar sobre todas as razões por que ela não devia estar, de novo, fazendo sexo com o seu ex. Eles não iam voltar a ficar juntos. Com seu trabalho, sua viagem, ela não poderia ter um relacionamento real. Ele queria tanto dela. Compromisso, promessas, amor que ela não tem para dar. Mas no jantar tinham falado sobre Nora Sutherlin, como ela tinha aparecido do nada há seis anos e se tornado a mais celebre dominatrix no Submundo. Patrick não sabia muitos detalhes. Especificidades eram difíceis de encontrar quando era sobre Nora Sutherlin. Ainda assim, isso não impediu que Suzanne e Patrick descontroladamente especulassem sobre sua vida pessoal, com quem ela dormia, o que as pessoas kinky faziam por trás das portas fechadas. No momento em que tropeçaram no apartamento de Suzanne depois do jantar, os dois estavam corados e ofegantes e prontos para cair na cama juntos.

Fechando os olhos, Suzanne sentiu a tensão em suas coxas sinalizando que ela estava perto de gozar. As mãos de Patrick tatearam suas costas

enquanto, sua boca procurava a dela de novo e de novo. Ela apertou-se na cama quando sentiu o aperto familiar. Por um breve momento, a visão de alguém que não era Patrick passou pela sua mente, a visão de um homem, mais alto que Patrick, mais visceralmente bonito, mais velho, muito mais intimidante e significativamente loiro. De repente, ela gozou, os espasmos vaginais vibrando através de seu estômago. Por mais alguns segundos Patrick continuou com as estocadas. Ele empurrou uma última vez, segurou-a para ele e gozou duro. No fundo de sua mente ela ouviu-o sussurrar algo em seu ouvido. Mas chocada com a visão que ela tinha acabado de ter, ela não entendeu as palavras.

— Você não vai dizer nada? — Disse Patrick, beijando seu rosto, seu pescoço.

— Desculpe, — disse ela, em pânico por um momento. Será que ela disse algo quando veio, disse outro nome? — Eu só...

— Eu disse que eu te amo, Suzanne. — Lentamente Patrick saiu dela e deitou-se ao seu lado. — Sem comentários?

— Oh, Deus, — ela disse, puxando os lençóis para o peito. — Eu sinto muito. Bom orgasmo, acho que matou algumas células do cérebro.

Patrick rolou de costas.

— Eu matei algumas células cerebrais. Agradável. Bem, não exatamente o que eu estava esperando, mas melhor do que “eu te odeio. Saia.”

Suzanne ouviu a dor em sua voz, a dor que ela sabia que ele queria desesperadamente esconder dela. Relutante, ela virou-se para ele.

— Patrick, nós tivemos essa conversa. Nada mudou desde a última vez que tivemos.

— Certo, — ele disse, arrastando o magro, enfraquecido corpo para fora da cama. Por que ele sempre tinha que fazer o sexo algo mais do que sexo?

Ele agarrou suas calças jeans do chão e vestiu-as.

— O trabalho é sua vida. No Irã um mês. No Camboja, no próximo. Não pode sossegar. Injusto para mim. Somente não vai funcionar. Eu já ouvi tudo isso. O que eu não ouvi foi você olhando nos meus olhos e dizendo, “Patrick, eu não te amo. “

Ele jogou a camisa e bruscamente abotoou-a.

— Esperando, — disse ele. — Você pode dizer isso?

Suzanne revirou os olhos.

— Sim, eu sempre faço minhas declarações de amor durante as discussões pós-sexo. Talvez devêssemos falar sobre isso outra hora. Quando eu tiver roupas.

— Sim, isso vai fazer a diferença. Eu vou ir embora agora para que eu possa deixá-la voltar ao trabalho. Chame-me quando você precisar de mais ajuda para desenterrar sujeira sobre este seu padre. Ou quando você quiser o meu pau em você de novo, como você tão delicadamente pediu.

Ele bateu os pés nos sapatos, pegou sua jaqueta e saiu do quarto. Gemendo, Suzanne arrancou o lençol para fora da cama e envolveu-o ao redor dela.

— Patrick, por favor, não vá. Nós estávamos tendo uma noite tão boa. Por que você sempre tem que arruiná-la, iniciando uma discussão? — Patrick fez uma pausa na porta da frente e virou-se.

— Você é linda, — disse ele. — E você é brilhante. E você me deixa louco. E estive apaixonado por você por um ano. Eu não dormi com uma única pessoa depois que você me largou e fugiu para o Afeganistão...

— Eu não fugi, — ela respondeu com raiva. — Eu sou uma correspondente de guerra. Era o meu trabalho.

— E eu não comecei uma briga. Eu te disse que te amo. Só você iria ouvir “eu te amo” e achar que eu estava começando uma discussão. Estou saindo agora antes que eu diga algo realmente horrível, como “eu te amo” de novo.

Suzanne exalou e passou os dedos pelos cabelos.

— Patrick... — ela começou e não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Ele olhou para ela por um longo tempo e balançou a cabeça.

— Ela foi embora, — disse Patrick quando ele virou a maçaneta.

— O quê?

— Nora Sutherlin. O nome verdadeiro dela é Eleanor Schreiber, você sabe.

— Sim, eu sei. Nora Sutherlin é apenas um pseudônimo.

— De qualquer forma, o Sagrado Coração mantém um rol de membros meticulosos. Ela deixou a igreja há sete anos, voltou no ano passado. Duvido que signifique alguma coisa. Queria dizer-lhe no jantar.

Suzanne assentiu. Patrick esperou.

— Obrigada, — disse ela, puxando o lençol apertado em torno de si mesma.

Patrick unicamente olhou para ela. Ele abriu a porta e saiu, deixando-a sozinha no seu apartamento.

Frustrada e magoada, Suzanne voltou para o quarto. No caminho ela parou na sua estante e olhou para o exemplar dela do livro de Nora Sutherlin *The Red* pousado em sua prateleira.

— Tudo culpa sua, sua puta, — disse Suzanne, tentando fazer-se sentir melhor. Não funcionou. Ela pegou o livro da prateleira e folheou-o, esperando se distrair do fato de que durante o sexo com Patrick, ela imaginou o rosto do Padre Stearns, o alvo da sua investigação, o inimigo. Ela endureceu a coluna e empurrou a vergonha de lado. Padre Stearns havia chocado ela por ser tão incrivelmente bonito. Essa foi a única razão pela qual seu rosto veio a ela enquanto Patrick estava dentro dela. Só isso.

Suzanne quase fechou o livro e colocou-o de volta na prateleira. A última coisa que ela precisava hoje era pensar sobre sexo ou homens. Mas, quando as páginas se espalharam e seus olhos caíram na dedicação do livro.

Como sempre, Amado, Sua Eleanor

Ela leu novamente. Uma frase estranha, estranhamente redigida. Parecia dizer mais do que realmente dizia. Nora diminutivo de Eleanor. Essa parte ela entendeu.

Mas quem era o seu amado?

* * *

Michael acordou sozinho. A lua descansava alto no canto da janela. Ainda noite. Ele rolou de costas e olhou para o teto. Parte dele ainda não podia acreditar que ele estava aqui passando o verão em uma mansão e aprendendo kink com Nora Sutherlin. Antes que ele tivesse adormecido, ela

tinha-lhe interrogado sobre sua vida de fantasia, o que ele queria tentar, o que ele queria aprender. Ter uma bela femme gentilmente esfregando sua pele nua com as unhas, contando-lhe histórias sobre a sua vida como uma submissa, poderia ter sido um dos momentos mais eróticos de sua vida. Infelizmente, quando ela tinha tentado fazer-lhe perguntas específicas sobre o que ele queria tentar com ela, ele resguardou-se, com vergonha de responder. Ele tinha se desculpado por sua incapacidade de articular suas necessidades sexuais com ela. Mas ela apenas beijou-o delicadamente e sussurrou, “Nós vamos chegar lá”.

Uma coisa que tinham sido capazes de falar foi da segurança. Amanhã ele iria começar a tomar o cocktail dos subs, como Nora chamava. Vitamina K e zinco, para ajudar suas contusões a curar mais rapidamente. Durante as cenas, iriam usar o sistema de luz verde / amarelo / vermelho para deixá-la saber como ele estava parando. E, claro, a sua palavra de segurança ainda seria a que ela tinha dado a ele na noite que passaram juntos: asas.

Michael lembrou aquela noite, aquele momento em que ele disse a ela o seu nome. Nora sorriu e lembrou-lhe que Michael era o nome do arcanjo principal de Deus, o mais feroz guerreiro de Deus. Um guerreiro feroz? Tanto faz. Seu pai tinha-lhe dado o nome e obviamente esperava um tipo diferente de filho. Seu pai teria ficado muito mais feliz com um filho masculino, atlético. Não o garoto magro, pálido, quase de aparência feminina que tinha nascido. Um cara como Griffin, era o que seu pai teria desejado em um filho. Com seus músculos duros e poderosa constituição, o forte nariz e mandíbula dele, Griffin era o tipo de homem que alguém iria querer, os homens, as

mulheres, todo mundo. Ele havia dito isso a Nora quando ela perguntou a ele sobre seus pais.

— Seu pai iria encontrar tantos defeitos em Griffin como ele faz com você, — ela disse, acariciando sua testa, com o toque amoroso de uma mãe verificando a febre. Deus, quando foi a última vez que sua mãe tinha sequer tocado nele? — Griffin foi um problemático da mais alta ordem quando tinha a sua idade, e nem sequer começou a se acalmar até perto dos vinte anos. Além disso, ele é um louco excêntrico e bissexual.

— Griffin é bissexual? — Michael perguntou, uma emoção estranha correndo através de seu corpo.

— Ele é. Então, para que você saiba, vigie suas costas, bonito, — disse ela, piscando para ele.

Michael tinha gemido.

— Os homens não devem ser bonitos, — ele protestou quando Nora acariciou o grande arco de sua bochecha.

— Mas os anjos são, — disse ela e deu-lhe um beijo suave. E então ela tinha trazido os lábios ao seu ouvido e sussurrou, — sábado à noite.

— O que tem sábado à noite? — Ele perguntou.

— É quando eu vou bater em você e te foder novamente. Se você estiver pronto. Pronto?

— Muito pronto, senhora.

Michael exalou alto, irritado com ele mesmo. Ele ficou tão duro só de pensar acerca de sábado à noite, que estava em agonia desde há dois dias. E Nora tinha avisado que ele não poderia gozar sem a sua permissão. Aparentemente Padre S impostou à mesma regra a ela durante os dois anos

em que a treinou antes que eles se tornassem amantes. Ela disse que ser uma virgem loucamente apaixonada de dezoito anos de idade com uma furiosa libido que tinha de ter permissão do seu padre antes que pudesse se masturbar podia ter sido a pior tortura que Søren alguma vez lhe infligira. A vara era uma brisa em comparação.

Lentamente Michael arrastou-se para fora da cama, vestiu a cueca e camiseta e caminhou até ao seu banheiro. Não, ele se corrigiu. Ao banheiro do Griffin. Tudo pertencia a Griffin e Michael era apenas um convidado nesta casa. Ele não poderia, não iria, se acostumar a este luxo. No final do verão, ele se deslocaria da pequena casa da sua mãe para um quarto de um dormitório ainda menor, onde ele iria voltar a ficar sozinho. Se ele se acostumassem a esta casa e as pessoas nela, ia doer muito mais quando ele fosse embora em agosto.

Inclinando-se sobre a pia, Michael jogou água fria em seu rosto corado. Ele escovou os dentes e penteou o cabelo com os dedos, ações rotineiras que ajudaram a excitação a morrer um pouco. Seu estômago roncou. Quanto tempo tinha passado desde que ele tinha comido? Ontem talvez? Griffin tinha dito onde encontrar a cozinha e que qualquer coisa lá que era um jogo justo. Comida. Comida era boa. Comida iria distraí-lo.

Ele arrastou-se para fora do quarto na ala do berçário e dirigiu-se para a escada principal. Ele se lembrou das instruções do Griffin. Desça a porra das escadas do meio, vire naquela estúpida estátua de mármore da qual eu quero me livrar mas minha mãe iria me matar se eu fizesse, passe a sala de jantar com a mesa anal e a cozinha está à direita.

— Mesa anal? — Michael tinha perguntado.

— Altura perfeita para sexo anal, — explicou Griffin.

Então Michael desceu a porra das escadas grandes no meio do corredor e virou à esquerda na estúpida estátua de mármore, que era uma espécie de cavalo, ele adivinhou. A porta do lado esquerdo do corredor estava entreaberta. De dentro escapou sons suaves de prazer.

Silenciosamente, ele arrastou-se até a porta. Dentro da expansiva, opulenta sala de jantar Michael viu Nora e Griffin. Nora estava nua no centro da mesa enorme. Longos lenços de seda vermelha amarravam seus pulsos nas pernas da mesa, enquanto suas próprias pernas jaziam abertamente espalhadas na beira. Griffin, vestindo apenas calças de couro que descansavam nos elegantes quadris dele, ficou entre os joelhos dela enquanto trabalhava a mão dentro dela. Cuidadosamente ele empurrou primeiro três, depois quatro e, finalmente, todos os cinco dedos dentro de seu tenso corpo. Michael estremeceu mas Nora parecia desfrutar. Suas costas arquearam e seus quadris levantaram-se da mesa quando a mão inteira de Griffin desapareceu dentro dela.

Se um canhão tivesse atrás de Michael, ele ainda não teria sido capaz de olhar para longe. Nora tinha seios tão bonitos, e eles subiam e desciam com cada respiração irregular dela. A visão do musculoso, tatuado braço de Griffin com o punho profundamente em Nora, trouxe Michael quase ao orgasmo só ao assistir. Ele nunca pensou que tinha um fetiche por couro ou qualquer coisa, mas por alguma razão, a visão de Griffin em calças de couro parecendo como uma espécie de estrela de rock banhado em suor e luz das velas, fez todas as partes do corpo de Michael ficarem atentos.

Ele ouviu Griffin sussurrando encorajamentos carnavais a Nora, que montou sua mão com esfomeadas ondulações de sua pélvis enquanto ela puxava os lenços escarlates. A respiração dela ficou áspera e difícil. Os dedos de Griffin massagearam o clitóris inchado dela até seu corpo inteiro ficar rígido pelo que pareceu uma eternidade antes dela lançar um grito exaltado.

Seu orgasmo terminado, Nora ficou imóvel por um ofegante minuto e rindo um pouco quando Griffin cautelosamente fez seu caminho para fora dela. Desatou-lhe os pulsos da mesa e usou o lenço para limpar a mão. Estendendo a mão, ele pegou o corpo desgastado de Nora e levantou-o da mesa com uma exibição ocasional de força. Uma pequena poça líquida brilhava na superfície polida da mesa bem onde os quadris de Nora tinham descansado.

Puxando Nora para ele, Griffin vaiou um duro comando em seu ouvido enquanto ele pegava o lenço de seda e amarrava os pulsos dela atrás das costas. Nora protestou, fez beicinho, implorou um pouco. Mas Griffin só pegou-a pelo pescoço e empurrou-a para o chão. Ele encostou-se a mesa quando Nora afundou até aos joelhos a frente dele. Michael quase gemeu em voz alta quando Griffin libertou sua ereção dos limites das calças de couro. Meu Deus, Griffin era seriamente bem dotado. Michael não conseguia tirar os olhos quando Griffin pegou a parte detrás da cabeça de Nora e forçou-a a tomar o seu impressionante comprimento em sua boca. Griffin apoiou-se na mesa com uma mão enquanto se movia dentro e fora lentamente.

Michael sabia que não deveria estar vendo isto. Griffin e Nora estavam fazendo sexo. De nenhum jeito eles iriam querer que ele visse tudo. Mas ele não podia ir embora, não conseguia desviar o olhar, não conseguia parar de

olhar para a linha no centro do peito de Griffin, a linha que começava no seu forte pescoço, arrastava para o peito largo, dividiu seu rugoso estômago e ia para baixo até dentro da boca de Nora. O estômago de Griffin apertou mais quando um pequeno gemido de prazer passou por seus lábios.

A mão no cabelo de Nora agora acariciava seu rosto, sua bochecha, e Griffin olhou para ela com olhos cobertos, cheios de luxúria. Ele divertidamente bateu em seu queixo e piscou.

Piscou? No piscar de olhos, a boca ocupada de Nora se contraiu com um pequeno sorriso. Até agora Michael sempre tinha pensado sobre kink como algo escuro e perigoso, algo para fetichistas e aberrações como ele. Agora, de repente, ocorreu-lhe. BDSM era um jogo, um jogo em que ambos os jogadores ganhavam.

Griffin devolveu o sorriso de Nora antes de outra respiração desesperada escapar de seus lábios. O coração de Michael apertou com o carinho óbvio que Griffin sentia por Nora. Será que algum dia, alguém faria isso a ele, sorrir para ele assim, tocá-lo assim, com carinho, com amor durante o sexo? Ele temia constantemente que ele nunca iria encontrar alguém que o amasse. Encontrar alguém que entendia sua sexualidade e não o julgasse por isso parecia um sonho quase impossível. Nora tinha Padre S, e, certamente, Griffin teve toneladas de amantes que satisfizeram todas as suas necessidades e desejos. Será que Michael alguma vez teria isso? Certamente que a maioria das meninas fugiria dele no segundo que ele lhes dissesse que precisava ser dominado no quarto. E Nora tipo que parecia a única nesse tipo.

Com o coração pesado, Michael finalmente afastou-se da porta parcialmente aberta e voltou para o quarto. Mais uma vez o demônio da

inveja dançou em seu peito. Ele parou e descansou a cabeça contra a parede para respirar por alguns segundos.

A cena que acabara de testemunhar brilhou na sua mente de novo, mas desta vez era ele na sala de jantar. Ele podia sentir o tapete persa de pelúcia macio, mas espinhoso sob os joelhos, o lenço esticado em torno de seus pulsos. Em estado de choque, os olhos de Michael se abriram quando ele percebeu por um segundo ele não invejava Griffin porque ele teve a chance de estar com Nora.

Ele invejava a Nora.

Nora verificou o tempo no relógio de seu quarto e fez um rápido cálculo mental. O pôr do sol batia perto das nove horas e era apenas seis. Ela ainda tinha três horas para matar antes da primeira sessão de Michael. Ela não queria ter relações sexuais com Griffin primeiro. Conhecendo-o, ele iria desgastá-la e ela não teria muito para dar a Michael. Demasiado excitada para escrever, ela decidiu fazer a seguinte melhor coisa.

Cavando em sua bolsa, ela encontrou seu celular e bateu o número três na sua discagem rápida. Uma voz ligeiramente grogue respondeu depois de três toques.

— Nora, eu preciso lembrá-la que é meia-noite na Inglaterra? — veio o sotaque sexy britânico de Zach Easton através da linha.

— Você estava sonhando comigo de novo? — Brincou ela enquanto ela se sentava no chão e esticava as pernas em um V.

— Deus, eu nunca vou ouvir o fim disso, sou eu?

— A culpa é sua por me dizer que você teve um sonho erótico sobre mim, — disse ela, inclinando-se para esticar as costas. Algumas semanas atrás, Zach tinha soado um pouco estranho no telefone quando ela ligou uma manhã. Ele havia confessado que tinha acabado de acordar de um intensamente sonho sexual com ela. Eles estavam de volta ao seu clube de S & M, o 8th Circle, e jogando em seu antigo calabouço. Ela nunca conseguiu dele o que eles estavam fazendo exatamente, mas deve ter sido muito

húmido para ele lhe dizer que precisava de uns bons cinco minutos a sós antes que pudessem terminar a conversa.

— Eu nunca mais vou fazê-lo novamente, eu lhe asseguro, — Zach reclamou, mas Nora ouviu o sorriso na voz dele.

Nora rolou e ergueu os quadris do chão.

— Eu tive esse sonho outra noite que eu estava comendo ostras no Sagrado Coração, e Søren entrou montando em um unicórnio. Eu pensei que significava alguma coisa, mas quando contei a ele sobre isso, ele disse que eu não tinha mais permissão para comer comida Cajun antes de dormir. Aquele homem não tem respeito pelos arquétipos junguianos.

Zach suspirou.

— Sim, bem, Gracie e eu temos o mesmo problema.

— Falando de sua esposa, onde ela está? Quero perguntar-lhe como dizer “asperamente por trás” em galês.

— Gracie está no banheiro tirando a temperatura.

— Ela tem que fazer isso no banheiro?

Zach tossiu. Nora compreendeu.

— Oh, entendo. Além disso, agora eu estou me perguntando se eles fazem plugs para a bunda com termômetros por dentro. Você sabe, quando você pode ter uma ligeira febre e desejo de penetração anal.

— Sua mente é fascinante e repulsiva, — disse Zach.

— Obrigada. Eu tento. Eu estou supondo que vocês dois ainda estão tentando engravidar?

— Por isso, tirando constantemente a temperatura constante.

— Tente dominar Gracie na cama. — Nora baixou os quadris para o chão e torceu os joelhos para o lado.

— Kink é sua resposta para tudo, Eleanor?

Nora estremeceu com o uso do seu nome de nascimento. Retaliação estava em ordem.

— Não, Zachariah. É apenas a resposta para tudo sexual. Para dominantes masculinos, kink provoca um aumento de testosterona. Isso pode aumentar sua contagem de esperma. Para submissos do sexo feminino, kink pode fazer com que o corpo libere hormônios como opiáceos. Ela relaxa profundamente. Faz com que conceba mais facilmente quando você está menos estressado. Há um método para a minha loucura. Prende-a. Engravide-a. Ordens da médica.

— Você pode muito bem ser a minha nova médica favorita.

— De nada. Você pode pedir emprestado o meu espelho. Emprestado apenas. Você tem que devolver. — Nora torceu suas pernas para o outro lado e soltou um pequeno grunhido de dor-prazer quando suas costas estalaram ruidosamente.

— Você está tendo sexo agora? — Ele perguntou em resposta ao som.

— Não. Apenas fazendo alguns alongamentos pré-sexo, — disse ela, virando em uma posição de cão de yoga. — Eu estou fodendo um adolescente hoje à noite. Tenho que estar preparada.

— Fodendo um adolescente? — Perguntou Zach, rindo. — Bom ouvir que você e Wesley seguiram em frente.

À menção do nome de Wesley, Nora deixou cair o telefone e desabou ao lado dela.

Ela ouviu Zach dizer o nome dela e ela pegou o telefone do chão.

— Nora? Está tudo bem? — Perguntou Zach.

— O que você disse sobre Wesley? — Perguntou ela, com as mãos quase tremendo. — Você fala com ele?

Ela ouviu Zach exalar fortemente.

— Eu sinto muito. Eu ainda estou meio dormindo. Eu não deveria ter dito nada. Sim, Wesley e eu trocamos e-mails de vez em quando. Ele disse que você não responde às suas chamadas então ele manda-me e-mails para saber como você está.

Nora puxou-se do chão e sentou-se na beira da cama.

— Você ainda conversa com Wesley, — ela repetiu, atordoada com a notícia. Nenhuma uma única vez lhe ocorreu que Zach e Wesley iriam ficar em contato.

— Apenas um e-mail a cada poucas semanas, — disse Zach. — Ele se preocupa com você.

— Por quê? — Ela perguntou, seu coração batendo contra sua caixa torácica.

— Por quê? Oh, eu não sei. Você está dormindo com um sadista?

— Søren é o melhor homem sobre a face da terra, — Nora disse bruscamente.

— Você diz isso e eu quero acreditar em você, — disse Zach. — E se alguma mulher na face da terra pode lidar com estar com um homem assim, é você. Mas Wesley é um adolescente e romanticamente inclinado. Ele simplesmente vê Søren como perigoso e violento.

Fechando os olhos, Nora retratou o rosto de Wesley da última vez que ela o viu. Seus belos olhos marrom-dourados tinham virado vermelho-sangue com lágrimas não derramadas. Seus lábios que ela tinha beijado poucas vezes tinham ficado pálidos. Seu belo garoto de doce rosto tinha desaparecido e fora substituído por um homem quebrado.

— Ele não é mais um adolescente, — disse Nora, sua voz macia e oca. — Ele fez 20 dia 9 de setembro. Você sabia que eu já tinha decidido o seu presente de aniversário?

— Não, eu não sabia, — disse Zach, sua voz cheia com simpatia.

— Eu ia surpreendê-lo com uma viagem para as Ilhas Virgens. Só eu e ele. Eu planejava provocá-lo para que enquanto estivéssemos lá, nós pudéssemos mudar o nome da ilha.

Zach riu.

— Por que não estou surpreso?

— Você disse que ele seguiu em frente, — disse Nora, de repente, lembrando as palavras de Zach.

— Nora, não vamos falar sobre isso.

— O que você quer dizer com “Fico feliz em ouvir que você e Wesley seguiram em frente” — Nora exigiu, usando a sua perigosa boa memória.

— Você vai dormir com um adolescente esta noite. Sim? Ou isso foi uma piada? Eu nunca posso dizer com você, — Zach brincou sem jeito.

— Eu vou. Estou treinando um novo submisso. O treinamento será bastante profundo, — ela disse, combinando falsa leveza com falsa leveza.

— Bem, — Zach começou e parou. E nessa pausa o estômago de Nora fechou em um nó tão apertado que formou um pequeno diamante que

brilhava com a agonia. — Wesley tem uma namorada. Ela é um pouco mais velha do que ele.

Nora engoliu.

— Quem é ela? — Nora perguntou, tentando não deixar que a tristeza e raiva que sentia com força excessiva infiltrassem em sua voz.

— Acredito que ele disse que seu nome é Bridget. Ela é a secretária do pai dele, aparentemente.

— Bridget? — Repetiu Nora, bufando com nojo. — Soa como uma idiota sem neurônios. Tenho ainda que conhecer uma mulher chamada Bridget que saiba ler.

— Isto não é ciúme latente falando, não é? — Perguntou Zach. Nora ouviu algo no fundo, o som da voz de uma mulher. Ela ouviu o som suave do colchão suspirando e sabia que a esposa de Zach, Grace, tinha voltado para a cama com ele.

— Não, — disse Nora. — Claro que não. Eles estão dormindo juntos?

— Eu temo que você terá que perguntar isso a ele. Você já pensou em atender o telefone da próxima vez que ele ligar?

Nora assentiu e, em seguida, lembrou-se que ela e Zach estavam no telefone.

— Vou pensar sobre isso. Søren quer que eu atenda. Ele acha que eu preciso para fazer paz com o meu passado.

— Então eu vou dizer algo que eu nunca pensei que eu alguma vez diria na minha vida, estou de acordo com Søren.

Nora deu um risinho triste.

— Aqui, Grace quer falar com você, — disse Zach e ela ouviu-o sussurrar alguma coisa e passar o telefone.

— Nora? Você está bem? — Veio a voz melodiosa com sotaque irlandês de Grace pela linha.

— Estou fabulosa. Eu estava apenas flertando com seu marido, enquanto você estava fora do quarto.

— Eu não culpo você. Ele está parecendo muito bom hoje à noite. Eu não posso dizer-lhe o que ele está vestindo, porque ele não está usando nada, — brincou Grace e Nora sorriu finalmente, um verdadeiro genuíno sorriso.

— Você está me torturando, Grace, — Nora disse, impressionada. Ela ainda não podia acreditar o quão bem Grace estava com ela continuando a amizade com Zach. O oceano entre eles provavelmente ajudava. — Eu acho que você pode ser uma sadista. Eu aprovo.

— Eu realmente quero conhecer esse seu padre misterioso.

— Nós vamos ter um quarteto na próxima vez que você e Zach vierem aos Estados Unidos.

— Excelente ideia, — Grace disse antes de dizer boa-noite. Nora desligou e deixou cair o telefone de volta em sua bolsa. Durante muito tempo, ela olhou em torno do seu quarto, olhou sem ver nada.

Wesley... uma namorada? Uma mulher mais velha? A secretária do pai?

Espere, pensou Nora. Pelo o que Wesley disse a ela, seu pai trabalhava como treinador em um haras. Treinadores de cavalos têm secretárias? E os homens jovens lindos que podiam ter qualquer garota que eles quisessem namoravam mulheres mais velhas por um único motivo. Sexo.

Nora ouviu uma batida na porta. Ela virou a cabeça e viu Griffin pé em sua porta vestindo nada além de uma cueca boxer cinza escura bem ajustada.

— Eu vou ver como Mick está, ok? — Disse Griffin. Nora lembrou-se vagamente de ordenar a Michael para ficar em seu quarto o dia todo como castigo por não fazer nada absolutamente errado desde que chegou a casa de Griffin. Ele precisava fazer alguns erros ou ela não teria uma desculpa para castigá-lo.

— Tudo bem, — Nora disse enquanto se levantava da cama.

— E então eu vou amarrá-lo e transar com ele, — disse Griffin, aparentemente, decidindo pressionar sua sorte.

— Tudo bem, — Nora disse novamente enquanto vagava ao redor da sala.

— Legal. — Griffin começou a sair mas ela parou-o quando lembrou de algo. — Sim, senhora? — Ele perguntou, sorrindo.

— Esta casa. Este lugar foi, uma vez, um haras, certo?

— Sim, — disse Griffin. — Quando meu avô era mais jovem, eles criavam cavalos aqui. Eu vendi todos os cavalos quando recebi a casa. Corridas de cavalos podem ser muito horríveis.

— Os treinadores de cavalos, eles tinham secretárias?

Griffin franziu a bonita testa para ela.

— Não. Não que eu saiba. Só o meu avô, mas ele era o dono do lugar.

Nora concordou e Griffin deixou sua porta. Ela viu-o ir em direção a ala do berçário. Balançando a cabeça, ela tentou desalojar os pensamentos sombrios que flutuavam em torno de sua mente como morcegos com raiva. Ela não podia se debruçar sobre Wesley agora. Ela tinha que pensar em

Michael. Claro que Wesley tinha uma namorada agora. Alto e bonito, inteligente e doce, Wesley era um achado. O que ela esperava que ele fizesse? Ela tinha chutado ele para fora de sua casa e deu o coração, corpo e alma de volta para Søren. Ela achava que Wesley iria apenas sentar e esperar ela voltasse para ele para o resto de sua vida?

Não, ela não tinha pensado nisso. Mas ela tinha secretamente esperava isso.

Nora respirou fundo. *Mágoa*, disse a si mesma, nomeando a sensação que tomava conta de seu corpo no momento. Søren tinha ensinado este truque anos atrás. Se ela podia nomear seus sentimentos, enumerá-los, classificá-los, ela podia distanciar-se deles, fazê-los objetos separados dela. Abrasador. Ardor. Dolorido. Hematomas. Dando um nome a agonia dava-lhe domínio sobre ela. Um velho truque de S & M para o controle da dor, ela usou-o agora. Tristeza, ela disse a si mesma. Irracional, estúpida, tristeza feminina.

Uma imagem inflamou-se em sua mente, uma imagem de seu doce e virginal Wesley nu e enterrando-se dentro de outra mulher, empurrando nela, vindo dentro dela.

Ciúmes, Nora nomeou o novo sentimento. Colérico ciúme.

Nora respirou fundo outra vez. Ela sugou sua dor, seu sofrimento, segurou-o em seu estômago e empurrou-o para fora pelo nariz. Michael. Ela repetiu o nome dele em sua cabeça.

Ela tinha que ter foco esta noite. Quando ela abriu os olhos, ela teve um vislumbre de um pacote de papel branco pousado em sua mesa de cabeceira. A lista de verificação de Michael. Pegando-a, folheou através das respostas de Michael. Debaixo da seção sobre S & M, Griffin tinha deixado uma nota.

Mick não é apenas um sub. Ele é um masoquista também. Posso tê-lo quando você terminar com ele?

Uma linha sutil existia entre submissos e masoquistas. Submissos apreciavam se submeter mesmo que odiassem a parte do processo da dor. Mas os masoquistas não só gostavam de submeter-se a dor, eles tinham prazer com ela.

Bom, pensou Nora, colocando a lista de verificação de lado. Hoje à noite, por algum motivo, ela sentia-se no clima para bater o inferno sagrado fora de alguém.

* * *

Michael Dimir. Suzanne escreveu o nome em sua barra de pesquisa do Google e fez uma pausa antes de apertar Enter.

Há dias que Suzanne vinha evitando pesquisar o garoto que tinha tentado se matar no Sagrado Coração. Doía muito em pensar, chegar próximo da situação. Mas ela não podia evitar mais. Depois de uma reunião com o padre Stearns, ela descobriu que ele era um homem a ser considerado. Mesmo agora, sentada sozinha em seu apartamento, seu corpo recordava a fissura de choque que ela tinha experimentado ao ver o padre pela primeira vez. E quando eles tinham falado, ela teve a nítida impressão de que ele estava tocando-a, brincando com ela. Ele estava esperando uma repórter, isso era óbvio. E ele não havia traído a menor centelha de medo ou nervosismo em torno dela. Mesmo o mais puro inocente ficava um pouco nervoso em torno de uma repórter. Quem era este padre?

Suzanne pressionou Enter e começou a triagem através de todos os hits. Ela se odiou por cavar a sujeira de uma criança. Mas ela continuava batendo na parede com o Padre Stearns. Talvez ela tivesse melhor sorte com um dos seus paroquianos.

Nada veio sobre a tentativa de suicídio, é claro. Menor de idade, os jornais guardariam seu nome. Seu nome, Dimir... O jovem Michael deve ser da Europa, no Leste, decidiu. Ela conheceu um par de Dimirs durante a sua temporada de dois meses na Roménia e Sérvia. *É isso*, disse a si mesma. Mantenha profissional, mantenha vago, mantenha impessoal. *Não pense nele como pessoa, como uma criança, como um pequeno católico que amou a igreja e confiava em seu padre e que...*

Com um irritado bater de mão, Suzanne enxugou as lágrimas do rosto. Fechou seu laptop com força antes mesmo de ter um pedaço de informações sobre Michael Dimir.

Ela, imediatamente, se sentiu melhor. Se Michael Dimir havia tentado o suicídio pela razão que ela acredita que ele tinha tentado, então a última coisa que ela queria fazer era viola-lo novamente. Ela tinha que manter seu foco em seu objetivo, e o nome de seu alvo era o padre Marcus Stearns.

Ela olhou para o laptop fechado e soube que abri-lo seria inútil. Alguém, uma vez, definiu insanidade como tentar a mesma coisa uma e outra vez enquanto esperava diferentes resultados. Nenhuma quantidade de perseguição na internet iria levá-la em qualquer lugar mais perto da verdade sobre o Padre Stearns.

Embora ela já não acreditasse em Deus, Suzanne sabia que ela estava fazendo o trabalho dele agora mesmo. Alguém em algum lugar sabia algo

sobre o Padre Stearns, algo ruim o suficiente para lhe mandar uma denúncia anônima sobre ele. Por que ela, ela não tinha ideia. Milhares de repórteres investigativos viviam na área de Nova York. Ela nunca tinha trabalhado como qualquer coisa além de correspondente de guerra. Talvez quem enviou a dica acha-se que alguém bravo, alguém sem medo de zonas de guerra seria necessário para chegar à verdade. E zonas de guerra ela conhecia. Ela tinha estado em uma dúzia delas, Sudão, Paquistão, Afeganistão, Iraque... Bombas explodiram em volta dela, ela tinha visto soldados serem rasgados por IEDs bem diante de seus olhos. Mas nunca até agora tinha ela experimentado o tipo de medo real que ela tinha sentido quando de pé a frente do padre Stearns. Ela não se deixaria intimidar.

Não por um homem. Não quando ela tinha entrado em zonas de guerra usando apenas calças camufladas e uma câmera. Ela voltaria à igreja. Ela tinha que voltar.

O telefone tocou e tirou Suzanne de seu escuro, determinado devaneio.

— Patrick, — ela respirou quando ela respondeu. — Eu sinto muito...

— Não, — disse ele timidamente e ela cedeu com alívio. Por alguma razão, ela tinha estado destruída desde sua discussão com Patrick. Agora que eles tinham terminado, ela estressava mais com ele do que quando estavam oficialmente juntos. — É minha culpa. Você esteve de volta aos Estados Unidos por uns cinco minutos e eu fiquei em cima de você para um compromisso. Isso não foi legal de minha parte e eu sinto muito.

— Tudo bem. Eu prometo. Você significa muito para mim, — ela disse, sabendo que as palavras não eram tão boas como “eu te amo”, mas era tudo o que tinha para ele agora. — Vamos esquecer isso.

— Não, eu não quero esquecer. Deixe-me compensar você. Jantar? Sem sexo necessário, eu prometo. Mas se você insistir, — disse ele e riu nervosamente.

Suzanne sorriu, grata além das palavras por sua chamada, o seu pedido de desculpas, a sua presença na sua vida que a impedia de sucumbir à dor que ameaçava dominá-la as vezes.

— Jantar soa agradável. Mas, na verdade, você pode me compensar de outra maneira, — ela disse, olhando para seu laptop fechado e inútil.

— Qualquer coisa, — ele prometeu.

Ela passou os últimos oito anos em países com bombas e armas de fogo e morte, todos ao redor dela. Se ela podia enfrentar exércitos inimigos, ela podia enfrentar um padre católico.

— Eu preciso do seu carro emprestado novamente.

* * *

Michael ajustou sua posição apenas um pouco para captar melhor o desvanecer do sol da tarde. Seu lápis voou sobre o papel quando ele traçou uma série de linhas curvas. Ele fez uma pausa, olhou para o trabalho, apagou uma linha e redesenhou-a. Quando ele virou-se para mais perto da janela ele inalou e sentiu o cheiro de alguma coisa no ar. Ele respirou o cheiro de novo. Tipo picante, mas também sutil e masculino. Não era colônia ou qualquer coisa assim tão forte. Somente... Michael inalou novamente e fechou os olhos... apenas dava água na boca. Deus, o que quer que fosse, ele queria cheirá-lo para o resto de sua vida.

— Porra, — veio uma voz por cima do ombro, fazendo com que Michael saltasse de surpresa. Ele virou a cabeça e ficou cara-a-cara com Griffin, que estava ao lado dele vestindo nada além de cuecas boxer. Pelo menos agora ele sabia a fonte desse incrível cheiro. Michael olhou para ele em silêncio por um momento e absorveu a falta de roupas e cabelo molhado. Griffin tinha acabado de sair do chuveiro obviamente, e aquele cheiro incrível vinha de sua pele. — Você desenhou isso?

Griffin pegou o livro de desenhos dele e sentou-se em frente a ele no banco da janela.

— Não está terminado. — Ele estendeu a mão para pegar seu livro de volta, mas Griffin levantou o dedo para ele, e Michael deixou cair às mãos.

— Submeta, submisso, — disse Griffin, esticando suas pernas ao lado de Michael. — Eu não sou o seu dom, mas eu sou um dom, então se comporte.

Michael reprimiu o desejo de fazer a coisa de Nora e rosnar para Griffin.

— Não está terminado, — repetiu Michael, puxando suas pernas apertadas contra o peito e enroscando seus braços em volta dos joelhos. Griffin olhou para ele, pousou o caderno de esboços de lado e agarrou Michael pelos tornozelos.

— O que—? — Michael começou quando Griffin puxou as pernas de Michael esticadas na frente dele.

— Você está fora de controle com a coisa de posição fetal, — disse Griffin, com óbvia exasperação. — Você está autorizado a ocupar espaço, Mick. Toda vez que você fica um pouco estressado, você se puxa para esta pequena bola e praticamente desaparece. Uma façanha impressionante considerando quão alto você é.

— Desculpe, — Michael disse, tentando relaxar. — Eu fico nervoso e eu...
— Ele tentou explicar ainda mais, mas as palavras lhe faltaram.

— Você se transforma em um porco-espinho, — disse Griffin. — Medida de autoproteção. Mas você está comigo agora. Coloque os picos para longe e relaxe. Você não tem que se proteger. Eu não vou machucar você. Nem mesmo do jeito divertido, ok?

O coração de Michael contraiu e, em seguida, expandiu forte o suficiente que ele sentiu nas Griffin palavras. Ele não podia acreditar que alguém com a pura presença física de Griffin, para não mencionar todo o seu dinheiro, iria tratar Michael com tal... Michael tentou encontrar uma boa palavra. Com tal cuidado.

Lentamente Michael sorriu.

— OK.

— Bom. Agora só sentar lá e fique bonito enquanto eu vasculho através de seu livro.

Aborrecido e embaraçado, Michael começou a cruzar os braços, mas Griffin o encarou. Obediente Michael relaxou os braços e pernas.

Griffin folheou lentamente através das páginas do surrado Moleskine de desenho de Michael.

— Você só faz esboços a lápis? — Perguntou Griffin.

— Na maioria das vezes. Caneta e tinta, lápis e caneta.

— Lápis de carvão?

— Amo lápis de carvão, mas é bagunçado.

— Então?

— Mamãe fica brava quando ele fica na minha roupa, — Michael disse e então se amaldiçoou por dizer algo tão idiotamente infantil.

— Por que tantas asas? — Esse caderno de desenho em especial, não tinha nada nele mas variações sobre o tema, asas de anjo, asas do pássaro, asas de insetos. Talvez da próxima vez ele tentasse asas de um grifo⁴¹.

— É a minha palavra segura, Nora me deu. Venho fazendo desenhos de asa desde então.

Virando o caderno de desenho, Griffin passou para o desenho que Michael vinha trabalhando todo o dia.

— Isto é incrível, — disse Griffin, segurando o caderno aberto. — Você é como John Coulthart, mas mais suave, mais emocional.

O rubor de Michael se aprofundou.

— Você conhece as coisas de Coulthart? — Michael perguntou, ligeiramente atordoado.

— Eu sei que eu não pareço, — disse Griffin, — mas eu tenho um lado geeky⁴². Além disso, estudei história da arte na Brown.

— Você foi para a Brown?

— Sim, mas eu não me formei. É uma longa história, — disse Griffin com uma nota de algo que Michael nunca tinha observado nele antes. Desconforto. — Mas eu sei sobre arte. Eu tenho dois Picassos no meu quarto, há um Kandinsky no quarto de Nora e há um punhado de Delaunays ao redor. Eu cavo cubismo órfico. E desde que eu sei sobre arte, eu reconheço talento. E você tem isso, Mick. Eu amo isto.

⁴¹ Griffin em inglês

⁴² Mesmo que nerd.

Griffin olhou para o desenho que Michael estava trabalhando. Nada muito extravagante, ele era apenas um quadro de asas de anjo ligeiramente gótico de aparência esticada em toda a página. As enormes asas gigantescas foram anexadas nas costas de um menino frágil que estava sentado no chão com as pernas apertadas contra o peito. Um desenho pessoal. Michael não tinha intenção que alguém visse.

— Obrigado. Nora mandou-me fazer algo hoje para fazer-me relaxar antes desta noite. Desenhar geralmente funciona.

Griffin fechou o caderno de desenho com óbvia relutância. Michael pegou-o de volta dele e foi até a cama onde ele deslizou o livro debaixo do travesseiro.

— Geralmente? Nervoso por logo à noite? — Griffin levantou-se e começou a passear no seu antigo quarto.

— Um pouco. — Michael estava sentado na beira da cama e tentou não olhar para Griffin. Griffin rachou-o. Ele só andava de cueca como se ele não se importasse com o que as pessoas pensavam sobre ele. Claro, Griffin tinha um alucinante bom corpo, por isso, por que não andar por aí quase nu?

— Quando foi à última vez que você fodeu? — Griffin perguntou quando ele se sentou na beira da cama de Michael e rolou de costas. Michael mexeu-se nervosamente. Um cara quase nu estava deitado em sua cama. Ele devia ter odiado isso, devia querer odiar isso... não conseguia se fazer não gostar disso.

— Hum, — Michael começou quando ele se virou para se sentar com as pernas cruzadas, de costas para a cabeceira. Perguntas pessoais, ele odiava.

Seu pai sempre o grelhava com perguntas pessoais. — Nora me perguntou a mesma coisa ontem.

Griffin levantou a sobrancelha para ele.

— Você sabe o que isso significa, certo?

Michael balançou a cabeça.

— Ela quer o seu histórico sexual. Significa união de fluido.

— União de fluido?

— Sexo sem preservativo.

— Uau, — Michael disse, seu estômago apertou um pouco. — Isso é seguro?

— Ela está limpa. Faz o teste constantemente. Todos os figurões do 8th Circle fazem, eu incluído. E ela tem um DIU, então eu não me preocuparia em engravidá-la.

— Então, você e Nora, você sabe, união de fluido?

Griffin sentou-se e deslizou para o topo da cama, inclinando-se para trás contra a cabeceira junto a Michael. Mais uma vez Michael respirou o cheiro de Griffin. Michael decidiu descobrir que tipo de sabão Griffin usava apenas para que ele pudesse comprar alguns e cheirá-lo quando quisesse.

— Não. Eu não faço com ninguém.

— Por quê? — Michael perguntou, genuinamente curioso. Caras na escola estavam sempre reclamando sobre suas namoradas os fazerem usar preservativos.

— Mick, — disse Griffin, virando a cabeça para olhar em seus olhos. — Não há nada, e eu repito, nada que eu não tenha feito. E eu não estou falando apenas sexualmente. Cada mau ato na face da terra, menos assassinato e

estupro, eu fiz isso. Então há essa parte de mim que quer manter algo apenas no caso de eu ter um relacionamento real com alguém. Será que isso soa piegas e romântico? Se assim for, não diga a ninguém. Eu estou supostamente *l'enfant terrible* do Submundo. Eu gostaria de mantê-lo assim.

Michael sorriu, não inteiramente certo o que *l'enfant terrible* era mas decidiu que ele gostava do termo.

— Um pouco sentimental. Mas não de uma maneira ruim, — Michael disse, surpreso que Griffin tivesse este tipo de lado mais suave nele. Arte? Pougando parte de si mesmo para um relacionamento real?

— Então, você nunca, você sabe...

— Gozei dentro de alguém? — Griffin terminou por ele. — Não. Nunca. Conversa do pai sobre sexo aos treze anos. “Filho, temos mais dinheiro do que Deus. Você engravida uma menina e ela vai pegar metade. Preservativos, todas às vezes”. E então ele me deu uma caixa de Trojans⁴³.

Michael começou a rir da severa impressão de voz de Griffin do pai. Lembrando-se de algo de repente, Michael parou de rir.

— Espere. Nora, ela foi...

— Nora deu-me um boquete. Se você ficasse e assistisse até ao fim, você teria me visto colocar um preservativo antes de eu terminar.

Mentalmente Michael cavou um buraco e se arrastou para dentro dele. Griffin tinha visto, duas noites atrás, ele a assistir?

— Griffin. — Ele finalmente engasgou as palavras. — Eu sinto muito. Eu não queria... Eu estava apenas a caminho da cozinha e ouvi...

⁴³ Marca de preservativos.

— Mick, acalme-se, — disse Griffin, sorrindo para ele. — Eu não estou chateado. Este sou eu. Eu transo na frente das pessoas o tempo todo. Eu só estava irritado por que você não entrou e se juntou a nós. — Griffin deu-lhe um sorriso malicioso.

Os dedos de Michael ficaram um pouco dormentes.

— Eu acho que a Nora não teria gostado, — Michael disse, não inteiramente certo se isso era verdade. Ele tinha fantasiado sobre trios antes. Ontem à noite, de fato, a sua mente tinha vagado um pouco longe demais e ele tinha imaginado Nora dominando-o enquanto Griffin assistia.

— Sua senhora ama uma audiência. Na verdade, eu vi seu padre foder sua senhora depois que King e eu comemos ela.

Michael sentiu seus olhos querendo sair de sua cabeça.

— Você viu o Padre S...

— Fodendo? Sim. Tempo atrás, quando sua senhora ainda era apenas uma sub como você, ele faria todo o tipo de merda para humilhá-la no nosso clube. O que ela adorava. Você sabe por que eu e King e seu padre fodemos ela na mesma noite?

Michael balançou a cabeça. Ele não podia imaginar.

Griffin aproximou-se como se estivesse prestes a compartilhar um segredo. Cada músculo do corpo de Michael ficou tenso quando o ombro tatuado, musculoso de Griffin, pressionou contra o seu. Michael tentou não notar a gota de água caindo do cabelo de Griffin indo por seu pescoço e descansando na palma da sua clavícula.

— Era o aniversário dela. E isso foi o que ela pediu, — Griffin sussurrou.

— Oh, meu Deus, — Michael respirou, puxando as pernas para o peito novamente. Não por autoproteção, mas para ocultar sua ereção súbita.

— Eu sei. Incrível noite. — Griffin deu um pequeno suspiro melancólico.
— As coisas foram para o inferno pouco depois, no entanto. Nora rejeitou o padre e então ela simplesmente desapareceu de nós. Quando ela voltou, tudo era diferente.

— Ela voltou e começou a trabalhar como dominatrix, certo? — Michael sabia um pouco da história de Nora. Padre S tinha-lhe dado o básico. Ele conheceu Nora quando ela tinha quinze anos e ainda era apenas Eleanor. Amor à primeira vista. Treino aos dezoito anos. Consumação quando ela fez vinte. Sete anos felizes juntos antes dela o deixar por razões desconhecidas. Então ela voltou e juntou forças com Kingsley, que a transformou em não só apenas em uma *domme*, uma fêmea dominante, mas uma dominatrix, a dominante do sexo feminino que cobrava por seus serviços. Muito.

Griffin baixou a voz como se estivesse contando uma história de fantasmas em torno de uma fogueira.

— Quando ela era uma sub, seu padre mantinha-a em uma trela bastante curta. Ela sempre só usou branco no clube. E ele só deixava-a usar seu cabelo para baixo em privado. E quase nenhuma maquiagem, também. Ela não estava autorizada a falar, a menos que ele lhe desse expressa permissão.

Michael tentou e não conseguiu imaginar Nora como Eleanor vestindo toda de branco, sem maquiagem, seu cabelo preto longo, lindo ondulado preso e escondido. E não falar? Nora em silêncio? Tão estranho.

— A primeira noite que foi ao 8th Circle como uma dominatrix, eu estava lá, — Griffin disse. — Você não pode sequer imaginar o choque no

rosto de todos quando eles perceberam que a nova dominatrix gostosa vestindo couro vermelho, no braço de Kingsley, era a ex-submissa de Søren. Uma vez que eles perceberam, ficou feio.

— Por quê? — Michael perguntou, tentando imaginar a cena.

— Eles só a conheciam como uma submissa, e lá estava ela, toda enfeitada como uma *domme*, tentando ser dura. Mesmo os submissos riram dela.

— Pobre Nora, — disse Michael. — O que ela fez?

Um sorriso atravessou o rosto de Griffin, um sorriso que enviou um arrepio de algo pela espinha abaixo de Michael.

— Você sabe como eles dizem que se um cara é enviado para a prisão e ele não quer se tornar a nova cadela, ele tem que encontrar o maior cara no lugar e bater o inferno fora de ele?

— Certo. — Ele tinha visto filmes com essa trama.

— Havia este masoquista no 8th Circle chamado Trent. Ele era masoquista como Søren é sádico. Seu apelido era Unbreakable⁴⁴. Seu padre provavelmente podia tê-lo quebrado, mas Trent só permitia que mulheres ficassem no top. De qualquer forma, Nora foi até ele e perguntou se ele queria jogar. Ele disse que sim e, em seguida, tentou cuspir na cara dela.

— Puta merda. O que aconteceu?

Griffin riu, baixo e rouco, e Michael, de repente sentiu a necessidade se ausentar durante alguns minutos. Em vez disso, ele pegou um travesseiro e cobriu seu colo com ele.

⁴⁴ Inquebrável em inglês.

— Nora abaixou-se. Essa mulher tem reflexos de assassino. Ela aproximou-se e lhe deu um tapa tão forte que o nariz dele sangrou. Então as coisas ficaram realmente interessantes. Ela o quebrou. Em uma noite. Ele usou a palavra de segurança, começou a chorar. Ela mandou o grande filho da puta masoquista para o hospital. Depois disso, ela possuiu o 8th Circle. Nunca mais ninguém questionou as credenciais dominantes dela.

Michael olhou para o teto. No que diabos ele estava se metendo? Ele não sabia, mas de repente ele não podia esperar para cair aos pés de Nora e fazer qualquer coisa e tudo o que ela dissesse a ele. Ter contusões que ela lhe deu seria uma honra.

Griffin esticou as longas pernas bronzeadas e cruzou-as na altura dos tornozelos.

— Trent venerava o chão que ela pisava depois disso. Todos nós fazíamos, — disse Griffin e Michael viu uma sombra de algo cruzar os olhos de Griffin. — Exceto Søren, claro. Aqueles dois estavam em guerra depois disso. Mas só porque ele queria-a de volta mais do que nunca.

— Você pode culpá-lo?

Griffin não disse nada ao primeiro e Michael viu todo o fogo e divertimento deixar momentaneamente o rosto de Griffin.

— Não. Eu não posso. — A faísca voltou aos olhos de Griffin. — De qualquer forma, a *domme* treinando você é uma verdadeira, lenda viva. Legal, né?

— Muito legal, — disse Michael. — Mal posso esperar por esta noite.

— Ela não vai vir até anoitecer. Ela é toda sobre a atmosfera e foder a mente. Assim você tem um par de horas. O que você quer fazer?

Michael sabia exatamente o que queria fazer. Moveu-se para o meio da cama e enfrentou Griffin.

— Diga-me mais sobre Nora.

Michael ouviu com temor quando Griffin regalou-o com a história após a história sobre as façanhas lendárias de Nora como uma dominatrix. Ele não podia acreditar que alguns dos clientes dela eram tão famosos, tão poderosos. Isso fez ele se sentir um pouco melhor, que muitos homens que o mundo adorava eram submissos sexuais como ele. O tempo passou tão rápido na companhia de Griffin que Michael mal notou o quarto escurecendo enquanto o sol afundava cada vez mais baixo no céu. Ele não conseguia se lembrar de realmente alguma vez ter se divertido tanto falando com alguém. Ele odiava falar. Ou pensava que odiava. Com Griffin, no entanto, coisas que ele nunca pensou que ele gostaria, responder a perguntas pessoais, mostrar sua arte, falar, descobriu que gostava. Griffin era uns bons cinco ou sete centímetros mais alto que ele, tinha pelo menos 18kg de puro músculo em cima dele e era um dominante. Então por que Michael se sentia tão seguro em torno dele?

— Então, se ela alguma vez for presa novamente, — Griffin concluiu, — eles têm que chamar a carrinha policial e conseguir reforço policial, uma vez que está em seu registro permanente que ela tira as algemas tão facilmente.

— Isso é incrível. Padre S... — Michael começou, mas uma batida na porta interrompeu sua pergunta. Ele virou-se e viu o mordomo britânico de Griffin de pé na soleira da porta.

— Senhor Dimir, — o mordomo disse com seu sotaque perfeitamente altivo. — A senhora exige sua presença.

O coração de Michael saltou em seu peito. Treze meses desde que ele tinha estado com Nora. Treze meses desde que ele tinha estado com alguém. E agora, neste momento, a única e verdadeira Nora Sutherlin havia-o convocado.

Ele virou-se para Griffin, que lhe deu um sorriso tão perverso que Michael, nem mesmo de pé, sentiu os joelhos cederem.

— Vá em frente, Mick. É hora do show.

Assim que ela chegou ao Sagrado Coração, Suzanne tentou descobrir o que diabos ela estava fazendo lá. Seu breve encontro com o Padre Stearns tinha apenas alimentado seu fascínio pelo homem. Como repórter, ela tinha um medidor interno altamente sensível à besteira. Padre Stearns disse que podia reconhecer um católico não-praticante a um quilômetro. Talvez sim. Mas ela podia diferenciar a verdade de uma mentira apenas observando os olhos de alguém.

Eu não fiz um exorcismo em semanas.

Besteira.

O meu escritório está sempre aberto, Padre Stearns tinha dito demasiada sinceridade.

Verdade.

Depois de escurecer no sábado à noite, Suzanne duvidava que alguém, incluindo o Padre Stearns, ainda estivesse no Sagrado Coração. Talvez ela fosse espreitar o escritório dele e ver se ela podia obter algum conhecimento sobre o alvo de sua investigação. Ela estacionou na rua acerca de cinquenta metros da igreja. Enquanto caminhava em direção à entrada lateral, ela estudou seus arredores. Um grande número de viajantes de Nova York viviam em cidades como Connecticut, eram mais seguras, mais limpas e tinham melhores escolas. Wakefield parecia um encantador pequeno subúrbio, o lugar perfeito para criar uma família. Casas pequenas, mas bem

equipadas, ruas tranquilas, lojas históricas e nenhum crime real de qualquer tipo... uma pequena cidade tão perfeita. Perfeita demais, Suzanne decidiu.

Suzanne não confiava em perfeição. Adam tinha sido perfeito, perfeitamente feliz, perfeitamente satisfeito, vida perfeita, até que ele cometeu suicídio.

Fechando os olhos, ela imaginou o rosto de Adam, algo que ela tentou muito forte não fazer. Eles eram parecidos, realmente. Todo mundo sempre disse isso. Mas para além de compartilharem olhos marrons escuros, cabelo vermelho loiro e rostos ovais, eles não tinham quase nada em comum. Ela era a cética, a cínica, a de temperamento quente na família. Adam era o anjo, o primogênito perfeito de seus pais. Doce, carinhoso, temperamento fácil e tão devoto que nem sequer lhe disse quando ela deixou de acreditar em Deus, sabendo o quanto isso quebraria seu coração. E todo esse tempo ele tinha essa coisa horrível dentro dele que outro alguém colocou lá... uma escuridão, uma contaminação, como o bilhete que ele tinha deixado para trás chamava. Deus, o bilhete.

Eu estou sujo, contaminado. Eu não posso encarar tomar mais uma ducha sabendo que não importa quanto tempo eu fico sob a água quente, eu ainda vou estar sujo quando sair.

Suzanne forçou as memórias para longe. Por Adam ela faria isso... por Adam e Michael Dimir e qualquer outra criança que tinha sido ferida pela Igreja.

Ela escorregou pela porta lateral para o Sagrado Coração e fez seu caminho passando por pequenas salas de aula. Mesmo sob a luz baixa, ela podia ler os avisos no quadro de avisos:

Prática Coro, 19:00 às terças, não se esqueça de sua partitura, Gina.

Suzanne riu um pouco através das lágrimas ardentes. Pobre Gina.

Os Cavaleiros de Colombo querem você! Mande e-mail para adonovan@sacredheartct.org para mais informação.

Seu pai tinha sido um Cavaleiro de Colombo. Um nome tão imponente para um grupo de pais geralmente com excesso de peso que não faziam mais do que churrascos de caridade.

Todos os casais que planejam se casar devem reunir-se com o Padre Stearns pelo menos seis meses antes de seu casamento. Faça a marcação com Diane.

Um padre celibatário fazendo aconselhamento matrimonial? Suzanne sacudiu a cabeça. O que diabos iria um padre Católico saber sobre sexo ou casamento ou qualquer tipo de relação romântica?

No final do corredor Suzanne encontrou uma porta fechada com uma placa de identificação gravada nela. Padre Marcus Stearns SJ, lia-se. SJ? Ela tinha visto essas iniciais antes, mas não conseguia lembrar o que elas representavam. Puxando o bloco de notas de sua bolsa, ela anotou-as. Com dedos quase tremendo, Suzanne estendeu a mão para a maçaneta da porta. Virou. Então, ele tinha dito a verdade. O escritório dele realmente estava sempre aberto.

Por razões de segurança deixou as luzes apagadas. De sua bolsa, ela tirou uma pequena lanterna e brilhou ao redor do escritório. Imediatamente ela percebeu que o Padre Stearns era uma aberração de arrumação. Nada parecia fora do lugar. Nada de um livro disperso ou uma única folha de papel. Um belo escritório realmente, Suzanne decidiu. A grande janela com gravuras devia lançar gloriosa luz vermelha e rosa em dias ensolarados. A

mesa esculpida de carvalho parecia velha, provavelmente pesava tanto quanto o Saab de Patrick. Os livros nas prateleiras estavam alinhados com precisão militar. Ela estudou os títulos e descobriu que podia ler muito poucos deles. Quantas línguas podia Padre Stearns ler? Aparecia que, para além das habituais línguas bíblicas, hebreu, grego e latim, Padre Stearns tinha livros em francês, espanhol, italiano... e um monte de livros que pareciam estar em um idioma escandinavo. Ela não sabia duas palavras de sueco, dinamarquês ou holandês mas ela poderia reconhecer as letras, o distinto *a* com um pequeno laço na parte superior ou o *O* com uma barra através dele. Suzanne pegou o que parecia ser o livro mais antigo na prateleira. A partir da forma e tamanho de sua cobertura de couro desgastado, Suzanne supôs ser uma Bíblia. Ela abriu e viu uma inscrição nas primeiras páginas em uma escrita elegante de mulher.

Min Søren, min søn er nu en far. Jeg er så stolt. Jeg elsker dig altid. Din mor.

A única palavra na inscrição que Suzanne reconheceu foi o nome Søren. Ela havia tomado algumas aulas de filosofia na faculdade e aprendeu sobre Søren Kierkegaard, o filósofo dinamarquês e teólogo. Mas se ela se lembrava corretamente, Kierkegaard não era católico. Ela retirou o bloco de notas novamente e cuidadosamente copiou a inscrição dentro da Bíblia. Além disso, ela fez uma nota para procurar Søren Kierkegaard. Por que o Padre Stearns tinha uma Bíblia inscrita para alguém chamado Søren? Um parente talvez? ela imaginou. Ele certamente parecia que tinha sangue escandinavo.

Mas sua pesquisa havia indicado que ele tinha um pai Inglês e uma mãe de Nova England WASP⁴⁵. Outro mistério.

Ela colocou a Bíblia de volta na prateleira e voltou sua atenção para a mesa. Alguma coisa parecia não estar certa mas ela não conseguia colocar o dedo sobre o motivo. Então ela entendeu. Nenhum computador. Bem, talvez ele tivesse um laptop. Embora ela não visse quaisquer acessórios de computador em lugar algum, nenhuma impressora, nenhum cabo de alimentação, nenhum roteador de internet. Ela só via canetas Montblanc e papel de escrita de alta qualidade em sua mesa. Padre Stearns podia ser algo de um ludita. Isso explicaria sua falta de presença na Internet.

Lentamente, ela abriu a gaveta da mesa e sentiu uma sensação distinta de decepção quando ela encontrou nada mais que canetas e papel dentro. Algumas pastas de arquivos não tinham nada de interessante, só horários e listas de versículos da Bíblia em uma impecável escrita masculina. As outras gavetas também não ofereceram revelações chocantes. No fundo da gaveta ela encontrou mais dezenas de canetas Montblanc ainda em caixas. Resumidamente ela perguntou a si mesma se o padre Stearns tinha algum tipo de fetiche com canetas. Então ela notou que muitas das caixas ainda tinham etiqueta, etiquetas de paroquianos com mensagens de carinho e apreciação. Suzanne se lembrou de sua amiga Emily, uma educadora de infância em uma escola particular. Os pais dos alunos a cada Natal inundavam-na com cada tipo concebível de produtos Apple para professor existente. Aparentemente as pessoas de Sagrado Coração souberam sobre o

⁴⁵ White Anglo-Saxon Protestant – Anglo-saxão protestante branco

interesse do padre dele em instrumentos de escrita de alta qualidade e encheram-no com eles todos os anos.

Você abençoa-nos ano após ano, Padre. Amor em Cristo, os Harpers, lia-se em uma etiqueta.

Obrigado por salvar nosso casamento, Padre. Deus o abençoe, Alex e Rachel, lia outro.

É um pecado combinar o aniversário de um padre e presentes de Natal? Vamos falar sobre isso em confissão se for. Feliz Aniversário, Dr. e Sra Dr. Keighley, lia a etiqueta em uma caixa que continha um conjunto de caneta e lápis Montblanc.

Combinar o Natal e o aniversário? Com essa frase, Suzanne percebeu que ela estava certa. Padre Marcus Lennox Stearns, nascido a 21 de dezembro de 1965, era de fato o filho de Marcus Augusto Stearns, o barão Inglês que tinha se mudado para Nova Hampshire e casou por dinheiro. Surpreendente. Então seu alvo tinha realmente desistido de um título na Aristocracia Britânica pela Igreja Católica? Inacreditável. Não só ele desistiu da riqueza da mãe e o título do pai, ele tinha desistido de mulheres pela Igreja. A maioria dos padres que ela conheceu pareciam da variedade “condenados a morrer virgem”. Sem senso de humor, desinteressantes, socialmente desajeitados... o oposto do Padre Stearns em todos os sentidos.

Balançando a cabeça, Suzanne puxou uma última caixa, esta vermelha, e abriu o cartão.

Meine andere Geschenk wird nicht in einer Box passen. AABYE

Meu Deus, com quantas línguas ela teria com que lidar esta noite? Rodando os olhos em frustração, Suzanne pegou o bloco de notas e copiou as

palavras nele. Pelo menos esta língua ela conseguia reconhecer. Alemã. E por alguma razão a última palavra, Aabye, tocou algum tipo de sino com ela. Ela procurou em sua memória para o que parecia tão familiar sobre isso mas veio vazio. Colocando o bloco de notas em sua bolsa, ela esquadrinhou o topo da mesa mais uma vez com sua lanterna.

Sobre a mesa Suzanne encontrou um item de interesse, uma fotografia. Ela olhou para a imagem por um longo tempo. Uma jovem de apenas cerca de dezessete ou dezoito anos idade, parecia com o Padre Stearns, pálida, olhos cinzentos, notavelmente atraente. Suzanne removeu a foto para fora da moldura e virou a imagem. *Jeg elsker dig, Onkel Søren. Kom og besøg snart, Laila*, lia-se. Novamente com as letras escandinavas. Suzanne abriu o bloco de notas de novo e copiou todas as palavras. Por momentos, ela se perguntou se ela estava olhando para a filha do Padre Stearns. Será que ele tinha tido uma criança em algum momento durante seus anos como padre? Isso poderia ser a razão para o fax anônimo e a misteriosa nota “possível conflito de interesses” no rodapé?

Parecia improvável. Afinal, se ele tinha uma criança de um caso, ela duvidava que alguém tão obviamente inteligente e bem-educado como o Padre Stearns, iria simplesmente manter uma foto da filha adolescente em sua mesa. Ela balançou a cabeça em frustração. Esperava por respostas. Tudo o que tinha agora era mais perguntas.

Tão silenciosamente como pôde, Suzanne abandonou o escritório do padre Stearns e voltou para o corredor. Por algum motivo ela sentiu-se atraída para retornar ao santuário em vez do carro dela. As informações de Patrick do xerife de Wakefield indicavam que Michael Dimir tinha feito a sua

tentativa de suicídio no atual santuário do Sagrado Coração. Tentando matar a si mesmo foi o grito final para ajuda. Fosse o que fosse que tinha inspirado isso, algo em Suzanne queria que Michael Dimir soubesse que ela ouviu.

Suzanne encontrou as portas que conduziam da antecâmara para o santuário. Abrindo facilmente a porta de madeira, ela entrou. Ao entrar no santuário Suzanne descobriu que alguém tinha deixado as velas acesas no altar e espalhadas no santuário. Ela congelou quando seus olhos pegaram a vela mais próxima dela. O pavio queimando tinha apenas começado a ficar preto. Atrás dela, ela ouviu o som de passos aproximando.

Ela não estava sozinha.

* * *

Michael lançou um último olhar para trás para Griffin antes de sair do quarto. Griffin deu a Michael uma pequena piscadela no seu caminho para fora da porta e uma pequena parte dele queria ficar e continuar falando. Mas ele sabia que ele queria passar a noite submetendo-se a Nora, precisava até. Ele meio que desejava que Griffin pudesse estar lá também.

Por alguma razão, Michael tinha assumido que ele passaria a noite com Nora no quarto dela. Mas o mordomo de Griffin conduziu-o para o terceiro andar e todo o caminho para um quarto no fim do corredor.

O mordomo parou na porta, acenou educadamente com a cabeça para Michael e foi embora. Michael respirou fundo, virou a maçaneta da porta e entrou no quarto e em outro tempo.

Caramba, pensou enquanto seus olhos tentaram reter a cena em torno dele. Ele tinha visto um monte da casa de Griffin até agora. Cada quarto combinava com Griffin, moderno e elegante, minimalista, artístico e sexy. Mas este quarto parecia que pertencia a um castelo medieval europeu. Tapetes orientais de pelúcia cobriam o piso de cerâmica de pedra. Velas queimavam em cada superfície horizontal e alguns troncos ardiam em uma lareira de pedra. No meio do quarto havia uma cama, larga e forjada a ferro, não muito diferente da que ele tinha perdido a virgindade.

Mas onde estava Nora?

— Nada mal para um calabouço, certo? — Veio a voz de Nora atrás dele. Michael ficou tenso, não sabendo o que fazer. Ele estava autorizado a falar? Mover? Ele decidiu ficar congelado no lugar e não falar até que Nora dissesse a ele o que fazer. — A masmorra de Griffin no 8th Circle é muito mais moderna. Acho que ele queria uma vibe diferente para sua casa aqui. Você gosta? Você está autorizado a responder.

— Sim, senhora. É lindo, — Michael disse, ouvindo o tremor em sua própria voz.

Ele sentiu a presença de Nora atrás dele e tomou uma respiração rápida.

— Você também é, — disse ela, soprando sob sua orelha.

Nora ficou na frente dele e os olhos de Michael alargaram. Nora tinha crescido... muito. Ela encontrou-o quase olhos nos olhos antes de pisar fora e caminhar em direção ao centro do quarto. Ele olhou para baixo e viu que ela usava botas de plataforma até a coxa com saltos assassinos. Seus olhos roçaram seu corpo do pé a cabeça, botas de couro vermelho amarradas atrás,

coxas nuas, saia de couro vermelho, espartilho vermelho-e-preto... Nora olhou sobre o ombro nu e fez sinal com o dedo para ele.

Ele mal podia sentir seus pés enquanto andava em direção a ela. De repente, o quarto e sua beleza se desvaneceram no fundo e tudo o que ele podia ver era ela... Nora e a ondulação dos seus seios no seu espartilho listrado... Nora e o pesado delineador dramático que a fazia parecer como Cleópatra... Nora e seu cabelo que encaracolava em ondas selvagens pelas costas abaixo... Nora e as luvas pretas sem dedos assim como as que ela tinha usado na noite em que ela tomou sua virgindade. Ele mal podia esperar para sentir o macio flexível couro contra a sua pele mais uma vez.

Quando chegou até Nora ela levantou a mão até ao seu pescoço e gentilmente puxou o rabo de cavalo, frouxando-o. Lentamente, suavemente, ela correu os dedos pelo cabelo.

— Eu li a sua lista, Anjo, — ela disse enquanto fechava os olhos. Se ele tivesse sido um gato, ele teria começado a ronronar. — Eu achei muito interessante. Você quer dor, não é?

— Sim, senhora, — Michael respirou.

— A dor faz você se sentir melhor, não é? — Perguntou Nora, sua voz suave e hipnótica. — É como ruído branco... aquietante, calmante, bloqueia a dor real, os maus pensamentos, aquela outra dor que você não quer. Certo?

Os olhos de Michael se arregalaram.

— Sim. Exatamente, senhora. Como você sab...

— Você não é o meu primeiro masoquista, Anjo.

Michael riu um pouco. Griffin tinha dito que Nora teve centenas de clientes quando ela era uma dominatrix. Centenas de clientes que lhe fizeram

centenas de milhares de dólares. Claro que ele não era o seu primeiro masoquista. Só olhando para ela, sentindo-se cair sob seu feitiço, ele podia facilmente entender como homens iriam hipotecar suas almas apenas para serem capazes de beijar a ponta da bota dela.

Os dedos de Nora descobriram o nó apertado na base do pescoço, aquele lugar onde ele armazenava a maior parte da tensão. Michael inclinou a cabeça para ela, deu-lhe um melhor acesso ao seu estresse.

— Eu acho, — Nora começou em um meio sussurro, — que eu vou bater em você esta noite. Mas eu não acho que vou puni-lo ou ser má para você como eu fui com um monte de meus clientes. Acho que você já teve um número suficiente de pessoas sendo cruéis com você em sua vida.

Os olhos de Michael cerraram apertados quando as palavras dela escavaram um buraco em seu coração. Desde a noite em que seus pais descobriram o que ele era, Michael tinha sofrido nada mais que insultos. Aberração, doentio, veado do seu pai e abandono por parte de sua mãe. Ninguém tocava mais nele, ninguém o abraçava, nunca ninguém sequer quis falar com ele, exceto o Padre S, e mesmo ele tinha que manter a distância por causa da Igreja.

Mas agora a mulher mais erótica do mundo estava tocando-o, falando com ele, fazendo-o se sentir como o centro do mundo.

— Obrigado, senhora, — ele disse em uma voz que mal podia ouvir.

Nora acariciou seu rosto com as costas da mão. Inclinando-se, ela apertou um pequeno beijo nos lábios dele antes de mover a boca para o ouvido.

— Tire suas roupas, — ela ordenou.

Michael esticou-se por trás da cabeça e puxou a camiseta, tirando-a com um movimento rápido. Ele desabotoou seus shorts xadrez preto de skate e empurrou-os e a cueca para fora, chutando-os dos tornozelos para o canto do quarto. Na noite em que ele e Nora se conheceram, ele tinha se atrapalhado tão nervoso com sua pulseira que ela teve que tomar o controle e tirar isso por ele. Agora ele não sentiu nenhum desses tremores. O relógio e pulseira que ele sempre usava em público estavam fora e no chão em segundos.

— A sua rapidez em obedecer é tocante, — disse Nora, sorrindo para ele.
— Mas você tem que abrandar e deixar-me desfrutar em assistir você a se despir. Seu padre obriga-me a despir para ele, você sabe.

Michael sentiu uma espiral de necessidade começar a torcer no abismo do estômago.

— Eu não sabia, senhora, — disse ele, quando Nora olhou para o corpo dele nu para cima e para baixo.

— Nós iríamos ter uma agradável noite na reitoria. Ele iria estar a ler em sua poltrona, eu estaria sentada a seus pés escrevendo, e do nada ele estalaria os dedos e ordenava que eu tirasse a roupa.

Michael não disse nada.

— Às vezes, — disse Nora, pressionando perto do corpo de Michael, — ele nem sequer olha para mim. Ele continua a ler. Ele ordena-me que faça apenas para me humilhar. Com inveja?

Mais uma vez Michael fechou os olhos. Ele tentou imaginar como seria pertencer a alguém, ser propriedade como Nora era. Como seria dar seu corpo para alguém tão completamente que podia pedir-lhe do nada para se

despir. Deus, seria tão embaraçoso, tão humilhante, como disse Nora. Quase degradante.

— Muita inveja, — admitiu-o e Nora riu.

— Você já imaginou o que o seu padre e eu fazemos quando estamos sozinhos? — Ela perguntou enquanto ela deu uma volta ao redor dele. Seus saltos agulha clicado contra o piso de pedra.

Um rubor acendeu-se nas bochechas de Michael.

— Sim, senhora, — disse ele, engolindo em seco.

— Diga-me o que você fantasia, — disse Nora e ele ouviu a borda dura da ordem na voz dela.

Suas fantasias sobre Nora e Padre S eram além de humilhante. Às vezes ele via-os na igreja e Nora estaria tentando irritar Padre S. Nora iria colocar o rosto inocente e dizer algo como: “Padre Stearns, sobre St. Elmo...” e Padre S mal olharia para ela e diria, “Santo padroeiro dos marinheiros. O que tem ele, Eleanor?” E Nora diria: “Ele tinha, por acaso, cócegas?” E Michael se esconderia nas sombras e imaginaria seu bonito padre dobrar Nora na parte traseira de um banco e brutalmente transar com ela. Isso foi apenas o material PG⁴⁶ ele pensava. Quando se masturbava ficava muito intenso. Trios, quartetos, orgias, espancamentos viciosos... As coisas que passavam em sua cabeça deixam até ele mesmo assustado.

— Eu... — ele começou e engoliu. Seus dedos cerraram com nervosismo.

— Você pode me dizer, — disse ela, com a voz vindo de trás dele. — Confie em mim, eu tenho ouvido coisas piores. E mesmo que eu não tenha, eu tenho pensado pior. Basta dizer isso.

⁴⁶ Classificação para adultos.

Michael respirou fundo. Ele odiava decepcionar Nora. Ele queria dizer. Queria dizer tudo para ela. Mas as palavras viraram cola e ficaram presas em sua garganta.

— Eu não posso, — disse ele, a voz dele embutida com angústia.

Nora roçou seu rosto com as costas da mão dela novamente.

— Está tudo bem, Anjo. Nós vamos chegar lá. Se você estiver para ser um sub você tem que aprender a falar sobre o que você quer e precisa. Esta, — disse ela, indicando o quarto e, em seguida, apontando para si mesma, — é uma fantasia básica. Mulher dominante, calabouço lindo cheio de brinquedos S&M, cama grande. Genérica mesmo. Comece a falar e me diga o que você fantasia em seus momentos mais privados e nós podemos mudá-la. Você quer me ver de preto em vez de vermelho? De renda em vez de couro? Você prefere fazer a cena lá fora na noite? Você tem fantasias que ocorrem na cozinha? No banho?

Michael mudou nervosamente de pé para pé.

— Talvez, — ele admitiu.

— Você sabe que as coisas que quer importam, não é?

Michael esfregou os braços.

— Eu acho, senhora. Tentando.

— Eu vou te ensinar este verão. Você tem muito a aprender. Vamos começar suas aulas.

Nora caminhou em direção de uma mesa coberta por um pano preto. Quando ela chegou lá, virou-se e torceu o dedo para ele de novo, chamando-o para o lado dela.

Nu além de estar corado, Michael foi ficar ao lado de Nora. Com um floreio ela puxou o pano preto para fora da mesa.

— Uau, — disse Michael com a visão diante dele.

— Obrigada. Eu embalei alguns dos meus favoritos. Alguns são de Griffin, ele está nos deixando usar emprestado. Griffin gosta muito de você. Você causou uma forte impressão nele.

O rubor de Michael aprofundou com o tom insinuante na voz de Nora. Ela sabia que ele a assistiu e Griffin fazendo sexo na sala de jantar? Será que ela de alguma forma intuiu que desde que viu Nora de joelhos na frente de Griffin, ele tinha tido problemas em não se imaginar na mesma posição?

— Ele é muito legal — foi tudo o que Michael conseguiu deixar sair antes de fixar os lábios fechados. Nora somente olhou para ele antes de virar seu olhar de volta para a mesa.

— Sabe o que é isto, Anjo?

— Alguns deles... mas não todos, senhora.

— Deixe-me apresentar-lhe então. Isto, — ela disse quando ela levantou o primeiro objeto, — é um básico chicote de tiras⁴⁷. A alça tem 16cm, as tiras de camurça 46cm. Sente?

Michael estendeu a mão e passou os dedos sobre o chicote. A camurça era tão macia ao toque.

— Usado levemente, — Nora explicou, — vai sentir como uma espécie cócegas de massagem. Usado com força total, no entanto, o impacto sobre as suas costas vai tirar a respiração de você. Coisa curiosa. Eu poderia bater em

⁴⁷ flogger



você com isso até que você chorasse e dentro de uma hora seria como se ninguém tivesse posto um dedo em você.

Ela colocou o chicote de volta na mesa.

— E isso... você sabe o que é isto, não é? — Ela levantou outro objeto, este semelhante ao chicote de tiras mas mais sinistro.

— Um gato-de-nove-caudas⁴⁸, senhora, — Michael respondeu.

— Muito bem. Esta é uma variação mais leve do tipo utilizado para disciplinar marinheiros na Marinha britânica. Mesmo esta versão mais leve poderia rasgar a sua pele se eu quisesse. Mas se eu usá-lo corretamente, você terá os mais belos hematomas sardentos amanhã, cortesia destes pequenos nós sobre as extremidades das cordas. Aqui, — ela disse, entregando-o a ele.

Michael aceitou-o com as mãos quase trêmulas. Ele tocou os nós, ergueu o seu enganosamente peso leve.

— Você sabia que houve uma versão ainda menor deste que era usado na cabine dos meninos a bordo do navio, — disse Nora com o riso em sua voz. — Adivinha o que era chamado?

— Eu não sei, — Michael disse encolhendo os ombros.

— Vagina de um menino, — disse ela, sorrindo maliciosamente. Ela levou o gato dele. — Você não sabia que você ia ter uma lição de história esta noite, não é?

— Não, senhora.

— Eu acredito no valor de uma educação completa. Tawse⁴⁹, — disse ela, nomeando a pesada correia de couro que estava ao lado do chicote. — Usada

⁴⁸ Cat-o'-nine-tails



para disciplinar crianças em idade escolar no século dezenove. Não vai rasgar a pele mas vai queimar como fogo. E isto, — ela disse deslizando mais um objeto fora da mesa, — é exatamente o que parece.

— A cana, senhora.

— Exatamente. A cana de Rattan⁵⁰, dez milímetros de espessura, setenta e seis centímetros de comprimento. Tão dolorosa que a sua utilização em prisioneiros foi condenada pelas Nações Unidas. Pode não só deixar cicatrizes permanentes em uma pessoa, mas também descapacitá-la permanentemente. Mesmo usada levemente nas nádegas ou coxas, a dor vai ser tão intensa que você vai engasgar nela. Tradicionalmente seis golpes são feitos primeiro; cinco horizontais e um diagonal. É chamado de barrando o canal. É sádico o suficiente para que seu próprio padre raramente o usar em mim. Embora, na verdade, às vezes eu realmente mereço.

Nora deu um passo para trás e, com experiência surpreendente, girou a cana nos dedos como um bastão. Ele podia ouvir o som sibilante quando a débil madeira cortou o ar.

— Agora... — Nora colocou a cana de volta na mesa. — Escolha.

— Escolher? — Ele perguntou, incapaz de tirar os olhos da dúzia de vários tipos de chicotes, chibatas e canas na mesa.

— Sim. Escolha um. O que você escolher, vou usar em você esta noite. Então, pense nisso cuidadosamente.

⁴⁹ Tawse



⁵⁰ Cana



Nora afastou-se e deixou-o sozinho na mesa. Ouviu-a abrir um baú perto da cama para tirar alguma coisa. Mas ele não se atreveu a virar-se para ver o que era.

Michael levantou a mão e passou-a sobre os objetos na mesa.

Eu poderia bater em você com isso até que você chore.

Mais belos hematomas sardentos.

Vai queimar como fogo.

Você vai engasgar nela.

— Este aqui, senhora, — disse ele, pegando o gato-de-nove-caudas. Ele virou-se e Nora fez um gesto para ele trazê-lo para ela. Ela estava em pé perto da cama. Ela pegou-o dele. Seu pulso acelerou quando ela entrelaçou as cordas através de seus dedos.

— Anjo, — ela disse enquanto ela agarrava as cordas e as esticava com puxões. — Isso vai machucar você. Muito.

— Sim, senhora.

Nora ergueu a sobrancelha para ele.

— Um para você. E um para mim.

Ela jogou o gato em cima da cama e pegou a cana novamente. Michael engoliu duro, mas não disse nada.

— Venha, — disse Nora. — Fique em ponto morto entre os pés da cama. De frente para a cama. Costas para mim. Respire pesado e profundo. Concentre-se no calor da lareira. Deixe-o infiltrar-se em seus músculos.

Michael obedeceu o melhor que pôde. Ele sabia que precisava relaxar. Enquanto ele ficou de pé e respirava como instruído, Nora prendeu algemas bondage de couro em torno de seus tornozelos. A tensão nas pernas começou

a se dissipar. Ela agarrou os pulsos com cicatrizes e puxou-os para atrás das costas. Quando ela lhe algemou os pulsos, o estresse que ele carregava em seus braços e ombros fluiu por suas veias e seus dedos. Ele inalou bruscamente quando ela trouxe uma coleira de couro preto em torno da garganta dele e prendeu-a na base de seu pescoço.

— Agora, Anjo, — Nora sussurrou em seu ouvido enquanto ela passava a mão sobre a parte de seu corpo que permanecia tenso, — vamos espalhar suas asas.

Ela levantou o braço esquerdo dele e ligou-o a um cordão de couro no topo da cabeceira da cama. Com seu braço direito, ela fez o mesmo. Seus braços esticados em uma completa grande envergadura.

— Respire o calor do fogo para os seus braços, — Nora disse enquanto amarrava uma barra distanciadora até os tornozelos. — Sinta-o ficar mais tempo com cada respiração.

Michael puxou suas amarras e descobriu que não podia se mover. Elas não tinham nenhuma brecha. Ele não podia fugir, não podia escapar. Sem saída, preso, indefeso...

Nora pegou o chicote da cama.

Não havia outro lugar no mundo que ele quisesse estar.

— Qual é a sua palavra segura? — Perguntou Nora.

— Asas. — Michael respondeu.

— Você vai dizer a palavra se você quiser que eu pare, sim?

— Sim, senhora.

— Bom menino. Agora, tome mais uma respiração. Isso só vai doer um pouco. Oh espere, — ela disse, rindo. — Não, não vai. Vai doer muito.

Com essa última provocação, Nora deu um passo para trás e acertou um duro golpe em pleno centro das costas de Michael. Ele engasgou com o choque da dor. Ele teve tempo para inalar e exalar apenas uma vez antes do segundo golpe o tocar. O terceiro atingiu seu flanco esquerdo, o quarto o seu direito. Nora pintou cruzes nas costas com o chicote de tiras e cada golpe deixou-o gritando.

Fogo... ela acendeu as costas dele com fogo. Quando os golpes cessaram finalmente, Michael não podia fazer nada mais que deixar cair a cabeça para o peito e arfar. Seu coração acelerou, o sangue dele queimava. Ele nunca tinha se sentido mais calmo em sua vida.

— Aqui, — disse Nora quando ela trouxe um pequeno copo de água aos lábios dele. — Beba.

Ela inclinou o copo e bebeu a água com um grato gole.

— Você fez muito bem, — disse Nora. — Você teve um monte de dor para um iniciante e nem sequer uma vez me pediu para parar. Acredita que você pode ter mais?

Ele poderia ter mais? Será que ele queria mais? Todas as suas costas ardiam do pescoço até ao quadril.

— Sim, senhora.

— Deus, eu amo masoquistas, — disse Nora, pousando o copo de lado. — Tão gulosos por punição.

Nora deslizou a cana para fora da cama e o corpo de Michael ficou tenso com medo.

— Barramento de canal, — disse ela. — Apenas um. Parte superior das coxas. Então terminamos. Pronto?

Ele não podia levar-se a dizer sim. Mas ele engoliu ar novamente e assentiu. Atrás dele, ele ouviu o silvo chiando novamente.

— Sabe, Anjo, algumas pessoas dizem que é o som da cana que é a pior parte. Pessoalmente, acho que isso é besteira. O que você acha?

Com isso, ele experimentou uma dor tão excruciante que ele teria caído de joelhos se não tivesse sido amarrado.

O segundo ataque veio antes que ele pudesse se recuperar do primeiro.

— Você vê por que é utilizado para interrogatórios?

— Sim, — ele gritou quando o terceiro golpe caiu. A dor esfaqueou em suas pernas e disparou através de seu estômago. A agonia era tão aguda, a dor tão precisa que ele podia sentir exatamente onde Nora tinha colocado cada golpe. Perfeitamente espaçados, uma polegada de distância.

O terceiro se sentiu como uma faca em sua pele, em vez de uma vara.

O quarto e quinto, ele não pode nem sentir.

Mas o sexto desembarcou na diagonal de todos os cinco e o som que escapou de seus lábios soou estranho para ele, estranho, como o grito de um animal ferido, em vez de uma pessoa.

Michael cedeu em suas amarras, mal consciente do seu arredor. Quando Nora desamarrou seus braços, eles caíram como peso morto para os lados. Ela desapertou seus tornozelos e ele não tinha percebido.

Nora pressionou seu corpo contra as costas ardente dele.

— Bom menino, — ela sussurrou. — Estou muito orgulhosa de você.

Orgulhosa dele? Quando tinha sido a última vez que alguém disse que eles estavam orgulhosos dele? Se Nora quisesse bater nele com a vara de novo, ele teria dito: “Sim, senhora”.

Ela afastou-se e sentou-se em uma grande poltrona de couro. Ela estalou os dedos e apontou para o chão a seus pés.

Michael flutuou para ela mais do que andava. Uma agradável sensação de leveza o agarrou. As afiadas dores nas costas e nas coxas tinham se transformado em uma pulsação suave. Quando ele ajoelhou-se no chão, aos pés de Nora, ele meio que desejava que ela o deixasse se enrolar em seu colo e dormir.

— Você fez um trabalho tão bom, Anjo, que eu vou lhe dar uma recompensa. Bem, na verdade, uma recompensa para ambos.

Nora remexeu-se na cadeira e colocou uma perna sobre cada braço da cadeira. Ela não usava absolutamente nada por debaixo da curta, apertada saia.

— Eu preciso te dizer o que fazer? — Perguntou Nora.

Michael lambeu os lábios repentinamente secos.

— Bom começo, — disse ela.

Com o coração batendo forte, Michael pôs as mãos sobre suas coxas e trouxe sua boca a ela. Tinha sonhado fazer isso para Nora, servindo-a sexualmente. E agora ele podia sentir seu clitóris inchado contra sua língua. Ele tomou o pequeno anel de prata que perfurava o capuz entre seus lábios enquanto ele trouxe seus dedos para cima e deslizou dois deles dentro dela. Ele não tinha ideia do que estava fazendo. Para além de alguns beijos pré-adolescentes desajeitados e incertos, ele nunca tinha sido sexual com alguém que não fosse Nora. Ele tinha zero experiência com sexo oral e não tinha nada mais que o entusiasmo. A partir do som de sua respiração irregular, o entusiasmo parecia estar fazendo o truque.

Ela estava tão molhada e quente em seus dedos, tinha um sabor tão doce e picante em seus lábios. Como Padre S fazia alguma coisa com esta mulher esperando por ele na reitoria?

Michael empurrou sua língua mais distante nela e seus quadris se levantaram da cadeira.

— Pare, — ela ordenou e Michael afastou-se, enxugando os lábios com as costas da mão. — Em cima da cama. Agora.

Lembrou-se das instruções de Nora e se moveu lentamente, sem pressa demais para fazer a vontade dela. Ajoelhado sobre a cama, ele esperou quando Nora veio até ele e empurrou-o de costas. Ela agarrou seus braços e empurrou-os sobre sua cabeça. Usando um gancho para conectar suas algemas de pulso, ela prendeu as mãos dele nas grades da cama.

— Joelhos para cima, — disse ela. — Abra suas pernas.

Só então ele notou o tubo de lubrificante em sua mão.

— Perdoe-me, — disse Nora. — Eu só estou um pouco curiosa sobre algo. Alguns homens amam isto. Alguns odeiam. Alguns são indiferentes. Eu não me importo de qualquer maneira. A ordem é você ser honesto e me dizer se você gosta ou não. Diga “sim, senhora” se você entendeu.

— Sim, senhora, — disse Michael, com as mãos dormentes de nervosismo. Ele não tinha a certeza do que ela ia fazer com ele. Mas se envolvia lubrificante ele tinha uma ideia bastante boa.

Ela esfregou o líquido ao longo de dois dedos da mão direita e com a mão esquerda, moveu seus joelhos mais afastados.

— Respirações rasas, feche os olhos, — disse Nora. — Isso não vai machucar, mas vai se sentir estranho no início.

Michael concordou e obedientemente fechou os olhos. Ele sentiu os dedos de Nora sobre ele. Se ele tivesse qualquer vergonha ou orgulho restando, ele teria ficado mortificado pela forma por quão ridiculamente excitado ele estava. Ele inalou bruscamente quando sentiu os dedos molhados, frios de Nora sobre ele. Suavemente, tão gentilmente que ele suspirou, ela deslizou um dedo dentro dele.

— Tudo bem? — Perguntou ela.

— Sim, senhora.

Ela empurrou profundamente e foi mais fundo. Michael lutou contra o impulso de ficar tenso, de empurrá-la para fora.

— Agora você sabe pelo que as mulheres passam cada vez que somos penetradas, — disse Nora. — Gosta disto?

— É... intenso.

— Boa palavra para isto. Está prestes a ficar mais intenso. Pronto?

Michael concordou.

Nora deslizou mais fundo e Michael sentiu o dedo contra o que se sentia como um nó apertado de tecido dentro dele. Gentilmente esfregou e as costas de Michael arquearam para fora da cama quando um raio de prazer passou por ele.

— Oh, Deus, — ele achava que ele disse, mas ele não tinha certeza se ele falou quaisquer palavras reais.

— Vou tomar isso como um sim, você gosta. Sim?

Michael engoliu e engasgou.

— Sim, senhora.

A sensação de seu dedo naquele lugar dentro dele causou que todos os músculos de suas costas se atassem. Seus calcanhares enterraram-se na cama e ele ofegava como se ele tivesse acabado de correr uma milha.

Vagamente e, ao longe, ouviu Nora rindo enquanto ela continuava a massagear ele.

— Nascido para ser um bottom⁵¹, — ela suspirou. — Mal posso esperar para torturar Griffin com esta notícia.

À menção do nome de Griffin, Michael apertou seus olhos um pouco mais. Nora tinha dito que Griffin era bissexual. Ele tinha estado com homens... sexualmente. Mesmo talvez feito isso com outros rapazes. Talvez ainda mais. E sem aviso uma imagem veio espontaneamente a mente de Michael. Griffin sobre ele com os olhos meio fechados com o desejo, apoiando o forte, musculoso corpo ao longo do magro corpo de Michael... a perna de Michael sobre as costas de Griffin, a mão de Griffin no cabelo de Michael, os lábios de Griffin na garganta de Michael, e Griffin... Griffin dentro dele. E não apenas os dedos.

— Goze, Anjo, — ele ouviu Nora ordenar antes que ela trouxesse sua boca para baixo sobre ele.

Mais uma vez Michael arqueou, empurrou os pés na cama, e gozou com desesperados tremores que deixaram o peito arfante e os músculos de seus braços esticandos.

Nora puxou os dedos para fora dele. Lentamente Michael abriu os olhos e viu seus pulsos amarrados, o couro dos punhos escuros contra sua pele

⁵¹ submisso

pálida. Se ele só pudesse ficar aqui para sempre, algemado e seguro, ele nunca teria que ver as cicatrizes em seus pulsos mais uma vez.

Quando Michael voltou a si, sentiu Nora começar a acariciá-lo novamente. Pouco depois de gozar, seu toque se sentia quase doloroso. Mas uma boa dor, uma dor que pôs os seus nervos na borda novamente.

Erguendo a cabeça, ele encontrou os olhos de Nora. Ela se inclinou e beijou-o. O beijo se transformou em uma mordida que rasgou a pele do seu lábio inferior. Em um beijo que ele provou o cobre de seu sangue, a doçura de seu corpo, o sal de seu sêmen. Nora se moveu sobre ele, esfregando seus quadris com suas coxas.

— É realmente seguro? — Ele perguntou nervosamente enquanto ela tomava seu pênis na mão e começava a guiá-lo para dentro dela.

— Não se preocupe, — disse ela, acariciando seu peito, seus ombros com seus lábios. — Eu estou no melhor controle de natalidade do mundo.

— Ok, — ele suspirou. Mais do que ok. Seu corpo ardia como fogo ao redor dele e ele gemeu quando seu calor o envolveu. Ela mexeu-se e ele mexeu-se com ela, dentro dela. — Se você tem certeza, senhora.

— Muito certa, — disse ela, movendo-se contra ele. — Aprendi isso de uma dura maneira.

* * *

Lentamente Suzanne virou-se e viu-se cara-a-cara com o Padre Stearns. Ele ficou ali olhando para ela com diversão mal disfarçada.

— Senhora Kanter, que bom vê-la novamente.

Levou Suzanne uns bons três segundos para recuperar a compostura o suficiente para sequer falar.

— Padre Stearns... Sinto muito. Eu só queria verificar o santuário.

— Às dez horas em um sábado à noite? — Ele levantou uma sobrancelha para ela.

Suzanne vasculhou seu cérebro tentando encontrar a mentira perfeita. Mas nada veio a ela. E algo lhe disse que não importava o que ela dissesse a ele, ele iria ver através dela. Assim ela decidiu tomar um risco, um grande risco, e dizer-lhe a verdade.

— Eu estou investigando você, — ela confessou.

— Sim, eu sei.

— Isso não te incomoda? Não o surpreende?

— Nenhum dos dois.

Ela ergueu o queixo e olhou-o nos olhos de cinza aço. Aço, a cor perfeita para descrevê-los. Ela nunca tinha visto olhos mais duros em sua vida.

— Eles dizem que podemos diferenciar um homem inocente de um culpado por prendê-lo. O homem inocente entra em pânico e passeia em sua cela. O culpado relaxa. Ele está preso. Ele está terminado.

Ela viu seus olhos amolecer com uma pitada de diversão.

Ele deu um passo para frente. Quando ele passou por ela, ele abaixou a cabeça e sussurrou em seu ouvido: — Eu não tenho medo de você.

Suzanne estremeceu. Por alguma razão a proximidade de sua boca no seu ouvido e seu desafio sem medo fez alguma coisa para seu estômago, algo não totalmente desagradável. Ela girou nos calcanhares e seguiu-o pelo corredor central do santuário.

— Eu tenho uma dica sobre você. Um fax com o seu nome e os nomes dos outros dois padres para serem bispo. Alguém colocou um asterisco ao lado do seu nome.

— Um pedaço terrível de pontuação com certeza.

— É quando se indica uma nota de rodapé. E essa nota disse “possível conflito de interesse”. Você pode me dizer que conflito de interesses é?

Padre Stearns parou em uma placa de bronze com um numeral romano I acima dela. Ela ficou alguns pés longe dele. Tão alto quanto ele era, a distância tornava mais fácil encontrar seu olhos.

— Eu estou bastante familiarizado com todos os meus interesses, e posso garantir que nenhum deles está em conflito.

— Ser um padre e que tenha interesse em crianças é um conflito de interesses. Você não concorda?

— Eu concordaria se fosse um interesse doentio por crianças. Algo que eu não tenho. E se você duvida de mim, você está convidada para falar com todos os pais desta paróquia.

A certeza de Suzanne que o Padre Stearns era um predador sexual oscilou ligeiramente com a convicção calma dele. Mas ela continuou, determinada a encontrar algum tipo de brecha na sua armadura.

— E quanto a Michael Dimir? Você tem um interesse doentio por ele?

— Eu não posso e não vou discutir Michael com você. Eu sou o seu confessor.

— Você é o confessor de Nora Sutherlin também? — Perguntou ela, colocando ênfase na palavra *confessor*.

Finalmente, ela pareceu ter uma reação dele. Ele suspirou e se virou para encará-la novamente. Mais uma vez ela se sentiu dominada por sua incrível beleza. Por que qualquer homem atrativo como ele escolheria o celibato do sacerdócio quando ele podia ter qualquer mulher na face da terra?

— Eu sou.

— Você está dormindo com ela?

— Não desde segunda-feira.

Agora foi a vez de Suzanne suspirar pesadamente.

— Eu não posso obter uma resposta de você para salvar a minha vida.

Não está ajudando o seu caso também.

Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela atentamente.

— Se você me fizer uma pergunta real em vez de simplesmente fazer acusações, você pode receber uma resposta real. Você nunca conheceu Eleanor Schreiber, a mulher que você conhece como Nora Sutherlin, não é?

— Não.

— Você faz de uma prática comum bisbilhotar a vida pessoal de mulheres que você nunca conheceu antes, as mulheres que nunca lhe fizeram nenhum mal?

Suzanne revirou os olhos.

— Deus, vocês padres católicos. Mestres da viagem de culpa.

— Eu sou muito bom no meu trabalho, — disse ele, a alegria brilhando em seus olhos. Que tipo de homem poderia achar uma conversa assim engraçada? Este padre tinha bolas de aço para combinar com os olhos. — Eu ainda estou à espera de uma pergunta, sra. Kanter. Se você consegue perguntar sem incluir uma acusação, eu poderia considerar respondê-la.

— OK. Aqui está uma. Por que você é um padre?

— Estou feliz que você começou com uma pergunta tão simples.

Suzanne não pôde deixar de rir um pouco.

— Era simples para perguntar. — Ela sorriu apesar de si mesma.

Ele fez uma pausa e pareceu ponderar suas palavras.

— Eu não fui criado como católico. Eu não encontrei católicos até que fui enviado para uma escola jesuíta no norte de Maine aos onze anos.

Suzanne estremeceu interiormente. Ela não podia imaginar uma criança tão jovem ser mandada embora para uma escola no meio do nada.

— Os padres jesuítas, meus professores, foram os melhores homens que já conheci. A erudição deles juntamente com a sua bondade e dedicação ao seu trabalho me humilhou. Eu senti o chamado para suas fileiras. Eu me converti aos quatorze anos e aos dezenove anos eu fui para Roma e comecei a minha formação.

— É tudo?

— Peço desculpas por não ter a história da Estrada de Damasco para lhe contar.

— Você tinha apenas dezenove anos quando começou o seminário. Você nunca quis casar? Namorar? Ter filhos? Ter... — A voz dela sumiu.

— Ter sexo? — Ele terminou por ela. — Eu vou contar a você uma coisa chocante se você prometer não compartilhar com ninguém.

— Tudo bem, — respondeu ela, nervosa. — Eu posso lidar com “manter privado” a menos que você confesse um crime. O que é?

Ele deu um sorriso que, se ela visse no rosto de qualquer homem mas de um padre, ela chamaria de sedutor.

— Eu não sou virgem.

Suas palavras e o brilho nos seus olhos deixaram as mãos de Suzanne tremendo.

— Você não é? — Agora eles estavam chegando a algum lugar. Agora, talvez ela conseguisse tirar algo dele.

— Eu não nasci um padre, sra. Kanter. Não mais que você que nasceu como correspondente de guerra atea com um ódio ardente pala Igreja Católica.

A espinha de Suzanne endureceu.

— Você tem me investigado, eu vejo, — disse ela.

— Suas opiniões sobre a igreja e a fé são questões de registro público, — ele disse quando ele caminhou em direção a ela. — E eu acredito que você pode me intrigar quase tanto quando eu intrigo você. Já que eu respondi a sua pergunta, eu posso perguntar uma?

— Pergunte. — Ela não fez nenhuma promessa de responder.

— Você é atea. Deus é a verdade. Sem Deus, tudo é caos, tudo é relativo e a verdade não tem sentido. E ainda assim você se tornou um jornalista que dedicada a sua vida à busca da verdade no meio do caos, uma verdade que você não acredita existir. Por quê?

— Diógenes viajou o mundo com uma lanterna durante o dia à procura de um homem honesto. Eu sou apenas um Diógenes com a minha lâmpada por aí, tentando lançar um pouco de luz onde eu puder.

— Diógenes também dormia em um barril e se masturbava em público. Quão funda a sua metáfora vai? — ele perguntou, erguendo a sobrancelha para ela.

Ela abriu a boca e fechou-a novamente.

— Você não é um padre normal, não é?

Com isso, Padre Stearns riu. Uma risada aberta quente, inebriante e masculina.

Ela queria ouvir mais, ouvi-lo novamente. Parecia tão incongruente.

— O quê? — Ela perguntou.

— Eleanor me perguntou o mesmo no dia que nos conhecemos quase vinte anos atrás.

— E o que você disse a ela quando ela perguntou isso?

— Exatamente o que eu vou dizer a você agora. Meu Deus, espero que não.

Agora Suzanne riu. Rindo com um padre católico... a última coisa no mundo que ela jamais sonhou que faria. Suzanne abruptamente parou de rir quando ela se lembrou do trabalho dela, quando se lembrou de Adam. Padre Stearns parecia inteligente o suficiente para que ele pudesse manipular qualquer um que ele quisesse. Ela não podia deixar-se ser sugada apenas por causa de sua aparência e senso de humor.

— Você fala dela com muito carinho. Vocês dois são chegados?

Seu sorriso desapareceu e mais uma vez ele deu a ela um olhar de aço.

— Eu podia ser um ladrão. Ou o filho bastardo do papa. Ambos se qualificam como conflitos de interesse. Por que está tão determinada que a razão do meu asterisco seja sexual?

Suzanne pensou em mentir, em seguida, teve a sensação de que ele iria ver através dela.

— Acho que é porque você é tão incrivelmente atraente.

Ele riu novamente, desta vez muito mais sutilmente.

— Achar-me atraente dificilmente se qualifica como prova, sra. Kanter. Pensamento desejável possivelmente, mas não provas.

Suzanne corou, de repente, lembrando-se da última vez que ela tinha tido relações sexuais e como por um breve momento era este padre, este homem, em cima dela e dentro dela e não Patrick.

— Eu também acho você atraente, — Padre Stearns continuou. — Mas não vou acusá-la de pedofilia e efebofilia simplesmente porque eu faço.

Suzanne engoliu.

— Você me acha atraente?

— Muito.

— Mas você é um padre.

— Os padres são obrigados a ser castos. Não cegos. Eu tinha planejado a rezar as Estações da Cruz esta noite. Posso orar a oração do Senhor em seu lugar.

— Por quê?

— "Não nos deixe cair em tentação".

A respiração de Suzanne ficou presa na garganta. Ela não podia negar que ela também se sentiu cair em tentação. Ir embora... Ir embora seria bom. Agora.

— Então eu deveria deixá-lo sozinho e deixá-lo rezar. — Ela deu um passo para trás.

— Eu vou ver você de novo? — Ele perguntou, sua voz perfeitamente composta. Ela não detetou namorico, nenhuma tentação em seu tom. Só curiosidade.

— Você vai me ver a cada semana até que eu descubra o que você está escondendo por trás desse seu colarinho.

Ele levantou a sobrancelha para ela.

— Eu não estou escondendo nada mais que a minha garganta.

— Sábado à noite. Igreja vazia. Você realmente usa o colarinho o tempo todo?

— Nem sempre. Eu durmo e tomo banho. — As palavras, embora claramente faladas, ainda conjuraram imagens em sua cabeça, imagens que ela não queria. Como ele se parece sob as suas roupas de clérigo negra? Como parecia o corpo com pingos de água? Como parecia a sua pele contra os lençóis brancos?

— Certo... é claro. Só o tempo em que tiro o meu colarinho também. Boa noite, Padre Stearns. Você vai me ver novamente.

Suzanne virou-se para sair.

— Estou ansioso por isso.

Os passos de Suzanne quase vacilaram mas ela continuou andando.

— Senhora Kanter?

Fazendo uma pausa, ela lentamente virou-se para encará-lo. Deus, ela alguma vez tinha visto um mais belo homem em sua vida?

— O meu colarinho... você gostaria de me ver sem ele?

Michael rolou de costas, gemeu de dor e rolou imediatamente de volta para o seu estômago. Em algum lugar nesta mansão enorme tinha de haver Advil ou algo parecido. Se ele pudesse se levantar, ele estaria bem.

A partir da porta de seu quarto, ouviu risos.

— Não ria de mim. — Michael enterrou o rosto no travesseiro. — É rude rir de um homem morrendo.

— Pobre subby⁵². — Griffin entrou no quarto de Michael, pegou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama. — Ela quase o matou na noite passada?

Michael desenterrou o rosto do travesseiro e virou-o para Griffin. Péssima ideia. Griffin sentou-se sem camisa e ligeiramente suando. Ele obviamente acabou de chegar de uma corrida por que ele não tinha nada mais que shorts de corrida, foda-se, um bom bronzado e as malditas tatuagens sensuais.

Levantando a mão Michael levantou cinco dedos.

— Cinco vezes? — Perguntou Griffin. — Estou impressionado. Deus, ter dezessete anos de novo.

— Por que eu estou ferido em lugares que ela não bateu? — Michael perguntou, tentando se levantar, mas desmoronando nos travesseiros novamente.

— Isso é do bondage. Tem que relaxar quando você está amarrado ou você vai puxar os músculos.

⁵² Forma “carinhosa” de chamar sub (submisso)

— Você não tem nenhum remédio nesta casa, tem? De preferência, aqueles que me deixem inconsciente?

Michael viu uma sombra cruzar o rosto de Griffin, mas o sorriso voltou rapidamente.

— Não. Nenhum remédio. Mas eu tenho algo melhor. Só um segundo.

Griffin foi até a parede e apertou um botão no interfone.

— Alfred, eu preciso de gelo e aquela gosma de vitamina K⁵³. Para o berçário. Imediatamente.

Michael ouviu o crepitar de estática.

— Eu repugno você, Mestre Griffin, — veio um sotaque britânico pelo interfone.

— Obrigado, Alfred, — respondeu Griffin e voltou para a cama.

— O nome do seu mordomo é realmente Alfred?

— Não. É Jamison, eu acho. Não me lembro. Eu mudei para Alfred anos atrás. A minha primeira paixão por uma cara foi o Batman. De qualquer forma, eu sei como lidar com a dor sem o uso de remédio. Eu sobrevivi a isso, — ele disse, apontando para a ligeira curva no nariz, — sem tomar um único analgésico.

— Impressionante, — Michael disse, estudando o rosto de Griffin. A quebra de seu nariz o fez ainda mais bonito, não menos. — Como você conseguiu isso?

— É embaraçoso. Eu estive provavelmente em cinco ou seis brigas de bar na minha vida, e é uma menina chamada de Rainbow Smite com 50kg que quebra o meu nariz. Acidente. Eu acho.

⁵³ A vitamina K melhora a coagulação sanguínea

— Rainbow Smite?

— Sim, ela está na minha equipe de Roller Derby⁵⁴, o Bronx Zoom.

— Você tem sua própria equipe de roller derby?

— Eu patrocino-os. Às vezes até mesmo sou árbitro para a outra liga.

Não é possível ser árbitro para a minha própria obviamente.

— Você patina?

— Não é possível árbitro se você não pode andar de skate. O quê?

Michael esticou o braço e apontou para o chão.

— Sob a cama, — disse ele timidamente.

Griffin levantou a sobrancelha e inclinou-se. De debaixo da cama ele puxou o skate de Michael.

— Zoo York. Bom, — Griffin disse, passando as mãos sobre a placa de Michael. — Mas o eixo traseiro está muito apertado.

— Eu sei. Vira por merda agora. O pino rei está emperrado. Vou ter que conseguir uma broca...

— Onde está a chave do skate?

— Na gaveta. — Griffin abriu a gaveta de cabeceira e tirou a chave. Michael observou enquanto Griffin usava a força do impressionante braço dele para cavar na ferramenta e soltar o emperrado pino. Cuidadosamente ele ajustou ambos os eixos.

— Está bom? — Perguntou Griffin. Michael sentou-se e girou os eixos.

— Perfeito. Obrigado. — Michael encontrou os olhos de Griffin e sorriu. Griffin não disse nada no começo.

⁵⁴ Jogo de contato em equipe. Geralmente mulheres, é jogado com patins.

— Você poderia vir comigo, se quiser. A um jogo. A minha equipe é incrível. Roller derby é como BDSM sobre rodas.

Michael nervosamente mordeu o interior de sua bochecha. Por alguma razão, ele se sentiu como se ele tivesse sido convidado para sair em um encontro.

— Posso ir vê-lo arbitrar algum dia? — Michael imaginou Griffin em equipamento de árbitro e realmente gostou da imagem.

— Claro. Mas quando eu arbitrar você tem que me chamar de Patriarchy⁵⁵. Esse é o meu nome no derby.

— Estou dentro.

— Eu vou mesmo deixá-lo soprar o meu apito⁵⁶, — Griffin disse enquanto entregava Michael seu skate.

Michael riu e corou quando ele virou a prancha para inspecionar o deck.

— Jesus Cristo, — Griffin disse e agarrou o braço de Michael. — O que diabos aconteceu?

O sangue de Michael transformou-se em gelo. Ele tinha estado tão relaxado falando com Griffin que ele tinha esquecido de cobrir as cicatrizes. Michael tentou puxar seu braço para trás, mas Griffin não deixou ir.

— Não é nada, — Michael disse, segurando o outro braço contra o estômago.

— Isso não é nada. Diga-me o que aconteceu com você.

Um nó se formou na garganta de Michael.

— Hum, eu tive um dia ruim há alguns anos atrás.

⁵⁵ Patriarcado em inglês.

⁵⁶ Trocadilho. "Blow my whistle". Blow (soprar) refere-se a boquete. Whistle (apito) refere-se ao pênis.

— Dia ruim?

— Eu cortei os pulsos no santuário da minha igreja. Padre S salvou a minha vida.

— Salvou a sua vida? Você quase morreu? — Os olhos de Griffin se abriram com horror.

Lentamente Michael assentiu.

— Porra. Eu realmente gosto de odiar o seu padre. Agora eu não posso mais, — disse Griffin, finalmente soltando o braço de Michael.

Michael riu um pouco quando ele cruzou os braços sobre o peito.

— Eu sinto muito.

Griffin negou com a cabeça. Quando ele olhou para Michael novamente, foi com novos olhos. Algo brilhava neles, queimava neles, algo que ele nunca tinha visto antes. Fosse o que fosse, Michael gostou.

— Você está bem agora, certo? Não mais dias ruins?

Michael assentiu, aliviado que Griffin não fez um monte de perguntas sobre esse dia ou por que ele tinha feito isso, do jeito como algumas pessoas fizeram.

— Sim, eu estou bem. Eu prometo. Um dia de cada vez, certo? — Ele colocou seu skate de volta no chão. — Além disso, Padre S disse que se eu alguma vez me machucasse de novo, ele me mataria.

Griffin lhe deu um meio sorriso e balançou a cabeça.

— A sério. Eu amei odiá-lo. Porra.

— Por que você odeia tanto o Padre S? — Michael perguntou quando ele deitou-se novamente.

Griffin começou a responder, mas Jamison apareceu na porta com um refrigerador.

— Obrigado, Alfred, — disse Griffin, pegando os suprimentos. — Há mil dólares no pote de biscoitos. Vá comprar algo bonito.

— Eu vou comprar uma arma de fogo e atirar em você com ela, — disse o mordomo de Griffin, curvando-se elegantemente. — Mestre Griffin.

Ele saiu do quarto e Griffin abriu o refrigerador.

— Tire a camiseta. Em seu estômago. Mostre-me o dano, — Griffin ordenou.

Michael tirou a camiseta e jogou-a no chão. Griffin assobiou com a visão das costas nuas de Michael. Michael sabia que ele viu todas as costas cobertas de pequenas contusões vermelhas e marrons.

— Fica melhor, — disse Michael. — Coxas.

Griffin alcançou e puxou o lençol para baixo de suas pernas. Na parte de trás das pernas de Michael, a partir da borda de sua cueca boxer para a parte inferior da coxa, estavam brilhantes vermelhos vergões paralelos.

— Essa cadela sádica bateu com a vara em você?

Michael concordou.

— Fodão. Bem, nós sabemos para onde o gelo vai então. — Griffin abriu o refrigerador e cuidadosamente colocou dois blocos de gelo na parte de trás de cada uma das coxas de Michael. Michael suspirou de alívio quando o gelo imediatamente silenciou o calor gritante das equimoses. — E para os hematomas nas costas, vitamina K líquida. Segredo pegajoso contra a contusão. Pergunte a qualquer mulher que já fez cirurgia plástica, ou seja, a minha mãe.

Michael sorriu enquanto Griffin derramou um pouco da loção branca em suas mãos.

— Eu vou esfregar isso, — Griffin advertiu, — e isso vai doer, mas você vai curar muito mais rápido, ok?

— Ok, — Michael disse, tenso quando Griffin deslocou-se da cadeira para a cama e sentou junto a Michael. Michael não temia mais a dor. A dor era agradável. Ele ficou tenso por outras razões, ou seja, ter o corpo de Griffin tão perto dele. Michael não tinha nada além dos shorts xadrez de pugilista, e Griffin não estava apenas em sua cama, ele estava em sua cama a ponto de tocá-lo.

Griffin pôs as mãos suavemente no centro das costas de Michael e, lentamente, amassou. Michael suspirou de felicidade quando o toque de Griffin enviou emoções sutis ao longo das costas e ombros. Seus machucados doíam, mas o prazer das mãos de Griffin sobre ele superou qualquer dor. Com longos, nivelados afagos, Griffin esfregou a vitamina K sobre os lados de Michael, da sua coluna para cima até ao pescoço e novamente para baixo para a parte inferior das suas costas.

— Sente-se bem? — Griffin arrastou seus dedos através do arco da caixa torácica de Michael.

— Maravilhoso, na verdade, — admitiu Michael e se perguntou se o peito de Griffin pressionado contra as suas costas se sentiria tão bom.

— Bom, — Griffin disse em voz baixa. — Eu quero que você se sinta bem.

— Então você vai me dizer por que você odeia tanto o meu padre? — Michael perguntou, a necessidade de falar sobre algo, qualquer coisa, para manter sua mente de ir para onde queria ir.

Griffin suspirou profundamente enquanto derramava mais loção em suas mãos e começou a esfregar os topos dos ombros de Michael e braços. Deus, tinha alguma coisa na história que se sentisse tão bom quanto as grandes mãos fortes de Griffin em seus braços?

— Você não pode dizer a senhora. Eu a amo, e ela é muito importante para mim, então eu não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

— Eu não vou dizer, — Michael disse, apesar de Nora lhe ter prometido favores sexuais em retorno se lhe dissesse se ele descobrisse.

— Há muito tempo atrás... Eu me apaixonei por Nora.

Michael engoliu em seco. Por alguma razão, incomodou-o ouvir Griffin declarar seu amor por alguém.

— Você fez?

— Sim, depois que ela voltou do esconderijo. Ela tinha sido a pequena sub perfeita de Søren por anos. Em seguida, ela desapareceu e voltou esta pessoa totalmente diferente. Mas ela era ainda a mesma Nora para mim. Eu sempre a chamei de Nora, a propósito. Mesmo quando ela era ainda Eleanor. De qualquer forma, eu sabia que ela não era uma verdadeira dominante, apenas uma switch. Pensei com toda a certeza de que havia uma parte dela que ainda queria se submeter a um homem. O pensamento desta maravilhosa, bonita, brilhante dominatrix ser minha propriedade pessoal secreta? Deus, eu pensei que iria morrer se eu não a tivesse. Mas você não faz nada no Submundo sem obter o OK do seu padre. Fui até ele e pedi

permissão para falar com ela sobre isso, para lhe dizer que a amava e que eu queria que nós tentássemos ficar juntos. Nós tínhamos fodido antes, é claro. Mas naquele ano que ela se foi, você não pode acreditar quanto eu senti a falta dela.

— O que o Padre S disse?

— Depois de passar uns bons vinte minutos, me dizendo quão criança detestável eu era, que não merecia beijar sapatos de Nora, ele disse que iria cogitar a ideia sob uma condição.

Michael ficou tenso novamente quando os dedos de Griffin permaneceram perto da parte inferior das suas costas, bem perto do cócs da cueca.

— Qual era a condição?

— Søren não acha que qualquer dominante deve alguma vez bater em alguém sem primeiro saber como se sente ao estar no outro lado recebendo a dor. Ele me disse, — disse Griffin, passando a mãos de volta para os ombros de Michael, — que se eu me submetesse a uma surra administrada por ele, ele iria pensar sobre isso.

— Oh, merda, — disse Michael. — O que você fez?

— Não é o meu momento de maior orgulho. Eu me acovardei. Não pude fazê-lo. Nem mesmo por Nora.

— Não o culpo. Eu amo o Padre S e devo-lhe tudo. Mas ele me assusta também. Nora é a única pessoa que eu conheço que não tem medo dele.

— Ele é aterrorizante. E ele sabe disso. E ele adora lembrar as pessoas quão medo elas têm dele. Parte dessa merda sadista de foder com a mente

das pessoas. Enfim, foi o melhor. Eu não me sinto mais assim. Nora e eu definitivamente teríamos falhado como casal.

— Por quê?

Griffin tirou as mãos costas de Michael e removeu os blocos de gelo de suas coxas. Lentamente Michael rolou de costas, sem tanta dor quanto ele sentia anteriormente. Ele olhou para Griffin olhando para ele. Inalando, Michael cheirou o cheiro de Griffin, novamente, o cheiro picante masculino que permanecia sob o outro limpo cheiro de suor e desodorante.

— Nora é a pessoa mais forte, mais inteligente que eu conheço. Ela reconstruiu a vida dela, recriou ela mesma. Ela é como o próprio sol e todos nós apenas giramos em torno dela. É por isso que o Papa a ama tanto. Ser o top de alguém tão dominante é bastante excitante sexualmente para um sadista como ele. Mas eu? Se eu vou estar em um relacionamento com alguém, eu quero que a pessoa precise de mim. Eu quero alguém para cuidar, para mimar, para proteger. Nora cuida de si mesma. Eu seria inútil para ela.

Griffin passou a mão pelo seu cabelo escuro antes de colocá-lo casualmente no estômago Michael.

— Eu não acho que você é inútil, — Michael disse, sua voz saindo num sussurro por alguma razão. Griffin olhou para ele e não falou. — Eu acho que você é incrível. Qualquer um seria sortudo por estar com você.

— Eles seriam mais sortudos por estar com você. — Griffin baixou a mão e deixou-a descansar levemente no quadril de Michael.

Michael balançou a cabeça.

— Qualquer pessoa em sã consciência iria correr no segundo que visse isto. — Michael estendeu os pulsos com cicatrizes. — Elas são medonhas.

Griffin esticou a outra mão e tirou uma mecha de cabelo de Michael da testa.

— Mick, — Griffin começou em voz baixa, — não há nada, absolutamente nada em você que seja medonho.

— Quem é medonho? — Nora perguntou quando ela entrou no quarto, pegando tanto Michael e Griffin desprevenidos.

Griffin piscou para Michael quando ele se moveu da cama de volta para cadeira.

— Søren é. — Griffin pegou Nora e puxou-a para o colo dele.

— Eu sei. Ele é nojento, — disse ela. — Como está se sentindo, Anjo?

Nora saiu no colo de Griffin e deslizou o lado de Michael na cama. Michael riu enquanto ela envolveu-se em torno dele e mordeu seu pescoço.

— Dolorido. Feliz, — disse ele, voltando para ontem à noite e as maneiras incríveis de como ela deu-lhe tanto prazer e dor e, em seguida, mais prazer.

— Ambos são perfeitamente normais. Ao contrário de nós três. — Nora jogou a perna nua sobre a panturrilha dele. Ela também usava apenas um bermudão e uma camiseta que dizia Universidade de Kentucky. Esquisito. Ele pensou que ela tinha ido para a NYU.

— Normal nunca me deu sexo. — Griffin sentou-se na cadeira e chutou seus sapatos.

Ele colocou seus pés na cama e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. Griffin tinha realmente pés grandes, Michael notou.

— Falando de transar, — Nora começou quando ela se sentou e olhou para ambos.

— Ótima maneira de começar qualquer conversa, — disse Griffin.

— Søren ligou, — ela continuou.

— Uma maneira horrível de se iniciar qualquer conversa.

Nora estendeu a mão e golpeou a parte inferior do pé de Griffin. Ele se encolheu e fez beicinho para ela.

— O que se passa com o Padre S? — Michael rolou e colocou a camiseta. Ele capturou Griffin observando cada movimento seu.

— Essa repórter cadela foi à igreja na noite passada e interrogou ele, — Nora começou. — Ela perguntou-lhe à queima-roupa, se ele e eu estávamos dormindo juntos.

— Merda. — Michael puxou um travesseiro para o estômago com nervosismo. — Isso é ruim.

— Ela é inteligente e ela está na nossa trilha. Precisamos tirá-la da nossa trilha.

— Sugestões? — Perguntou Griffin.

— Precisamos de uma distração. Deixe que ela me veja com você. Fazê-la pensar que estamos juntos.

— Eu gosto disso. Poderia funcionar. — Griffin deu de ombros. — Só não me arrastar para uma estreia na Broadway, — disse ele com tal desgosto que Michael riu.

Nora olhou para Michael e sorriu. Nora olhou para Griffin e sorriu. Griffin olhou para Michael e Michael olhou para Griffin. Nenhum deles sorriu.

— Vamos ao Sin Tax.

Griffin assobiou, soando tanto duvidoso como impressionado.

— Eu não sei, Nora. Estamos no círculo de Kingsley. Será que eles vão nos deixar entrar?

— É claro que eles vão nos deixar entrar. Bem, eles vão me deixar entrar e eu vou levá-lo comigo. — Nora soprou sobre as unhas e divertidamente limpou-as em sua camiseta. — Eu tenho um amigo há.

— Espere, o que é o Sin Tax? — Michael perguntou, completamente perdido novamente na conversa rápida de Griffin e Nora.

— É um dos clubes de BDSM na cidade onde Kingsley ainda não tem o dedo, — Nora explicou. — É mais público do que os clubes do King. Sin Tax é onde as celebridades vão se quiserem parecer escuras e frescas. As pessoas famosas que vão aos clubes de Kingsley, na verdade, são escuras e frescas.

— Como nós. — Griffin piscou para ele. — Então nós vamos, obtemos alguma atenção, tiram-nos algumas fotos, aparecemos na Page Six, a repórter pensa que você e eu estamos juntos. Esse é o plano?

— Esse é o plano.

— E quanto ao Magoado bem aqui? — Griffin olhou para Michael com um sorriso.

— Oh, não se preocupe com Michael, — Nora disse quando ela se arrastou para fora da cama e se dirigiu para a porta. — Vamos levá-lo conosco.

— E Søren vai ficar bem com a gente sair em público juntos? — Griffin gritou para ela.

Nora gritou de volta em uma voz perigosa com inocência fingida.

— Quem?

Quarta-feira, as cinco, ele tinha dito. Mary Queen Junior High, a duas quadras do Sagrado Coração. Se Suzanne aparecesse, veria Padre Stearns sem colarinho. E embora ela soubesse que isso era uma péssima ideia, Suzanne não pôde deter-se de ir.

Estacionando no lote principal, ela vagueou ao redor do lado de fora da escola. Ele não tinha lhe dado qualquer informação específica, sem dúvida querendo que a sua imaginação fizesse todo o trabalho. Enquanto ela se aproximava da parte traseira da escola, tudo muito semelhante às escolas católicas de sua juventude, com o seu exterior preocupante e estátuas de Maria lascada em todos os lugares, Suzanne ouviu gritos seguidos por palmas.

OK. Ela tinha razão. Esta era uma péssima idéia. No campo de futebol, duas dúzia de adolescentes e alguns de vinte e poucos anos e um homem alto e loiro em seus quarenta anos jogavam um jogo de futebol entusiasmante. Embora mais velho algumas décadas do que os outros jogadores, Padre Stearns não só acompanhava o ritmo, ele parecia estar limpando o chão com eles. Ele usava uma camiseta preta ajustada que exibia seus bíceps milagrosamente tonificados e peito largo e calças pretas de corrida que, sem dúvida, escondia quadris e pernas igualmente tonificadas.

Ela ficou na beira do campo e assistiu ao jogo. Não, não o jogo. Ela assistiu só o Padre Stearns, o cabelo loiro como um halo no sol da tarde, com

os olhos escondidos atrás de óculos escuros pretos, o pequeno indício de coloração de suor na camisa em torno do pescoço e parte inferior das costas.

— Puta merda, — ela respirou. Ela tinha visto homens nus visualmente menos interessantes do que este padre jogador de futebol.

— Nada disso, — veio uma voz a alguns metros dela. Um jovem com cabelo com mechas cor do sol, sentava com um bloco de gelo em sua coxa. — Nem sequer pense sobre isso.

Corando, Suzanne sentou ao lado do jovem e colocou os seus próprios óculos de sol.

— Pensar sobre o quê? — Perguntou ela.

— Ele. Padre S. O meu padre. Sou o Harrison, a propósito. E você é...

— Suzanne.

— Suzanne, um prazer conhecê-la. Você é aquela garota repórter, certo?

Ele avisou-nos que você podia aparecer.

— Sou eu. Só trabalhando em uma matéria.

— Para a *Playgirl*⁵⁷?

Suzanne riu um pouco enquanto Harrison ajustava o bloco de gelo.

— Você está bem? — Perguntou ela.

— Distendi um músculo da virilha.

— Coitadinho. Jogo áspero?

— Não foi durante o jogo. — Ele balançou as sobrancelhas para ela.

— Você está flertando. E eu sou dez anos mais velha do que você.

⁵⁷ Revista para mulheres com homens semi nus ou nus. É o mesmo que a Playboy mas com homens.

— Ele é vinte anos mais velho do que você e você não para de lhe jogar os olhinhos sedutores para ele. O melhor padre no planeta e eu tenho que dizer a minha própria maldita namorada para parar de babar em cima dele.

Suzanne pegou Padre Stearns olhando em sua direção durante uma pausa no jogo. Ela lhe deu um aceno de mão rápido, que devolveu antes de ir para o campo com notável graça e velocidade. A bola resvalou em direção à meta e ele interceptou a bola com um chute que mandou a bola para o meio do campo.

— O melhor padre no planeta? Isso é um grande elogio. — Suzanne desejou que ela tivesse trazido o bloco de notas com ela. Um adolescente paquerando poderia ser uma fonte de informações. Relutantemente ela puxou os olhos para longe do Padre Stearns e deixou-os em Harrison. Lembrava-se de caras como ele na escola secundária. Arrogantes, sociáveis, sempre o centro das atenções.

— É verdade. Ele fala tipo vinte línguas, tem dois ou três doutorados... e chuta a bunda da nossa equipe da liga da igreja. Portanto, não vá atrás dele porque você é bonita o suficiente para tentá-lo.

Suzanne sacudiu a cabeça.

— Um adolescente defendendo a virtude imaculada de seu padre católico. Interessante, — observou ela. — Todas as crianças gostam do Padre Stearns?

— Sim, claro. Ele é muito descontraído.

Os olhos de Suzanne se arregalaram. Padre Stearns, no par de vezes que ela tinha falado com ele, parecia intimidador e rígido.

— Descontraído?

— Não dá lições, não nos chateia por praguejar, trata-nos como pessoas. É legal. Blake bem ali... — Harrison apontou para o goleiro do Padre Stearns, — anda no St. Mark. Seu pai é um diácono lá. Ele odeia. Eles passaram por três padres em três anos. Um foi para a reabilitação de álcool. O outro foi transferido por “razões”, — Harrison disse, colocando a palavra razões em aspas. — E o cara novo tem sessenta parecendo que tem cento e sessenta. Padre Stearns é um máximo. Então, se você fizer movimentos sobre ele, você e eu vamos ter uma palavrinha.

— Ter uma palavrinha? Que fofinho.

— Eu sou fofo. E eu não sou um padre.

Suzanne voltou-se para o jogo por um segundo. Padre Stearns e seu goleiro pareciam estar tramando. O goleiro tinha uma garrafa de água na mão. Ele tomou um gole antes de despejar um pouco nas mãos do Padre Stearns. Ele pegou a água e varreu-a através de seus cabelos, alisando-os para trás. Naquele momento, Suzanne percebeu que ela nunca tinha estado tão atraída por alguém em toda a sua vida. Necessidade encheu seu estômago como um fogo brando. Padre ou não, inimigo ou não, asterisco ou não... ela o queria.

Adam, ela sussurrou para si mesma. *Lembre-se de Adam*.

— Portanto, não há viagens de reabilitação para o Padre Stearns? Sem estranheza?

— A única coisa estranha é, o que ele está fazendo aqui com a gente nos subúrbios? Ele devia de ser papa.

Suzanne recostou-se nos cotovelos e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. Ela desejou que estivesse usando calções ou uma saia, algo para mostrar as pernas para Harrison.

— Talvez ele tenha uma razão para ficar por aqui. — Ela olhou para Harrison pelo canto do olho.

— Como o quê?

Suzanne encolheu os ombros.

— Eu não sei. Nora Sutherlin?

Harrison apertou a mão contra ao peito.

— Deus, Nora. Fique calmo meu coração. Fique calma minha virilha.

— Ela é assim tão quente?

Harrison virou olhos largos para ela e assentiu lentamente.

— Você é um fã? — Perguntou Suzanne.

Mais uma vez ele concordou.

— Padre Stearns também é um fã?

Harrison revirou os olhos.

— Ele é do sexo masculino e hétero. Eu me preocuparia se ele não fosse um fã.

Suzanne arrancou um dente de leão da grama e acariciou o lábio inferior com ele. Flertando com um adolescente para obter respostas? Quão baixo ela poderia ir?

— Acha que eles estão juntos?

Harrison abanou a cabeça.

— De jeito nenhum. Por que ele ainda seria um padre sendo pago ao preço de amendoim, ajudando perdedores, se ele a tivesse esperando por ele

em casa? Além disso, — Harrison disse, baixando a voz para um sussurro. Fora do campo, Padre Stearns bloqueou ainda outra tentativa de gol. Os adolescentes na equipe pareciam cansados e com sede. Ele mal tinha quebrado um suor.

— Além do quê?

— Eu acho que Nora tem uma coisa para os homens mais jovens.

Suzanne levantou a sobrancelha para ele.

— Tem alguma evidência? Ou apenas uma ilusão? — Deus, agora ela parecia o Padre Stearns.

— Agora eu não sou alguém de contar contos fora da escola, — começou Harrison. — Mas há este garoto na igreja... Mike Suicídio.

As mãos de Suzanne ficaram geladas com a menção de suicídio. Mas ela manteve o rosto neutro.

— Mike Suicido?

— Eu sei. É horrível. Eu nunca chameio-o assim, — disse ele, embora ele tivesse acabado de fazer. — Michael Dimir.

— O rapaz que tentou suicidar-se no santuário?

— O mesmo, — disse ele, balançando a cabeça. — Aqui está a coisa sobre Suic... sobre Michael. Michael, ele é de vidro, frágil. O garoto tem medo da própria sombra. Mal fala. Você diz oi para ele e tira um ano da vida dele⁵⁸.

O estômago de Suzanne caiu em simpatia. Distante? Ansioso? Constantemente em alerta? Para ela, Michael soava como uma clássica vítima de abuso. Mas de onde vinha o abuso? De casa? Ou da igreja?

⁵⁸ Por que ele se assusta.

— Então? — Suzanne incitou, não querendo, mas necessitando de saber mais.

— Então Nora está um pouco no lado intimidante. Famosa, rica, bonita... você pensaria que se ela dissesse oi para ele, ele iria morrer no local. Mas não. Eu estava sentado lá há duas semanas, Domingo de manhã, olhando para Nora como de costume. E ela olha para Michael e pisca para ele. Eu pensei, “Oh, merda, ligue para o 911. Mike vai ter um ataque cardíaco”. Mas não, adivinhe o que ele faz?

— O quê?

— Ele mostrou a língua para ela como se fossem velhos amigos ou algo assim. Ela mostrou a língua de volta para ele e a temperatura no santuário subiu vinte graus a partir do calor dos olhos de ambos fodendo um ao outro.

Suzanne não disse nada em primeiro lugar. Padre Stearns parecia bastante defensivo sobre ela e Michael Dimir. Se ele atuasse como confessor para ambos, então sem dúvida ele sabia que a autora de 30 e tal anos estava tendo um caso com um adolescente. Juntos, ela e Harrison assistiram ao jogo por alguns minutos em silêncio. Ou quase em silêncio. Apesar de estar fora, Harrison não conseguia parar de gritar conselhos e encorajamentos para a própria equipe.

Ela não sabia muito sobre futebol, mas ela podia dizer que o Padre Stearns possuía o campo. Sua equipe respondeu a cada seu tranquilo comando como soldados bem treinados.

E ele parecia incansável, correndo para cima e para baixo do campo com a temível agilidade de um jaguar.

— Deus, ele é bom, — disse ela, quando ele passou entre dois jogadores e marcou um golo a partir da linha de centro.

— É claro que ele é bom, — disse Harrison, tirando o gelo e esfregando a parte interna da coxa.

— Ele é cento e cinquenta por cento puro Europeu. Tem o gene do futebol de ambos os lados.

— Como alguém pode ser cento e cinquenta por cento Europeu? — Perguntou Suzanne, recordando o pouco que ela descobriu sobre o passado do padre.

— Seu pai é Britânico, era Britânico. Morto agora. A mãe dele é Dinamarquesa. E ele foi para um Seminário na Itália.

Mãe dinamarquesa? Isso explicaria o cabelo e os olhos. E as inscrições nos livros e na fotografia, devem ser dinamarquesas.

— Pensei que a mãe dele era de Nova Hampshire.

Harrison zombou.

— Será que isso, — disse ele, apontando para o Padre Stearns, — parece americano para você?

— Não, — ela admitiu. Ele parecia espetacular para ela, masculino e bonito e tão incrivelmente atraente. Mas não particularmente americano. — Genes Europeus. Acho que é por isso que ele é o seu melhor jogador.

— Segundo melhor.

— Segundo? Deixe-me adivinhar. Você é o melhor.

Harrison abanou a cabeça.

— Não. O cunhado do Padre Stearns vem e prática com a gente, às vezes. Ele é ainda melhor. Mas não conte ao Padre S que eu disse isto. Eles são realmente competitivos.

Suzanne franziu as sobrancelhas. Ela sabia que o Padre Stearns tinha uma irmã, mas a irmã mais velha, Elizabeth, não vivia em Connecticut.

— Cunhado? Uma de suas irmãs é casada...

Harrison abanou a cabeça.

— Padre S era casado.

Seu coração estremeceu um pouco em seu peito.

— Padre Stearns era casado?

— Sim, quando tinha a minha idade, dezoito anos. Adulto legalmente, — ele lembrou. — Pelos vistos não durou muito tempo. Ela morreu. Algum tipo de acidente. Se eu fosse um jovem viúvo de dezoito anos de idade, eu provavelmente iria me juntar ao sacerdócio também.

Suzanne mal podia falar.

— Casado... — *Eu não sou virgem... Eu não nasci padre...* — Dezoito ... isso deve ter sido há muito tempo atrás. Ele e o irmão ainda são amigos?

— Eles ou são os melhores amigos ou querem matar um ao outro. Difícil dizer, às vezes. Eles constantemente praguejam um para o outro em francês.

— Francês?

— Sim. O cunhado dele é francês.

Harrison disse outra coisa, mas Suzanne tinha parado de ouvir. Ela olhou para o campo e viu que o treino tinha chegado ao fim. A equipe do padre Stearns tinha vencido 2-1. Levantando-se, Suzanne escovou a grama de seu jeans e caminhou em direção a ele.

Quando ela foi a ele, ele empurrou os óculos de sol para cima da cabeça.

— Bom jogo, — disse ela. — Você foi casado?

Padre Stearns olhou por cima do ombro e atirou a Harrison um olhar mortal. Harrison soprou um beijo para Suzanne.

— Toda a quinta-feira eu me dedico à oração pelas vocações dos da Igreja, — Padre Stearns disse. — Eu rezo que Harrison seja chamado para se tornar um cisterciense.

— Cisterciense?

— Eles fazem votos de silêncio. Esta oração não foi respondida ainda.

Suzanne riu e acompanhou o passo ao lado do Padre Stearns. Ela teve que alongar os já largos passos para manter-se com ele.

— Sim, eu fui casado, — ele finalmente disse. Ela percebeu com a igreja tão perto, ele provavelmente acabara por caminhar até ali. Ela decidiu caminhar com ele até que a enxotasse. — Muito brevemente. Ela morreu logo depois de nos casarmos.

— Posso perguntar como ou isso é muito pessoal?

— Não pessoal, — disse ele quando atingiam a calçada. — Meramente doloroso. Marie-Laure caiu para a morte enquanto estava na floresta. Eu estava a uns metros de distância, por isso não acho que o meu asterisco se refere a um assassinato.

— Nome bonito. Ela era francesa?

— Ela era. Uma dançarina de balé.

Suzanne experimentou uma sensação estranha, em seguida. Algo como ciúme. Imaginou uma bailarina bonita francesa e seu jovem marido bonito. Que paixão que eles devem ter tido um pelo outro.

Da rua, eles viraram para um caminho envolto em trevas. A copa das árvores alinhava o caminho. À frente deles, ela espiou uma pequena casa gótica de dois andares.

— E sua mãe era dinamarquesa? Eu pensei que ela era de Nova Hampshire?

No portão, eles pararam. Suzanne ficou olhando para ele, esperando que ele dissesse alguma coisa, fizesse alguma coisa.

— A minha filiação... é uma história bastante longa, — disse ele, com os olhos cinzentos como o sombreado do caminho que tinham acabado de caminhar.

Suzanne engoliu. Ela não deveria estar fazendo isso, não devia ficar sozinha com ele.

Não aqui. Não em sua casa.

— Eu tenho tempo.

* * *

Um helicóptero. Eles voaram para a cidade em um maldito helicóptero.

Todo o caminho até lá, Michael sentou-se à janela olhando para o chão abaixo, as nuvens acima e o horizonte além... Ele não podia acreditar que Griffin podia evocar um helicóptero tão facilmente como chamar um táxi. Griffin... Griffin deve pensar que ele é louco. Durante a viagem, enquanto Michael quase babava sobre a vista, Griffin só assistiu-o com franca diversão. Michael não se importava se Griffin pensava que ele estava louco, ele não podia desviar o olhar da beleza da noite a oito mil pés.

— Eu tenho a minha câmera. — Griffin bateu no joelho de Michael para chamar a sua atenção. Michael adorava a maneira como Griffin parecia em seus óculos de avião com o fone do helicóptero no ouvido. — Quer tirar fotos para enviar para os seus amigos?

Michael balançou a cabeça e virou os olhos de volta para a vista abaixo. Afinal, ele não tinha nenhum amigo para mostrar quaisquer imagens.

O helicóptero pousou na plataforma de desembarque de um edifício no Hell's Kitchen quando o sol finalmente afundou no horizonte. Michael seguiu Nora e Griffin quando eles se dirigiram para a porta do telhado. Em suas calças de algodão simples, camisa branca e jaqueta preta, se sentiu terrivelmente despido em comparação com Griffin em suas calças de couro pretas e camisa de seda preta. Nora usava um terno preto também, um chapéu Fedora, suspensórios, camisa vermelha, gravata preta... toda equipada.

Enquanto desciam as escadas, Nora olhou para trás e sorriu para ele.

— Eu vou mantê-lo fora dos papéis, garoto. Não se preocupe. Eu tenho um quarto privado já pronto para nós. Você vai para lá primeiro, enquanto Griff e eu causamos um tumulto.

— Eu amo uma boa dura multidão... nós, — disse Griffin, sorrindo de volta quando ele tirou os óculos de sol e enfiou-os no bolso. Michael piscou e forçou seus olhos para longe. Ele realmente precisava descobrir como parar de olhar para Griffin o tempo todo.

Eles chegaram ao pé da escada e Michael ouviu as primeiras notas de música. Nora foi até a porta e bateu forte, três toques rápidos seguidos por dois mais pesados.

— Código secreto? — Michael perguntou em um sussurro.

— Código Morse para S & M.

Os olhos de Michael se arregalaram.

— Sério?

Griffin deu de ombros e piscou para ele.

— Eu não faço ideia.

A porta se abriu e um homem saiu para o corredor. Michael olhou para ele e se manteve olhando para cima. E para cima.

— Meninos, digam Olá para o meu amigo Brad Wolfe, — disse Nora com um elegante e, obviamente, aceno jocoso ao único homem de quem Michael tinha estado tão perto que era mais alto que o Padre S. — Também conhecido por...

— The Big Brad Wolfe⁵⁹, — Griffin completou, dando um passo para frente e estendendo a mão. — Você é uma lenda.

O homem, que Michael adivinhou ter cerca de 2m de altura com tanto músculo como altura, pegou a mão de Griffin e apertou. Ele parecia ter uns 40 anos de idade e bonito de um jeito que alguém como Nora descreveria como "malandro". Pensou que Griffin era o auge da perfeição masculina. Mas as mulheres pareciam gostar da aparência de Brad, pêlos no peito e barba por fazer. Nora, obviamente, gostava pelo jeito que ela sorriu para ele.

— Como está o meu Big Brad Wolfe? — Perguntou ela.

Ele levantou uma sobrancelha escura para ela.

— Little Red Riding Crop⁶⁰, o que está fazendo nos meus bosques?

⁵⁹ O Grande Brad Wolfe (wolfe é lobo. Trocadilho do nome dele com o lobo da chapeuzinho vermelho)

⁶⁰ Pequena Chibata de Montaria Vermelha (trocadilho da chibata vermelha de Nora com o chapeuzinho vermelho)

— Causando problemas. Gostaria de ajudar?

— Eu não sei. Você ainda está com... — A voz de Brad parou e ele olhou significativamente para Michael e Griffin.

— Com meu padre? — Ela terminou por ele. — Sim, ainda juntos. Não leve para o lado pessoal. Você ainda é o segundo melhor sadista na cidade.

— Foda-se com elogio fraco, — disse Brad, segurando Nora sob o queixo.

— Mas eu nunca posso dizer não para você, olhos verdes. O que você precisa?

— Eu reservei uma cabine para o show. Você consegue levar o Júnior sem ninguém ver ele?

Brad olhou para Michael, que se contorceu um pouco no lugar.

— Nora... quantos anos ele tem?

— Ele está legal, — disse ela, sem mover um cílio.

— Legal para quê?

Michael tossiu.

— Eu posso dirigir.

— Bom Deus, — disse Brad, rindo e revirando os olhos. — Você pode realmente ser mais corrupta do que Kingsley é, Nor.

Nora bateu os cílios.

— Você me lisonjeia. Vamos.

Nora agarrou Griffin pela manga e os dois desapareceram em outro lance de escadas.

— Vem comigo, pequeno garoto, — disse Brad com uma voz que de repente parecia ainda mais profunda do que antes. Michael engoliu.

— Sim, senhor.

Eles entraram no clube pela porta de trás. Michael manteve a cabeça baixa e seus olhos na parte de trás dos sapatos de Brad. Mas ele não podia deixar de ter uma olhada da loucura acontecendo dentro do clube. Onde quer que ele olhasse, via celebridades, ou pelo menos tentando ser celebridades, vestidos com trajes. Bem, eles estavam vestidos como pessoas Kinky ou pelo menos como ele imaginou que as pessoas não-kinky pensavam que as pessoas kinky se vestiam. Ele viu montes de trajes de gato em látex nas mulheres demasiado magras e os caras usavam coletes de couro e arreios. Para ele, parecia mais como uma festa de Halloween super-fantasia para adolescentes muito ricos do que um clube de sexo.

— Você trabalha aqui? — Michael perguntou enquanto Brad levou-o para uma cabine isolada, cercada por uma cortina vermelha.

— Alguém tem que dar um ar de autenticidade. — Brad fechou a cortina e acendeu um punhado de velas. — Eu tenho a minha própria real masmorra. Pergunte a sua senhora sobre isso em algum momento. Eu canalizo os poucos masoquistas reais que vêm aqui no meu lugar.

Michael começou a fazer uma pergunta, mas Nora e Griffin irromperam na cabine, rindo tumultadamente.

— Como foi? — Michael perguntou a Nora e Griffin quando desabaram na cabine.

— Perfeito. Eu escondi meu rosto atrás do meu chapéu, — disse Nora, lançando seu fedora pelo braço acima e empoleirando em um ângulo libertino na cabeça. — Isso teve a atenção deles. Eles provavelmente pensaram que era muito mais famosa do que eu realmente sou. Então Griffin ameaçou dar um soco em um jornalista.

— Você fez? — Michael virou-se para Griffin. — Você não pode ser preso por isso?

Griffin deu de ombros.

— Eles adoram ser ameaçados. Dá-lhes credibilidade nas ruas. Além disso, eu paguei-lhe dois mil dólares para se certificar de que nós chegássemos ao Page Six.

— Missão cumprida. — Nora tomou um copo de vinho tinto de uma garçonete vestida de couro. — Hora do show, — disse ela com um brilho perverso nos olhos.

No lado oposto do clube estava um palco. Quando as luzes do clube esmaeceram e desbotaram, as luzes do palco subiram. Quatro jovens sem camisa carregavam uma bela amazônica mulher morena para o centro do palco em um divã. O clube irrompeu em aplausos.

— Uau, — disse Michael. — Ela é... alta.

— Ela é um cara. — Griffin piscou para ele. — Senhora Nyx.

— Sério? — Além da altura, Michael não podia distinguir qualquer traço masculino na Amazona.

— Sério, — disse Nora. — Há algumas quentes dominatrixes masculinas por aí. Os homens podem bater mais forte. Algo a ser dito sobre isso. Não diga embora. Nyx mantém isso em segredo.

Michael concordou. Nyx agora tinha um dos jovens pela garganta. Ela corporalmente forçou-o contra uma cruz em forma de X e os outros jovens de seu harém o amarraram lá.

— Cruz de St. Andrew. — Nora inclinou sobre a mesa para sussurrar em voz alta para Michael. — Você conhece St. Andrew?

— Um... um mártir? — Michael arriscou um palpite. Ele podia ser católico, mas havia mais santos por aí do que estrelas no céu.

— Exatamente, — disse Nora com um sorriso de aprovação. — Segundo a lenda, ele pediu para morrer em uma cruz em forma de X em vez de uma em forma de T, já que ele não se sentia digno de morrer como o salvador dele. E ele foi amarrado e não pregado.

— Pobre rapaz. Deveria ter sido pregado⁶¹ antes de morrer, — disse Griffin e Nora golpeou-o no braço.

— Isso é tão estranho, — Michael disse, rindo da história. — Pobre St. Andrew.

Eles assistiram ao show em silêncio por alguns minutos. Nyx tinha um chicote de nove tiras, que ela usou para surrar o jovem amarrado, que se contorcia e gritava na cruz.

— Ela está se segurando, — disse Nora com um olhar compreensivo. — Ela praticamente nem está machucando-o de forma alguma.

— Você pode saber isso? — Perguntou Michael, impressionado.

Ela assentiu com a cabeça.

— Primeiro de tudo, ela está a bater-lhe pelo show. Indo muito devagar e bate nele com a palma das tiras e não a ponta.

— Mas ela está a bater-lhe muito forte, parece. — Michael estreitou os olhos para a cena no palco.

— A ponta do chicote é o fim do negócio, — disse Nora e esticou o braço e tocou no rosto de Griffin. — É a diferença entre isto... — Ela correu toda a

⁶¹ Nailed em inglês (nail é prego). Trocadilho em inglês pois Nailed pode ser, também, uma gíria que significa ter sexo com alguém (neste caso ser fodido por alguém).

palma da mão sobre o rosto de Griffin. Griffin suspirou. — E isto. — Ela virou a mão e chicoteou a orelha de Griffin com a ponta de seus dedos. Griffin recuou e fez uma careta.

— Ow, Nor. Eu diria a minha palavra de segurança, mas eu esqueci.

— Era ornitorrinco. Então, sim, ela está fazendo um bom show, mas não está machucando-o de todo.

Nora apontou para o palco, onde o jovem na cruz continuou a clamar dramaticamente.

— Nós podemos ir para a masmorra Dark Forest de Brad para algum S&M decente. É regras de RACK lá.

— Rack? — Perguntou Michael. — Como um Rack⁶² real?

— Não é um rack rack. RACK significa “risk-aware consensual kink⁶³”, — explicou Nora.

— Ao contrário das regras SSC.

— Seguro, são e consensual, — disse Griffin, revirando os olhos quando Nora bocejou. — Exatamente. SSC é doméstico. É para as mães e pais dos subúrbios com as algemas peludas sob a cama.

— Rack é para as pessoas mais como nós, — disse Nora. — Pessoas que fazem coisas mais ásperas, jogos-limite, sem palavras de segurança, et cetera.

— Você e Søren sempre jogam sem palavras de segurança? — Griffin se inclinou para trás e descansou os cotovelos na parte de trás da cabine. A temperatura de Michael aumentou com a visão da camisa de seda negra se esticando sobre o peito largo de Griffin.

⁶² Rack tanto pode ser prateleira, cremalheira ou cavalete mas também extrema dor física ou psicológica.

⁶³ Consciente de riscos de kink consensual

Nora sacudiu a cabeça.

— Eu disse que gosto de coisas duras. Eu não disse que eu tinha um desejo de morte.

Em frente a eles no palco, Nyx permitiu que o harém dela libertasse o jovem da cruz. Ele se arrastou de quatro para ela e beijou seus pés calçados com botas.

— Aah... — Nora suspirou. — Os bons velhos tempos. Eu sinto falta de adoração do pé. Nada mais sexy do que um sub masculino fazendo homenagem.

— Não é possível discordar disso, — disse Griffin, balançando a cabeça.

— Há um monte de subs masculinos? — Michael perguntou quando o jovem beijou o caminho dos pés de Nyx para seu joelho.

— Muitos mais do que as pessoas querem admitir, — disse Nora. — Os homens, especialmente. Você, Anjo, é algo especial, mas você não é único. Há provavelmente tantos subs masculinos por aí como domms masculinos.

— Sério?

— Sim, Mick, — Griffin entrou na conversa. — E não apenas na cena de gay kink, também.

— A fantasia sexual número um relatada por homens heterossexuais é ter relações sexuais com uma bela mulher. — Nora tomou um profundo gole de vinho. — Mas a número dois?

Griffin sorriu e levantou dois dedos.

— Número dois, — disse ele, — é ser amarrado por uma bela mulher e, em seguida, ser fodido por ela. Mesmo eu estava bem com isso.

— Mais do que bem, se bem me lembro... — Nora suspirou melancolicamente e piscou para Griffin.

— Se há tantos de nós, — Michael perguntou, — então por que...

— Por que você se sente tão sozinho? — Nora lhe deu olhar demorado.

Michael concordou em silêncio.

— Você não está sozinho, — disse ela e Griffin estendeu a mão e deu um amistoso aperto no seu joelho. Infelizmente esse aperto amigável causou muito do que uma reação amigável dentro da cueca boxer de Michael.

— Subs masculinos pagaram pela minha casa, Anjo, — Nora continuou.

— Eles compraram meus carros. Eles me fizeram uma mulher muito rica. Eu tinha todos os caminantes da vida na minha masmorra, poetas e artistas, padres e rabinos, polícias e ladrões.

— Polícias?

— Oh sim. Quanto maior e mais resistente eles fingem ser, mais é provável que queiram que uma mulher os chame de vagabunda e coloque o pé na parte de trás do seu pescoço.

— Ou outro cara. — Griffin olhou para Michael quando ele disse as palavras.

— Ei, hush, meninos, segundo ato está começando.

Nyx levou o harém para fora do palco. Em poucos minutos eles voltaram, mas desta vez Nyx usava as vestes de uma deusa romana. E ela montava em uma carruagem sendo puxada por homens jovens. Eles tinham freios na boca e arreios em seus peitos.

— Oh, meu, jogo do pônei. Quão adorável. Eu amo um pônei. — Nora se inclinou para frente e descansou o queixo na mão. — Eles são divertidos de pilotar.

— Que seja. — Griffin revirou os olhos. — Como se você alguma vez esteve em um cavalo em sua vida.

Nora endireitou-se.

— Eu vou deixar você saber, Mestre Fiske, que eu montei a cavalo em várias ocasiões. Bem, em três ocasiões. Meu velho estagiário, Wes, era de Kentucky. Aparentemente, todos em Kentucky montam cavalos.

Griffin deu de ombros.

— Não exatamente. Principalmente apenas os de sangue azul de Kentucky Central. Os cavalos são animais de estimação muito caros.

Nora sorriu.

— Wes Railey? Um sangue azul? O garoto não podia sequer comprar um carro decente. Dirigia um Bug. Pobre coisa.

Michael olhou para Nora, que estava sorrindo. Mas seu sorriso parecia estranho, forçado até. Nada como seus sorrisos habituais.

— Railey? — Griffin levantou a cabeça e olhou para Nora. — Como os Raileys Kentucky?

— Bem, ele é um Railey e ele é de Kentucky, — disse Nora.

— Sabe os nomes dos pais dele? — Griffin se afastou do show de pônei no palco e deu Nora toda a sua atenção. Nora de repente parecia desconfortável.

— Bem, o nome da mãe dele é Caroline. Usei-o no meu livro que acabou de sair. E o nome do pai é...

— Jackson. — Griffin terminou a frase para ela. — Jackson Railey?

Os olhos de Nora se arregalaram.

— Griffin... como é que você sabe disso?

Griffin riu e o riso se transformou em uma risada.

— Griffin... — A voz de Nora caiu para níveis ameaçadores. — Por que você está rindo?

Com um suspiro pesado, Griffin cavou seu Iphone do bolso, deu rápidos toques sobre ele e, em seguida, sorriu para o que fosse que ele tinha puxado na tela. Ele entregou seu telefone para Nora sem uma palavra.

— Filho da puta, — ela respirou. Lentamente, ela passou o telefone de volta para Griffin. Então ela rapidamente levantou-se da mesa.

— Onde você está indo? — Griffin exigiu.

— Certifique-se de que Michael chegue à casa seguro. Vou encontrá-lo em casa mais tarde. Tenho que verificar algo.

Nora desapareceu na multidão, e Michael encontrou-se de repente sozinho com Griffin. Ele não gostava do quanto ele gostava disso.

— Griffin? — Michael sussurrou. — O que você mostrou a Nora?

Griffin deslizou seu telefone para Michael. Michael pegou e estudou a tela. Levou um minuto para envolver sua mente em torno do que ele estava vendo.

Michael respirou uma palavra em resposta.

— Porra.

Suzanne vagueou em torno da sala do Padre Stearns enquanto ele pediu licença para trocar de roupa. Uma bela casa... uma lareira de pedra, centenas de livros encadernados em couro e o mais belo piano de cauda que ela já tinha visto. Em cima do piano estava um livro de poesia de John Donne. Abrindo o livro para uma página marcada por um antigo marcador bordado, leu:

Introduza estes armes, pois apesar do mais duro ser melhor, para não sonhar todo o meu sonho, vamos fazer o resto.

— Eu estou autorizado a ler John Donne, — veio a voz do Padre Stearns atrás dela. — Ele era um padre.

— Um padre anglicano que escreveu longos textos anticatólicos, — ela lembrou.

— Eu não tomo como pessoal.

Suzanne sorriu nervosamente enquanto o Padre Stearns pegava o livro dela e colocava de volta em cima do piano. Ele tinha tomado banho, obviamente. Seu cabelo loiro parecia mais escuro umedecido e usava seus clérigos mais uma vez. Droga. Ela realmente gostava de olhar para a garganta dele.

— Você toca? — Ela apontou para o piano.

— Eu podia tocar piano antes mesmo de eu aprender Inglês. Minha mãe me ensinou.

— Sua mãe dinamarquesa?

Padre Stearns apontou para uma poltrona e tomou uma no lado oposto da dela. O sol tinha baixado e apenas uma pequena lâmpada lançava pouca luz ao redor da sala.

— Minha mãe tinha dezoito anos de idade, quando ela veio para os Estados Unidos. A bolsa de estudos de música para um jardim de Inverno em Nova Hampshire. A bolsa cobria apenas as mensalidades. Então, ela pegou um lugar como babá na casa do meu pai. Sua esposa tinha acabado de dar à luz uma filha.

— Sua irmã Elizabeth, certo?

— Sim. A esposa do meu pai teve uma gravidez difícil, um parto difícil. Depois de Elizabeth, ela não podia ter mais filhos. Durante a recuperação dela, a minha mãe tornou-se uma mãe para Elizabeth.

— E chamou a atenção de seu pai? — Perguntou Suzanne, sorrindo. Ela podia ver onde isso estava indo.

— Infelizmente, sim. — Padre Stearns não sorriu.

O sorriso de Suzanne morreu quando o enfase sutil sobre a palavra, *infelizmente*, lhe contou tudo.

— Oh, meu Deus, — ela sussurrou.

— O meu pai era um monstro. Eu não uso a palavra de ânimo leve. Sua raiva sobre a incapacidade da esposa dele lhe dar mais crianças... ele descarregou na minha mãe. Ele estuprou-a repetidamente até que ela concebeu. Ela viveu como refém quando ele ameaçou machucar Elizabeth se ela contasse a alguém ou fugisse.

Suzanne cobriu a boca com a mão.

— Eu nasci dez meses depois dela vir morar com o meu pai. O médico que me entregou me disse anos mais tarde que ele nunca tinha visto nada assim... uma jovem mulher em agonia para dar à luz, em silêncio absoluto. Ela não queria gritar. Meu pai teria gostado muito disso.

— Ele era um sadista?

Lentamente Padre Stearns assentiu.

— Eu nasci logo após a meia-noite de 21 de dezembro. Ela me chamou Søren pelo seu avô. O médico escreveu na certidão de nascimento original que ele escondeu do meu pai. O certificado de nascimento oficial lê Marcus Lennox Stearns. Marcus era o nome do meu pai. É por isso que agora prefiro ser chamado de qualquer coisa, menos isso.

Suzanne não disse nada em primeiro lugar.

— 21 de dezembro, — ela repetiu. — A noite mais longa do ano.

— Foi a noite mais longa da vida de minha mãe, uma vez que ela me confessou. Embora eu fosse uma criança de um estupro, ela me amava. Ela permaneceu na casa do seu estuprador para cuidar de mim. Meu pai queria me criar como seu filho, seu e de sua esposa. Ele nunca poderia ter outro filho para herdar o nome da família e a riqueza. Quando ele me considerou com idade suficiente, ele me enviou para a escola na Inglaterra. Ela voltou para a Dinamarca e passou anos tentando me encontrar. Meu pai tinha acumulado incrível riqueza e poder até então. Ela não disse a ninguém o que aconteceu com ela.

Suzanne levantou-se e caminhou até a lareira fria. *Não disse a ninguém...*

— Meu irmão Adam, — ela começou e respirou fundo. — Ele amou a Igreja. Menino de altar aos dez anos... ele já tinha decidido que queria ser um padre.

Ela virou-se para trás e encontrou os olhos do Padre Stearns. Ele não disse nada, apenas a assentiu para que ela continuasse.

— Nós descobrimos depois que ele deu um tiro na cabeça, aos vinte e oito anos de idade... a nota dizia que ele havia sido estuprado pelo nosso padre. Repetidamente, durante anos. A Igreja Católica acumulou tanta riqueza e poder... — ela citou Padre Stearns. — Ele não disse a ninguém, também.

Padre Stearns veio até ela. Ele colocou a mão suavemente no rosto e ela viu sua lágrima gotejar sobre seus dedos.

— Porque ele cometeu suicídio, a igreja negou-lhe o enterro católico. Maldita Igreja Católica, — disse ela, engolindo o que parecia ser uma pedra.

— Suzanne, eu sinto muito. — Padre Stearns acariciou sua bochecha com o polegar.

— Você acabou de me chamar Suzanne, não sra. Kanter.

Ele sorriu.

— Eu fiz.

— Como eu o chamo, então?

— As crianças da igreja têm me chamado de Padre S durante anos. Menos intimidador do que Padre Stearns, suponho. Aqueles mais próximos a mim, aqueles que realmente me conhecem, me chamam de Søren.

— Eu gostaria de conhecê-lo... Søren.

— Você está começando, — disse ele, afastando-se e sentando-se na cadeira novamente.

— Posso perguntar o que Nora Sutherlin te chama? — Ela sentou-se e puxou as pernas. Ela olhou para ele por cima do joelho.

— Eleanor me chama todos os nomes no livro, — disse ele, e os dois riram. — Mas principalmente Søren. Ela diz que o meu nome é apropriadamente pretensioso.

— Eu não posso acreditar que ela disse isso a você. Sério, eu conheci generais de quatro estrelas e que não tinham nada de intimidação como você.

— Eleanor é uma mulher sem medo, sempre foi.

— Você fala dela com muito carinho. Não me diga que vocês não são chegados.

— Somos chegados. Ela teve um encontro desagradável com a lei aos quinze anos. O juiz fez-me supervisionar o serviço comunitário dela. Seus pais tinham pouco haver com ela depois disso. Eu suponho que você poderia dizer que eu me tornei o pai dela.

— Você está orgulhoso da maneira como ela acabou? — Suzanne pediu, certa da resposta. Escritora erótica, dominatrix... Menina má completa.

— Eu não podia começar a estar mais orgulhoso dela. Sua alegria de viver, sua inteligência, sua força... todos devíamos de ser como ela.

— Ela é forte? — Suzanne tinha visto fotos de Nora Sutherlin, pequeninho deslize de uma coisa.

— Forte o suficiente que até eu posso ser fraco ao seu redor.

Suzanne sorriu.

— Você fraco? Eu acho que eu gostaria de ver isso.

Søren voltou seus olhos para ela e lhe deu o mais frio, o mais duro, o mais aço olhar que ela tinha já visto. O sangue dela ficou frio, suas mãos ficaram dormentes, seu coração acelerou.

— Eu lhe asseguro, — ele disse com ameaça tranquila, — você não iria querer.

Suzanne queria recuar, esconder, afastar-se, correr... mas algo a segurou lá, algo a impedia de correr. Sim, ele intimidava o inferno fora dela. Mas além desse muro de pedra que era o padre Stearns, ela teve um vislumbre de outra coisa, alguém que viveu por trás desse colar intocado. Ela tinha que vê-lo, tinha que conhecê-lo.

— Diga-me mais sobre Eleanor, — disse ela, de algum modo intuiu que a conhecendo seria como conhecê-lo. — Nada secreto. Nada pessoal. Apenas sobre ela. Como ela é?

— Como Eleanor se parece? — Ele quase riu da pergunta. — Você pode muito bem perguntar-me como é Deus. Ela não é Deus, mas ela é quase tão difícil de explicar. Poderia levar a noite toda.

Suzanne sentou-se na cadeira e estudou-o... o nariz aquilino, a sua forte mandíbula masculina, aqueles lábios estranhamente esculpidos. Os olhos dela mudaram para as mãos. Mãos de um pianista, graciosas, ágeis e precisas. Como elas se sentiriam nela... dentro dela? Ela queria mesmo vê-lo fraco. Ela queria vê-lo de qualquer maneira que pudesse.

— Eu tenho a noite toda.

* * *

Fora do Sin Tax, Nora pegou um táxi e deu ao motorista um endereço em Manhattan.

— Você tem certeza disso? — Perguntou o motorista. — Isso é no...

— Basta ir, — Nora ordenou e o motorista prontamente se calou. Em poucos minutos eles pararam em uma casa em preto-e-branco de três andares. Nora jogou dinheiro para frente do táxi e saiu sem dizer uma palavra. Ela correu até aos degraus da frente e através as portas. De uma só vez, quatro rottweilers investiram para ela. — Shh... para baixo, crianças.

Todos os quatro cães choramingaram e sentaram-se sobre as patas traseiras com as palavras dela. Normalmente ela tomava tempo para brincar com os cães, que tinham uma reputação temível, mas um profundo amor de afeição. Nora caminhou até ao terceiro andar e pelo corredor. No final do corredor ela abriu a porta do escritório particular de Kingsley.

Arquivos... ela precisava de arquivos. Nora analisou o escritório. Demasiados armários. Ela mal sabia por onde começar.

Ela abriu a gaveta de cima do primeiro gabinete e encontrou fileiras de arquivos ordenadamente rotulados com nomes. Último nome, vírgula, primeiro nome e um número. No terceiro armário na segunda gaveta do fundo, ela encontrou *Railey, Wesley (John), 1312*. Nora abriu a pasta.

— Deus do caralho porra. — Ela fechou a pasta, fechou a gaveta e se inclinou contra a madeira de ébano pesado do gabinete. Tinha esquecido que Kingsley codificava todos os arquivos. Não, ela corrigiu, Kingsley e Juliette codificavam os arquivos. E Juliette, a bonita secretária haitiana de Kingsley, amava fazer qualquer coisa que pudesse irritar o chefe dela. Isso seria certamente inclusive ajudar Nora a decodificar um dos arquivos. Abrindo o

arquivo novamente, Nora contou as páginas. Quatro. Certamente Juliette poderia...

— *Chérie*? O que você está fazendo aqui?

Nora nem sequer olhou para cima.

— É meia-noite, King. Juliette não vai ficar fria sem você em cima dela?

— Ela vai sobreviver alguns momentos sem mim. E você não respondeu a minha questão.

— Necessitava de uma leitura leve. — Ela folheou novamente através do arquivo, na esperança de fazer algum sentido. — Como você sabia que eu estava aqui?

— Eu coloquei alarme no escritório.

Nora olhou atentamente para Kingsley. Alarme? Kingsley nunca trancou as portas da casa, muito menos colocado alarme nela. Ele amava exibir seu senso de segurança. Todos de Nova York, pelo menos, o elemento criminal, sabia melhor do que cruzar com Kingsley Edge.

— Quem roubou meu arquivo... você está com medo dele, não é? — Perguntou Nora.

— *Oui*. E isso significa que você deve estar com medo também. Isso significa que você não deve estar na cidade sem a permissão do seu mestre.

Kingsley estava à frente de Nora. Sobre a parte superior do arquivo viu o peito nu de Kingsley. Pele oliva, generosamente musculoso e cheio de velhas feridas, dentro e fora. Kingsley pegou o arquivo de suas mãos, e com relutância Nora encontrou seus olhos.

— Por que você está aqui? — Kingsley perguntou, sua voz macia, mas não ameaçadora.

Nora não disse nada a princípio.

— Responda-me, — disse Kingsley. Nora olhou para ele. Ela recebia ordens de Søren atualmente e de ninguém mais. — O que você está fazendo aqui? Você deveria estar no norte do estado com Griffin. Não em meu escritório no meio da noite.

Nora não disse nada. Kingsley, vestindo apenas calças cinzentas escuras e uma camisa branca desabotoada, olhou para o rótulo.

— Ah, — disse ele, balançando a cabeça. — Entendo. Seu animal de estimação... você sente a falta dele.

— Wesley era o meu melhor amigo e o meu companheiro de quarto e o meu estagiário. Não era o meu animal de estimação. E esta noite, vimos um show de pônei e começamos a conversar sobre cavalos e Wesley e Kentucky e Griffin...

— E Griffin sabe. E agora você também.

— Diga-me quem o meu estagiário é, — Nora exigiu. — Griffin me mostrou uma foto dele. Ele estava no Kentucky Derby falando com o príncipe Harry. O príncipe Harry. E a legenda na foto dizia...

— “O príncipe de Kentucky compara formas de corrida com um príncipe da Inglaterra”. — Kingsley terminou por ela quando ele abriu o arquivo para a última página e mostrou-lhe essa mesma fotografia. — Eu estou bastante familiarizado com ela.

— Droga. Você sabia. Você sabia quem ele era e você não me contou. Como pôde fazer isso?

— Ele nunca lhe disse. Foi sua escolha. Não era a minha coisa para dizer.

— É agora. Diga-me quem é o meu estagiário.

Kingsley caminhou até a mesa e sentou-se na borda.

— Primeiro, me diga por que você quer saber. Você mandou-o embora.

Ele se foi.

Nora pôs a mão contra o peito sobre o coração.

— Não aqui. Ele não se foi aqui.

— Ele merece mais do que isto, *le prêtre* merece.

Nora não podia discutir com isso.

— Eu sei. Eu sei que ele merece. Você queria que eu voltasse com Søren.

— Eu queria *le Prêtre* feliz novamente. Por alguma razão, você o faz feliz.

Mas isto... — Ele levantou o arquivo. — Isto não vai fazer qualquer um feliz.

Nora suspirou. Ela caminhou até a mesa de Kingsley e caiu em uma cadeira em frente a ele.

— Eu ia voltar para ele, para Søren. — Ela olhou para os pés descalços de Kingsley. Tão estranho não vê-lo em suas botas de montaria de cano alto, sua assinatura. Apenas sexo tirava-o dessas botas. Em algum lugar na casa, Nora sabia que Juliette queria saber onde seu mestre estava. Mas Juliette teria que esperar.

Kingsley riu profundamente.

— Quanto você teve que beber esta noite, *maîtresse*? Você voltou para ele.

Nora sorriu para si mesma.

— Não... Quero dizer, eu ia voltar para Søren um ano e meio antes de eu ter voltado. Era uma quarta-feira de setembro. Toda essa semana... Eu não sei por que, mas durante toda semana eu mal podia respirar por sentir tanto a falta de Søren. Eu tinha dias bons e ruins sem ele. Naquele dia começou mal. Ruim o suficiente que eu decidi que iria desistir, humilhar-me, rastejar aos

pés de Søren até que ele me pegasse de volta. Mas não o fiz. Você sabe por quê?

Kingsley não falou imediatamente. Depois de um espaço de dez batimentos cardíacos, ele finalmente respondeu.

— *Pourquoi?*

— Porque esse foi o primeiro dia que eu ensinei aquela estúpida aula de redação na Yorke, e eu fui para aquela sala de aula e vi aqueles lindos grandes olhos castanhos que olhavam para mim como se nunca tivessem visto nada como eu antes. Eu conheci Wesley. E eu somente esqueci. Eu esqueci que eu queria voltar para Søren. — Nora engoliu as lágrimas em sua garganta. — Oops.

— Eu vou fingir que não ouvi isso.

Nora riu miseravelmente.

— Eu vim para você naquela noite. Você se lembra, King? — Nora encontrou seus olhos e deixou a mente e corpo se queimar com a memória, correr para Manhattan, correndo as escadas... quase como esta noite. — Você estava dormindo em sua cama, e eu rastejei, e peguei-o pelos pulsos enquanto você estava dormindo...

Kingsley respirou fundo e olhou para longe. Eles tinham uma regra nunca falaram sobre esse lado de Kingsley.

— *Oui*, eu me lembro.

— Eu estava queimando, — ela confessou. — Por esse garoto na minha classe na Yorke. Por Wesley. Eu não podia deitar a minha frustração em cima dele, obviamente. Deitei em você. — Nora encontrou os olhos escuros de

Kingsley. — Naquela noite, pode ter sido a primeira noite que passamos juntos em que você e eu não estávamos fantasiando sobre a mesma pessoa.

Kingsley não falou. E Nora não disse mais nada.

— Eu me perguntei uma vez ou duas, se eu amo *le prêtre* mais do que você, *chérie*. Agora eu sei que eu amo.

— Kingsley... — Nora fechou os olhos, mas uma lágrima rebelde escapou. — Eu sei que você sabe como é amar tanto alguém e não tê-lo. Por favor... sou eu implorando esta noite.

— Se você usar qualquer uma dessas informações para machucar *le prêtre*... — A voz de Kingsley parou e a ameaça foi deixada sem ser dita. Ele não tinha que dizer isso. Ela e Kingsley não eram amigos, e nunca tinham sido. Eles tinham sido Jacob e Esaú para Søren. Pelo menos na mente de Kingsley. E agora, se machucasse Søren... não seria mais uma rivalidade entre eles. Seria guerra.

Que assim seja.

Kingsley deu-lhe um último olhar. Ele pegou uns óculos de armação de arame elegante da sua mesa, colocou-os e abriu o arquivo.

Ele leu. Nora ouviu. E ao amanhecer ela sabia uma coisa.

Wesley tinha mentido.

Michael e Griffin não demoraram muito tempo no Sin Tax após Nora correr para fazer o que ela foi fazer. Michael ainda não tinha certeza. Juntos, ele e Griffin viram o resto do show de pônei. Quando terminou, Michael se inclinou para frente em antecipação da próxima cena, mas congelou quando sentiu dedos na parte de trás do pescoço.

Cada músculo em seu corpo ficou tenso, todos os nervos formigavam quando Michael virou lentamente a cabeça para enfrentar Griffin, que o observava com olhos cobertos.

— Vamos. — Griffin deu um aperto suave no pescoço de Michael e Michael teve de concentrar-se extremamente duro para não desfrutar tanto quanto seu corpo queria. — O nosso pássaro está aqui.

Michael assentiu lentamente, não querendo desalojar a mão de Griffin. Mas, infelizmente, Griffin deixou a cabine e pegou a mão dele com a dele. Michael seguiu de perto enquanto eles fizeram o seu caminho através do clube lotado em direção à saída traseira. Então, com a intenção de assistir Griffin caminhar, Michael não notou o pé no seu caminho até que ele o chutou acidentalmente.

Girando ao redor para pedir desculpas, Michael ficou cara-a-cara com um pálido e bonito homem na casa dos vinte e poucos anos, com cabelo loiro aos caracóis e olhos sorrindo e vazios.

— Sinto muito, — Michael gaguejou quando o homem deu um passo adiante.

— Eu não. — O homem olhou Michael de cima para baixo. — Qual é o seu nome?

— Um... — Michael olhou ao redor por Griffin, mas tinha aparentemente perdido ele na multidão. — Michael. Eu preciso...

— Aqui, Michael, — o homem disse, puxando uma cadeira com o pé. — Você chutou a minha perna e arrastou o meu sapato. O mínimo que você pode fazer para me compensar é sentar e tomar uma bebida comigo. Então vamos falar sobre o máximo que você pode fazer para me compensar.

O coração de Michael acelerou. Onde diabos tinha ido Griffin?

— Eu não posso. Tenho de encontrar...

— Você pode. Você deve. — O homem sorriu. — Você vai.

— Ele não vai.

Michael deu um suspiro de alívio quando Griffin apareceu no seu ombro.

Os olhos do jovem se iluminaram em reconhecimento.

— Griffin Fiske... o que diabos você está fazendo aqui? — Disse o homem loiro, dando a Griffin um amplo e obviamente falso sorriso. — Você não deveria estar sugando o pau do Kingsley Edge?

— Eu tenho folga as sextas, — disse Griffin.

— Tenho folga todas as noites. Não, espere. Eu venho⁶⁴ todas as noites. Era isso. Então você está meio que interrompendo aqui, Griff. Eu estava fazendo um novo amigo.

⁶⁴ Trocadilho. Folga em inglês fica, por exemplo, "I get off all Mondays" (tenho folga todas as segundas). Get off é também usado quando o homem tem um orgasmo e vem.

— O seu novo amigo é o meu velho amigo, Jackal. — Griffin aproximou-se de Michael.

— Não é possível sermos todos amigos?

Griffin sorriu.

— Não. Nós estamos saindo.

— Você está indo. Ele está ficando. Ele é o meu encontro. — Jackal sorriu e estendeu a mão, para afagar o rosto de Michael. A mão de Griffin serpenteou para fora e agarrou o pulso de Jackal com tal exibição de velocidade de um raio que Michael se encolheu.

— Não toque na minha propriedade, Jack. Não com qualquer parte de você que você quer manter.

Michael só podia olhar para os dedos de Jackal pendurados impotentemente no ar a centímetros do seu rosto, a mão de Griffin apertando em torno de seu pulso em um forte aperto. Mesmo na pouca luz do clube, Michael podia discernir a dor mal disfarçada no rosto de Jackal e a cor drenando de sua mão.

A mandíbula de Jackal cerrou.

— Desculpe, Griff. Não sabia que ele era seu.

Griffin levantou o queixo e olhou para baixo para Jackal.

— Bem, ele é.

— Erro honesto.

Concordando, Griffin largou a mão de Jackal.

— Claro. Poderia acontecer a qualquer um. Pronto, Mick?

Michael olhou para Griffin. Pelo canto do olho, ele notou que metade do clube agora os observava. Com tanta atenção, Michael sabia que ele devia se

sentir humilhado. Mas ser chamado publicamente de propriedade de Griffin Fiske, até mesmo como de mentira, fez o seu coração, e outra parte dele, inchar de orgulho.

— Sim, senhor.

No "senhor", os olhos de Griffin aumentou ligeiramente antes que ele se recuperasse rapidamente. Com um ar de dominância casual, Griffin colocou a mão sobre a parte inferior das costas de Michael e conduziu-o para longe de Jackal em direção a saída.

— Quem é esse cara? — Michael sussurrou quando eles chegaram a saída.

— Jack Albrect.

— Ex-amigo?

Griffin não encontrou os seus olhos enquanto ele abria a porta de trás.

— Ex-dealer⁶⁵. Não é meu fã agora que eu não sou mais o melhor cliente dele.

— Oh. — Michael não conseguia pensar em mais nada a dizer sobre isso. Eles tomaram as escadas para o telhado, e Michael já sentia a falta da mão de Griffin em sua parte inferior das costas. — Bem, obrigado por me afastar dele. Sabe... fingir que estávamos juntos. Eu quero dizer, estamos juntos, mas não estamos... Eu não sou...

Griffin virou-se e olhou para ele. Ele começou a dizer algo, mas as lâminas do helicóptero abafaram todo o som. Em silêncio, eles voaram todo o caminho de volta para a propriedade de Griffin. Agora à noite, Michael não

⁶⁵ dealer é utilizado para designar o intermediário financeiro que trabalha por conta própria, recebendo uma quantia referente às transações e negócios que efetua

podia ver muito abaixo deles, então ele meramente olhou para a escuridão e lembrou-se do olhar ardente de fúria nos olhos de Griffin quando Jackal tinha tentado tocá-lo e a sensação incrivelmente reconfortante dos dedos de Griffin nas suas costas guiando-o através do meio da multidão. *Não toque em minha propriedade, Jack...* Mesmo os livros de Nora e as ordens eróticas que ela sussurrava em seu ouvido a noite não o tinham excitado tanto quanto aquelas cinco palavras de Griffin tinham. *Minha propriedade.*

Se apenas.

Em silêncio, eles caminharam de volta para a casa. Michael queria dizer algo mais a Griffin, mas mais uma vez não conseguia encontrar as palavras. Ou talvez ele tivesse as palavras, mas não tinha a coragem para dizê-las.

No topo da escada eles começaram a seguir caminhos separados. Mas Griffin parou-o com uma palavra.

— Só um segundo, Mick. Esqueci-me que tinha algo para você. Está no meu quarto.

— Sério? O que é? — Michael nervosamente seguiu Griffin para o maciço quarto dele. Michael apenas tinha espiado o quarto, uma ou duas vezes, mas nunca realmente cruzou o limiar. Parecia solo sagrado para ele. Ele não se sentia digno de estar na presença do leito onde Griffin dormia, os lençóis onde ele fodia.

— O que é? — Repetiu Griffin. — Nada. Apenas uma desculpa para ter você no meu quarto.

Michael congelou. Griffin riu e agarrou-o pelo ombro.

— Não fique tão apavorado. Todo mundo que vem ao meu quarto vai embora sorrindo. Exceto Alfred, mas isso é só porque ele odeia ser o bottom.

Michael deu uma gargalhada quando eles entraram no quarto de Griffin.

— Nora diz que não é para todos, — Michael disse enquanto Griffin começou a cavar através das gavetas.

— O próximo mordomo que eu contratar, eu vou ter certeza de perguntar primeiro as posições preferenciais dele. Sabe, é uma coisa boa que eu nunca vou ter que arranjar um trabalho real. Sou uma ação de assédio sexual esperando para acontecer.

— Nora disse que ela colocou “sendo assediado sexualmente” na descrição do trabalho do antigo estagiário dela.

— Ela é uma mulher inteligente. Podia ter sido uma advogado, mas não era suficientemente sadista.

Griffin puxou um saco debaixo de sua cama e entregou a Michael.

Michael olhou para ele um momento antes de abrir o saco. De lá, ele puxou algo quadrado e envolto em linho. Ele tirou o envoltório de linho e encontrou um grande livro preto coberto no mais suave e maneável couro que ele já tinha tocado.

— É apenas um novo caderno de desenho, — Griffin disse quando ele começou a desabotoar a camisa. — Eu vi que você quase preencheu o outro.

Griffin jogou a camisa sobre as costas de uma cadeira.

Tão comovido com o presente, Michael mal podia falar. Demorou alguns segundos para falar as palavras.

— Obrigado, Griffin, — ele sussurrou. — É incrível.

Ele nunca tinha tido um caderno de desenho tão obviamente caro e de alta qualidade.

Dando de ombros, Griffin soltou o cinto e puxou-o. A visão do cinto preto de couro nas mãos de Griffin... Griffin sem camisa, o cabelo geralmente perfeito ligeiramente despenteado do voo... Michael de repente achou quase impossível exalar. Ele continuou inspirando e esquecendo-se de exalar.

Griffin ficou bem na frente dele. Se uma bomba tivesse explodido no corredor, Michael ainda assim não teria sido capaz de arrancar os olhos para longe do plano estômago duro de Griffin.

— Eu gostei mais de "senhor". — Griffin inclinou a cabeça, levantou a sobrancelha e olhou para Michael.

Michael só podia corar.

— Por nada, Mick. — Griffin afastou-se e sentou-se na beira da cama, o cinto ainda em suas mãos.

— É muito bom. Eu vou, hum... desenhar. — Michael começou a recuar em direção à porta.

— Divirta-se... a desenhar. — Griffin olhou para ele sem sorrir, sem ironia, sem até mesmo o toque de diversão em seu rosto ou lábios esculpidos. Em um gesto que parecia ao mesmo tempo irracional e calculado, Griffin puxou a correia esticada entre as mãos.

— Ok... boa noite, Griff. Obrigado novamente. Sabe, por tudo.

Griffin finalmente sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

— Boa noite, Mick.

Michael virou-se e dirigiu-se para a porta. Ele podia fazer isso. Ele podia sair. Ele ia sair e iria para a cama. Ele ia manter a boca fechada e não dizer nada, porque ele sempre manteve sua boca fechada e ele nunca disse nada.

Ele nunca pediu o que queria, nunca confessou o que ele precisava. Isso é como era e como sempre seria.

No limiar do quarto de Griffin, Michael parou, como se tivesse ido contra uma parede invisível. Lentamente, ele virou-se.

Griffin ainda estava sentado na ponta de sua cama, cinto de couro na mão, olhando para ele.

— Um... Griffin?

* * *

Suzanne agitou-se e sentou-se reta. Que diabos? Ela esfregou o rosto e olhou ao redor. Maldição, ela tinha adormecido na casa paroquial do padre Stearns. Na reitoria de Søren, ela recordou-se. Se seu pai tivesse sido um estuprador, ela também não iria querer qualquer parte do nome dele.

Levantando o pulso para um pedaço de luar, ela verificou o tempo. 3h53 da manhã. Søren não tinha brincado quando ele disse que explicar quem Nora Sutherlin é, iria levar a noite toda. Ele regalou-a com história após história da juventude dela no Sagrado Coração... quando ela perguntou certa vez a uma freira se ela usava uma cueca santa; quando ela torceu o tornozelo em uma caminhada depois de um menino tê-la empurrado depois dela o chamar de filho da puta por chutar a irmã pequena dele; como o serviço comunitário que o juiz impôs a ela por roubar carros mudou-a de um pequeno monstro com raiva para uma adolescente para uma compassiva jovem mulher que chorou nos braços dele quando o residente favorito dela no abrigo para os sem-abrigo morreu de uma overdose de drogas.

— Eu acho que eu gosto dela, — Suzanne disse, sorrindo para a lareira vazia. — Pergunto-me se ela gostaria de mim.

— Conhecendo Eleanor e considerando que você está me investigando, ela provavelmente iria flertar com você nos primeiros cinco minutos depois de conhecê-la e ameaçar sua vida nos seguintes.

Depois de toda a conversa deles, Suzanne chegou a uma única conclusão a respeito do Padre Stearns. Ele não era o inimigo. Ela ainda não sabia qual era o possível conflito de interesse e por que dizia respeito a ela. Mas de jeito nenhum ele era um predador sexual. Ela sentiu a verdade de em seu coração.

Mesmo nesta situação estúpida ela encontrou-se testemunhando sua decência inerente. Ela tinha adormecido depois de horas de conversa e um copo muito potente de vinho tinto. Ela acordou em seu sofá com um cobertor sobre ela com as roupas e os sapatos.

Escutando, ela ouviu o barulho de madeira. Ela precisava ir para casa, iria para casa agora. Mas ela não podia simplesmente ir sem lhe dizer adeus e lhe agradecer o cobertor. Ele tinha admitido que às vezes tinha problemas para adormecer e geralmente trabalhava em seu escritório no andar de cima até ao amanhecer. Suzanne dobrou o cobertor, escorregou em seus sapatos e nervosamente fez seu caminho até a escada estreita para o segundo andar.

No final do corredor, viu uma luz pálida que derramava no assoalho por uma porta aberta. Andando ruidosamente para alertá-lo de sua presença, Suzanne chegou ao final do corredor e respirou fundo.

Não o seu escritório... seu quarto. Ao lado de sua cama dossel, vestido com roupa branca imaculada, Søren estava de costas para ela. Ela viu seu colarinho romano na mesa ao lado da cama. Observando-o, Suzanne

congelou, incapaz de se mover, incapaz de desviar o olhar enquanto ele lentamente desabotoou os punhos da camisa e deixou sua camisa deslizar por seus braços.

Nunca em sua vida tinha visto um homem com um corpo mais requintado... cada polegada de suas costas ondulava com massa muscular, seus bíceps eram sulcados com veias vigorosas. A longa linha de sua espinha era um desfiladeiro que ela queria percorrer com os lábios novamente e novamente. Ela poderia viver e morrer feliz nessa vasta extensão de pele lisa entre o seu arqueando omoplatas. Suas mãos coçaram para traçar a curva de sua caixa torácica, a língua doía para saborear a sua nuca. Seus dedos formigavam, os mamilos apertados e calor líquido se reuniram no fundo de seu estômago.

— Suzanne, você está pensando em ficar em pé no corredor durante toda a noite olhando para mim? Ou você vai entrar?



PARTE 2

SEIS SEMANAS DEPOIS

Se ele mantivesse os olhos fechados e ela não falasse, ele provavelmente poderia passar por isso. Sua mão deslizou sob a blusa de seda dela e acariciou a pele macia de seu estômago. Seus lábios mudaram da boca dela para o seu pescoço enquanto as mãos dela vagavam pelo peito dele. Com os olhos bem fechados, seu corpo começou a responder à pressão dos quadris dela contra os dele e o calor de suas curvas. Ela soltou um suspiro amoroso quando ele começou a empurrar a saia para cima.

— Isto pode ser mais confortável na minha cama, Wesley.

Wesley exalou e abriu os olhos. Uma frase dela e o momento se despedaçou. Ele não deveria ter parado de beijar a boca dela. Então, ela não teria sido capaz de falar.

Sentando-se no banco traseiro de seu carro, ele passou as mãos pelo seu cabelo e esfregou a testa.

— O que há de errado? — Bridget perguntou quando ela puxou a saia para baixo. — Você não tinha que parar. Só estava dizendo que provavelmente devíamos terminar em algum outro lugar do que no carro.

— Eu sinto muito. Eu estou apenas... — Wesley não terminou a frase já que ele não podia pensar em nenhuma palavra verdadeira que não iria ferir seus sentimentos.

— Apenas o quê?

Ele ouviu a borda em sua voz e suspirou.

— Só... não estou pronto.

Como ele sabia que eles iriam, as palavras *não estou pronto* inspiraram um revirar de olhos e um infeliz cruzamento dos braços sobre o peito.

— Wes, estamos saindo por dois meses. Dois meses. Meu último namorado e eu tivemos sexo no nosso segundo encontro. Você e eu? Dois meses e você não me deixar tocar você.

— Eu gosto de levar as coisas devagar. Eu sou... — Ele parou e pensou em contar a ela toda a verdade. Mas toda a verdade implicaria em falar de certas coisas, e uma certa pessoa, de quem ele tinha zero desejo de falar. — Antiquado.

— Antiquado. Tudo bem. Eu posso aceitar isso. Talvez. Você pode pelo menos me dar uma ideia de quando um tipo antiquado como você estaria pronto para ter sexo com a namorada?

Ele virou a cabeça e olhou para Bridget. Uma mulher tão bonita, com cabelo escuro e mechas loiras, alta e esguia, um espanto, como seu pai diria; um espanto sete anos mais velha do que ele.

— Você é a secretária do meu pai. Eu acho que é uma má ideia nós estarmos envolvidos. — Uma desculpa estúpida. Seu pai tinha ficado emocionado ao vê-lo flertar com Bridget. Ele tinha praticamente ordenado a Wesley que a convidasse para sair.

— Se isso é o que é, então termine o namoro comigo e acabe logo com isto. Pare de foder por aí com os meus sentimentos.

Terminar o namoro? Por alguma razão, essas duas palavras que ele deveria ter temido soaram não como uma sentença de morte para ele, mas como liberdade. Terminar o namoro. Talvez eles devessem.

— Ok, — ele disse, balançando a cabeça.

— Ok o quê?

— Ok, vamos romper. Você está certa. Eu sou um idiota por ser assim. É complicado e eu realmente não quero fazer isso. Mas você está totalmente certa.

Os olhos castanhos de Bridget se arregalaram.

— Eu não disse que eu queria que nós terminássemos. Eu só quis...

— Então por que...

— Por que você está assim? — Ela exigiu. — Nós estamos bem juntos. Pelo menos eu pensei que nós estávamos.

— Mas você se queixa o tempo todo sobre não apressar as coisas. Obviamente você não acha que estamos bem juntos.

— Eu acho que nós poderíamos estar. Wes... — Ela levantou as mãos vazias.

Seu estômago se apertou em um punho apertado de culpa. Se Bridget sentisse até mesmo uma fração da infelicidade que ele tinha sentido naquele dia em que Nora...

Não. Ele não ia pensar em Nora. Ele tinha ficado o dia todo sem pensar em Nora e ele não estava disposto a deixá-la rastejar de volta em seus pensamentos. Ele e Bridget e seus problemas não tinham nada haver com Nora ou o que ele sentia por ela. Sentiu. Passado.

— Nós podemos... — ele começou e parou. Ele tinha a intenção de dizer, podemos falar sobre isso amanhã? Mas ele sabia que tinha que ir até ao fim, acabar com isto. Bridget, pelo menos, merecia a verdade. Não a verdade de que ele ainda era virgem. Não foi por isso que ele não conseguiu ir até ao fim com ela. Isso podia até ser a menor de todas as razões.

— Podemos o quê?

Wesley respirou fundo e firme, e encontrou os olhos de Bridget através da escuridão.

— Eu estou apaixonado por outra pessoa. E eu não posso fazer sexo com você, porque eu vou estar a pensar nela o tempo todo e você não merece isso.

Durante muito tempo, Bridget não disse nada. Ela nem sequer olhou para ele.

— Quem? — Ela finalmente falou.

Wesley riu, uma cansada, miserável risada.

— Já ouviu falar de Nora Sutherlin?

A mandíbula de Bridget caiu.

— Aquela escritora louca?

Wesley concordou. Ela olhou para ele por um longo momento antes de balançar a cabeça e abrir a porta do carro.

— Me dê o fora se você quiser. — Ela pegou a bolsa do banco da frente.

— Mas, pelo menos, seja suficiente homem para me dizer a verdade.

Os saltos altos de Bridget clicaram pelo concreto da curta distância da garagem para a casa dela. Ouviu a porta se abrir e ser arremessada fechada. Wesley rastejou do banco de trás para frente do espaçoso Cadillac do pai e ligou o carro. Tomando a Estrada Versailles ele saiu em direção à fazenda. Ele odiava conduzir esta estrada à noite. Muito longa, muito chata, muito fácil deixar a mente vaguear para lugares que não precisava ir. O pequeno castelo que um maluco tinha construído para a esposa dele há vinte anos constituiu a única coisa de interesse neste trecho da estrada. Wes olhou para o castelo à direita. Sim, ainda está lá. Ele continuou dirigindo.

Em todo o caminho até casa, Wesley repreendeu a si mesmo por quão mal à noite acabou. Bridget... ela era ótima. Inteligente, bonita, mais velha, ele gostava disso. Um ano e três meses vivendo com uma mulher de trinta e poucos anos tinha feito Wesley quase alérgico a meninas de sua idade. As mensagens bêbedas, o facebook desagradável, as botas Ugg e a paquera com os olhos arregalados. Nora não usava botas Ugg. Ou jogava no Facebook. Ou mandava mensagens bêbadas. Ela usava botas pretas de couro com tiras e zíperes. Ela praguejava como um marinheiro, bebia como um peixe, lutava como um homem, literalmente. Ele assistiu-a fazer box e ela deixou o adversário KO, um leve aposentado chamado Bruce, em três rounds.

E Nora não flertava com ninguém.

— Flertar é para as pessoas que não querem isso, Wes, — Nora tinha dito uma vez. — Eu seduzo.

Droga... ele tinha acabado de terminar com Bridget e aqui ele estava pensando em Nora. Mais uma vez. Como sempre. Como ele tinha, todos os dias desde que tinha se mudado de volta para Kentucky. Ele nunca disse a seus pais sobre Nora, apenas disse que tinha decidido que ele sentia muito a falta da fazenda. Sua mãe tinha comprado. Seu pai tinha sido mais desconfiado. Claro, ele tinha sido uma espécie de zumbi nas horríveis semanas após Nora o expulsar de casa. Ele havia terminado o semestre em transe, dormido no sofá do seu amigo Josh e olhado para o celular à espera que Nora ligasse e dissesse que ela tinha cometido um erro, que ela queria ele em casa com ela novamente.

Mas o telefone nunca tocou. E mesmo quando ele ligava, e ela nunca respondia. E agora treze meses mais tarde, ele ainda não tinha ouvido uma

palavra dela. Ela estava feliz? Segura? Ela estava com Søren agora? Aquele bastardo estava machucando ela? O coração de Wesley apertou com o pensamento deles juntos. Apenas o seu ódio por Søren queimou mais quente e mais forte do que o seu persistente amor por Nora.

Mas apenas um pouco.

Wesley virou e fez uma pausa para dar um soco no código de segurança. Os portões de ferro escancararam-se e ele dirigiu para dentro. Ele verificou as horas. 11h53 da noite. Mamãe e Papai estavam na cama a horas, graças a Deus. Ninguém iria incomodá-lo com perguntas se ele corresse para dentro da casa principal por alguns minutos.

Ele desligou os faróis quando ele puxou para a entrada circular. Desde que voltou para casa, ele tinha vivido na casa de hóspedes nos fundos. Mas todo o correio ia para a grande casa. Ele tinha aplicado para Tulane, um grande programa pré-medicina, mas não tinha certeza de que ele poderia lidar com o tempo de Nova Orleans. Os verões de Kentucky eram ruins o suficiente.

Wesley ficou no foyer e acendeu a lâmpada perto do espelho grande da porta de entrada. Vislumbrando a si mesmo ele quase não reconhecia a pessoa refletida de volta. Por meses, ele não cortou o cabelo a muito necessário. Quando ele vivia com Nora ela o chateava quando o cabelo dele ficava muito longo, às vezes literalmente. Uma vez, ele estava deitado no sofá lendo quando sentiu um peso no peito. Seu livro saiu voando e ele encontrou Nora abrangendo os quadris com os joelhos; ela tinha as duas mãos sobre seu peito e um par de tesouras preso entre os dentes como uma espécie de guerrilha cabeleireira.

— O que você está fazendo? — Wesley exigiu quando Nora o segurava para baixo com uma mão, enquanto a mão direita empunhava a tesoura.

— Cortar o seu cabelo. Você tem os mais belos olhos castanhos de qualquer cara na terra e você deixa o seu maldito cabelo ocultá-los. Agora não se mova a menos que você queira que eu cegue você.

A tesoura aproximou-se e ele afundou a cabeça nas almofadas do sofá até onde ele podia. Nora somente recuou quando ele jurou sobre o túmulo de Anaïs Nin, a heroína dela, que ele iria cortar o cabelo a um profissional naquela semana. Agora seu cabelo quase alcançava seus ombros. Sua mãe deu-lhe um inferno por causa do cabelo, mas sua queixa não o deixou tão feliz quanto as emboscadas de corte de cabelo de Nora. Secretamente ele pensou em seu longo cabelo como uma fonte de força, assim como Sansão. Ele não tinha cortado por rancor a Nora. Ela não podia vê-lo, não podia se importar menos. Mas ele sabia que se ela o visse, ela odiaria quão longo estava. E isso deu-lhe uma pequena medida escura de satisfação. Estúpido realmente. Ela não se importava com ele, não o amava, não sentia a falta dele. Por que se importar?

Wesley vasculhou o correio e não encontrou nada de interesse. Ainda nada de Tulane. Ainda muito cedo, provavelmente. Apenas enviou as suas coisas a duas semanas. Ele deixou cair o correio de volta sobre a mesa lateral e notou um grande envelope almofadado dirigido a ele.

Ele leu o endereço do remetente e viu que veio de algum lugar em Nova York. Um de seus antigos amigos de Yorke tinha lhe enviado alguma coisa? Wesley rasgou o envelope.

Por pelo menos um minuto inteiro Wesley olhou para a capa do livro de capa dura.

The Consolation Prize por Nora Sutherlin.

Com dedos trêmulos Wesley lentamente abriu a capa. Ele virou uma página em branco... depois outra. Na página do título ele encontrou um bilhete com a letra familiar.

Vire a página, Wes.

Wesley respirou raso. Seu coração acelerou descontroladamente em seu peito. Treze meses de nada mais que tratamento do silêncio e agora...

Na página seguinte, ele encontrou a dedicatória.

Wesley apoiou o seu peso contra a porta da frente. Ele precisava de algo para mantê-lo de pé. A porta não funcionou e ele escorregou para o chão. Ele se lembrou de... Nora em sua cama, seu cabelo ainda molhado, o rosto dela desprovido de qualquer maquiagem. E ela nunca pareceu tão bela. No dia seguinte era o seu aniversário com Søren e como de costume, ela tinha intenção de ir vê-lo. Finalmente Wesley tinha percebido o simples fato horrível da questão.

— Você ainda o ama, não é? — Ele perguntou a ela.

Ela correu as mãos pelo cabelo molhado e deixou as gotículas de água cair no chão.

— Muitas águas, — ela disse.

Muitas águas não podem apagar o amor, nem os rios vão transbordar. Cântico de Salomão 8:7.

Em outras palavras, sim, ela ainda amava Søren.

Wesley olhou para a dedicatória até que seus olhos lacrimejaram.

Para W.R. muitas águas.

Ela dedicou o livro a ele. Não Søren, como ela tinha feito em todos os seus outros livros. Muitas águas... Ela ainda o amava também.

Debaixo da dedicatória, Nora tinha-lhe escrito outra nota.

Wesley, seu imbecil, você podia ter me dito.

Poderia ter dito a ela? Poderia ter dito a ela o quê?

Wesley olhou para cima. Pendurado no teto na entrada para a casa dele estava um lustre que esteve uma vez pendurado no palácio francês Versailles, não na cidade de Kentucky. E o livro tinha vindo direto para este endereço, e não sua antiga escola e em seguida, encaminhado.

— Merda... — Wesley respirou. Ela sabia quem ele era agora. Como ela descobriu?

Bem, não é tão difícil realmente. Ela deve ter procurado por ele no Google ou algo assim. Ele devia retornar o favor. O endereço no envelope não era nenhum que ele reconhecesse.

Talvez ela tivesse deixado Connecticut, deixado Nova York, deixado Søren.

Agarrando o livro e o envelope, ele correu pela casa grande e pela porta dos fundos. Na casa de hóspedes, sua casa, ele mal podia colocar a chave na fechadura. Uma vez lá dentro, ele bateu no interruptor, pegou seu laptop e foi para o Google. Ele digitou *Nora Sutherlin* e a cidade *Guilford*.

O primeiro clique levou-o a um site de fofocas de New York City. Vasculhando o artigo, ele descobriu que Nora tinha ido a um clube qualquer de S & M com um cara chamado Griffin Fiske. No primeiro momento, o coração de Wesley encheu-se de felicidade porque Nora tinha ido a algum

lugar na presença de um cara qualquer que não era Søren. Talvez eles tivessem terminado. Wesley rapidamente procurou no Google por Griffin Fiske e teve o desagradável choque de descobrir que ele já o conhecia. Ou, pelo menos, sabia sobre dele. Ele tinha visto o nome de Griffin no telefone celular de Nora uma vez e ele casualmente perguntou-lhe quem ele era.

— O meu personal trainer, — Nora tinha respondido sem pestanejar. O "Personal trainer" de Nora também era o obscenamente rico filho do presidente da Bolsa de Valores de Nova York, um ex-viciado em drogas que tinha tido um par de passagens por clínicas de reabilitação, o neto dos donos do Raeburn Farm, e uma boa aparência ofensiva do estilo bronzado e musculoso. Deus, ele parecia um daqueles caras dos anúncios do Calvin Klein na Vanity Fair. Não o tipo usual de Nora. Ela preferia caras como o editor dela, Zach Easton, bonito de um tipo distinto, estudioso e, geralmente, mais velho que ela. Wesley nunca tinha visto Søren, nem mesmo uma foto dele, mas ele imaginava que era assim que ele parecia também. Eles tinham falado ao telefone uma vez e até mesmo a voz de Søren soou bem cuidada. No entanto, outra razão para odiar o homem.

Wesley tomou uma respiração longa, lenta, profunda e percorreu os fatos em sua mente.

Nora não parecia estar mais com Søren.

Nora parecia estar mantendo uma má companhia, entretanto.

Nora tinha dedicado o livro a ele com as palavras *muitas águas...*

Wesley se levantou e começou a fazer as malas.

* * *

Suzanne olhou para o teto e tentou se tornar uma só com o seu sofá. Esvaziando a mente, ela abrandou a respiração e focou apenas na batida de seu coração. Batia forte, quase audível. Ela respirou fundo novamente, mas o barulho só aumentou. Gemendo, ela levantou a mão à testa e gritou: — Vá embora, Patrick.

— Abra a maldita porta, Suz, — ele gritou de volta. — Eu não vou embora até você me deixar entrar ou os policiais vierem por mim. — Mais uma vez ele bateu na porta. Como no inferno alguém poderia meditar sob estas condições?

Ela levantou-se, caminhou até a porta e abriu-a.

— Bem. Entre. — Suzanne jogou-se de volta para o sofá e fechou a olhos.

— O que diabos está errado com você? Onde você estava? — Patrick exigiu. Ela não tinha que abrir os olhos para saber que ele estava ao lado do sofá olhando para ela.

— Eu estive ocupada. Eu comecei a escrever um livro sobre meu tempo no Afeganistão. Tenho vivido na biblioteca.

Um longo silêncio se seguiu as suas palavras.

— Um livro... sobre o Afeganistão. É por isso que você não me ligou ou mandou um e-mail ou respondeu a porta ou qualquer coisa por seis malditas semanas?

— Eu estou muito ocupada. Você não pode ver?

Ela esperava que sua irritação fizesse Patrick correr. Em vez disso, sentou-se no sofá ao lado do estômago dela.

— Suz.

Ela fechou os olhos com força.

— Suzanne.

Lentamente, ela abriu-os.

— O que aconteceu? — Patrick perguntou, escovando uma mecha de cabelo do rosto. O tom da sua voz era tão suave, a preocupação tão íntima que as lágrimas brotaram de seus olhos. — Algo aconteceu. Diga-me.

Ela engoliu em seco e cobriu os olhos com as mãos.

— Eu não quero falar sobre isso, — ela disse, a voz não mais do que um sussurro. — Eu não posso...

— O padre que estava investigando... aconteceu alguma coisa? Ele ameaçou você? Machucou você?

Suzanne riu miseravelmente.

Magoou-a? Bem, ela tinha hematomas no dia seguinte. Todo o corpo de Suzanne formigava da memória daquela noite um mês e meio atrás. Ela tinha sido tão idiota em ir à reitoria. Olhando para trás, ela viu que ela tinha começado a cair pelo padre Stearns. Talvez não se apaixonado por ele. Talvez não fosse amor. Mas definitivamente luxúria. Luxúria como ela nunca tinha experimentado antes em sua vida. Quente, insuportável, como um soco no estômago e uma lasca em sua mente.

Suzanne, você está pensando ficar em pé no corredor durante toda a noite olhando para mim? Ou você vai entrar?

Ela tinha entrado. E ele virou-se para ela. E ela estendeu a mão e pôs as mãos no peito dele. Debaixo da mão, ela sentiu seu coração batendo lentamente e constante. Ele não tinha medo ou estava nervoso. Apenas ela. Em um instante sua boca caiu sobre a dela e ela tinha se jogado no beijo, corpo e alma. Suas unhas cravaram nas costas dele, seus seios pressionados

em seu peito. Nada teria impedido ela de tê-lo naquela noite. Não a Igreja ou o Estado ou o seu melhor julgamento ou seu trabalho ou mesmo suas memórias de Adam. Ela alcançou entre seus corpos para desabotoar as calças e um par de mãos com um aperto forte empurraram para baixo os pulsos dela. Ela encontrou-se apoiada na parede, seus braços presos acima de sua cabeça, e o rosto de Søren no dela, seus olhos fechados, uma pequena careta de dor em seu rosto.

— Eu não posso... — ele sussurrou e suas mãos haviam cavado mais fundo em sua pele macia.

E ela deveria ter deixado assim. Mas ela não podia. Em seus vinte e oito anos, ela teve sexo, ela gostava de sexo, ela desfrutava de sexo... mas ela não tinha necessitado até aquele momento, precisava dele mais do que o ar que seus pulmões exigiam dela.

— Por favor. — Ela disse, por favor, uma vez e ela deveria ter parado lá. Mas saiu mais uma vez. — Por favor, Søren... por favor... — e uma e outra vez. Ela implorou por ele, implorou por isso. Mesmo agora, seis semanas mais tarde, ela não podia pensar o quanto ela lhe tinha implorado sem corar de vergonha absoluta. Ela teria vendido sua alma para senti-lo dentro dela.

Em vez disso ele cobriu a boca com a mão para parar suas palavras.

— Perdoe-me, Suzanne, — ele disse e ela ouviu sua própria necessidade ecoar na voz dele. — Eu não pertenço a mim mesmo.

E, lentamente, ele deixou-a ir. E uma vez livre de suas mãos incrivelmente fortes, ela correu forte e rápido da reitoria, de volta para o carro, de volta para a cidade e longe dele.

No dia seguinte, ela não conseguia parar de olhar para sua própria pele. Søren tinha manchado seus braços do cotovelo ao pulso de púrpura. E olhando para essas contusões trouxe de volta essas ondas de desejo que ela tinha ficado na cama dando a si mesma o prazer que ele tinha negado a ela e chorou durante cada orgasmo.

— Eu fodi, Patrick, — ela disse finalmente. — Eu fodi toda a investigação. Eu matei a minha credibilidade.

— O que você fez?

Suzanne tirou as mãos do rosto.

— Eu o beijei.

A meia-verdade parecia melhor do que uma mentira.

— Você beijou-o?

Ela assentiu com a cabeça miseravelmente.

— E isso não importa. Porque ele me beijou de volta. E eu sei que ele me queria e ele não fez nada. Apenas preso a seus votos. Ele é um bom padre. Eu desperdicei o tempo dele e o meu tempo e o seu tempo... É inútil. Você estava certo. Eu não devia ter prosseguido.

Patrick balançou a cabeça.

— Não. Você estava certa. Há algo estranho sobre ele. Não há maneira alguma que um estranho iria enviar-lhe uma denúncia anônima sobre ele se fosse o santo que todos dizem que é.

— Eu cavei, Patrick. E eu não consigo encontrar nada. As crianças na igreja o amam e confiam nele. Os pais o amam e confiam nele. O que há mais lá? Eu não me importo se ele está enganando os seus impostos, desde que ele nunca tenha machucado uma criança. Eu queria acreditar que ele era um

monstro só porque ele é um padre. Olhe. — Ela apontou para uma caixa no chão perto escrivaninha. — Há ali todas as minhas anotações sobre ele. Não há nada. Ele é um santo.

Com um gemido, Patrick levantou-se, pegou a caixa e sentou-se no sofá. Ele folheou suas anotações.

— É bom ver que você fez questão de anotar o quão quente ele é, — disse Patrick, lendo as suas notas.

— É incomum quão bonito ele é, Pat. Você viraria gay para esse cara.

— Não penso assim. Gosto somente de jovens, ruivas peitudas. — Ele piscou para ela, e pela primeira vez em seis semanas, ela começou a se sentir humana novamente.

— Vou tentar encontrar uma para você, então.

Suzanne sentou-se e olhou para a caixa de notas. Ela tirou um jornal.

— Oh, e olhe para isto. Nós pensamos que algo mofado estava acontecendo com o Padre Stearns e Nora Sutherlin? Veja isso. Esse cara parece familiar?

Patrick olhou para a fotografia do Page Six.

— Essa é Nora Sutherlin, — forneceu Suzanne. — E esse lindo clone de modelo masculino é...

— Griffin Fiske. — Patrick balançou a cabeça. — Sim, cobri os tumultos dele uma vez ou duas. Fodidos bebês do fundo fiduciário. Eles conseguem todas as meninas.

— Eles conseguem Nora Sutherlin aparentemente. Parece que ela prefere meninos ricos a pobres padres.

Patrick pegou o jornal e jogou para o lado antes de pegar o bloco de notas da caixa.

— O que é isto? *“Min Søren, Min søn er nu en far. Jeg er så stolt. Jeg elsker dig altid. Din mor”*.

— Eu acho que você acabou de assassinar a língua dinamarquesa. — Suzanne sentou-se.

— Dinamarquês?

— Sim, isso significa, *“Meu Søren, meu filho estou tão orgulhosa. Sua mãe”*.

— O padre é dinamarquês?

— Metade dinamarquês, metade Inglês. A mãe era uma babá numa família rica em Nova Hampshire. A esposa teve uma histerectomia depois que a bebê Elizabeth nasceu. O papai estuprou a bonita babá loira, que em seguida, deu-lhe o filho que ele queria.

— Jesus... — Patrick respirou. — Isso é foddidamente terrível.

— Sim. Eu não posso imaginar o que isso faz a alguém sabendo que o pai é um estuprador. Ela deve ter sido uma mulher incrível para amar muito o filho, considerando como ele veio ao mundo.

— Søren... Achei que o nome dele era Marcus.

— São ambos. Marcus é o nome que o pai lhe deu. Søren é o que a mãe lhe deu. Ele diz que só as pessoas mais próximas a ele, que conhecem o passado dele, o chamam de Søren.

— Søren... Eu acho que é um bom nome para um padre. Como Søren Kierkegaard, certo? O teólogo?

— Eu não acho que Kierkegaard era católico.

— Tem certeza? — Patrick pegou seu laptop e abriu-o. Desde que ela o conhecia que Patrick nunca tinha acreditado no que ela dizia. Ele tinha sido um repórter por muito tempo e tinha verificado tudo. — Sim. Você está certa. Søren Aabye Kierkegaard, Luterana. Vocês dois têm as mesmas iniciais, Suzanne Angela Kanter. Alguém já chamou você de Suzangela?

— Só Adam até que eu lhe dei um soco na cara por isso. — Suzanne olhou por cima do ombro de Patrick para a tela. Søren... Aabye... Kierkegaard. Por que isso parecia tão familiar para dela?

Ela agarrou seu bloco, folheou algumas páginas, e encontrou as palavras *Meine andere Geschenk wird nicht in einer Box passen. AABYE.*

Meu outro presente não vai caber em uma caixa. AABYE.

AABYE.

Os olhos de Suzanne furaram a palavra como se exigindo que lhe dissesse o que significava. E ela queria dizer alguma coisa. Ela sabia que isso significava alguma coisa. Do computador de Patrick voltou seu olhar para a estante dela e para o livro com uma capa vermelho-sangue escrito por Nora Sutherlin. Em um instante ela deixou o sofá e pegou o livro da prateleira. Lá estava, bem na página da dedicatória. A resposta esteve pousada em sua estante o tempo inteiro.

As palavras de Søren na sua quase noite juntos tocaram em sua mente.

Somos chegados. Ela teve um encontro desagradável com a lei aos quinze anos. O juiz fez-me supervisionar o serviço comunitário dela. Seus pais tinham pouco haver com ela depois disso. Eu suponho que você poderia dizer que eu me tornei o pai dela.

— Suz? — Perguntou Patrick, virando o rosto para o dela.

— Seu fodido, — disse Suzanne para si mesma. — Você era o padre dela, o pai dela...

— O quê?

— Você tem o seu carro?

— Sim, por quê? O que está errado?

— Eu preciso dele. Não espere. Eu tenho um padre que eu preciso crucificar.

— Suzanne, pare agora e me diga o que está acontecendo. É quase meia-noite.

Ela pegou sua cópia do livro de Nora Sutherlin *The Red* da prateleira e empurrou os pés nas sandálias. Na porta, Suzanne fez uma pausa apenas o tempo suficiente para recitar cinco palavras para Patrick.

— “Como sempre, Amado, Sua Eleanor⁶⁶”.

⁶⁶ “As Always, Beloved, Your Eleonor” , é o AABYE

Michael olhou para a nota na mão e desejou que de alguma forma ele não a tivesse encontrado. Nora tinha o hábito de deixar notas para ele em lugares engraçados; notas que continham as ordens para o dia.

Anjo, venha ao meu quarto às dez horas... de joelhos. Traga o seu favorito chicote.

Ele tinha encontrado essa nota no chuveiro.

Anjo, meio-dia, na piscina. Esteja preparado para nadar nu.

Essa nota, ela tinha colocado em seu relógio enquanto ele estava dormindo.

Todas as notas dele até agora divertiram e o excitaram. Mas esta última nota aterrorizou-o.

Anjo, você não é um verdadeiro kinkster até que você tenha um trio. Encontre-me e a Griffin no quarto dele à meia-noite.

Trio? Com Nora e Griffin? Michael chegou perigosamente perto de vomitar quando ele andou em passos vagarosos pelo corredor. Durante seis semanas, ele tinha sido incapaz de pensar em qualquer coisa ou qualquer outra pessoa que em Griffin. Naquela noite, no Sin Tax... não tinha sido real, ele dizia a si mesmo. Griffin realmente não queria dizer que Michael era propriedade dele. Ele tinha apenas dito isso para afastar Jackal. Mas então o caderno de desenho... e a forma como Griffin olhou para ele, enquanto ele segurava o cinto de couro esticado em suas mãos... e Michael queria dizer-lhe algo, tinha tentado lhe dizer algo. Ele tinha as palavras. Ele queria dizer,

“Griffin, eu estou apaixonado por você e é a porra da coisa mais assustadora de sempre. Meu pai vai matar-me se ele descobrir, mas agora eu não poderia me importar menos, por que estar na cama com você mesmo por uma noite valeria a pena morrer”.

Mas Michael não tinha dito isso. Tudo o que ele conseguiu dizer foi, “Obrigado pelo caderno de desenho. Boa noite”.

Obrigado novamente.

Boa noite.

Ainda bem que ele tinha ultrapassado as tendências suicidas. Caso contrário, ele poderia ter cortado seus pulsos novamente por talvez soprar a sua única chance com a pessoa mais incrível que ele já tinha conhecido na vida. Porque desde aquela noite, Griffin tinha se afastado e parado de flertar com ele. Eles tinham sido amigos desde aquela noite. Nada além de amigos.

Michael queria um monte de coisas de Griffin. Seu coração, seu corpo... sua amizade não estava sequer entre os cinco primeiros.

E agora Michael tinha que assistir Griffin ter sexo com Nora, o que agora soava tão sádico como convidar uma criança morrendo de fome a um buffet e não deixá-la comer.

Ele foi até ao final do corredor e, lentamente, empurrou a porta do quarto. Pelo menos, esta coisa aconteceria no quarto de Nora, não de Griffin. Vai correr bem, ele disse ele mesmo. Eles provavelmente só se revezariam com Nora. Isso é tudo. Nada demais. Nas últimas seis semanas, ele tinha feito tanta merda de kink que ele quase não tinha se deixado sonhar. Ter sexo enquanto alguém assistia seria uma brisa.

Todos os pensamentos de brisas evaporaram quando viu Nora descansando em sua cama em calcinhas pretas, um soutien push-up preto e botas de coxa-alta pretas. Uma dúzia de velas pretas queimavam nas mesas de cabeceira. E Griffin estava longe de ser visto.

— Vem aqui, Anjo. — Nora torceu o dedo, chamando-o para a cama. Michael abafou um gemido, respirou fundo e nervosamente arrastou-se nos lençóis para ela. Balançando a perna fora da cama, enganchou-a na cintura dele e divertidamente puxou-o em direção a ela. Ela enrolou as pernas em torno das costas dele enquanto ela o segurava para ela.

— Meu anjo. Não pode voar para longe agora, — brincou ela enquanto ela tomou-o nos braços. — Meu assustado, tremente Anjo.

Sua voz caiu para um sussurro e Michael enterrou a cabeça na curva do pescoço dela.

— Apavorado, — confessou.

— Quer me dizer por quê? — Nora beijou-o na face, na testa, e ele suspirou do simples gesto de carinho.

Michael deu uma risada baixa, triste.

— Na verdade não.

Nora assentiu como se entendesse tudo o que ele não estava dizendo a ela. Conhecendo Nora, ela provavelmente sabia.

— Tão ruim, hein? — Ela perguntou, escovando o cabelo fora de seu rosto enquanto ele lentamente se apoiou nas mãos e olhou para ela.

Seus olhos se encontraram e nesse olhar ele viu o conhecimento, profundo conhecimento e simpatia.

— Pior.

— Acredite ou não, isto pode ajudar. — Ela traçou os lábios com a ponta dos dedos.

— Ajudar o quê? — Michael inalou quando a voz de Griffin veio de trás deles. Nora desembrulhou suas pernas das costas e Michael rolou para o lado e sentou-se.

Griffin estava na porta de seu quarto vestindo nada além de calças de pijama de seda preta e um leve sorriso nos lábios esculpidos.

— Ajudar-me a superar minha necessidade perversa de ter dois caras incrivelmente lindos na cama comigo esta noite, — Nora disse quando ela sentou-se sobre as mãos. Pelo canto do olho ela piscou para Michael e algo lhe dizia que de alguma forma Nora sabia sobre os seus sentimentos por Griffin. — Você acha que pode me ajudar com isso, Sr. Fiske?

— Sr. Fiske é o meu pai. Mas se você quiser foder com ele, eu acho que você provavelmente poderia convencê-lo.

Griffin veio até a cama e sentou-se ao lado de Nora.

Nora esticou a perna e descansou seu tornozelo no ombro de Griffin. Griffin virou a cabeça e beliscou o couro, um movimento que fez um nó de inveja e desejo no estômago de Michael.

— O que estamos fazendo hoje à noite, rapazes? Estou aberta para qualquer coisa.

— Isto foi ideia sua. — Griffin deslizou a mão do joelho dela para cima para a coxa.

— Eu tenho ideias maravilhosas. — Ela sorriu para os dois. — E ideias terríveis. E ideias terrivelmente maravilhosas. Passa-me esse livro na mesa de cabeceira, Griff. Eu acabei de ter outra ideia terrivelmente maravilhosa.

Griffin abriu a mesa de cabeceira e entregou-lhe um grande livro do tamanho de uma mesa de café. Nora nem sequer olhou para ele, apenas passou para Michael.

— Vamos deixar o nosso anjo decidir o que nós estamos fazendo hoje à noite. Vá em frente, — ela ordenou, acenando para o livro em suas mãos. — Escolha.

Olhando para baixo para a capa, os olhos de Michael alargaram-se. *The Joy of Sex*⁶⁷.

— Escolher? — Repetiu ele.

— Sim. Qualquer posição. Griffin e eu vou vamos fazer um pequeno show para você. Mas você tem que dizer o que você quer ver. Portanto, escolha.

As mãos de Michael se transformaram em gelo. Ele mal podia sentir o livro em suas mãos.

— Eu acho que você assustou-o, Nora, — disse Griffin, dando a Michael um olhar penetrante.

Michael mal conseguia encontrar os olhos de Griffin.

— Bom, — disse ela. — Eu não sou a dominatrix mais assustadora do mundo, mas eu tenho os meus momentos de gênio ruim. Estou com tesão Michael, e Griffin está meio-duro já. — Ela estendeu a mão e segurou Griffin entre as pernas. A virilha de Michael contraiu com a sua própria fome e necessidade. O que ele não daria para tocar Griffin assim... — Então, vamos começar. Escolha uma posição. Confie em mim, não importa o quão acrobática é, nós podemos fazê-la.

⁶⁷ O Regozijo do Sexo

— Sem sexo na parede, porém, por favor, — Griffin solicitou enquanto Nora continuava a massageá-lo através de suas calças. — Nora é muito mais pesada do que parece.

— É algo que você realmente quer dizer a uma mulher que tem suas bolas na mão dela? — Nora bateu os cílios para ele.

— Bom ponto. Você é tão leve como o ar. — Griffin sorriu para Michael, um sorriso amigável mas nada mais. — Escolha, Mick, antes que eu perca mais sangue do meu cérebro.

Michael exalou pesadamente e abriu o livro em uma página aleatória. Ele estava bastante certo de que ele não queria ver Nora e Griffin tendo sexo em qualquer posição então ele tinha simplesmente deixado o destino decidir.

O destino decidiu em estilo cachorrinho.

O livro estava aberto em seu colo e Michael mal olhou para a foto. Mas isso não parou Nora de pegar o livro e brandi-lo no rosto de Griffin.

— Woof, — Griffin disse quando ele agarrou Nora pelo tornozelo e começou a arrastá-la para ele. — Espere. Anal ou vaginal?

Nora deu de ombros.

— Escolha um orifício. Qualquer orifício. Anjo?

— O quê? — Michael puxou as pernas para o peito.

— Você decide. — Nora sorriu para ele por cima do ombro.

— Oh, Deus... — Michael respirou pesado. — Eu não... Vaginal.

Podia ser mais fácil de assistir se fosse o único ato que ele e Griffin não poderiam fazer.

— Fantástico. — Griffin pegou Nora pelos pulsos e virou-a em seu estômago. Tomando seus quadris em suas mãos, ele a trouxe até suas mãos e joelhos. — Preliminares, Nora?

— Não se preocupe, — ela disse, acenando com a mão com desdém. — Toda essa conversa foi tudo o que precisei de preliminares. Vá em frente.

— A. Mulher. Mais. Estranha. De. Sempre. — Griffin balançou a cabeça enquanto ficava de joelhos atrás dela. — Venha aqui, Mick. Tempo para alguma instrução avançada.

Michael quase vomitou nos lençóis de Nora. Ele engoliu em seco e tentativamente arrastou-se até onde Griffin se ajoelhava atrás de Nora. Griffin deslizou a calcinha de Nora dos quadris dela e pelas coxas, mas deixou-os nos seus joelhos.

— Contenção Improvisada, — explicou Griffin. — Pernas bastante abertas são boas para a penetração profunda. Se ela as mantém mais próximos, no entanto, é um ajuste mais apertado. Uma pequena dica ali. Calcinhas ao redor dos joelhos são iguais a meias calças masculinas.

— Eu deveria estar escrevendo isso? — Perguntou Michael.

Griffin riu.

— E não ouça a mulher. Sem preliminares? Ridículo. — Griffin deu a Nora uma boa palmada, forte em sua bunda bem torneada. Nora gritou, mas não fez nenhum outro protesto. — Ela pode não precisar dele, mas eu preciso. Me dê sua mão.

Michael lentamente levantou a mão e deu-a a Griffin.

— Como você está, Nora? — Griffin perguntou quando ele inclinou os dedos de Michael para baixo até apenas seu indicador e o dedo médio da mão direita ficarem estendidos.

— Eu estou bem. Impaciente, mas bem. Há alguma foda chegando em breve? Pergunto por mera curiosidade. Eu poderia trabalhar nas edições que Zach acabou de me enviar enquanto vocês dois batem papo.

— Silêncio. Eu vou transar com você em breve. Agora, Mick. — Griffin virou-se para ele. — A ciência está dividida sobre a existência do ponto G. Alguns cientistas dizem que ele existe. Alguns cientistas não. Aqueles cientistas que não — Griffin pegou a mão de Michael e guiou-a dentro de Nora, — são fodidos idiotas. Vê?

Griffin levou os dedos de Michael para um local um pouco mais de uma polegada dentro de Nora.

— Empurre para baixo e para dentro, — disse Griffin. — Duro.

Quase dois meses sob a tutela de Nora, tinha feito quase impossível Michael desobedecer a qualquer ordem. Ele empurrou para baixo conforme as instruções. Duro.

Nora engasgou e seus músculos internos se apertaram em torno dos dedos de Michael.

— Oh, Deus... — ela ofegava.

— Amo o ponto G, — disse Griffin, puxando os dedos de Michael de Nora. — Você não?

Antes que ele pudesse responder, Griffin levantou os dedos de Michael para a boca e, lentamente, sedutoramente lambeu a umidade deles. Michael

quase morreu no momento em que a língua de Griffin tocou as pontas dos dedos trêmulos dele. Os dedos de Michael... dentro da boca de Griffin...

— Agora me desculpe. — Griffin deixou a mão de Michael ir. — Eu preciso foder a sua senhora.

— Já não era sem tempo.

Griffin bateu mais uma vez na bunda de Nora e ela soltou outro grito seguido de uma risada vigorosa. Michael não conseguia desviar o olhar quando Griffin puxou as calças de pijama para baixo e rolou um preservativo em sua ereção.

Lentamente Griffin deslizou em Nora, que gemeu quando Griffin empurrou profundamente com um suspiro. Quando Griffin empurrou para frente, Nora empurrou de volta contra ele. A visão do corpo de Nora e Griffin unidos enviou mil sentimentos diferentes correndo através do corpo de Michael. Ele nunca tinha estado tão excitado em sua vida observando os quadris de Griffin se movendo em fortes, mas graciosas ondulações, os músculos das coxas e barriga jogado em alto relevo à luz das velas. Mas por baixo do desejo espreitava anseio e angústia, necessidade e tristeza. Ele queria isso, queria ser o único em suas mãos e joelhos com Griffin atrás dele e dentro dele. Mas ele não podia ter isso. Agora não. Nunca. Não com seu pai pronto e disposto a matá-lo por pensar tais pensamentos. E Michael sabia que Griffin merecia melhor do que ele, do que um pequeno estúpido sem dinheiro, sem fama, sem nada de especial sobre ele. E Griffin merecia um inferno de um lote melhor do que alguém muito veadinho para até mesmo dizer-lhe como se sentia.

Assim, Michael simplesmente assistiu com inveja silenciosa quando Nora gozou forte e alto com as mãos de Griffin em sua cintura. Mais alguns empurrões e Griffin gozou com um suspiro suave.

Michael fechou os olhos e tentou imprimir o som de orgasmo de Griffin para sempre na mente dele. Ele podia nunca mais ouvi-lo novamente e o pequeno suspiro que pegou na garganta de Griffin por um mínimo segundo era facilmente o som mais bonito e erótico que Michael alguma vez tinha ouvido em sua vida. Ele poderia ouvi-lo todos os dias para o resto de sua vida e nunca se cansar dele.

Griffin saiu de Nora e ela rolou de costas. Estendendo a mão, ela tomou a mão de Michael.

Michael não tinha que perguntar. Quando ele montou os quadris de Nora, ela enfiou a mão na cueca boxer e guiou-o para dentro dela. Sentia-se tão quente por dentro, tão molhada. Uma vez profundamente nela, Nora enroscou as pernas em torno de sua volta e gentilmente rolou a si mesma até que Michael ficou de costas, com Nora no topo e por cima dele. Ele fechou os olhos e deixou-se perder no calor incrível dela. Seus lábios acariciaram seu pescoço, sua bochecha.

— Diga a ele, Michael, — ela sussurrou, o halo dos cabelos dela escondendo suas palavras das orelhas de Griffin. — Basta dizer-lhe.

Michael balançou a cabeça.

— Eu não posso, — ele sussurrou de volta.

Nora continuou a mover-se sobre ele, levando-o profundamente dentro dela antes de deslizar para fora até a ponta e novamente de volta para baixo.

Michael gemeu do prazer físico até mesmo quando uma faca de agonia cortava em seu peito.

Algo roçou a mão de Michael e seus olhos se abriram. Virando a cabeça, ele viu Griffin estendido a seu lado e de Nora. Griffin tinha tomado a mão de Michael na sua e entrelaçou os dedos. Griffin não disse nada. Michael não disse nada. Eles só olharam um para o outro até que Michael teve que fechar os olhos de novo quando ele gozou duro dentro de Nora.

Mesmo quando ele estremeceu em silêncio, Griffin se agarrou a sua mão com tanta força que quase machucava.

E até mesmo no meio do clímax que acumulou em todo o seu corpo, Michael não deixou ir.

* * *

Suzanne chegou à casa paroquial poucos minutos antes da meia-noite. Primeiro, ela verificou a igreja e encontrou-a trancada e abandonada além da pequena capela de perpétua adoração que permanecia aberta todas as horas do dia e da noite. Mas ela não encontrou o Padre Stearns lá. Ela caminhou a curta distância até a reitoria com o coração batendo tão forte que era como se fosse sair de seu peito. Em sua carreira, ela tinha confrontado políticos poderosos o suficiente para destruir ela e sua família, generais estrangeiros com armas de fogo amarradas no lado deles. Mas nunca antes ela tinha experimentado medo como este. Ela se lembrava de sua reação ao Padre Stearns, ao Søren, naquela noite na reitoria quando ela implorou por seu corpo, pediu para ficar com ele.

Mas agora ela queria fazê-lo implorar. E ela iria mostrar-lhe a mesma misericórdia que ele mostrou a ela. Nenhuma.

Ela encontrou a reitoria escura e silenciosa. Ela não ouviu nenhum passo, não viu nenhuma luz queimando através de todas as janelas. Onde ele estaria se não fosse em casa a esta hora da noite? Assim que ela fez a pergunta, ela soube a resposta. Ele podia estar em qualquer lugar. Este padre não jogava pelas regras que a Igreja lhe impunha. Ele poderia estar com uma prostituta agora, com um amante. Ou pior, com outra menina de 15 anos que ele tinha seduzido até que ela cresceu e amou-o suficientemente para dedicar cada último de seus livros a ele.

Apenas no caso dele estar em casa e dormindo com todas as luzes apagadas, Suzanne bateu na porta. Nenhuma resposta. Em seguida, ela bateu nela com a ponta do sapato. Um minuto se passou. Nada ainda. A raiva brotou dentro dela. Padre Stearns não tinha, obviamente, respeito pela lei. Não se ele tinha dormido com a adolescente Eleanor Schreiber. Por que mostrar a ele qualquer respeito?

Suzanne virou a maçaneta da porta e encontrou a reitoria desbloqueada.

Ela entrou e chamou em uma tentativa: — Olá. — Com cada minuto que passava, seu sangue pulsava mais pesado e mais forte em suas veias. Se ela não se acalmasse, ela desmaiaria. E se ele estivesse aqui? A observá-la? Esperando por ela?

Convidando todos os instintos que ela aprendeu ao trabalhar em zonas de guerra, Suzanne tomou respirações lentas e profundas e desejou que o seu coração se acalmasse. Ela deixou a pouca luz vinda da lua inundar seus

sentidos. Ela caminhou com cuidado, tentando evitar o ranger da madeira antiga sob seus pés.

Se ela fosse encontrar qualquer evidência de suas tendências, ela sabia que elas provavelmente estariam em seu quarto. Seu estômago se encolheu com o pensamento de voltar a esse lugar, o quarto onde ela se envergonhou completamente. É claro que ele a rejeitou, afastou-a naquela noite. Ela era uma mulher adulta, não uma menina de 15 anos de idade. Não o tipo dele de todo.

Acima das escadas, ela engatinhou, fechando os olhos para permitir que seus ouvidos ouvissem sem as distrações da visão. No final do corredor, ela foi para o quarto dele e descansou a mão na maçaneta. Pela primeira vez no que parecia em mil anos, ela disse uma oração, uma verdadeira oração.

Por favor Deus. Não deixe que ele esteja lá dentro.

Deus respondeu a oração.

Suzanne encontrou o quarto vazio e a cama bem arrumada. Amaldiçoando-se por não trazer uma lanterna, ela estendeu a mão e acendeu a pequena lâmpada antiga na mesa. A suave luz amarela infundiu o quarto. Realmente o quarto do Padre Stearns era uma beleza. Elegante e simples, limpo e modesto. E, no entanto, tudo nele, cama, o mobiliário, os lençóis brancos, expressavam requinte e bom gosto. Mas ela aprendeu há muito tempo como as aparências poderiam ser enganadoras.

Fazendo um circuito do quarto, Suzanne olhou para cada possível esconderijo. Ela não tinha ideia do que ela estava procurando. A jovem Eleanor Schreiber tinha crescido há muito tempo e se tornado em uma notória escritora erótica, famosa por sua prosa, famosa por sua vida pessoal.

Ela não apenas a escrevia. Ela vivia-a. Mas ela fez isso aqui? Neste quarto? Suzanne tinha lido todos os livros. O tipo de BDSM que Nora Sutherlin praticava ou pelo menos seus personagens, equipamentos envolvidos e tudo isso. Suzanne espiou um baú na extremidade da cama do padre Stearns. Um baú antigo, que parecia grande o suficiente para manter um corpo. Ajoelhada na frente dele, Suzanne examinou a fechadura. Ela não tinha ideia de como abri-lo. Ela teria de quebrá-lo. Talvez ela pudesse encontrar algo no carro de Patrick. Um tipo prático, Patrick certamente teria uma caixa de ferramentas ou algo em seu porta malas. Quando ela se levantou ela notou uma pequena caixa sobre a mesa ao lado da cama. Não maior do que uma Bíblia, a caixa parecia ser jacarandá. Ela segurou-a em suas mãos e virou-a de novo e de novo, traçando a cruz esculpida na superfície.

Esta caixa também estava bloqueada mas com um cadeado tão pequeno que ela sabia que ela poderia quebrá-lo com os dedos. Ela respirou fundo, cravou as unhas sob a borda do cadeado e começou a puxar.

Atrás dela, ela ouviu o ranger da madeira.

— Devo conseguir isso para você, *ma chérie*?

Nora acordou no escuro em sua cama na casa de Griffin. Estendendo-se debaixo das cobertas, ela massageou uma dor na parte inferior das costas. Revezando-se com Griffin e Michael tinha sido tanto erótico como desgastante. Claro, seus dois filhos não tinham nada de Søren e Kingsley. Juntos, tinham lhe dado algumas das mais intensas experiências sexuais de sua vida. O pouco jogo de hoje à noite não tinha sido realmente sobre sexo, no entanto. Ela gostou. Quem não gostaria? Mas durante seis semanas ela tinha visto Griffin encarando Michael quando Michael não estava olhando e Michael olhando para Griffin no segundo que Griffin desviava o olhar. Toda a angustiada ânsia tinha começado a chegar até ela. Aqueles dois precisavam juntar sua merda, serem homens e admitir o que queriam e começar com essa porra.

Com um suspiro, Nora sentou-se e esfregou a testa. Ela encontrou Griffin sentado ao lado da cama dela com o queixo apoiado em seu joelho. Ao lado de Griffin, Michael estava dormindo em seu estômago com as cobertas enfiadas sob o queixo.

Nora descansou a cabeça contra os fortes bíceps de Griffin. Ele estendeu a mão e colocou-a na perna dela em um gesto de amizade pura e simples.

— Tão ruim, hein? — Ela sussurrou. Os olhos de Griffin estavam focados em Michael e não olharam para longe, nem mesmo para olhar para ela.

Lentamente Griffin assentiu.

— Sim... tão ruim assim.

Por um momento ela não disse nada, apenas assistiu Griffin assistindo Michael.

— É estranho, — disse Griffin. — Você notou como ele está agarrando aos lençóis como se a vida dele dependesse disso?

Nora sorriu. Michael sempre agarrava os dedos nos lençóis quando dormia.

— Eu sei. Eu brinquei com ele sobre isso. — Nora levantou a mão e correu os dedos pelo cabelo de Griffin. Seus olhos obscurecidos olharam em sua direção uma vez antes de olhar novamente para Michael. — Ele disse que achava que o seu subconsciente se preocupava que a gravidade seria revogada no meio da noite. Ele queria estar preparado.

Griffin cobriu a boca para abafar uma risada. Mas a risada desvaneceu-se rapidamente e Nora não viu mais nenhuma alegria em seus olhos.

— Eu não posso tê-lo. — Griffin estendeu a mão e deixou os dedos pairar uma polegada ou duas acima da curva do ombro nu de Michael antes de puxar a mão para trás e deixar Michael intocado. — Søren...

— Søren é protetor com Michael. Mas ele não é um tipo de monstro com quem você não pode falar. Vá falar com ele.

Griffin finalmente virou-se e encontrou totalmente os olhos dela.

— Falar com Søren? Sim, como se isso alguma vez funcionou comigo antes. Ele vai dizer que não, e mesmo se ele não disser, o pai de Mick... seu pai o mataria se ele se envolvesse com outro cara. As coisas que ele me disse sobre o pai... Nora, aquele bastardo realmente batia em Mick. Batia nele. Deus, isso me faz...

A mandíbula de Griffin apertou e a mão enrolou em um punho. Nora sabia que em sua mente Griffin estava exigindo uma bela vingança contra o idiota homofóbico conservador pai de Michael. Ela, assim como Søren, não tolera qualquer tipo de violência, exceto a variedade consensual no quarto. Mas alguém eventualmente teria que ensinar ao pai de Michael uma ou duas lições sobre como tratar um garoto como Michael. De preferência, uma lição que não coloque o pai de Michael no hospital e Griffin na cadeia.

— Eu sei. Eu entendo, Griff. Eu faço. Mas...

— Mas nada. Eu quero tanto ele que dói. Tipo, dói fisicamente, Nora. E não apenas sexo. Não é isso. Eu não posso explicar o que é, mas eu só...

— Wesley, — disse Nora e parou. De onde veio isso? Griffin olhou para ela.

— Wesley?

Ela sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos ou tocou seu coração.

— Wesley... ele tem este problema. Diabetes tipo 1. Assustou a merda fora de mim, esse garoto fez com as agulhas e sua análises ao sangue. Todas as noites, eu tinha que olhá-lo enquanto ele estava dormindo. Eu mal consigo dormir na minha própria casa, porque ele não está lá para me manter acordada durante a noite. Não faz de todo sentido.

— Não, — disse Griffin. — Faz todo o sentido. — Ele olhou para Nora novamente. — Isto algum dia vai embora?

Algo úmido e quente correu pelo seu rosto, e ela limpou-o com o antebraço.

— Não, — ela sussurrou. — Nunca.

Suzanne suspirou e virou-se. De pé na porta no quarto do padre Stearns estava um homem que ela nunca tinha visto antes. Alto e assustadoramente bonito, ele tinha cabelo castanho-escuro na altura dos ombros, olhos quase pretos e uma tez Mediterrânea.

— Quem é você? — Ela perguntou, dando um passo para trás, mas encontrando seu caminho de escape barrado pela cama.

— Acho que eu deveria perguntar-lhe isso. Afinal, eu estou autorizado a estar aqui. Eu não estou certo que você pode dizer o mesmo. *Oui? Non?*

Ele falava num belo inglês tingido com um sotaque francês inconfundível. Ele atravessou o limite e, pela primeira vez, ela notou suas roupas. Ele vestia calças pretas e um colete preto bordado com algum tipo de padrão de uma bela roda de prata, uma camisa branca com as mangas arregaçadas para revelar antebraços musculares e botas de montaria de cano alto.

— Eu sou... — ela começou. — Eu estava...

— Você é Suzanne Kanter, a repórter que tem estado cavando os passos do meu querido amigo há dois meses. Vinte e oito anos de idade. Uma jornalista freelance que normalmente passa seus dias em zonas de guerra. Eu não vejo nenhuma guerra em qualquer lugar.

— Então você não está procurando duro o suficiente, — ela respondeu.

— Parabéns por graduar-se cum laude⁶⁸ pela sua escola de jornalismo. Uma frase maravilhosa, cum⁶⁹ laude. Eu sempre achei que se referia a outra coisa.

— Como você sabe tanto sobre mim?

O homem sorriu, um sorriso perigoso e malandro que deixou cada nervo do corpo dela no limite.

— O meu nome é Kingsley Edge.

Suzanne engasgou e tentou dar mais um passo para trás e quase caiu em cima da cama no processo.

— Pela sua reação, — disse ele, aproximando-se, — Vou assumir que você já ouviu falar de mim.

— Eu sou uma repórter. É claro que eu ouvi falar de você. Você destruiu uma amiga minha. Gwendolyn Black? Lembra-se desse nome? Você colocou uma fita de sexo em repetição em cada computador na escola do filho dela. Ela está a dois anos em terapia por causa do que você fez.

Kingsley deu de ombros.

— *Pas moi*. Eu estava no Tahiti na época. Embora, eu ouvi sobre esse infeliz incidente. Pena. Mas ainda assim... ela estava tentando fazer um nome para si mesma, expondo a vida privada de um homem que nunca fez mal a uma mosca, um advogado de direitos humanos que tinha salvado milhares de vidas e colocado dezenas de assassinos atrás das grades. Sua amiga pensou que o interesse dele em experiências sexuais alternativas significava

⁶⁸ Frase em latim. Distinção dada a alunos de alto nível.

⁶⁹ Cum é gozo em inglês

que ele não merecia a sua privacidade. Eu discordo. E assim o fez alguém aparentemente.

— Alguém que trabalhava para você.

Kingsley Edge somente sorriu.

— Possivelmente.

Suzanne olhou para ele em silêncio enquanto ela tentou formular um plano de fuga, ou um plano de ataque se esse falhasse. Tanto tempo em zonas de guerra tinha-lhe ensinado como se defender a ela mesma. Mas ela não tinha armas nela, e Kingsley Edge, apesar de sua relaxada postura e traje elegante, definitivamente tinha um ar perigoso. Ela tinha visto generais em uniformes de gala em festas que pareciam mais mortais do que soldados de infantaria BDUs⁷⁰ no deserto. Kingsley Edge tinha esse olhar nele também. Algo nos olhos. Algo brilhando e destemido. Ele parecia um homem que tinha visto tanto sangue que ele tinha o Grim Reaper na discagem rápida.

— Você tem medo de mim, — ele finalmente disse quando ele deu mais um passo para dentro do quarto. — Você não tem que ter, Suzanne.

— Todo mundo tem medo de você. Todos no meu mundo.

Ele sorriu e o sorriso alcançou seu rosto e lhe deixou tão bonito que ela mal podia respirar.

— Então venha para o meu mundo por um tempo e você não vai ter medo.

— O que... — Ela olhou em volta. — O que você está fazendo no quarto do Padre Stearns? Inferno, em sua casa?

⁷⁰ Battle Dress Uniform. Uniforme de Guerra em inglês

— Ele foi chamado para longe. Um de seus paroquianos está morrendo. A família precisa dele. Ele pode não voltar por um dia ou mais.

— E daí? Você está aqui para regar as plantas?

Ele riu, uma risada quente, rica e profunda... Uma risada sem medo.

— Eu gosto de ficar longe da cidade, às vezes. Do telefone que não para de tocar. As intermináveis decisões que têm que ser feitas. O filho do senador quer ser bottom esta noite mas a dominatrix favorita dele está com um famoso vocalista. O meu alfaiate está fora do país e eu preciso de um terno novo para o leilão de escravos. E eu tenho estado tão ocupado que eu não tive tempo de violar adequadamente a minha adorável Juliette a alguns dias.

— Juliette?

— A minha secretária. — Ele suspirou luxuosamente com um ar de lamento.

— Pobre de ti.

Ele assentiu.

— Minha vida é *difficile*. Venho aqui por silêncio.

— Você apenas invade as casas dos padres?

— Eu fui convidado. Eu sou família, depois de tudo.

Os olhos de Suzanne se arregalaram de choque.

— Harrison... — As peças começaram a se encaixar. — Você? — Ela quase gritou a questão. — Você é o cunhado francês?

— *Oui*. Aquela caixa que fascinou você. — Ele acenou para a caixa de jacarandá entalhada. — Você deseja abri-la?

— Eu quero. Mas ela está bloqueada. Você pode abri-la?

Exalando pesadamente, Kingsley estendeu a mão e pegou a caixa de suas mãos. Ele empurrou um pequeno conjunto de chaves de um bolso do colete, colocou uma na fechadura e virou.

— Vocês mulheres... todas vocês são Pandora. Vocês não podem deixar nada sozinho, vocês podem? Aqui. — Kingsley deu-lhe de volta a caixa agora desbloqueada. — Aí está a resposta para o mistério.

Com dedos trêmulos ela abriu a tampa. Dentro, em uma cama de veludo vermelho-sangue, estava dois anéis de ouro, um grande, um pequeno.

Ela tirou o menor.

— Os anéis de casamento? — Perguntou ela.

Ele assentiu.

— Isso era da minha irmã, minha Marie-Laure. O outro era o dele.

Suzanne tocou o anel maior, mas não o pegou da cama de veludo.

— Eu ainda não consigo acreditar que ele era casado antes dele ser padre. Ele deve ter sido tão jovem.

Cruzando os braços, Kingsley encostou-se aos pés da cama e olhou pela janela.

— Nem eu, às vezes. Nós éramos apenas crianças que jogavam jogos tolos para crianças. Estávamos juntos na escola, *le prêtre* e eu. Marie-Laure e eu fomos separados após os nossos pais morrerem, eu tinha apenas quatorze anos e fui enviado para ficar com os meus avós americanos. Ela veio visitar... Eu tinha então dezessete anos, ele tinha dezoito anos. Ela mal tinha vinte e um. Eu não podia perdê-la novamente, mas ela não tinha dupla cidadania como eu tinha. Ele casou-se com ela para mantê-la aqui. Ele se casou com ela por mim.

— Ele não a amava?

— Ele tentou. Por causa dela. Quando ela percebeu que ele nunca iria sentir por ela o que ela sentia por ele...

— Eu sei que ela morreu. Eu sinto muito.

— Ela não morreu, — disse ele, encontrando seus olhos novamente. — Ela se matou.

Suzanne quase deixou cair a caixa.

Mas ela agarrou-se a ela apesar de suas mãos trêmulas.

— Eu... Eu sinto muito, Sr...

— Você pode me chamar de Kingsley. Ou senhor. Ou monsieur. Mas por favor, não me chame de Sr. Edge. — Ele revirou os olhos e riu novamente. A reação parecia tão incongruente para o tópico deles que ela riu também por pura confusão.

— Ok, Kingsley. Sinto muito por sua irmã. Meu irmão, ele...

— Eu sei, — Kingsley disse as palavras suavemente, gentilmente e com um olhar da mais profunda simpatia em seus olhos.

— Certo. Claro que você sabe... Então, você e o Padre Stearns... vocês estão relacionados.

— Somente por um casamento a muito acabado. Mas nós continuamos amigos por todos estes anos. Eu ousou dizer que o conheço melhor do que ninguém.

— Melhor do que Nora Sutherlin?

Kingsley levantou a sobancelha e pegou a caixa da mão dela. Cuidadosamente ele pousou os dois anéis de casamento de volta no veludo antes de fechar e trancar a tampa uma vez mais.

— Ele disse que ela o conhece melhor do que ninguém.

Algo nos olhos de Kingsley ficou frio e mortal com suas palavras, e Suzanne imediatamente lamentou-as.

— O que ele diz e o que é a verdade nem sempre são a mesma coisa. Ele pode parecer onisciente, mas onde ela está em causa... bem, você já ouviu a frase *ignorância intencional*?

— Eles são amantes, não são? — Perguntou Suzanne, na esperança de chocá-lo para responder.

Kingsley apenas riu.

— Ah... Pandora não aprende nunca. Importa se eles são? Sério?

— É claro que importa, — disse Suzanne, raiva brotando dentro dela. — Ele é padre dela. Ele tem sido o padre dela desde que ela tinha quinze anos. Se ele está dormindo com ela ou estava quando ela era uma criança? Inferno sim, isso é importante. Apenas um monstro faria isso. Um predador sexual. Um...

Kingsley levantou a mão e sacudiu a cabeça.

— Você não tem ideia de quem ele é, Suzanne. Se você julgá-lo por suas ações, você nunca vai conhecê-lo.

Ela estreitou os olhos para ele.

— Isso não faz sentido. Não há nenhuma maneira de julgar qualquer homem, exceto por suas ações.

— Você vê apenas uma pequena parte da verdade. E uma mentira pode dizer mais do que uma verdade parcial.

Suzanne respirou fundo.

— Então diga-me tudo. Você diz que o conhece melhor do que ninguém. Quero conhecê-lo também.

Kingsley colocou a caixa de volta na mesa de cabeceira e deu um passo em direção a ela até que ele estava tão perto que nem mesmo um sussurro poderia escorregar entre eles.

— Você não sabe o que está pedindo. — Ele levantou a mão para seu rosto e acariciou o arco de sua bochecha com as pontas dos dedos. — Tentar conhecê-lo é como lutar com Deus. Você se lembra do que aconteceu com Jacob, não? Ele lutou com Deus e afastou-se mancando na manhã seguinte.

Suzanne balançou a cabeça lentamente.

— Eu estive mancando desde o dia em que Adam morreu. Por favor... Eu sei que você pode me ajudar.

Gentilmente Kingsley deu um beijo em seu rosto junto ao seu ouvido.

— Posso te ajudar. Mas eu não dou nada de graça. Se você quiser atravessar o rio Styx, você deve pagar a sua moeda para Charon.

— Eu não tenho um monte de dinheiro. Apenas uma repórter.

— Eu tenho mais dinheiro do que eu sei o que fazer com ele. Não é o seu dinheiro que eu desejo. — A mão de Kingsley caiu para seu pescoço. Ele pressionou o polegar levemente no oco de sua garganta. — Mas se você estiver disposta a pagar, estou disposto a responder.

Suzanne engoliu em seco e sentiu a pressão de seu polegar em seu pescoço. Ela estava disposta a pagar? Ela não tinha nenhuma dúvida em sua mente que tipo de moeda ele negociava. Além de Padre Stearns, de Søren, ela nunca tinha visto um homem mais atraente em sua vida. Tudo nele... suas roupas, sua boca sensual, sua voz e aquele sotaque... na verdade, não era um

preço terrível a pagar. Mesmo sem a promessa das respostas, ela seria tentada...

— Eu queria acreditar que havia um bom padre neste mundo, — ela sussurrou. — Mas se ele...

— Ele é um bom padre. E um bom homem. E eu posso fornecer a prova que você precisa dele. Se isso é o que você deseja.

Finalmente Suzanne assentiu.

— Sim.

— Então venha comigo.

Kingsley estendeu a mão e Suzanne pegou com mais medo do que ela já sentiu num campo de batalha. Ele começou a andar e levou-a para fora do quarto e pelo corredor.

— Para onde estamos indo? — Ela pensou que ele iria tomá-la na cama do padre Stearns ou mesmo no chão, mas eles pareciam estar saindo de casa.

— Manhattan. Eu tenho algo para lhe dar... se você ganhar.

Eles deixaram a casa e ele guiou-a em torno para onde um Rolls Royce esperava.

Uma bonita mulher em um uniforme de motorista pulou para fora do carro e com um passo enérgico abriu a porta traseira para eles. Kingsley entrou primeiramente e Suzanne seguiu-o, já lamentando.

— Mas eu tenho o meu carro. Bem, o carro de Patrick.

— Eu vou arranjar que retornem a Patrick. Ele ainda está no Village, *oui*?

— Jesus, você sabe tudo sobre mim.

Kingsley sorriu de novo quando o carro começou a funcionar e puxou para a estrada.

— Não realmente. — Ele segurou o lado de seu rosto e roçou os lábios com o polegar. — Eu não sei os sons que você faz quando você goza. Vamos descobrir isso, sim?

Antes que ela pudesse responder, Kingsley inclinou-se para frente e pressionou a boca na dela. Ele não fez nada num primeiro momento, apenas esperou por ela. Suzanne disse a si mesma que ela estava fazendo isso por Adam... antes de lentamente separar seus lábios. Fechando os olhos, ela deixou Kingsley assumir o beijo. A mão dele enroscou em seu cabelo. Ele segurou seu pescoço com firmeza, como se fosse para lembrá-la que ela pertencia a ele agora e não podia escapar. Quando a língua dele tocou na ponta da dela, o desejo dela para fugir morreu e a necessidade de rendição nasceu. E ela não estava fazendo isto por Adam ou pelo Padre Stearns. Ela queria Kingsley. Ela iria fazer isso por ela.

— Diga-me, Suzanne, você já teve relações sexuais na parte de trás de um Rolls Royce?

Kingsley não esperou que ela respondesse. Ele empurrou-a de costas enquanto lhe abria as pernas e apoiou os quadris com força contra os dela. *Oh, Deus*, pensou, isso está realmente acontecendo. Com dedos hábeis, ele desabotoou a blusa e abriu-a. Ele beijou seu caminho de seu pescoço até ao umbigo e para cima novamente.

Ela fechou os olhos e deixou a sensação das mãos de um estranho em seu corpo passarem sobre ela. Não apenas qualquer estranho, recordou-se. Este era Kingsley Edge, o papão que mantinha até mesmo o mais endurecido dos repórteres investigativos acordados a noite. E agora ela era um deles. Um dos repórteres que Kingsley Edge manteve acordado toda a noite.

— Não finja que você não está gostando disso, — Kingsley sussurrou em seu ouvido. — Eu sei que você está tentando não apreciar isto.

— Eu estou fazendo isto para obter informações e não prazer.

— Mentirosa.

Suzanne corou com a verdade em sua acusação.

Kingsley beliscou sua orelha, o ombro. Seus dentes na pele dela enviaram ondas de choque de prazer em seu estômago.

— Mesmo quando eu estou dobrando a minha secretária sobre a minha mesa, eu tenho certeza que ela desfruta. Eu vou ver você desfrutar também, você querendo ou não.

Antes que Suzanne pudesse fazer outro protesto, Kingsley puxou para cima e para longe dela. Ela começou a perguntar o que ele estava fazendo, mas então ela viu. Ele deixou o couro de luxo do assento do Rolls Royce e se ajoelhou no chão. Ele estalou os dedos e apontou para ela se sentar na frente dele.

Suzanne deslizou para o centro do assento. Kingsley alcançou debaixo da saia dela, agarrou as calcinhas e arrastou-as asperamente por suas pernas. Ela queria dizer-lhe para parar, mas a promessa de tanta informação sobre o Padre Stearns manteve-a quieta, mesmo quando Kingsley abriu as calças.

Ele empurrou as pernas amplamente abertas e empurrou dois dedos dentro dela. Estremecendo, ela lutou contra a vontade de fechar as pernas.

— Respire, *chérie*. Eu prometo que você vai gostar disto se você se deixar.

— Ele tirou os dedos dela e olhou para ela. No escuro da noite, ela mal conseguia vê-lo exceto quando o carro passava por um poste.

Com um puxão, ele trouxe seus quadris até à borda do assento. Novamente com os dedos, ele separou os lábios exteriores e interiores. Ele trouxe sua boca para baixo sobre ela e sugou levemente o seu clitóris. Suzanne cavou seus dedos no couro flexível do assento quando sua cabeça caiu para trás.

Para cima e para baixo o comprimento da vagina ele lambeu-a, provocando-a com a língua e lábios. Suzanne rapidamente se viu abrindo as pernas um pouco mais e empurrar os quadris para frente. Sua língua mergulhou mais profundamente até que ela o sentiu procurar a essência dela. Suas mãos agarraram suas coxas e Suzanne enroscou a mão em seu cabelo. Por baixo dela, o carro vibrou do ronco do motor pesado. Seu corpo inteiro vibrava do que Kingsley estava fazendo com ela. A pressão se construiu em sua parte inferior das costas. Ela encostou-se para trás no banco, agarrou o encosto de cabeça atrás dela e gozou com um baixo, quase grunhido de dor.

Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, ela ouviu o som inconfundível de um invólucro preservativo sendo aberto.

— Espere, — ela ofegava, mas Kingsley unicamente puxou-a para fora do assento e para cima dele, empalando ela. Ele a tinha deixado tão molhada que ela tomou cada polegada dele dentro dela em um golpe.

— Deus. — ela engasgou enquanto seu corpo se esforçou para aceitar tudo dele.

— Eu disse que você podia me chamar de Kingsley, — ele sussurrou em seu ouvido.

Suzanne não pôde deixar de rir.

— Você deve ser o homem mais arrogante vivo. — Ela colocou os braços em torno de sua volta para a estabilidade como ele agarrou-a pelos quadris e começou lentamente empurrando para cima e para dentro dela.

— Apenas o segundo. Você conheceu o primeiro.

Ela sacudiu a cabeça e começou a falar. Mas Kingsley encontrou seu clitóris com as pontas dos dedos e a deixou momentaneamente sem fala.

Enquanto ele mordiscava seus lábios, pescoço e ombros, Suzanne só podia ter um pensamento em sua mente. Ela estava sendo fodida por Kingsley Edge. O primeiro e único Kingsley Edge.

E ela estava desfrutando o inferno fora disso.

Ajoelhando-se em seu colo, ela moveu seus quadris para frente e para trás no tempo com os movimentos precisos dele. Tudo o que ele enviava correntes de calor e eletricidade de fluindo através de todo o seu corpo. Ela chegou perto de outro clímax, mas Kingsley parou com um beijo.

— Vire-se, — disse ele em seu ouvido enquanto a mão esquerda fez coisas maravilhosas com ela mamilo direito.

Assentindo, Suzanne levantou-se e virou-se de costas para ele. Ele pressionou perto contra as costas dela e mordeu o seu ombro forte o suficiente que ela fez uma careta.

— Quanto você quer saber sobre *le prêtre*? — Ele empurrou três dedos dentro dela e Suzanne inalou bruscamente diante do choque de prazer.

— Tudo. — Ela separou suas coxas ainda mais e empurrou de volta para sua mão. Um quarto dedo se juntou aos outros. Ela nunca se sentiu tão aberta antes. Deus, o homem sabia o que estava fazendo.

— Você nunca vai saber tudo sobre ele. Não se você procurou o mundo até o fim dos tempos. — Ele puxou a mão e, lentamente, penetrou-a novamente. Ele afundou profundamente e Suzanne gemeu audivelmente da incrível sensação de ele enchendo-a tão completamente. — Mas eu só posso dizer o que eu sei se você me disser uma coisa, *ma chérie*...

Ele começou a empurrar de novo, duro desta vez, violentamente duro. Suzanne agarrou a porta, o assento, qualquer coisa para segurá-la firme enquanto ele usava seu corpo tão completamente. Ela não podia acreditar o quanto ela amava isso, gostava de ser tomada deste jeito... Kingsley encontrou o clitóris novamente e quando ele empurrou dentro dela ela gozou novamente com um grito alto enquanto dor afiada de prazer explodia em suas costas e quadris. Kingsley empurrou mais algumas vezes antes de gozar com um tremor que sacudiu os dois.

Kingsley permaneceu dentro dela um momento enquanto ambos recuperavam a respiração.

— O quê? — Ela ofegava. — O que eu tenho a dizer-lhe antes de você me dizer sobre ele?

Kingsley beijou seu cabelo, a ponta de sua orelha, enquanto ele continuava a pulsar dentro dela. Ela poderia se acostumar com a atenção erótica como esta.

— Diga-me..., — ele empurrou dentro dela mais uma vez, — Por que você quer saber.

— Eu... — Por que ela quer saber? Era ainda sobre Adam? Será que Adam estaria feliz por ela estar fazendo isso? Orgulhoso? Por um momento, ela estava feliz que ele tinha ido embora para que ele não pudesse ver que

tipo de pessoa ela se tornara, o que ela faria em busca de uma história. — Eu não sei, — ela confessou. — Eu só tenho que saber. Eu tenho. Se ele está prejudicando crianças...

Kingsley saiu dela tão rapidamente que ela estremeceu. Ele ajeitou a roupa e jogou-se em todo o comprimento do assento do banco e cruzou os pés nos tornozelos. Suzanne sentiu-se subitamente embaraçada e envergonhada pelo seu estado seminua. No escuro ela encontrou a calcinha, abotoou a blusa e se sentou cuidadosamente no banco em frente a ele.

— Ele não faz mal a crianças, — disse Kingsley com uma voz tão fria como o inverno, tão afiada como uma faca. — Eleanor Schreiber nunca foi sua vítima. E para o registro, ela nunca foi realmente uma criança. Eu a conheço quase há tanto tempo quanto ele conhece.

— E daí? Ela era um flerte quando adolescente? Então ela merecia ser seduzida por um homem mais velho? Por seu padre?

— Nora Sutherlin, Eleanor Schreiber, seja o que for que você a chame ou quanto você a conhece... você deve saber uma e única coisa sobre ela. Ela seduz. Ela não é seduzida.

Suzanne respirou fundo e encontrou seus olhos no escuro.

— Eu não sei por que eu preciso saber. Mas eu tenho. Ele... — Ela parou de falar e procurou as palavras, todas as palavras, para explicar o que sentia, o que ela queria. — Eu acreditei nele como uma vez eu acreditei em Deus. Eu não quero acreditar em qualquer um deles... a menos que eu deva.

Kingsley exalou fortemente quando ele puxou uma perna em seu peito e passou casualmente o braço sobre ela.

— Crer ou não crer... só você pode responder a essa pergunta para si mesma, — ele disse enquanto o Rolls parou na frente de uma elegante casa em preto-e-branco. — Mas eu posso ajudá-la em sua busca. Eu posso apontá-la na direção certa, pelo menos. Venha.

A porta abriu e Kingsley deixou o carro. Ela alisou a blusa e saia e seguiu-o através de um portão de ferro forjado e subindo as escadas.

Quando atingiram o terceiro andar, a mulher mais belíssima que Suzanne alguma vez tinha visto em sua vida apareceu com uma xícara de chá na mão e um sorriso no rosto. Quase tão alta quanto Kingsley com a pele de ébano, olhos de carvão e um sorriso brincalhão em seus lábios carnudos, a mulher parecia ao mesmo tempo graciosa e severa para Suzanne.

— Aah... minha Jules. Senti sua falta, — Kingsley disse enquanto ele saudava a mulher com um beijo em cada bochecha. — Este é Suzanne Kanter, uma amiga repórter minha.

— Bonjour, mademoiselle. Chá? — A mulher que Suzanne supôs devia ser Juliette, a secretária particular de Kingsley, perguntou. Como Kingsley, ela também falava com um sotaque rico.

Mas o de Juliette soava diferente, mais Caribe. Ela devia ser do Haiti, Suzanne decidiu, reconhecendo o sotaque. Uma mulher haitiana preta trabalhando para um homem rico, branco, francês... Kingsley realmente era o homem mais arrogante vivo.

— Ela não pode ficar. — Kingsley tomou um gole de seu próprio chá. — Ela está aqui apenas por um arquivo.

— Qual deles, monsieur? — Perguntou Juliette. — Eu vou buscá-lo.

— A senhora... o arquivo médico dela.

Os olhos escuros de Juliette alargaram por um breve segundo antes dela compor o rosto mais uma vez para a máscara da perfeita secretária submissa.

— *Oui*, monsieur.

Enquanto Juliette desaparecia em uma sala, Suzanne olhou em volta. Tão estranho. A casa de Kingsley parecia como se tivessem sido transportados para um outro lugar, outra altura. Ela viu enormes telefones rotativos pretos nas grandes mesas art deco. Armários de arquivos em madeira, lâmpadas Tiffany... e sem computadores à vista.

— Tão ludita, — disse Suzanne, absorvendo tudo.

— Sou simplesmente à moda antiga, — disse Kingsley com um brilho perverso nos olhos.

Juliette voltou com uma pasta de arquivo preta grossa presa com uma fita de Borgonha. Kingsley estendeu-a e Suzanne estendeu a mão para ele, mas ele puxou-o de volta para o peito.

— Para você e você só, mademoiselle, eu tive um amigo muito querido enviando isto para mim. Você terá permissão para manter este arquivo por um dia. Ele deve ser devolvido nessa mesma hora de amanhã à noite. Nada neste arquivo pode ser gravado ou fotocopiado de qualquer forma. Ninguém, mas você pode olhar para ele. Eu vou saber se você desobedecer qualquer uma destas condições. As consequências para a desobediência serão severas. Você me entendeu?

Kingsley disse as palavras com um ar de conversação mas a ameaça em si era inconfundível.

— Sim, senhor, — disse ela. — *Je comprends*.

Kingsley levantou a sobrancelha para ela antes de lhe passar o arquivo.

— Agora eu vou ter o meu motorista levando-a para casa.

Suzanne desceu as escadas e Kingsley seguiu. Não há vinte minutos, ele tinha estado enterrado dentro de seu corpo. Agora ele mal falava com ela, embora ela viu-o observando-a com o canto dos olhos. No patamar do primeiro andar, ele parou e gesticulou para ela ir em frente sem ele.

— Boa noite, — disse ela, agarrando o arquivo no peito. — Vou deixar isto amanhã, eu prometo.

— *Bon.* — Ele concordou.

Aparentemente beijos de boa noite não viriam. Suzanne acenou de volta e dirigiu-se para a porta da frente, onde a motorista de Kingsley esperava em silêncio.

A motorista abriu a porta.

— Mademoiselle? — Kingsley chamou e Suzanne virou-se e olhou para ele. — Só mais um pedaço de conselho para a sua busca.

— Sim, por favor? O que?

— Vá ver a irmã. Fale com ela.

Suzanne piscou.

— Irmã? Como uma freira? Qual freira?

Kingsley riu então, uma risada divertida, arrogante, irritantemente francesa.

— Não, Suzanne. A irmã dele.

— É isso mesmo, — disse ela, uma memória clicando no local. — Ele tem três irmãs, não tem? Qual?

— A que você não quer ver.

— Eu não quero ver nenhu...

— E uma última coisa, — Kingsley disse, toda a alegria e sedução indo de seu rosto e seu tom. — Sobre o arquivo em suas mãos...

— Sim?

— Era meu.

— O que era...

— *Au revoir*, Suzanne.

Antes que Suzanne pudesse fazer outra pergunta, Kingsley virou-se e subiu as escadas.

Suzanne observou-o até que ela não pudesse mais vê-lo.

Segurando o arquivo no peito, Suzanne seguiu a motorista de volta para o Rolls Royce.

— Está tudo bem, — disse Suzanne, tomando uma decisão repentina. — Eu vou a pé para casa.

A motorista só olhou para ela antes de fazer uma reverência e voltar para a casa.

Uma vez sozinha Suzanne desceu a rua até encontrar o que ela precisava. Um banco sob um poste.

Ela abriu arquivo médico de Nora Sutherlin, e começou a ler. Uma hora depois, ela sabia o que Kingsley quis dizer quando ele disse “Era meu”.

Wesley dirigiu durante a noite até que ele não conseguiu manter os olhos abertos por mais tempo e teve que parar. Graças a dois anos na Yorke, ele tinha amigos em todos os lugares entre Maryland e Maine. Ele dormiu na casa de seu antigo companheiro de quarto e teve um rápido pequeno-almoço com ele antes de se dirigir para Connecticut. No final da tarde ele chegou a Westport. Por quase um dia agora, ele estava rodando em pura adrenalina, sobre a necessidade de ver Nora cara-a-cara. Enquanto dirigia, duas palavras ecoavam em sua mente como o mais melódico refrão.

Muitas águas... muitas águas... muitas águas...

Agora, de volta a cidade que ele costumava chamar de lar, ele abrandou e teve que perguntar a si mesmo exatamente o que ele iria fazer, o que ele diria quando a visse. Seu corpo inteiro vibrou com nervosismo quando ele virou para o tranquilo subúrbio de Nora com todos os habitantes de Nova York que toleravam a semi famosa escritora erótica como vizinha com desconfiada diversão. No momento em que ele puxou na frente da casa deles, da casa dela, Wesley corrigiu, não mais a sua casa, ele mal podia respirar. Ele não viu o carro dela em nenhum lugar e seu coração despencou. Tudo o que ele queria era olhar na cara dela de novo, nos olhos dela.

Ele andou até a porta da frente e bateu. Quando não ouviu nenhuma resposta, ele bateu mais alto. Enfiando as mãos nos bolsos, ele sentiu as chaves do carro raspando nos nós dos dedos.

As chaves dele...

Wesley tirou as chaves e olhou para elas. Certamente Nora teria mudado as fechaduras depois que ele saiu de casa. Não teria?

Ele encontrou a chave que ele costumava chamar de chave de casa e colocou-a na fechadura da porta da frente. Fazendo uma pausa, ele tomou uma respiração rápida e girou a chave.

A porta abriu-se como nada, como se esses treze meses de inferno sem Nora tivessem sido um sonho que ele teve quando ele tinha adormecido na biblioteca da escola estudando, e agora que ele tinha acordado, ele poderia voltar para casa.

Entrando na sala, Wesley inalou ar viciado. A casa cheirava a abandonada, como se ninguém estivesse nela a meses. Ele não viu pilhas de correio na porta. Seriam as coisas entre ela e Griffin Fiske sérias que ela tinha encaminhado o correio? Griffin Fiske, o playboy da cidade de Nova York, bebê do fundo fiduciário com um lote inteiro de mau comportamento em seu passado... e ainda assim Wesley quase preferia descobrir que Nora e Griffin estavam juntos do que Nora e Søren. Griffin, ele não gostava, não conhecia e certamente não confiava. Mas Søren... Søren, ele odiava.

Enquanto Wesley vagueava pela casa, as memórias voltaram a ele. Memórias que ele pensava que ele tinha enterrado... mas, levantando-se a cada passo, muito facilmente ressuscitadas. Ele tinha amado estudar no sofá na sala de estar. Nora tinha que caminhar através da sala de estar para chegar à cozinha, seu destino favorito. E ela sempre o tocava enquanto passava. Talvez apenas um toque na testa, um beliscão no nariz, um aperto no joelho, ou o seu favorito, um beijo em sua bochecha. As estantes precisavam de uma

boa limpeza. Grandes e marrom e esculpida com símbolos estranhos, as estantes tinham sido uma venda encontrada por Nora.

— Acho que estas estantes pertenciam a druidas, — Nora disse, correndo suas pequenas mãos sobre as gravuras.

— Acho que os druidas já existiam antes, sabe, das estantes, — Wesley lembrou.

Nora fingiu não ouvi-lo, seu MO⁷¹ de costume quando ele tentava trazer razão e racionalidade aos voos de fantasia dela.

— Virgens provavelmente foram ritualmente sacrificadas nestas estantes de livros.

— Isso não seria meio estranho?

— Nós vamos descobrir isso. Aqui, na prateleira de cima, Purity Ring⁷². Vou pegar a faca da manteiga.

Deus, que mulher estranha com quem ele tinha vivido. Estranha e hilariante e bonita e incrível... Ele sentia tanto a falta dela que seu estômago doía ao pensar até mesmo o nome dela.

Eles tinham estado tão bem juntos nesta casa. Tão felizes. Olhando para trás, ele ainda não conseguia acreditar que Nora lhe pediu para morar com ela. O que ele tinha? Por dias depois que ela sugeriu que ele vivesse com ela e trabalhasse como seu estagiário, tudo o que ele podia fazer era tropeçar através de seus dias se perguntando, "Mas por que eu?" Ele tinha estado uma pilha de nervos quando ele se mudou naquele dia muito frio de Ano Novo no seu primeiro ano na Yorke. A realidade começou a embrenhar quando ele

⁷¹ Modo de Operação

⁷² Anel da Pureza. Geralmente usado para mostrar que a pessoa ainda é virgem e assim permanecerá até ao casamento.

desempacotava suas roupas e reorganizava nos móveis no quarto que Nora lhe dera.

Ele queria colocar alguns cartazes na parede, mas não podia martelar quaisquer pregos sem pedir permissão Nora. Naquela noite, ele vagou pela casa assim como ele vagueava agora. Nora não estava em seu quarto, na sala, na cozinha. Finalmente ele encontrou-a de pé na varanda de trás em seu pesado casaco e botas. Ele pôs o seu casaco e se juntou a ela lá fora no frio.

Por um momento, ele apenas a observou em silêncio enquanto ela estava com os olhos fechados e seu rosto virado para a lua branca brilhante. Inalando lentamente pelo nariz, ela prendeu a respiração antes de liberar o ar para fora de sua boca em uma nuvem de vapor.

— Você não está congelando? — Perguntou Wesley.

— Congelando pra caramba. Vou entrar em breve. — Ela abriu os olhos e sorriu para ele.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu pensei que você podia gostar de se instalar sem eu estar pairando sobre seu ombro.

Wesley teve que rir com isso.

— Você se lembra de que eu tenho 1,82m de altura, certo? Mais como pairando em meus joelhos, munchkin⁷³.

Munchkin? Ele tinha realmente chamado a infame Nora Sutherlin de munchkin?

— Eu poderia fazer isso, se quiser. — Ela lhe deu um sorriso perverso.

Wesley apertou os lábios para ela.

⁷³ Pessoa muito baixa.

— Você é terrível. Você sabe disso, certo?

— Na verdade, sou muito, muito boa no que faço. Basta perguntar a Søren. — Ela lhe deu uma piscadela significativa.

— Eu gostaria que você não falasse sobre ele.

Nora piscou para ele. Mesmo iluminada apenas pelo luar, ele podia ler cada pequena expressão em seu rosto. Que belo rosto... ele desejou, então, que ele soubesse como desenhar ou pintar ou qualquer coisa para que ele pudesse fazer alguma justiça aquele rosto, os grandes verde-negros olhos dela.

— Por quê? Você nunca encontrou Søren. Ele é uma pessoa muito boa. Melhor homem que eu já conheci.

— Você me disse sobre ele. Os homens bons não batem em mulheres.

— Bons homens só batem em mulheres que querem.

— As mulheres não deviam querer ser surradas.

— Então é o problema dela, não dele, certo? — Ela bateu os cílios para ele.

— Nora, você está louca. Entre. Meu rosto está prestes a congelar.

— Não pode ser. Um rosto demasiado bonito. Só um segundo. Preciso de mais um.

Com isso, ela fez uma pausa e respirou profundamente pelo nariz novamente. Ela segurou a respiração por um longo tempo antes de liberá-la quase com relutância.

— Desculpe, — disse ela. — Eu amo esse cheiro. Uma noite de inverno... Será que qualquer coisa no mundo cheira melhor do que uma noite de inverno?

Wesley fechou os olhos e inalou o cheiro do inverno tão nítido e limpo e frio. À distância, a lareira de alguém queimava e um traço do fumo de madeira inebriante temperava o ar. Ele podia sentir o cheiro da memória do Natal e o frescor austero do Ano Novo.

— Tem cheiro incrível, — ele concordou.

— Isto... — Nora inalou novamente e seus olhos se estreitaram. — Isto era como a pele de Søren cheira. Bem assim. Mesmo no verão era isto que eu respirava quando estava perto dele. À noite, antes de adormecer, eu colocava meu rosto em suas costas entre o ombro e respirava e respirava até que eu quase desmaiasse. E ele iria rir de mim. Incrível, não é? Como o cheiro natural de alguém podia ser assim?

— Se ele engarrafasse e o vendesse, ele faria uma fortuna. — Wesley olhou para o pequeno quintal de Nora. Ele se perguntou o que ela diria se visse o quintal de sua casa em Kentucky, os mil acres dele.

— Deus, eu sinto falta daquele cheiro. Eu amo o inverno. É a única vez que eu posso sentir o cheiro dele novamente sem ter que estar ao redor dele.

Wesley voltou os olhos do gramado envolto em neve para Nora. Uma lágrima tinha se formado no canto do olho e cristalizado como um pequeno diamante.

— Você era louca por esse cara, não é? — Ele perguntou, não tendo certeza que ele queria a resposta.

Nora concordou.

— Louca seria uma boa palavra para isso.

— Por que você deixou-o?

O suspiro foi a primeira resposta de Nora, que ondeou na frente dela em uma nuvem branca.

— Inverno, — ela finalmente disse, — pode ser tão bonito e tão cruel. Cruel e frio. E se você vive na presença do inverno, você nunca tem verão. — Nora se aproximou dele e colocou o nariz na sua bochecha. — Você cheira a Verão. Como roupa limpa pendurada para fora ao sol. Isso é um cheiro incrível também.

Wesley corou com sua proximidade. Seu cabelo escovando seus lábios. Ele nunca sonhou que alguém cheirando sua pele podia ser tão íntimo.

— Devemos ir para dentro, — Wesley sussurrou. Se ficasse aqui com ela outro segundo, ele iria aquecê-los beijando-a. E isso seria ruim. — Está frio demais aqui fora.

Nora tinha estendido a mão e as colocado no rosto dele, aquecendo sua pele com a dela.

— Está bem. Vai ser verão em breve.

Wesley entrou pela varanda de trás e para a cozinha. Ele tinha preparado mil refeições para Nora aqui. Por alimento, ele podia afastá-la do computador durante suas farras de escrita. Ele subiu as escadas para o segundo andar e ficou na porta do seu antigo quarto.

— Nora... — Wesley respirou quando ele entrou em seu quarto. Quando ele se mudou, este tinha sido um quarto de hóspedes com aspeto decadente que Nora chamava de, “Estilo bordel francês”. Ele rapidamente mudou-o no que ele chamou de “Não é um mais um bordel de estilo francês”. E agora ele permanecia o mesmo. Ele havia retirado os cartazes da parede, levado as suas

coisas... mas os mesmos lençóis cobriam a cama, os mesmos travesseiros. Os móveis ainda permaneciam do jeito que ele tinha arranjado.

Alguém estaria ficando em seu quarto? Foi por isso que Nora não se preocupou em revertê-lo para o gosto dela? A cama definitivamente parecia amarrotada e como se alguém tivesse dormido lá recentemente. A corrente de raiva surgiu através dele. Ele tinha tido o mais bonito, erótico, íntimo momento de sua vida na cama com Nora naquela noite em que ela não conseguia dormir, se arrastou para cama com ele, tocou-o com a mão. Ele odiava o pensamento de alguém mais que ele ou Nora sobre esses lençóis.

Se retirando antes que as emoções conflitantes de solidão, raiva e desejo o dominassem, Wesley foi até ao quarto de Nora. Talvez ele pudesse encontrar alguma pista sobre onde ela tinha ido e por quanto tempo.

Dentro do quarto de Nora, Wesley obrigou todas as memórias a se afastarem e para fora do caminho. A última coisa que ele precisava era de recordar o dia em que ele e Nora tinham quase feito amor em sua cama. Ele queria tanto dar-lhe a virgindade dele... e ainda assim ela não tinha sido capaz de pegá-la. Até hoje ele ainda não entendia o porquê. Mas foi o melhor agora, ele supôs. Ela realmente não o queria. Se ela o amava, por que ela mandou-o embora?

Wesley olhou para a cama e notou algo estranho sobre a colcha. Luz entrava pela janela e revelou uma espessa camada de poeira sobre a colcha perfeitamente feita na cama.

E a verdade chocou Wesley como a neve caindo no meio do verão. A amarga, bela verdade.

— Oh, meu Deus... — Wesley respirou em voz alta, a esperança jorrava alto e forte em seu coração. Seus amarrotados lençóis. A colcha empoeirada de Nora. — Nora está dormindo na minha cama.

— Na verdade, Wesley, — veio uma voz atrás dele, uma voz tão fria e cruel como o inverno, — ela está dormindo na minha.

* * *

Michael acordou no meio da manhã ao som de pios. Na verdade, não bem pios mas sua mente não conseguia pensar em uma palavra melhor para isso. Estes sons pareciam originalmente vir de um Grifo e não de uma coruja. E este Grifo, aparentemente, estava empoleirado no telhado acima do quarto de Michael. Michael se arrastou da cama de Nora e de volta para a sua própria por volta das cinco da manhã. Após o seu trio na noite passada, depois de Griffin ter, na verdade, assistido ele tendo sexo com Nora, Michael se preocupou que ele não seria capaz de olhar para ele no olho durante alguns dias. Mas Griffin não parecia nem de perto preocupado com o constrangimento do dia seguinte. Ele também não parecia particularmente preocupado com a gravidade.

— Griffin? — Michael gritou para o telhado, onde Griffin estava sem camisa na luz do sol vaiando e gritando em algum tipo de celebração. — O que você está fazendo?

— Seis anos, Mick! — Griffin gritou de volta. — Diga-me que eu sou incrível.

— Você é incrível, — disse Michael sem reservas. Incrível e surpreendente e inteligente e engraçado e sexy. Mas ele manteve todos esses adjetivos no interior. — O que tem seis anos?

Griffin passeou casualmente no telhado, como se a gravidade não se aplicasse a ele. Curvando-se, Griffin agarrou a borda do telhado e desceu através da janela e para dentro do quarto de Michael.

— Seis anos hoje, Mick. — Griffin sorria tão amplamente que eclipsava o sol. — A seis anos que eu estou limpo e sóbrio. Nem uma gota de álcool. Nenhuma droga. Nada.

Michael não podia deixar de sorrir de volta tão amplamente. Ele jogou os braços ao redor de Griffin em um abraço espontâneo, mas assim que ele sentiu o corpo quente de Griffin contra o dele, seu coração acelerou e o sangue começou indo para lugares que ele não queria que o sangue fosse. Michael afastou-se imediatamente e deu dois grandes passos para trás.

— Isso é incrível. Eu estou tão feliz por você. Você deve celebrar, — disse Michael rapidamente, tentando cobrir seu nervosismo.

— Eu vou. Sempre faço.

— Como?

Griffin sorriu.

— Nova tatuagem. Eu adiciono a minha tinta a cada ano.

— Incrível. Então você vai à cidade? — Michael esperava que Griffin fosse convidá-los para ir a cidade com ele. Seis limpos e sóbrios anos, Griffin não devia comemorar sozinho.

Griffin negou com a cabeça.

— Nah. Spike, ela faz a minha tatuagem, está vindo aqui esta noite. Festa de tatuagem. E adivinha quem mais está convidado? — Michael sacudiu a cabeça. — Você, Mick.

— Isso é fantástico. Eu não posso esperar para ver. — Michael sabia que ele estava sorrindo como um idiota mas ele não podia parar.

— Ver? — Griffin passou por ele e até a porta do quarto de Michael. Ele encostou-se a soleira da porta e deu a Michael um olhar longo e significativo. Michael não conseguia entender o que o olhar significava mas ele meio que desejava que Griffin assim para ele para sempre. — Você não está apenas assistindo, Mick. Você vai fazer uma também.

Griffin piscou para ele e saiu da sala, ainda piando de alegria ousada, um som que levantou o coração de Michael tão alto que ele quase não ouviu o que Griffin tinha dito.

Uma vez sozinho, ele se lembrou.

Michael correu para o corredor.

— Espere! Griffin? Eu vou o quê?

No metrô, Suzanne encontrou um local seguro em um lugar vazio e puxou o arquivo médico de Nora Sutherlin para fora de sua bolsa. Ela leu-o ontem à noite do lado de fora da casa de Kingsley Edge. Ela leu-o novamente em seu apartamento. Após duas leituras ela ainda não sabia o que fazer com ele.

O arquivo começava com resultados físicos que Eleanor Schreiber tinha feito antes de começar o primeiro ano na NYU. O básico físico para fins de seguro, tudo o que revelou era que era uma menina de dezoito anos de idade saudável com baixo colesterol, pressão arterial baixa e uma suave febre do feno. A única nota de interesse era que a jovem Eleanor tinha recusado um exame pélvico. A pequena nota tinha levantado a suspeita de Suzanne. Por que ela iria recusar um exame pélvico? Suzanne tinha imediatamente assumido o pior: STI... gravidez. Talvez até mesmo indícios de um aborto. Mas algumas páginas depois, ela tinha encontrado algo que explodiu todas as suas teorias escuras para fora da água. Aos dezenove anos, Eleanor Schreiber tinha aparentemente festejado muito uma noite e desmaiou bêbada. Ela acordou com um garoto de fraternidade em cima dela. O arquivo continha notas de uma conselheira de crises de estupro que tinha sido trazido para falar com Eleanor antes, durante e após o exame. Aparentemente, a conselheira não tinha chegado a realizar suas funções naquela noite, como uma nota sobre o gráfico testemunhava:

Paciente disse que ela duvida que o jovem rapaz tenha-a agredido sexualmente. Reivindica que ela vomitou em cima dele durante a tentativa de estupro. Dispensada pela paciente uma vez que seu padre, Marcus Stearns, chegou. Paciente sofre claramente da severa negação.

Mas a jovem Eleanor não tinha estado em negação. O relatório do médico não só não mostrou presença de trauma ou fluidos, mas também um hímen intacto. Aos dezenove anos, Eleanor Schreiber ainda era virgem. Suzanne sabia que ela deveria ter parado de ler. Ler o arquivo médico de outra mulher parecia uma invasão tão bruta de privacidade que até virava o seu estômago só de tê-lo nas mãos. E ainda assim ela não conseguia parar, mesmo depois de saber que na adolescência Nora não foi amante de Padre Stearns, ou qualquer um pelo que importa.

Depois de Eleanor fazer vinte anos, as coisas ficaram ainda mais interessantes. Por algum motivo, em vez de ver um médico ou um ginecologista em uma base regular, Eleanor Schreiber foi a um Dr. Jonas para todos os problemas médicos dela. Dr. William Jonas, um internista no Central em Connecticut. E para uma jovem que não participava em atividades desportivas organizadas, Eleanor parecia adquirir um número chocante de ferimentos leves, um pulso torcido, uma costela quebrada, um rasgo vaginal. Para Suzanne eles pareciam ser sinais claros de que Eleanor Schreiber tinha tido um relacionamento fisicamente abusivo na casa dos vinte. E ainda assim, Dr. Jonas meramente tratou da paciente, escreveu a mais superficial das notas e mandava-a embora, sem nunca chamar a polícia ou um conselheiro de abuso. Parecia uma supervisão chocante de sua parte.

Suzanne virou outra página no arquivo. Suas mãos tremiam enquanto lia. Para si mesma ela sussurrou: — Nora Sutherlin... sua má católica...

Aos vinte e sete anos, Eleanor Schreiber tinha engravidado. E católica ou não, a gravidez terminou rapidamente com uma receita para RU-486. Depois disso, o processo médico terminou. Não havia mais lesões, não mais visitas ao Dr. Jonas. Nada.

Nada... era o que Suzanne tinha sobre o Padre Stearns.

Kingsley Edge disse para ir visitar a irmã, a que ela não queria ver. Ela sabia que o Padre Stearns tinha uma irmã na Dinamarca. Ele disse a ela naquela noite na reitoria. Certamente Kingsley não quis dizer ela, isso seria um inferno de uma viagem de pesquisa. Assim deixava Claire ou Elizabeth.

Ela tinha pesquisado Claire na noite passada. Mulher encantadora, quase da idade de Nora Sutherlin, rica socialite de Manhattan, sem marido, sem filhos, sem escândalos. Como correspondente de guerra, Suzanne realmente odiava falar com socialites. Talvez fosse isso o que Kingsley queria dizer. Mas então ela olhou para Elizabeth. Seu primeiro site no Google sobre Elizabeth Stearns revelou um fato vital e aterrorizante. Apesar de estar também extremamente bem, Elizabeth Stearns tinha um trabalho real. Ela trabalhava como terapeuta para vítimas de abuso sexual na infância.

Essa mesma frase criou nós dolorosos no estômago de Suzanne e mil memórias de Adam desabaram na sua mente. Depois de seu suicídio, a revelação do abuso que ele sofreu de seu padre tinha contaminado cada memória dele. Cada lembrança dele de após os nove anos, o sorriso bobo Adam em seu foto da graduação, o dia em que ele a empurrou na piscina em seu vigésimo aniversário, o orgulho em sua voz quando ela chegou em casa

de sua primeira missão no Médio-Oriente, viva e triunfante, fora arruinada pelo conhecimento que cada sorriso tinha sido um falso, cada riso uma máscara. A última coisa que ela queria fazer era passar o dia com uma mulher que trabalhou com vítimas de abuso sexual.

Suzanne fechou o arquivo quando ela chegou a sua paragem. Em dez minutos, ela tinha um carro alugado. Em quinze minutos, ela estava na estrada para Nova Hampshire.

Em quatro horas, ela estava lá.

* * *

Depois de um grande jantar na sala de jantar na mesa anal de Griffin, eles, os três, Griffin, Nora e Michael, foram para a sala de estar. Nora jogou confetes em todos os lugares em honra dos seis anos limpos e sóbrios de Griffin, enquanto Michael sentou-se perto em silêncio no sofá de couro e observou Griffin e Nora fazer alguma ridícula dança suja em cima da mesa de café. Michael queria participar na festa, teria se juntado, mas a ameaça, de mais cedo, de Griffin que Michael também estaria sendo tatuado naquela noite, lhe tinha colocado em um incondicional modo de surto. Sua sexualidade, ele podia esconder mais ou menos. Pelo menos ele podia manter em segredo, de sua mãe, a submissão e a atração por rapazes. Mas uma tatuagem? Isso não é algo que se poderia manter no quarto.

Um pouco depois das cinco, a campainha tocou e Griffin comandou que Jamison fosse atender, o que ele fez somente após chamar Griffin de um “bom desperdício de moléculas”.

O mordomo de Griffin voltou com uma mulher de pernas longas, cabelo púrpura ao seu lado que tinha elaboradas tatuagens correndo para cima e para baixo de ambos os braços musculosos. As tatuagens de videiras verdes escuras corriam através de seu amplo decote e subia pelo pescoço, o topo das videiras terminava na cavidade por trás das orelhas multi-perfuradas.

— Griffin Fiske, seu vagabundo sujo. Mais um ano de novo? — perguntou ela em um acento escocês.

— Spike... não finja que não sente a minha falta.

— Não tenho que fingir. — Ela bateu forte nos bíceps de Griffin, forte o suficiente para Michael se encolher em simpatia. Mas Griffin unicamente sorriu.

— Nora, Michael. Esta é Spike. Ela faz as minhas tatuagens. A melhor no negócio.

— Prazer em conhecê-la, — disse Nora, apertando a mão de Spike. — Você faz um trabalho lindo.

— E você tem a pele linda, — disse Spike, fazendo um circuito em torno de Nora. — Ficaria melhor com tinta nela.

Nora sentou-se no sofá e pegou nas edições de seus livros em que ela esteve trabalhando todo o dia.

— Eu adoraria uma tatuagem. Big-ass Jabberwocky⁷⁴ por todas as minhas costas. Mas o meu padre não me permite ter algo estranho no meu corpo.

Griffin revirou os olhos enquanto ele despojava sua camisa e pousou duas cadeiras lado a lado.

⁷⁴ Grande Jaguadarte

— Nora, você tem sua capa do clitóris perfurada, — Griffin lembrou.

— Sim, — ela concordou. — Mas quem você acha que fez isso? — Ela pôs os óculos, puxou seu cabelo em um coque que ela prendeu com uma caneta, instantaneamente transformar-se na Escritora Nora, a única versão do Nora que Michael achava mais sexy do que a Dominatrix Nora.

— Padre S fez o seu piercing? — A boca de Michael ficou subitamente seca.

Nora somente encolheu os ombros quando ela virou uma página em suas notas.

— Você celebra o Dia dos Namorados do seu jeito e vamos celebrá-lo do nosso. Continue.

Nora acenou com a mão com desdém enquanto Spike e Griffin se estabeleciam. Spike conectou a agulha elétrica, misturou a tinta e limpou o braço de Griffin com álcool.

— Qualquer coisa extravagante, companheiro? — Ela perguntou quando ela ajustou o braço de Griffin.

— Não esse ano. Basta adicionar outra faixa no fundo.

Levou menos de quinze minutos para terminar a tatuagem, a videira preta de Griffin, em torno da parte inferior de seu bíceps direito. Michael só assistia com fascínio enquanto sangue acumulava e pingava. Griffin quase não fez uma careta quando a agulha empurrou a tinta profundamente em sua pele. Durante todo o tempo que Spike trabalhou no braço de Griffin, Michael estudou seu rosto. Ele tinha um perfil tão bonito. E mesmo na dor óbvia, ele não conseguia parar de rir ou sorrir a cada poucos segundos. De onde é que

toda essa felicidade vinha? Michael realmente não se importava. Ele só queria ser uma parte dela.

Uma vez terminado, Spike limpou Griffin e tirou uma foto da tatuagem.

— Quando vamos fazer esse grifo nas costas que temos vindo a falar? — Ela perguntou.

— Penso que vamos guardar isso para o próximo ano e aniversário da sorte número sete. — Griffin virou-se para Michael. — Spike é especializada em grandes trabalhos. Fez grandes asas negras de anjo por todas as costas de um cara na Escócia.

— O meu melhor trabalho, — disse ela com orgulho. — Eu amo asas. Elas são as minhas favoritas para fazer. Falando disso... — Ela deu a Griffin um olhar significativo.

Griffin olhou para Michael.

— Venha aqui, Mick. Tenho um presente para você.

Michael se levantou e caminhou até Griffin. Nora colocou as notas de lado, empurrou os óculos em sua cabeça e observou os dois.

— Griffin, eu não acho que eu deva fazer uma tatuagem. A minha mãe pode me matar. E eu não sei se quero ter ou onde.

Griffin esticou-se e tomou Michael pelo antebraço. Ele levantou a mão de Michael e colocou-o no centro do seu peito nu. Cada nervo do corpo de Michael acordou com contato de seus dedos na pele do Griffin.

Griffin começou a soltar o relógio de Michael.

— Espere. Pare, — disse Michael. Griffin fechou a mão em seu braço e segurou Michael no lugar.

— Está tudo bem, Mick, — Griffin sussurrou. — Pode confiar em mim aqui. Por favor.

Engolindo, Michael concordou.

— OK.

Griffin removeu o relógio de Michael e colocou-o com tanto cuidado como se fosse o Audemar Piguet de 300 mil dólares de Griffin e não o do ebay de 23 dólares de Michael.

Depois de retirar o relógio, Griffin tirou pulseira preta de Michael. Ele virou os braços de Michael e mostrando os pulsos com cicatrizes a Spike.

— Você pode fazê-lo? — Perguntou Griffin.

Spike estreitou os olhos para as cicatrizes e Michael interiormente se contorceu de mortificação.

— Eu cobri pior. Muito pior, — Spike disse quando ela passou os dedos sobre as cicatrizes do pulso de Michael. — Sim, eu posso fazer isso. Claro que posso.

— Isto é o que eu estava pensando, Mick. — Griffin puxou um pedaço de papel dobrado para fora do bolso de trás da calça. Abriu-o e mostrou Michael. — Eu roubei o seu caderno de desenho enquanto você estava com Nora e enviei alguns de seus desenhos para Spike. Este foi o que escolhemos.

Griffin deu um desenho para Michael, que só podia olhar para ele com espanto mudo.

— Eu pensei que nós podíamos cobrir as cicatrizes, — Griffin sussurrou. Ele colocou uma mecha solta do cabelo de Michael atrás da orelha e Michael estremeceu com a intimidade do gesto. Observar Griffin tendo sexo com Nora não se sentia tão privado como Griffin distraidamente domar o cabelo

de Michael. — Você não vai ter mais que escondê-las. Seus pulsos vão se parecer daquele jeito.

— Assim? — Em sua mão, Michael segurava um desenho de asas de anjo, abertas e desfraldadas e quase preto sólido. Uma asa seria tatuada em cada pulso.

— Você vai ser capaz de fazer isso, — disse Griffin, segurando ambos os pulsos para fora e juntos, — e você terá uma envergadura total. Quer fazê-lo? Por minha conta, ok?

Michael engoliu as lágrimas. Não mais hediondas cicatrizes em seus pulsos que ele tinha que cobrir... Apenas a bonita tinta que Griffin tinha comprado e pago. Fazer esta tatuagem seria como ser marcado por Griffin.

— Sim. — Ele olhou para Griffin com olhos que nunca quereria desviar o olhar novamente.

— Vamos fazê-lo.

Griffin bateu palmas e agarrou Michael pelos ombros.

— Você não vai se arrepender, Mick. Tinta não entra em sua pele. Ela entra em sua alma. Muda você. E isso vai mudar você no bom caminho.

— Você tem certeza que quer fazer isso, Anjo? — Nora perguntou, com os olhos cheios de preocupação, mas não julgamento.

— Sim, definitivamente. Está tudo bem, certo? — Ele perguntou.

— Esta decisão é toda sua para ser tomada. Se você quer, faça-o.

— Quero isso.

— Bom, — disse Spike. — Eu espero que você queira dizer isso, por que tinta em pele cicatrizada é uma cadela. Nós vamos fazer o básico esta noite e

obter uma cobertura decente. Vou precisar que você volte em seis semanas para retoques.

Michael sentou-se, enquanto Griffin trouxe uma mesa e colocou-a na frente da cadeira.

— Griff, — Spike disse, dando-lhe um olhar severo. — Você vai ter que segurá-lo firme. Isto não será fácil.

Griffin olhou para Michael e Michael olhou para trás para Griffin, sem pestanejar ou olhar para longe. Esse sentimento estranho que ele sempre tinha experimentado quando estava prestes a começar uma cena com Nora, se aproximou dele. Ele começou a afundar-se naquele estranho lugar Zen que Nora e Griffin chamavam de subespaço.

Michael estendeu a mão esquerda e Spike começou a pincelar seu pulso com álcool.

— Segure-o, companheiro, — Spike ordenou a Griffin. — Não deixe que ele mova um músculo.

Griffin pegou a mão de Michael na sua e segurou seus dedos das mãos e antebraço com força contra a mesa.

— Eu nem mesmo vou deixá-lo estremecer. — Os olhos Griffin e Michael ainda presos um no outro. Michael sentiu o sangue fluindo através de seu corpo. O zumbido da agulha elétrica começou a trabalhar.

— Não vou mentir para você, garoto, — disse Spike, fazendo um ajuste final em sua agulha. — A pele no pulso é fina e sensível. Ter tinta no seu pau iria doer menos do que isto.

Michael tomou uma respiração profunda e lentamente deixou-a sair pelo nariz como Nora tinha lhe ensinado.

— Está tudo bem, — Michael disse, e sabia que ele nunca tinha estado tão calmo ou certo em sua vida. Ele tinha as mãos de Griffin sobre ele segurando-o para baixo. Sem medo, sem agonia, nada no mundo poderia penetrar a armadura de sua felicidade. — Eu posso aguentar a dor.

* * *

Lentamente Wesley virou-se. De pé na porta do quarto de Nora estava um homem, bem mais alto que 1,82m, com cabelo loiro perfeito, penetrantes olhos de aço de cinza e um rosto bonito demais para ser humano. Ele usava jeans e uma camiseta preta que revelava bíceps impressionantemente tensos e na sua mão direita segurava o capacete da moto.

— Então, Søren monta uma moto, — Wesley disse, sem saber por que isso foi a primeira coisa que saiu. — Por alguma razão, eu não estou surpreso.

Os olhos de Søren estreitaram e o canto da boca se contraiu com diversão. Ele jogou o capacete em uma cadeira e cruzou os braços sobre o peito largo.

— Olá, Wesley, — Søren disse e falou nenhuma outra palavra.

— Eu não vou dizer Olá a você. — Wesley respirou fundo e deu alguns passos para mais perto. — Nós não somos amigos. Isto não vai ser uma conversa amigável.

Søren olhou para ele por um momento e Wesley sentiu-se a ser avaliado nos olhos do padre. Por mais de dois anos, Wesley tinha se perguntado sobre Søren. Como ele se parecia, como ele agia, o que diabos Nora via nele? Agora,

o próprio homem estava na frente dele. E foi isso que Wesley viu. Um homem mortal, muito bonito, mas ainda apenas um homem.

— Nós não somos amigos, não. — Søren disse as palavras com um ar magnânimo. — Mas devemos ser inimigos?

Wesley convocou toda a sua coragem.

— Você bateu em Nora. Você bateu nela com frequência. Você torceu seus pulsos. Você machucou as costelas dela. Você já fez coisas que ela nem sequer me disse. Sim, Søren, eu acho nós vamos ser inimigos.

Søren não parecia estar ao menos surpreendido ou intimidado pelas palavras de Wesley. Na verdade, ele parecia quase satisfeito.

— Eu sou um pacifista, Wesley. Não tenho nenhum interesse em entrar em qualquer tipo de luta com você. Eu acho que Eleanor nunca iria se recuperar do ataque de riso que teria se ela descobrisse que tinham brigado por ela.

— Onde está Nora afinal? — Wesley exigiu. — Eu vim para vê-la, não falar com você. Você é a última pessoa no mundo com quem eu quero falar.

O insulto não parecia registrar. O homem era uma parede que nada poderia penetrar.

— Ela está no norte do estado com dois amigos durante verão. Eu não vou te aborrecer com os detalhes do por que, mas ela está muito contente, eu lhe garanto. Você se importa de me dizer o que você está fazendo na casa de Eleanor?

Wesley não respondeu ao primeiro. Ele virou as costas para Søren e pesou quanto dizer ao homem.

— Ela não está, — Wesley disse finalmente.

— Perdão?

Wesley se virou e olhou para Søren.

— Ela não está contente. Eu não acredito nisso, e algo me diz que você também não.

— Você não respondeu a minha pergunta. O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui. — Wesley tirou as chaves do bolso. — Eu ainda tenho uma chave. Esta era a minha casa com Nora. O que você está fazendo aqui?

— Kingsley tem a casa alarmada enquanto ela está no norte do estado. Alarme silencioso. Você tropeçou nele quando você entrou. Eu estava nas proximidades e vim para investigar.

O estômago de Wesley deu um nó.

— Alarme? Este é um bairro muito seguro. Por que você colocou alarme na casa de Nora quando ela nem está mesmo aqui?

Søren não respondeu e o silêncio assustava mais do que qualquer explicação.

— Coisas estão acontecendo, — Søren disse finalmente.

Wesley deu uma risada curta, vazia.

— Bem, isso explica tudo. Obrigado por isso, Padre Stearns.

— Seu arquivo foi roubado do escritório do Kingsley. Esse arquivo continha tudo o que há para saber sobre ela. Nós não sabemos quem roubou. Nós não sabemos por que alguém iria assumir tal risco.

A raiva de Wesley virou temor.

— Seus idiotas, você e Kingsley. Você mantém ela segura ou você vai se ver comigo. E eu sei que não estou a assustá-lo, mas eu vou assustá-lo se eu tiver. Agora eu acho que vou indo. Tenho que correr para o norte do estado

para encontrar Nora e certificar-me de que ela está bem. — Wesley dirigiu-se para a porta, sabendo que teria que passar a barreira Søren. Em seu humor, ele adorou a ideia. — Alguém tem, obviamente, você não dá a mínima sobre ela.

Wesley foi para a diferença entre o corpo de Søren e a soleira da porta, uma lacuna apenas grande o suficiente para ele passar. Mas o braço de Søren de repente bateu contra a soleira barrando o caminho de Wesley.

Um raio gelado de medo correu para a boca do estômago de Wesley quando Søren virou brutalmente os olhos frios em cima dele.

— Wesley... — Søren disse o seu nome com a sugestão inconfundível de ameaça em sua voz. — Eu disse que eu não quero que sejamos inimigos. Para seu próprio bem, eu sugiro ajustar o seu tom.

Wesley não podia encontrar seus olhos, não iria encontrá-los. Ele olhou para além de Søren e para o corredor. Lá fora, ele podia ver o contorno fantasmagórico de Nora caminhando no corredor de pijama de pinguim com o cabelo molhado em um coque e uma xícara de chocolate em sua mão. Sua Nora... sua melhor amiga... a mulher a quem ele teria dado tudo.

Uma vez ele ofereceu-lhe cada centavo que tinha e ela recusou. Talvez ele oferecesse novamente e desta vez ele dissesse exatamente quantos milhões de moedas de um centavo ele tinha. E então seria ele e ela e cacau e pijama de pinguim e jogos de Battleship e piadas estúpidas sobre druidas para o resto de suas vidas.

— Eu a amo, — Wesley sussurrou. — Eu a amo mais do que minha própria vida, e você... — Ele finalmente encontrou os olhos de Søren. — Você machuca-a.

Søren assentiu.

— Eu faço.

— Você bate nela. Você faz coisas para ela que vira o meu estômago.

— Eu sei que vira, Wesley. — Søren falou as palavras com tal simpatia que o nó na garganta de Wesley se apertou.

Wesley deu um passo para trás.

— O que? Você não vai se defender? Justificar? Dizer-me que é o que Nora gosta? O que ela quer?

Søren sacudiu a cabeça.

— Claro que não. Não preciso, depois de tudo. Você sabe tão bem como eu, que ela adora estar comigo, ama o que eu posso dar. Ainda mais, ela precisa disso.

Wesley puxou-se em toda sua altura de 1,82m e ainda assim Søren o ofuscava. Mas o que lhe faltava em altura, tinha em juventude e raiva.

— Precisa disso? Ela não precisa ser agredida. Ninguém precisa disso. Você a treinou, mexeu com sua mente, a fez pensar que é assim que o sexo é suposto ser.

— Então você, um virgem, vai ensinar a Eleanor como o sexo deve ser?

Os cinco dedos da mão direita de Wesley lentamente se fecharam em um punho apertado. O que ele não daria para ser capaz de quebrar aquele belo rosto que o encarava com tal arrogância, altivez, tal...

— Eu faria muito melhor do que um doentio padre católico sádico que não pode sequer segurar sua mão em público.

Algo nos olhos de Søren se encolheu... só um pouco, apenas o suficiente para Wesley ver que finalmente mexeu com ele.

Wesley esperou. Søren não disse mais nada.

— Eu a ajudei a pintar este quarto, você sabia? — Wesley assentiu com a cabeça nas paredes. — Mover os móveis, colocar os panos... Nós pintamos o dia todo. Levou três camadas para ter as paredes vermelhas como ela queria. Essa impressão sobre a cama? Eu pendurei para ela. Ela passou uma sólida hora tentando decidir onde ela a queria exatamente. Nós reorganizamos os móveis aqui até depois da meia-noite. Então, nós comemos pizza a uma hora da manhã. E sabe o que ela disse depois de tudo isso? Sabe?

Søren olhou para ele.

— Não.

— Ela disse, “Wes, eu não sei o que eu faria sem você. Espero nunca ter que descobrir” — Wesley sorriu para Søren. — Levou quatro meses, mas nós repintamos todos os quartos desta maldita casa. Repintamos, reorganizamos os móveis... Esta era a nossa casa. Minha e dela. Eu sei que ela ia sorrateiramente até a reitoria às vezes e deixava que você se lamentasse para ela por uma noite. Mas eu tive-a o resto do tempo. Eu cozinhei o café da manhã. Eu respondi ao correio dos fãs. Eu coloquei-a na cama quando ela adormeceu em sua mesa de trabalho. Eu esfreguei suas costas quando ela estava ferida de excesso de trabalho. E quando ela ficava toda ansiosa por você, era na minha frente que ela chorava. Não, ela e eu nunca tivemos sexo. Isso é verdade. Mas tivemos amor, o verdadeiro amor que não tira nada de nós, que não nos machuca ou quebra-nos. Eu a amava sem machucá-la. Você me perguntou se eu, um virgem, poderia ensinar-lhe o que o sexo deveria ser? Não, claro que não. De jeito nenhum. Mas pelo menos eu posso ensinar-lhe como o amor deve ser. E ela sabe disso também.

— Ela sabe agora?

Wesley sorriu.

— Viu seu novo livro ainda? Leia a página da dedicatória. Em seguida, você verá porque eu digo que ela não está tão contente como você quer fingir que ela está...

Wesley levantou o queixo e deu a Søren o olhar mais longo, mais frio que ele poderia convocar. Søren somente olhou de volta, seu olhar um segundo mais longo e um grau mais frio. Suspirando, Wesley desistiu e cedeu.

— Seja o que for, — disse ele. — Como você se importasse. Estou fora. Tenha um bom passeio de moto de volta para sua igreja, onde você pode se divertir fingindo ser algum tipo de santo que todos sabemos que você não é.

Desta vez, quando Wesley empurrou através do espaço, Søren deixou-o passar. Wesley deu cinco passos no corredor quando ouviu seu nome.

— O quê? — Perguntou Wesley, girando ao redor.

— Wesley... — Søren deu-lhe um olhar que aterrorizou Wesley mais do que qualquer olhar escuro, frio que Søren já tinha jogado nele. Este olhar era quase, Wesley procurou para a palavra correta, humilde. — Por favor, Wesley. Eu preciso pedir um favor a você.

O dinheiro recebeu Suzanne quando ela virou para a calçada arborizada que levou a uma grande mansão estilo Federal de três andares. Ela estacionou o carro, foi até a porta da frente e tocou a campainha. Um menino com cerca de dez anos, com largos olhos violeta abriu.

— Olá? — Disse Suzanne, não sabendo mais o que dizer.

O menino virou a cabeça de volta para a casa.

— Mãe! — Ele gritou e correu até as escadas, deixando a porta da frente escancarada. Uma mulher veio pelo corredor com uma toalha na mão dela. Ela usava uma camisa masculina de estilo branco e jeans. Listras pretas cobriram a camisa. Seu cabelo vermelho estava preso em um rabo de cavalo e uma mancha escura de sujeira adornava seu rosto como uma contusão.

— Andrew, obviamente, não tem um futuro como um porteiro, — disse a mulher, sorrindo a Suzanne.

— Ele tem bons pulmões embora. Talvez um locutor?

— Possivelmente. Como posso ajudá-la? — Perguntou a mulher.

Suzanne exalou pesadamente e procurou as palavras. Ela decidiu simplesmente ir com a verdade e ver onde isso a levava.

— Meu nome é Suzanne Kanter. Eu sou uma repórter. E eu estou investigando o seu irmão. Você vai responder a algumas perguntas?

As mãos de Elizabeth apertaram a toalha. De acordo com os registros de Suzanne, Elizabeth tinha uns meros quarenta e oito, embora seu rosto

parecesse muito mais jovem, as veias em suas mãos a envelheciam muito além daqueles anos.

— Venha para a estufa, — Elizabeth disse finalmente. — Os garotos nunca vão lá. Seremos capazes de falar em privado.

Uma vez no interior da estufa, Elizabeth entregou a Suzanne uma espátula e, juntas, plantaram minúsculas plântulas em grandes potes de barro.

— Investigando o meu irmão? — Perguntou Elizabeth. — Eu quero saber por quê?

— Ele pode ser bispo da diocese. O padre mais jovem dez anos na curta lista.

Elizabeth somente bufou uma risada enquanto ela esfaqueava a espátula na sujeira preta.

— Eu recebi uma denúncia anônima sobre ele, — Suzanne continuou. — A lista de nomes dos padres na curta lista. Seu nome tinha um asterisco ao lado e uma nota que disse ser possível um conflito de interesses. Não é muito, eu sei. Mas tenho a sensação de que ele tem segredos. Talvez uns perigosos.

— Meu irmão tem segredos em cima de segredos. Ele tem segredos que ele pode até não saber que ele tem. — Elizabeth pegou uma plântula, tirou algumas folhas e colocou-a em um buraco na sujeira. — Por que você acha que eu iria saber?

— Kingsley Edge... ele me disse para lhe perguntar se eu quisesse saber a respeito do Padre Stearns. Eu pensei em falar com Claire. Ela parece interessante.

Elizabeth revirou os olhos.

— Você não vai conseguir nada com Claire. Ela está apaixonada por nosso irmão. Tem estado toda a nossa vida. Ele absolutamente pendurou a lua para ela. Quando ela imagina Deus, ele se parece com o nosso irmão.

— Isso soa... doentio.

— Não insalubre. Apenas excessiva. Ela não cresceu com ele do jeito que eu fiz. Eu não estou dizendo que ele é uma pessoa má. Ele não é. Ele é quase tão digno de sua adoração enquanto ela pensa que é.

— Mas só quase? — Suzanne impeliu.

Elizabeth exalou e pousou espátula de lado.

— Senhora Kanter...

— Você pode me chamar de Suzanne.

— Suzanne... quando você me diz que está investigando o meu irmão, um padre católico, eu tenho que assumir que você está procurando evidências de abuso sexual. Sim?

Suzanne não objetou.

— Sim. É realmente a única coisa que me preocupa.

— Atinge perto de casa, não é?

Abrindo a boca, Suzanne fez uma pausa antes de fechá-la novamente.

— Sim. Meu irmão foi uma vítima. Ele se matou há alguns anos atrás. Eu acho que é por isso que quem enviou essa dica me escolheu. Eles sabiam que eu não iria parar de procurar até encontrar a verdade.

— Oh, Deus, a verdade. Não há nada no mundo mais enganoso do que a verdade. A verdade, Sra Kanter, Suzanne, é que eu conheço o meu irmão. Eu sei quem ele é. Eu sei o que ele é. E eu disse a ele anos atrás, que se ele alguma vez seguisse os passos do nosso pai, se ele alguma vez ferisse uma

criança, se ele alguma vez se aproveitasse de alguém em sua congregação... bem, eu teria certeza de que ele compartilharia o destino de nosso pai. E eu não perderia uma piscadela de sono por causa disso.

Elizabeth pegou na espátula novamente e esfaqueou-a profundamente na terra muito mais forte do que necessário.

Olhando, Suzanne não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Elizabeth Stearns apenas tinha confessado ter assassinado o pai? Não... certamente não. Ela não devia ter dito exatamente isso. Suzanne engoliu enquanto pegava outra plântula e cuidadosamente limpou as raízes.

Elizabeth olhou para Suzanne. Um silêncio pairava alto e pesado entre eles. Ambas as mulheres esperaram... Elizabeth quebrou primeiramente.

— Eu tinha oito anos quando o nosso pai veio ao meu quarto pela primeira vez.

Suzanne respirou fundo e cobriu a boca com a mão enegrecida pela sujeira.

— Eu sinto...

— Muito, sim. Eu sei. Todo mundo sente. Especialmente meu falecido pai atualmente ardendo no inferno. Ele está muito triste agora.

— Você tinha apenas oito anos de idade. Será que o seu irmão sabia sobre isso?

Elizabeth balançou a cabeça.

— Não. Pai mandou-o para algum colégio interno na Inglaterra. Queria que o único filho tivesse uma boa educação britânica como a que ele tinha. Felizmente meu irmão foi expulso de seu bom internato Inglês e enviado de

volta para nós. De outra forma as atenções de meu pai a mim teriam durado por mais anos do que duraram.

— Expulso? O que aconteceu?

Elizabeth riu, uma resfriada risada, sem alegria.

— Quando você conheceu meu irmão pela primeira vez, você estava com medo dele?

— A primeira vez? — Suzanne riu friamente. — Eu ainda tenho medo dele.

— Sim, bem, ele sempre foi assim. Sempre. Como um menino na escola... Eu não sei. Eu só ouvi trechos da história. Internatos ingleses eram notórios naquela época. Os rapazes mais velhos, os prefeitos ou o que eles eram chamados, usavam os meninos mais novos.

Da maneira como Elizabeth pronunciou a palavra usavam, Suzanne não tinha que pedir a ela para esclarecer.

— O que aconteceu?

— Um desses prefeitos aparentemente cometeu o erro de tomar um interesse por meu irmão quando ele tinha apenas cerca de dez anos. Ele estava dormindo em sua cama no dormitório quando o garoto mais velho veio até ele. Mas o meu irmão estava esperando por ele. Sono leve. O garoto mais velho passou seis semanas no hospital antes de morrer de uma infecção provocada por suas lesões.

Suzanne engasgou e quase deixou cair a plântula em suas mãos.

— O padre Stearns matou um menino?

— Menino? Eu suponho. O garoto mais velho tinha quinze anos. E tinha a reputação de ser o pior dos criminosos na escola. A escola sabia disso.

Ninguém fez queixa contra o meu irmão. Eles cobriram tudo e mandou-o de volta para casa para nós.

Suzanne afastou-se da mesa, da terra escura e das plântulas. Padre Stearns, um menino de apenas dez anos tinha, batido e posteriormente, matado um de menino de quinze anos em sua escola...

— Lembro-me de ouvir o nosso pai contando a história a minha mãe. Esse monstro estava orgulhoso do meu irmão. Dez anos e o meu irmão bateu em um menino cinco anos mais velho e 22kg mais pesado. Orgulhoso. O meu pai estuprador, orgulhoso de seu filho por matar um pedófilo. Oh, a ironia. Eu vou contar mais se você prometer que pode lidar com isso, se você prometer que fica fora do registro. Eu tenho dois filhos. Eu não quero que esse pesadelo toque em outra geração.

Suzanne virou-se e ela imediatamente se arrependeu.

— Tem mais?

Elizabeth ergueu o queixo em uma espécie de desafio, quase desafiando Suzanne dizer a ela para parar ou para ir embora. E ela teria... deveria. Mas ela não podia.

— Diga-me, — disse Suzanne.

Elizabeth pegou o regador, encheu novamente e começou a fazer um circuito da estufa.

— Eu estava escondida fora do escritório do meu pai quando eu o ouvi contar a minha mãe essa história, a história do meu irmão, o sono leve, meu irmão que quase matou um menino com as próprias mãos. E então o meu irmão chegou em casa. Eu não o tinha visto por dois anos.

— Como foi? Vê-lo novamente depois de todo esse tempo?

— Estranho. Embaraçoso. Ele não parecia ser o meu irmão. Ele tinha apenas onze anos, um ano mais novo que eu, mas parecia muito mais velho. Ele era um belo bastardo mesmo nessa altura. E tão calmo, inacessível. Ele assustou o inferno fora de mim. Eu pensei que ele podia me matar do jeito que ele fez com aquele menino. De fato, — Elizabeth fez uma pausa para respirar — eu queria que ele me matasse.

O calor da noite de agosto na estufa era tão opressivo que Suzanne achava que ela ia desmaiar. Mas quando Elizabeth falou essas últimas palavras, ela sentiu frios arrepios correr através do corpo.

— O que você fez? — Perguntou Suzanne. Algo lhe dizia que era a coisa certa a perguntar. Não "O que aconteceu?" Ou "O que você quer dizer?". Elizabeth, claramente, tinha feito alguma coisa.

Elizabeth levantou o regador e polvilhou uma grande rosa branca.

— Durante dias, após o meu irmão voltar da Inglaterra, eu tinha as palavras do meu pai tocando em meus ouvidos... seu filho Marcus... sono leve... quase matou o menino que havia tocado ele...

O estômago de Suzanne começou a despencar.

— Eu... — A voz de Elizabeth vacilou pela primeira vez. — Mãe e Pai tinham ido embora. Longe em uma viagem de negócios dele. Fui ao quarto do meu irmão à noite. Ele estava dormindo. Eu removi o cobertor...

Suzanne viu os olhos de Elizabeth ficar em branco e vazios, como se sua mente tivesse deixado o presente e viajado para longe, de volta para o passado.

— Bonito bastardo, — Elizabeth disse novamente. — Eu acho que foi a primeira vez na minha vida, que eu lembro, de me sentir atraída por alguém.

Eu não conseguia parar de tocar seu rosto. Bem, você já o conheceu. Você deve saber como é estar perto dele, ser atraída para ele...

— O que você fez? — Suzanne repetiu a pergunta.

Elizabeth suspirou, quase melancolicamente. Quando ela falou novamente foi em uma voz vazia, distante. O sol começou a desaparecer e sombras penetrarem na estufa.

— Eu me pergunto... — Elizabeth começou e parou. — Eu me pergunto como foi para o meu irmão, acordar e encontrar-se dentro de sua própria irmã.

— Oh, Deus. — Suzanne deixou escapar as palavras enquanto empurrava as duas mãos fortemente em seu estômago para se firmar.

— Fiquei esperando... — Elizabeth continuou. — Eu pensei que a qualquer momento ele iria se virar contra mim, me bater, me matar como tinha matado aquele garoto em sua escola. Mas não foi isso que aconteceu. Não foi nada disso.

Uma onda de náusea passou por Suzanne. Ela agarrou a mesa e respirou pelo nariz, orando para que a doença passasse. Padre Stearns... aos onze anos... tinha sido violado pela própria irmã mais velha dele.

— Eu queria que ele me matasse como ele tinha matado aquele rapaz na Inglaterra. Foi por isso que aconteceu na primeira noite.

Suzanne ficou de pé novamente.

— Na primeira noite? Isso aconteceu mais do que uma vez?

Elizabeth balançou a cabeça lentamente.

— Eu disse a você, mãe e pai tinham ido embora. Tínhamos a casa para nós. Sem supervisão. Nós estávamos tão danificados que nem mesmo percebemos que o que estávamos fazendo era errado.

Algo na voz de Elizabeth traiu a terrível verdade de que ela ainda não tinha chegado perto do final da história. Suzanne queria virar a cabeça e vomitar, queria pegar tudo que tinha ouvido, tudo o que ela agora retratava em sua cabeça e vomitar cada horrível imagem. O corpo do garoto respondendo em seu sono, a irmã desesperada para encontrar a paz na morte, a percepção de que eles tinham ido longe demais para voltar atrás, arderam em sua mente. Mas Suzanne sabia, por todo o tempo que ela vivesse, ela teria as palavras de Elizabeth estampadas em sua memória para sempre.

Ela nunca poderia voltar atrás. Então ela tinha que ir em frente.

— O que aconteceu depois? — Suzanne perguntou, não querendo, mas a necessitando de saber. — Como terminou?

— Pai, é claro. Mãe e pai tinham ido embora para a Europa em negócios durante um mês. Eu acho que ele queria me levar com eles, mas minha mãe... ela deve ter começado a pegar o interesse dele por mim. Ela insistiu em irem sozinhos. Uma segunda lua de mel. Enquanto isso, meu irmão e eu nos envolvemos em atos tão depravados que eu nem consigo mesmo me lembrar de participar deles. Vejo-os acontecendo, — Elizabeth fechou os olhos e levantou a mão — lá. Como se alguém tivesse feito eles e eu apenas assisti. Você deve saber que eu fui tão culpada quanto ele. Ainda mais, na verdade. Eu comecei. Ele era virgem até eu começar. Mas, mesmo naquela tenra idade, ele tinha uma impressionante imaginação.

Suzanne engoliu a bile na parte traseira de sua garganta enquanto Elizabeth abria os olhos e baixava a mão.

— Estávamos juntos na biblioteca do pai. Um dos nossos lugares favoritos. Mãe e pai chegaram em casa da sua viagem um dia mais cedo do que tínhamos esperado. Mãe, exausta, foi direta para a cama. Pai foi para o escritório trabalhar. Ele encontrou-nos... juntos.

Elizabeth parou de falar por um momento. Olhando através das paredes de vidro da estufa, ela estudou o sol poente. Suzanne não podia começar a imaginar os pensamentos dela, e orou que ela nunca soubesse o que a irmã de Padre Stearns via na memória.

— Eu nunca vi tanta fúria, — Elizabeth finalmente falou. — Tanta raiva. Pai nem sequer parecia humano. O meu irmão e eu o chamamos de monstro. Não o fazemos de ânimo leve. Ele se tornou uma besta naquele dia. Ele puxou o meu irmão fora de mim e atirou-o contra a parede. Eu nunca vou esquecer o sangue no papel de parede, vermelho no amarelo. E ele me empurrou para o chão no meu estômago. Ele estava falando, mas pela minha vida eu não consigo lembrar o que ele disse. Eu não quero me lembrar.

— Estou feliz que você não lembre, — Suzanne sussurrou.

— Ele começou a me estuprar, para voltar a marcar seu território suponho. Eu acho que ele pensou que tinha deixado o meu irmão inconsciente. Mas então eu ouvi um baque. O mais belo som que eu tinha já ouvido na minha vida.

— O que era?

— O meu irmão bateu no meu pai com um atizador de lareira. Não o nocauteou, infelizmente. Mas o impediu tempo suficiente para que eu me

puxasse de debaixo dele. A raiva do meu pai, em seguida, foi além do que eu tinha visto antes. Ele agarrou o meu irmão e jogou-o no chão. Com o atizador, ele quebrou o antebraço do meu irmão. Eu ouvi um estalo.

Suzanne cobriu o rosto com uma mão. Ela encontrou um banco solitário e sentou-se nele, incapaz de ficar de pé.

— Pai agarrou o meu irmão por seu braço quebrado e o arrastou para uma posição sentado. Amarrou-o a uma cadeira. O braço do meu irmão... ele apenas balançava ... tão sem vida. Eu me lembro de pensar, é estúpido, mas eu realmente pensei, “Oh, não. Ele nunca mais vai tocar piano de novo”. Loucura, as coisas que vêm à mente em momentos como aquele. Nunca mais tocar piano de novo? Pai ia matá-lo.

— Matá-lo? — Suzanne sabia que ela soou como um idiota, repetindo perguntas de Elizabeth. Mas o choque e a doença tinham tirado seus poderes de expressão, tornando ela quase muda de horror.

— Lembro-me dele dizendo isso. “Você está morto, Marcus. Você está morto...”. Quando ele tinha o meu irmão amarrado na cadeira, ele veio atrás de mim novamente. Queria que o meu irmão assistisse enquanto ele me estuprava. Mas eu não podia deixar isso acontecer. O estupro, tudo bem. Claro. Aconteceu antes. Mas eu não podia deixá-lo matar o meu irmão. Eu o amava. De um jeito doentio, danificado, quebrado... Eu o amava. Nós éramos tudo o que tínhamos um ao outro. Então, eu peguei no atizador, e com tudo em mim, eu bati na cabeça do meu pai. E, meu Deus, ele caiu com força. Tão duro e tão rápido, que eu ri. Eu acho que foi a risada que chamou a atenção de minha mãe. Eu simplesmente não conseguia parar de rir...

— Sua mãe, ela encontrou você?

Elizabeth assentiu.

— Ela irrompeu na biblioteca, viu a filha dela quase nua e sangrando, meu irmão quase sem respirar e amarrado a uma cadeira e meu pai em uma pilha de sangrenta de monstro no chão. Ela não podia negar mais o que vinha acontecendo sob seu nariz. Ela me tirou e ao meu irmão da casa. Levou-o para o hospital e deixou-o lá.

— Deixou-o? Ela simplesmente o deixou?

— Ele não era filho dela. Ela sempre o odiou um pouco. Ela poderia ter virado um olho cego para um caso, até mesmo um que produziu um bastardo. Mas, forçá-la a tratá-lo como um filho? Ela nunca perdoou meu pai por isso. Se apenas tivesse sido o pior de seus pecados.

— Se apenas...

— Então ela deixou o meu irmão no hospital e fugiu comigo. Divorciou-se de meu pai depois. Isso foi nos anos sessenta. Ela não podia suportar deixar a nossa roupa suja em público. Assim, nenhuma acusação foi feita e repartiram os ativos em partes iguais. E a ativos eram e são consideráveis. Mesmo depois de dividir tudo a meio, ambos eram pessoas extremamente ricas.

— O que aconteceu com seu irmão? — Suzanne perguntou, embora soubesse parte da resposta. — Ele foi enviado para a escola, certo?

Elizabeth assentiu.

— Eu suponho que quando meu pai voltou, lembrou-se que o meu irmão era o seu único filho e herdeiro. Mas ele se recusou a ter o meu irmão por perto, então ele foi enviado para um colégio. Colégio St. Ignatius, acho que

era assim que era chamado. Algum colégio Jesuíta para meninos no Maine. No meio do nada. De difícil acesso mesmo com bom tempo.

— Soa como uma prisão.

— Algo parecido. Acho que o meu pai tinha medo do meu irmão, medo de possíveis retribuições. Ele estava errado em estar, é claro. O meu irmão não é nenhum assassino. O meu pai temia a criança errada.

Suzanne ouviu um sorriso de satisfação na voz de Elizabeth.

Ela não falou. Embora jovem, Suzanne tinha sido uma repórter por tempo suficiente para saber que ela teria a verdade apenas quando ela parava de fazer perguntas.

— Estou feliz que ele foi para St. Ignatius, — Elizabeth continuou. — Ele estava feliz lá, aparentemente. Converteu-se ao catolicismo. Aprendeu uma dúzia ou mais de línguas dos padres que ensinavam lá. Conheceu Kingsley.

Suzanne sorriu porque sabia que Elizabeth esperava que ela fizesse.

— E a irmã de Kingsley, certo? — Suzanne incitou.

— Ah sim. A esposa do meu irmão. Nunca a conheci. Eu descobri sobre o casamento só depois que a menina tinha morrido. Ele fez isso por dinheiro, é claro.

— Dinheiro?

— O fundo fiduciário. O meu irmão e eu tínhamos fundos fiduciários criados pelos nossos pais. Nós iríamos receber uma enorme soma aos 25 ou mais cedo, se...

— Se você se casasse.

Elizabeth assentiu.

— Eu acho que o meu irmão só queria ajudar Kingsley e a irmã a ficar juntos nos Estados Unidos. Ambos estavam sem dinheiro, realmente. Não terminou bem, como você sabe. Suponho que foi o melhor. O meu irmão estava destinado para o sacerdócio.

— Ele parece ter encontrado sua vocação.

— É uma coisa linda, ter um padre como irmão. É muito bom ter alguém na que família que pode absolver todos os seus pecados e é obrigado a manter seus segredos até mesmo das leis do homem. Meu irmão... ele teve que absolver-me por tanto.

Elizabeth virou os olhos violeta para Suzanne. Neles, Suzanne viu a verdade, ouviu a verdade, finalmente compreendeu a verdade.

Elizabeth Stearns tinha matado seu pai. E seu irmão sabia disso.

E para Suzanne, um padre que havia absolvido sua própria irmã do pecado de assassinato e manteve sua confissão em segredo mesmo da polícia...

— Isso soa como um conflito de interesse para mim, — disse Suzanne. — Um irmão ouvindo a confissão da irmã.

— Suponho que seja. Mas talvez você tenha sua resposta agora.

— Talvez eu tenha. — Suzanne levantou-se do banco com os pés instáveis. Ela tinha que sair de lá agora. Ela sabia o que tinha que fazer, quem ela tinha que ver, o que ela tinha que dizer. E ela precisava fazer isso esta noite. — Eu preciso ir. Obrigada pelo seu tempo.

— Claro. Qualquer coisa por meu irmão. Espero que você entenda-o um pouco melhor agora. Se você está procurando um padre predador sexual,

você não vai encontrá-lo no Sagrado Coração. O meu irmão sabe melhor do que isso. Ele teria que responder a mim.

Suzanne deu Elizabeth um sorriso tenso.

— Não, eu tenho certeza que você está certa. Depois do que aconteceu com o meu irmão, eu posso certamente simpatizar com o que você sente e com o que, — Suzanne escolheu as palavras com cuidado, — com o que você fez. Estou contente por seu irmão ter absolvido você. Se faz você se sentir melhor, eu teria absolvido você também. Se eu acreditasse nisso.

Elizabeth pegou na espátula de novo e começou a cavar mais uma vez na terra, desta vez com um toque muito mais suave.

— Eu vou embora. Eu prometo tudo isto não foi gravado.

— Obrigado, sra. Kanter. Por favor, tenha uma viagem segura para casa.

Suzanne foi para a porta, mas parou antes de ela tocar a maçaneta.

— Você não o chama de Marcus? — Perguntou Suzanne. — Você chama-o de “meu irmão”. Por quê?

— Ele odeia o nome Marcus. É o nome de nosso pai.

— Obrigada. Eu só estava curiosa. Boa noite.

Suzanne estendeu-se mais uma vez para a maçaneta da porta e parou.

— Eu acho que entendo algo que você não entende, — Suzanne disse enquanto ela se lembrou de algo que Elizabeth tinha dito anteriormente. — Sobre o seu irmão não acordar da forma como você pensava que ele iria.

Elizabeth somente olhou para ela e não disse nada.

— Você queria que ele acordasse naquela noite e a matasse como ele matou o garoto que o atacou na escola enquanto dormia. Mas ele não o fez.

Porque ele estava dormindo pesadamente. E ele estava dormindo pesadamente porque ele estava em casa. E ele pensou que estava a salvo.

Mesmo sob a luz baixa Suzanne podia ver os olhos de Elizabeth endurecer como duas brilhantes ametistas.

— Ele deveria ter sabido melhor do que isso. Ninguém está a salvo.

Michael nunca se sentira tão seguro em sua vida. Uma sensação estranha, considerando a agonia que ele vinha estando nas últimas duas horas enquanto Spike, a artista de tatuagens de cabelo roxo, perfurava profundamente tinta preta em sua pele danificada. Mas a dor centrou-o, acalmou-o do jeito que a dor sempre fazia. Mas ainda mais do que a dor, as mãos fortes de Griffin sobre ele, segurando-o constantemente, levou Michael para um paraíso dentro de si mesmo que ele nunca tinha estado antes. Nora sentou-se no sofá trabalhando em suas edições. Spike cavava em seus pulsos com a agulha zumbindo. Mas ninguém no mundo existia, somente ele e Griffin.

A cada poucos minutos, Spike fazia uma pausa e enchia a agulha com tinta. Griffin soltava o controle sobre os antebraços de Michael e oferecia-lhe um copo de água ou perguntava se ele precisava de uma pausa. A dor atingiu seu pico e suor escorria pela testa de Michael. Griffin pediu uma pausa, limpou o rosto de Michael e deixou-o respirar por alguns minutos antes de Spike começar novamente. Em nenhum momento Griffin perguntou se ele precisava ou queria parar. E por alguma razão a fé de Griffin em sua capacidade de suportar a dor significava mais para ele do que qualquer coisa.

— É isso aí, companheiro, — disse Spike, recostando-se na cadeira e esticando as costas. — Feito, tanto quanto podemos fazer esta noite. Deixe curar. Seis semanas, vamos fazer retoques.

Michael voltou os olhos de Griffin para os próprios pulsos. Durante todo o calvário ele manteve o olhar no rosto de Griffin e não na agulha de Spike. Ele odiava ver suas próprias cicatrizes, odiava a memória daquele momento de desespero e idiotice que levou a elas. E ele ainda tinha que encontrar qualquer coisa ou qualquer pessoa no mundo que preferisse olhar do que Griffin. Mas agora ele olhava para seus pulsos e inalou ao vê-los, e não com desgosto como tinha feito todos os dias durante os últimos três anos, mas com reverência.

— Uau... — ele respirou. — Spike, é...

— Porra de bonita, — Griffin disse, tocando suavemente a pele ao redor das bordas das tatuagens cruas e ainda sangrando.

Elas eram bonitas, suas asas negras que cobriam o interior de ambos os pulsos. De alguma forma, Spike tinha conseguido criar a ilusão de bordas de penas delicadas da carne e tinta. E as cicatrizes... elas se foram. O corpo de cada tatuagem cobria completamente a raiva, os restos da tentativa de suicídio de Michael.

Griffin levou as duas mãos de Michael nas dele e empurrou seus pulsos recém-tatuados juntos, lado a lado, criando uma envergadura.

— Lindas, Mick. Elas são lindas. — Griffin apertou os dedos de Michael.

— Assim como você.

A dor da sessão de tatuagem de duas horas já tinha puxado Michael para o próprio limite da excitação. E as mãos de Griffin sobre ele, a fome no tom dele fez Michael dolorosamente consciente de um lado de seu corpo que doía mais do que o sangramento nos pulsos.

— Eu já volto, — disse Michael e puxou as mãos para longe de Griffin. Ele quase saiu correndo da sala e entrando no banheiro no corredor. De pé na pia, ele se curvou, abriu as torneiras e jogou água no rosto febril.

Ele não podia mais fazer isto. Durante dois meses, o seu desejo por Griffin tinha sido como as cicatrizes em seus pulsos. Algo que ele escondeu, algo que o envergonhou, algo que ele tinha medo de olhar. Mas esta noite na mesa, não foram apenas as cicatrizes em seus pulsos que tinham sido mudadas.

Michael amava Griffin. Ele sabia disso agora. E ele não tinha o caralho de ideia sobre o que fazer sobre isso.

— Anjo? — A porta do banheiro se abriu e Nora ficou olhando para ele com olhos preocupados.

— Nora... — Michael se levantou e ergueu as mãos numa espécie de rendição. — Nora... eu...

— Eu sei, Anjo, — disse ela. — Eu sei.

Ela fechou a porta atrás dela e estendeu a mão para ele, puxando-o para perto. Ele quase gemeu com o contato humano, o toque de sua mão em seu rosto, os lábios sobre sua bochecha. Ela alcançou entre eles e abriu o zíper de seu jeans enquanto Michael levantava sua saia.

Ele puxou a calcinha dela para baixo e empurrou dentro dela. Nunca antes ele tinha sido tão agressivo com Nora. Mas isto não era sobre sexo ou encenar ou S&M. Isto era sobrevivência. Ele empurrou asperamente enquanto ela gentilmente passava as mãos pelo cabelo e por suas costas.

Michael gozou rápido e duro, estremecendo contra Nora com o rosto enterrado na curva de seu pescoço.

— Eu não sei o que fazer, Nora, — ele sussurrou quando ele puxou para fora dela. — Eu não sei o que dizer. Ele vai me matar. O meu pai vai me matar. E a minha mãe, ela nunca vai olhar para mim novamente. Eu não sei...

— Você tem que dizer a Griffin, — disse Nora. — Você tem que conversar, Michael. Você tem que falar.

— Eu não posso, eu não posso. — Todo o corpo de Michael se paralisou da agonia da sua necessidade e seu amor. Seus joelhos se dobraram e juntos, ele e Nora, se afundaram no chão do banheiro.

— Você pode, Anjo. Você tem sido tão corajoso neste verão. Você já enfrentou tantos demônios. E eu estou tão orgulhosa de quem você é e em quem você está se tornando... Apenas diga. Diga-me o que você quer dizer a Griffin. Basta tirá-lo de dentro de você. Ninguém vai ouvir somente eu. Mas você tem que dizer isso para alguém. Basta falar, Anjo. Fale. O que você quer? Diga-me.

— Eu... — Michael começou e parou. Parecia uma tarefa hercúlea dizer o que sentia, o que ele queria mesmo para Nora.

— Michael, isso é uma ordem da sua senhora. Me diga o que você quer. Agora.

— Quero o Griffin. — As palavras saíram imediatamente. Ela o tinha treinado muito bem. — Eu quero tanto o Griffin que dói. Eu o amo, Nora. Eu nunca senti nada assim antes. E é absolutamente estúpido porque ele é rico e ele é perfeito e incrível e eu sou um ninguém. Eu sou um ninguém, e eu estou apaixonado por alguém com quem eu não posso estar. Ele é tão belo. Eu não posso parar de olhar para ele, eu não consigo parar de pensar nele. Eu sonho com ele à noite. E ele é a primeira coisa que penso quando eu acordo. E eu

quero tanto tocá-lo. Eu quero tocar seu rosto e a porra do cabelo perfeito dele. E seus lábios e seu peito e os braços e eu penso sobre aqueles braços ao redor de mim e é humilhante o quanto eu quero isso. E, Deus, eu quero viver em sua cama. Eu quero passar o resto da minha vida debaixo dele. Eu quero senti-lo em cima de mim e dentro de mim. E eu quero me submeter a ele. Eu quero ficar de joelhos na frente dele. Eu quero chamá-lo de senhor e usar a coleira dele e beijar a porra dos pés dele se ele me disser para fazer isso. E eu quero andar na rua mais movimentada de Nova York com ele, de mãos dadas, de modo que o mundo inteiro pudesse nos ver juntos e saber que eu pertenço a ele. Eu amo o Griffin, Nora. Estou apaixonado por ele. E eu não posso estar com ele. Mas isso é... isso é. — Michael virou a cabeça e enterrou-a um pouco mais fundo na fenda do pescoço e ombro de Nora. Ele queria ficar lá para que ele nunca mais tivesse que olhar para ela ou qualquer um nos olhos. — Você não vai dizer-lhe, você vai?

— Ela não precisa.

A voz de Griffin veio da porta do banheiro. Michael engasgou e olhou para cima. Nora se afastou o suficiente para virar a cabeça.

— Merda, — Michael respirou, seu coração congelando, seu estômago caindo, todo o seu corpo virando gelo.

— Você quis dizer isso tudo, não é? — Griffin perguntou, olhando para onde Michael se sentava em uma pilha de miséria no chão.

— Griffin, eu sinto muito. — Michael puxou seus joelhos apertados contra o peito. — Eu sinto muito. Esqueça que eu disse tudo isso. Eu apenas...

— Levante-se, — disse Griffin com uma inconfundível ordem no tom de voz.

Michael ficou imediatamente de pé.

— Estou lamenta... — Michael começou mas Griffin não o deixou terminar o pedido de desculpas.

Griffin esticou o braço e segurou o pescoço de Michael e puxou-o com força contra ele mesmo. Antes que Michael sequer soubesse o que estava acontecendo, a boca de Griffin estava na dele.

O beijo foi tudo o que Michael tinha sonhado. Poderoso, possessivo, inflexível. Griffin segurou o rosto de Michael em suas mãos, não dando a Michael nenhuma chance para escapar. Mas, quando a língua de Griffin procurou a dele, quando seus lábios se encontraram, Michael sabia que ele nunca quereria escapar.

Lentamente Griffin se afastou.

— Eu queria fazer isto desde o segundo que eu vi você, — Griffin respirava, pressionando sua testa na de Michael. — Eu nunca quis ninguém do jeito que eu quero você, Mick.

Michael não podia acreditar nas palavras.

— De jeito nenhum. Estive aqui dois meses. Se você me quisesse...

— O seu fodido padre me disse que se eu colocasse a mão em você, nunca mais me deixaria ver Nora.

Michael virou-se para enfrentar Nora, que assistia a ambos com um pequeno indício de diversões em seus lábios.

— Nora? Padre S disse...

— Ele tem os motivos dele, — disse Nora. — E sim, ele disse a Griffin que ele revogaria os privilégios dele do 8th Circle e o expulsaria da comunidade se ele tentasse alguma coisa com você. E ele não nos deixaria ver um ao outro de novo. Mas eu lhe disse antes, Griffin. Søren não é um monstro. Você pode falar com ele. Ligue para ele. Explique...

— Foda-se ligar para ele. E foda-se as explicações. Ele acha que é Deus para tomar decisões para nós. O que acontece comigo e Mick não é do negócio dele. E eu vou ir e dizer isso a ele. Agora mesmo.

Griffin pegou Michael mais uma vez e deu-lhe um beijo que deixou Michael ofegante e dolorido. Mas terminou muito rapidamente, Griffin arrancou-se para longe e saiu do banheiro.

— Griffin! — Nora gritou. Tanto ela e Michael quase tiveram que correr para manter-se com os passos longos e determinados de Griffin. — Uma tempestade está chegando. Você não pode esperar até amanhã? Basta usar o maldito telefone.

— Isso não será bom o suficiente para Søren, e você sabe disso, Nora. Quando fui até ele há seis anos e lhe disse que estava apaixonado por você, falar não foi bom o suficiente. Eu tinha que provar a mim mesmo. Eu fui um covarde para fazê-lo na altura. E eu não te amava o suficiente para ser um homem. Por Mick, eu vou. Apenas para mostrar aquele padre idiota justiceiro pretensioso de vocês que ele não é o único dom com bolas.

Michael olhou para Nora com abjeto terror.

— Griffin não vai lutar com Padre S, não é?

Nora sacudiu a cabeça.

— Não. Søren é um pacifista.

Michael cedeu com alívio. Tão forte e resistente e jovem como Griffin era, ele tinha a sensação que Padre S poderia limpar o chão com qualquer pessoa do planeta.

— Graças a Deus.

— Não, Søren não quer lutar contra Griffin. Ele quer quebrá-lo.

— Oh... — Michael assistiu Griffin desaparecer pelo corredor. — Porra.

Nora concordou.

— Meus sentimentos exatamente.

Michael esperou que Griffin reaparecesse de onde ele tinha ido. Talvez ele pudesse colocar algum sentido em Griffin. Lembrou-se da história que Griffin lhe tinha dito na manhã seguinte à sua primeira noite com Nora. Griffin tinha ido ao Padre S para pedir permissão para ficar com Nora. Padre S disse não até que Griffin estivesse disposto a submeter-se a real dor, ao real domínio. Griffin não foi capaz de passar por isso naquela época, não por Nora. Mas ele... por ele...

— Eu não posso deixá-lo fazer isto. É estúpido. Nós vamos descobrir alguma coisa, — disse Michael, desesperado para manter Griffin seguro. — Eu vou falar com ele. Vou falar com o Padre S. Ele...

O som de um motor rugindo interrompeu Michael e colocou um fim a todos os planos que ele tinha para parar Griffin de sua ideia ridícula de confrontar o Padre S.

— O que...

Nora suspirou.

— Isso seria uma monstruosa Ducati arrancando para fora da garagem,
— disse ela. — E em alta velocidade também. Ele vai ter uma porrada de bilhetes de velocidade, se ele não é cuidadoso.

— Nora... — Michael olhou para ela, seu estômago em um nó de dor e de esperança e tristeza e alegria em uma dorida, agitada bagunça.

Ela exalou e riu.

— Podemos não ter uma semana sem um grande drama por aqui? Venha comigo, Anjo. Eu quero te mostrar algo.

* * *

Suzanne dirigiu de volta para a cidade, mas não parou por aí. Ela continuou, continuou dirigindo e não parou até que ela chegou a Wakefield, Connecticut. Todo o caminho até lá, ela pensou sobre Søren, Padre Stearns, irmão de Elizabeth... Como eles todos podiam ser a mesma pessoa? Para Claire ele era o irmão mais velho ideal. Para Elizabeth era o símbolo da pior parte de sua vida. Para sua congregação ele era praticamente Deus encarnado. E para Nora Sutherlin ele era "amado". Mas que ela o amar não queria dizer que ele a amava de volta, e não da mesma maneira, talvez. Suzanne sabia que Patrick a amava, estava apaixonado por ela. Mas ela não sentia o mesmo.

Ou sentia?

Puxando seu telefone fora de sua bolsa, ela discou o número de Patrick. Ela quase riu com o alívio em sua voz quando ele respondeu.

— Suz. Droga. Onde você esteve? Está tudo bem?

— Está sim. Eu acho que sim. Melhor, de qualquer maneira. Você pode me fazer um favor? Eu estou dirigindo e eu preciso procurar algo.

— Certo. Qualquer coisa.

— Você pode ver se uma mulher chamada Elizabeth Stearns de New Hampshire tem qualquer tipo de registro criminal?

— Google não vai ajudar muito com isso. Deixe-me chamar meu amigo NYPD. Ele pode procurar.

Suzanne desligou e esperou. Mas ela não teve que esperar muito tempo.

— Então? — Ela disse quando ela atendeu.

— Presa por suspeita de homicídio. O Pai caiu morto vários lances de escadas abaixo. Ele era notoriamente saudável e viril para um velhote, então ninguém acreditava que ele tinha somente caído.

— Nada de convicção?

— Não. Sem testemunhas. Provas irregulares. A única coisa realmente incriminatória que Elizabeth Stearns fez no dia após a morte do pai foi ir direto para Wakefield para falar com o irmão padre dela.

— Os policiais pensaram que ela confessou o crime a ele.

— Eles fizeram. Tentaram fazê-lo falar. Não disse uma palavra, mesmo a irmã sendo não-Católica. Aparentemente, só batizados católicos devem fazer confissão então o empurraram fortemente para que falasse. Mesmo a diocese queria que ele falasse. Ele recusou por motivos teológicos.

— E uma razão para cobrir o traseiro de sua irmã. Saber o que seu pai bastardo fez com ela, eu não culpo ele de todo.

Patrick exalado e o telefone bufou em sua orelha com a força de sua respiração. Ela sorriu. Patrick... o que faria sem ele?

— Então você terminou, certo? Isto terminou? Você está voltando para casa agora, certo? Certo?

Suzanne sorriu na escuridão.

— Tem mais uma coisa a fazer em primeiro lugar.

— Então você está voltando para casa, certo?

— Certo. Mas não espere. Isto pode demorar um pouco.

— Vou esperar.

O sorriso permaneceu no rosto de Suzanne muito tempo depois que ela desligou. Por volta das dez horas ela chegou a Wakefield e ao Sagrado Coração. Algumas luzes ainda queimavam na igreja e deixavam os vitrais sutilmente brilhantes. Quão bela a igreja parecia a noite... quão pacífica, quão sagrado. Ela ainda não acreditava em Deus. Nada jamais iria convencê-la de que algum homem no céu estava comandando o show aqui em baixo na terra. Mas pela primeira vez ela começou a acreditar um pouco em um dos Seus crentes.

Ela entrou na igreja e a encontrou vazia. Mas, certamente, Søren voltaria antes de ir para desligar as luzes e trancá-la. Søren... Ela percebeu de repente que ele tinha se tornado novamente Søren em sua mente. Mas, embora ela soubesse seu nome, conhecia seus segredos, ela não se sentia muito digna de chamá-lo pelo nome que apenas seus íntimos mais confiáveis conheciam.

— Padre Stearns... — ela sussurrou em voz alta quando ela olhou para o altar na frente da Igreja. Ela nunca mais o chamaria de Søren em seu rosto ou em seu coração e mente novamente.

Olhando em volta, Suzanne viu uma pequena escada que levava ao coro. Ela subiu as escadas e parou na borda da área de varanda e examinou todo o santuário.

Santuário. Nos tempos antigos, ela sabia que os criminosos e fugitivos procuravam reais santuários no interior das paredes das igrejas. A igreja era solo sagrado, santificado e as autoridades tratavam como um lugar de poder real que não houvesse rixas. Pela primeira vez desde o tempo de infância, Suzanne se sentia segura em uma igreja e segura com um padre. Ela costumava achar que a única cura para os males da Igreja Católica era a destruição total. Dava-lhe prazer citar as palavras de Denis Diderot, "O homem nunca estará livre até que o último rei seja estrangulado com as entranhas do último padre". Ela tinha conhecido tanto um rei e um padre em sua investigação e tinha de admitir que, enquanto o mundo podia não ser melhor com eles nele, certamente era mais interessante.

Abaixo dela, ela ouviu a porta abrir e Padre Stearns caminhar pelo corredor central em direção ao altar. Ela observou-o por um momento e sorriu enquanto fez o sinal da cruz, fez uma elegante rápida reverência ao lado de um banco e sentou-se para orar. Em suas mãos, ele segurava o rosário de contas e ela tinha que se perguntar qual era a especial intenção para a oração. Ela começou a gritar uma saudação para ele mas ela ouviu a porta abaixo dela abrir novamente.

— Søren! — A voz irritada de um homem ecoou por todo o santuário. Suzanne tomou um passo para trás a partir da borda da grade e escondeu-se nas sombras. Padre Stearns levantou-se e virou-se.

— Griffin... que bom vê-lo na igreja.

Suzanne inalou em estado de choque. Ela não podia ver o rosto do homem, mas de constituição muscular e as fotos que ela tinha visto, ela reconheceu Griffin Fiske, o filho do presidente da New York Stock Exchange.

Que diabos...

— Nada disso, — disse Griffin, sua voz carregada de fúria. — Não puxe qualquer dessa merda de foder a cabeça. Você sabe por que estou aqui.

— Eu não sei realmente. — Padre Stearns estava no centro do corredor e deu Griffin um sorriso plácido. — Mas me diga. Podemos discutir o que quiser.

— Vamos discutir como a minha vida amorosa não é a porra do seu negócio. Vamos discutir o quão arrogante, idiota pretensioso que você é por pensar que você pode dizer a mim ou a qualquer outro com quem podemos ou não ficar.

— Eleanor gosta muito de você, Griffin. Eu ainda tenho que discernir o por que.

Griffin deu um passo ameaçador para frente.

— Talvez porque ao contrário de você, eu não tento controlar todos os seus movimentos.

— Sim, Eleanor é totalmente oprimida, não é? — A voz do Padre Stearns destilava zombaria. — Eleanor age como uma criança porque ela é cheia de alegria infantil. Você é simplesmente uma criança, Griffin. Uma criança mimada que nunca teve um relacionamento real em sua vida. Eu tenho observado você usar as pessoas e descartá-las uma e outra vez. Se você pensa por um momento que lhe vou permitir usar e descartar alguém que eu amo...

— Eu? — Griffin riu amargamente. — Eu? Eu uso as pessoas e descarto-as? Você está cego? Você é surdo? Sua preciosa Eleanor usa tantos homens como fodidos lenços. Um bom, forte açoite e ela descarta-os. Seu editor? Seu estagiário? Seus milhares de ex-amantes? Jesus Cristo, Søren, até mesmo...

Fosse qual fosse o nome que Griffin Fiske ia dizer foram silenciados. E tudo aconteceu tão rapidamente que Suzanne não poderia mesmo reconstruir em sua mente a série de movimentos que ela tinha testemunhado. Ela sabia que começou com Griffin apontando o dedo para o peito do Padre Stearns e terminou com Griffin no chão da igreja com o braço preso atrás de suas costas. Padre Stearns tinha-se movido com tanta força brutal e eficiência que Suzanne apenas pôde cobrir a boca em choque.

— Griffin... — Padre Stearns falou o nome com uma fria, calculista, absolutamente aterrorizante calma. — Você está na Casa de Deus. E Eleanor é sua filha. E quando você ousar falar dela em minha presença ou na sua, você vai fazê-lo com o maior respeito. Nós estamos entendidos?

Suzanne só podia olhar para a cena. Parecia que se o Padre Stearns puxasse o braço de Griffin mais forte, ele iria deslocar o ombro. Griffin fez uma careta e tomou um sopro de dor.

— Sim, senhor, — ele finalmente disse.

— Bom. — Padre Stearns soltou o braço de Griffin e se levantou. Griffin rapidamente ficou de pé. — Agora vamos continuar brigando como colegiais? Ou deveríamos discutir isso em algum lugar como cavalheiros?

Griffin assentiu.

— O Circle?

Padre Stearns suspirou profundamente.

— Se você insiste.

— Eu insisto. Isto termina esta noite. Você sabe o que eu quero e quem eu quero.

— Eu sei, na verdade. Você está preparado para ganhar o que você quer?

— As costas de Griffin endireitaram.

— Eu vou fazer o que for preciso. A última coisa que eu quero é causar mais dor a criança. Não o mau tipo de dor, de qualquer maneira.

Criança? Suzanne pensou que era uma forma estranha para se referir a Nora Sutherlin. A partir do pouco que sabia do infame Griffin Fiske, ele era um pouco mais jovem do que Nora. E o que diabos ele quis dizer com o mau tipo de dor? Havia um tipo bom de dor?

— Nem eu. É por isso que eu defino as condições que coloco.

— Bem. Vamos acabar com isto. Eu não vou perder mais uma noite dormindo sozinho se não for preciso.

Suzanne viu os olhos do Padre Stearns se estreitar quando Griffin saiu da igreja. Não importa quão puros seus sentimentos por Nora Sutherlin eram, certamente ele não queria ouvir sobre ela na cama com outro cara. Obviamente Padre Stearns tinha considerável domínio sobre ela, se Griffin Fiske tinha que vir discutir com o padre para estar com ela. Aquela noite na reitoria quando ele baixou a guarda e falou sobre como ele teve que resgatar Eleanor Schreiber de si mesma quando era uma adolescente, como ele praticamente teve que criá-la depois que a sua vida em casa implodiu... talvez Padre Stearns fosse para ela exatamente o que ele disse que ele era. Um pai.

Padre Stearns deixou a igreja e Suzanne entrou em colapso em um banco, seu coração ainda correndo da estranha cena que tinha testemunhado.

Padre Stearns quase tinha chegado a brigar com o maior bebê do fundo fiduciário de Nova York por causa de Nora Sutherlin. Bizarro... Suzanne tinha tantas perguntas, mas ela aparentemente não iria começar a perguntar esta noite. Por que Padre Stearns não queria Griffin Fiske e Nora Sutherlin juntos?

Por que Griffin chamou-a de “criança”?

E o que diabos era o Circle?

* * *

Nora levou Michael até ao seu quarto e sentou-se no assento da janela. Ela ordenou-o para ficar enquanto ela foi ao quarto dela para buscar alguma coisa. Quando ela voltou, ela encontrou-o de pé e a andar.

— Então você acabou de desistir de seguir qualquer uma das minhas ordens, eu vejo, — brincou ela enquanto ela se sentava no banco na janela. — Esperemos que Griffin seja capaz de treiná-lo melhor do que eu fiz.

Michael corou e caiu miseravelmente no banco em frente a Nora.

— Oh, Deus, eu estou apaixonado por um cara... — ele gemeu. — Isso é uma merda⁷⁵.

— Ele também sopra⁷⁶.

Michael gemeu novamente e Nora só podia rir dele.

— Aah... adolescentes, — disse ela, estendendo a mão para Michael e arrastando-o para ela. Ele enrolou em seu colo com a cabeça em sua coxa. —

⁷⁵ Sucks em inglês. Sucks significa chupar.

⁷⁶ Blow em inglês. Trocadilho com blowjob (boquete). Quando Michael diz que a vida sucks, Nora faz um trocadilho e diz que também blow.

Tudo é de vida ou morte, quando você tem dezessete anos. Principalmente o amor.

— Não é de vida ou morte?

Nora fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás contra a parede.

— Não, na verdade é. Vida e morte são menos de vida ou morte do que o amor é. Quando eu me apaixonei pelo seu padre, eu senti como se eu tivesse essa ferida aberta. Eu estava tão crua, tão suave. E doeu. Mas eu não me importei. O amor é a ferida aberta que você espera que nunca cicatrize.

— O amor vai machucar uma merda de uma tonelada se o meu pai descobrir sobre isto.

— Seu pai é um idiota, Anjo, — Nora lembrou. — Por que você se importa com o que ele acha?

Michael balançou a cabeça.

— Ele faz a minha mãe infeliz por minha causa. Qualquer coisa que eu faça, ele se vira para ela. Ele deixou-nos, divorciou-se dela e ele ainda vem por aí e lhe dá merda por cada coisa que ele odeia em mim. E isso é um monte de merda.

— Seu pai tem um gosto terrível em filhos. — Nora passou as mãos pelo longo cabelo de Michael e escovando-o da testa. — Eu ficaria feliz se eu acabasse com um garoto como você.

Nora olhou para fora, para o gramado bem cuidado e a calçada vazia. Griffin, provavelmente, não estaria em casa até de manhã. Só Deus sabia no que Søren iria colocá-lo esta noite. Nada realmente terrível, é claro. Nada que ele não tinha feito a Nora uma vez ou duas. Apenas fodesse com a cabeça e provavelmente, uma boa dose de dor. Faria bem a Griffin, na verdade. Havia

algo a ser dito para lutar por quem você ama. Especialmente se a pessoa que você ama fosse um rapaz de dezessete anos de idade, que não acha que ele merece esse amor.

— O que aconteceu com o garoto? — Michael sussurrou e Nora puxou os olhos para longe do céu à noite.

— Que garoto?

Michael levantou a cabeça de seu colo e simplesmente olhou para ela. Nora suspirou profundamente.

— Oh, aquele garoto.

— Eu não falo muito, mas eu ouço.

— Demasiado bem, aparentemente, — disse Nora, rindo, sem alegria ou júbilo. Deus, isso era a última coisa que ela queria falar. — Você realmente quer saber?

Michael concordou.

— Talvez vá me distrair de me preocupar com Griffin. — Michael se sentou e puxou os joelhos apertados em seu peito.

Coitado... o amor não deveria ter que doer tanto, Nora pensou antes de perceber que blasfêmia esse sentimento era em seu mundo. Será que ela alguma vez saberia como era o amor sem dor? Será que tal coisa existia sequer?

— Eu tinha vinte e sete, — ela começou, virando os olhos para o sol poente. — E tão apaixonada pelo seu padre que eu não conseguia ver direito. Mas por um longo tempo, eu me senti... incompleta, eu acho que é a melhor palavra para isso. Eu ia muito a casa de Kingsley nos meus vinte anos, era o

único lugar que o seu padre e eu podíamos realmente ser nós mesmos juntos. Você se lembra do cara francês quente que foi até você no Rolls Royce?

Michael sorriu.

— Nunca vou esquecer esse cara.

— Esse cara é dono de Nova York. Pelo menos das partes do submundo. Ele tem os mais quentes submissos, domms e dominatrixes do mundo em sua folha de pagamento. Eles estão dentro e fora de sua casa o tempo todo. E eu veria as dominatrixes e apenas olhava para elas. Elas eram tão bonitas, tão poderosas. Mesmo os dominantes masculinos lhes davam um amplo espaço. Você espera que os homens sejam resistentes fortes e responsáveis. Mas quando você se encontra com uma mulher assim? É alucinante. Eu ansiava por aquilo que elas tinham. Não me interprete mal, eu amo submeter-me ao seu padre. Preenchia-me como nada mais fazia. Mas nunca me preenchia completamente.

— Eu não posso imaginar, — disse Michael, com um encolher de ombros. — Eu acho que eu não tenho um osso dominante no meu corpo.

— Você não tem. Estou certa disso. E isso é bom. Eu te invejo. Ser um switch não é fácil. Os domms não chegam a confiar em você. Os subs não te entendem. Ser uma coisa ou o outro seria tão simples... É como ser bissexual. O melhor dos dois mundos. O pior de dois mundos.

— Diga-me sobre isso.

Nora apertou o joelho de Michael.

— Você sabe que o seu padre tem não um, mas dois PhDs.

Michael piscou.

— Sério? Em quê?

— Teve o primeiro aos 20 anos em teologia, é claro. Mas quando eu tinha vinte e seis anos, vinte e sete anos, ele estava trabalhando no PhD número dois em Direito Canônico. Søren é, se pudesse dizer, um nerd.

Os olhos de Michael se arregalaram um pouco antes dele cair na gargalhada. Que maravilhoso som, ouvir Michael rir assim tão alto, tão turbulento, tão aberto. Pelo menos, o verão na casa de Griffin o fez falar um pouco.

— Então, o seu sexy padre nerd foi para Roma para concluir sua dissertação na Gregorianum. Ele nunca me deixou sozinha quando ele ia embora em suas viagens. Ele sempre me deixava com outro dominante para manter um olho em mim. Eu realmente não entendia na altura. A primeira vez que ele fez isso, eu tinha apenas 23 de idade e ele me deixou em uma mansão no fodido cú do nada em Nova England com um viúvo bibliotecário brutalmente quente.

— A sério?

Nora revirou os olhos.

— A sério. Søren me disse que sabia que eu ia ser boa para esse cara, Daniel. E eu fui. E ele era bom para mim também. Estar com ele naquela semana me fez perceber o quanto eu realmente amava o seu padre e que estar com ele valia a pena os sacrifícios. E esse era o plano. Toda vez que Søren me deixou, era um teste. Será que eu ainda estarei lá quando ele voltar?

— Então o que aconteceu quando você tinha 27 anos?

— Ele me deixou com Kingsley por três meses. — Nora fechou os olhos e deixou sua mente vagar de volta para aquele tempo. Lembrou-se das lágrimas quentes em seu rosto enquanto Søren lhe deu um beijo de

despedida e avisou-a para que fosse uma boa menina e fizesse o que Kingsley dissesse. Ele prometeu-lhe uma centena de presentes de Roma, uma carta a cada semana... Ela não podia suportar estar separada dele por tanto tempo. Seu estômago doía só de pensar nisso e continuou a doer durante semanas. Bem, ela pensou que era sua ausência que causava a dor em seu estômago. — Eu estava doente, — disse ela, abrindo os olhos. — Infecção renal. Duas semanas de antibióticos muito fortes. Não pensei sobre isso. Tipo que esqueci que pílulas anticoncepcionais e antibióticos não se misturam.

Michael não falou e Nora não queria. Mas ela respirou fundo e continuou.

— Foi apenas alguns dias antes de seu padre retornar de Roma. Eu acordei na cama de Kingsley doente como um cão maldito. Eu mal consegui chegar a casa de banho a tempo. Vomitei com tanta força que pensei que minhas costelas se estilhaçaram.

Michael estremeceu tão dramaticamente que Nora quase riu.

— Sim, a gravidez não é a coisa gloriosa e bela que os filmes fazem parecer. É nojenta e dolorosa e miserável. E ninguém no seu perfeito juízo iria alguma vez fazê-lo de propósito. Então eu fiz isso por... bem, por um dia.

— O que você fez?

Nora nunca iria esquecer-se de rolar no chão e enrolar-se em posição fetal depois de vomitar por uns sólidos de dez minutos. Os azulejos frios pareciam como céu em sua febril pele úmida.

Lentamente, seus olhos se abriram e ela encontrou Kingsley olhando para ela com seus escuros olhos com conhecimento.

— *Chérie...* — ele sussurrou, chicoteando uma mecha de cabelo encharcado de suor da sua testa. — O que nós fizemos?

— Eu acho que nós sabemos, — ela sussurrou em resposta, a voz rouca da força a vomitar. Ela não precisava de quaisquer testes, visitas a qualquer médico. Ela simplesmente sabia. E assim sabia Kingsley.

— Eu vou ligar para *le prêtre*. — Kingsley começou a se levantar do chão. Nora puxou sua mente fora do passado.

— Eu não posso começar a dizer o quão difícil foi puxar-me para fora do chão, Michael, — disse Nora. — Eu estava tão doente e tão cansada... cada músculo do meu corpo tremia. Mas eu fiz isso. Levantei-me e olhei Kingsley no olho e eu lhe disse...

Nora exalou e o passado estendeu a mão e tomou-a nos seus braços contra a sua vontade.

— Não, King. Não ligue.

Kingsley levantou o queixo orgulhoso.

— Eu devo e você sabe disso, Elle.

— Se você ligar... se você disser a ele, então ele vai decidir. Sim ou não, vai ser decisão ele. Eu não posso fazer isso com ele. Eu não posso fazê-lo tomar essa decisão.

Lembrou-se da fria, forte certeza que ela sentia naquele momento, a certeza que deixar Søren decidir seria um erro. Se ele lhe disse para mantê-lo, isso poderia arruinar sua vida juntos. 27 anos de idade... um emprego em uma livraria que pagava quase nada, e ela era a amante de um padre católico. Não as condições ideais para criar uma criança. Mas se ele dissesse para terminar... um padre católico ... ela não podia deixá-lo tomar essa decisão. Ela

tinha que fazer isso. Ela tinha que fazer isso sozinha. Não por causa dela, mas por ele.

— Você já ouviu falar da Queda Afortunada, Anjo? — Perguntou Nora, voltando para o presente ainda novamente.

Michael balançou a cabeça.

— É um conceito teológico que Adão e Eva no Jardim eram suposto comer a fruta. Que eles deveriam cair. Que era o plano de Deus o tempo todo. Søren acha que é besteira. Estou inclinada a discordar. Naquele dia, quando eu tinha que tomar essa decisão sem ele... Você tem que entender, Anjo, seu padre tomava todas as decisões por mim e tinha feito por quase 10 anos. Ele me possuía. Ele era dono do meu corpo. Eu não corto o meu cabelo sem ter a permissão dele.

Michael deu um assobio.

— Isso é intenso.

— Bem-vindo ao mundo de ser possuído. Você vai gostar. Até você odiá-lo, — disse ela e piscou para ele. — Søren... eu o amava demais para forçá-lo a tomar essa decisão por mim. Qualquer escolha iria quebrar seu coração. Então, pela primeira vez em anos, eu tomei a minha própria decisão. Eu não queria perder Søren e o que tínhamos. Eu não podia por um segundo imaginar criar uma criança no mundo que eu vivia. Em trios com Søren e Kingsley, festas em clubes S & M, leilões de escravos. O nosso mundo não é um ambiente familiar. Eu fui ao médico, peguei as pílulas mágicas e as tomei. E no segundo que as tomei, era como se fosse a Queda Afortunada. Eu tinha provado o fruto do conhecimento ... mas não do bem e do mal. O conhecimento de liberdade, de tomar as minhas próprias decisões. E isso

provou ser tão doce que me assustou. Fui até a casa paroquial e esperei por Søren. Ele voltou para casa e me encontrou no chão de seu banheiro em agonia absoluta. Passei um monte de tempo nos pisos do banheiro naquela semana.

— Machucou?

Nora enxugou o rosto com as costas da mão.

— Sim, Anjo, doeu como caralho. E no meio de uma câibra horrível, seu padre me encontrou. Conte-lhe tudo imediatamente. Tudo saiu em uma grande pressa. Os antibióticos e da gravidez e Kingsley e como eu o amava demais para fazê-lo decidir. Oh, meu Deus, eu nunca vou esquecer o olhar em seu rosto quando lhe contei o que eu tinha feito, disse-lhe por que eu estava em uma bola de agonia no chão de seu banheiro.

— O quê? Ele estava com raiva?

Nora estendeu a mão e pegou a mão de Michael na dela.

— Não... ele olhou para mim e... — Ela parou para tomar um fôlego. — Ele disse, “Pequena, sinto muito...” E ele nunca antes tinha olhado para mim com tal amor ou tal compaixão. Ele não estava zangado de forma alguma. O oposto realmente. Maldição, ele é um bom padre, não é?

Michael mordeu o lábio inferior e assentiu.

— Sim. Ele realmente é. O melhor.

— Ele me envolveu nos braços fortes dele e me segurou perto de seu peito. E então ele me deu a única ordem que ele alguma vez me deu e eu não poderia obedecer.

— O quê?

Nora sorriu.

— Ele ordenou que eu me casasse com ele.

Michael realmente engasgou e Nora riu de seu choque.

— Sim. Romântico, não é? Bem, nós kinksters nunca podemos fazer qualquer coisa da maneira normal. Eu acho que ele pensou que isso era o que eu precisava, mais supervisão, mais tempo com ele. Ele disse que deixaria o sacerdócio e que iria se casar. Nada como aquilo iria acontecer novamente. Eu nunca mais teria que passar por qualquer coisa como aquela sozinha.

— E você disse que não?

— Eu disse não. E então ele ficou irritado. Eu não tinha medo dele. Eu nunca na minha vida tive medo dele. Mas eu não podia ficar, e nem mais um minuto. O que ele ofereceu, eu queria tanto que eu podia sentir o gosto. Mas eu tinha outro gosto na minha língua, o sabor da liberdade. Assim, eu levantei-me e saí. E quando eu não podia mais andar, eu rastejei. E o seu padre não me viu de novo por mais de um ano.

— Um ano? — Michael repetiu em estado de choque.

— Um ano. Eu encontrei um lugar para me esconder. Um lugar que não podia me seguir. E acredite em mim, ele tentou. E depois de um ano, eu voltei para a cidade e voltei para Kingsley. E nós enterramos Eleanor Schreiber no passado e Nora Sutherlin nasceu para tomar o lugar dela.

Michael sorriu.

— Mas Eleanor não morreu.

— Shh... — Nora cobriu a boca com o dedo. — Não diga.

Por alguns instantes, ambos ficaram em silêncio. O sol se pôs e o gramado tinha vindo à vida com mil pirilampos amarelos.

— Você se arrepende? — Michael perguntou, sua voz não mais alta do que os vaga-lumes.

— De quê? De não ter Kingsley Júnior ou não me casar com Søren?

— Ambos?

Nora suspirou profundamente e balançou a cabeça. Inclinado para a frente ela apertou os lábios nos de Michael e lhe deu um longo, profundo, lento beijo. Ele gemeu em sua boca e Nora sorriu quando ela se afastou.

— De nenhum, — ela sussurrou.

Michael deu uma risada triste.

— Você alguma vez imagina?

— Às vezes, — admitiu ela, possivelmente pela primeira vez na história em voz alta. — Kingsley Júnior teria cerca de sete anos agora.

— Isso é quão velho é Owen.

Nora passou a mão pelos cabelos e colocou-o atrás da orelha. Owen Perry, cabelo preto ondulado como o dela, inteligente, estranho. Cada vez que o via, ela se lembrava.

— Sim, é, não é? Mas como eu disse, não me arrependo. A vida é curta demais para arrependimentos.

— Você se arrepende de alguma coisa? — Perguntou Michael e o estômago de Nora apertou.

Virando a cabeça, viu Wesley de pé diante dela, seus grandes olhos castanhos marcados com lágrimas não derramadas enquanto ela dizia-lhe adeus.

— Nada, — ela mentiu.

Ela se levantou e deu um tapinha no topo da cabeça de Michael.

— Mas isso não é o que deveríamos estar falando. Não o trouxe até aqui para falar sobre toda a merda horripilante no meu passado.

— Melhor do que falar de toda a merda horripilante no meu futuro quando meu pai descobrir sobre Griffin. Nora, se o Padre S não quer eu e outro cara juntos então, talvez-

— Anjo, Padre S não tem nenhum problema com você estar com um cara. Ele está preocupado que Griffin não vai cuidar de você do jeito que ele pensa que os dominantes devem cuidar de seus subs. Griffin é um festeiro bem treinado, um ex-viciado em drogas. Ele se fez de playboy. E ele e Søren se odeiam por um motivo que nenhum deles me vai dizer...

Michael olhou para ela com olhos culpados.

— Michael... você sabe, não é?

Ele não respondeu. Nora segurou seu queixo e forçou-o a olhar para ela.

— Anjo, me diga. Esta é uma ordem de sua senhora.

— Não é justo que você pode fazer isso.

Nora sorriu para ele.

— Eu sei.

— Griffin... — Michael começou e parou. — Ele... e você...

— Oh, Senhor Todo-Poderoso, — Nora gemeu. Michael não tinha que dizer outra palavra. Assim Griffin tinha estado apaixonado uma vez. Por ela de todas as pessoas. Talvez um dia desses ela descobrisse por que cada homem em sua vida tinha um gosto terrível de mulheres. — Griffin foi até Søren por mim, não foi? Eu deveria saber. Søren e Kingsley não acreditam que qualquer dominante deve colocar a mão em um submisso até que ele ou

ela tenha experimentado dor. E além de lutas de bar, tatuagens e ressacas, Griffin não experimentou. Eu acho que isso está prestes a mudar esta noite.

— Padre S vai machucar Griffin?

— Não se preocupe. Ele te ama. Ele pode aguentá-lo.

— Você acha que Griffin me ama?

Nora segurou seu rosto e acariciou seu lábio inferior com o polegar.

— Eu estou certa disso. Depois de amanhã, eu acho que você vai estar também.

Michael corou vermelho.

— Oh Deus. Eu e Griffin... Nós vamos estar... — Ele não podia nem mesmo terminar a frase.

— Ele vai te foder no segundo que ele tiver chance. Espero que você esteja bem com isso. — Nora sorriu diabolicamente.

Gemendo, Michael entrou em colapso pelo assento da janela. Nora só podia rir dele.

— Não finja que você não está morrendo por isso, — disse Nora. Ela pegou sua bolsa de laptop e puxou uma pasta fora dela, uma pasta que continha uma única fotografia, a mais bonita que já tinha visto em sua vida. Não importa onde ela fosse, ela sempre levava a foto com ela. Ela tinha-lhe sido dada uma cópia com as ordens expressas para não mostrá-la a ninguém. E ela tinha seguido essas ordens ao pé da letra... até agora.

— Nora... eu e Griffin? A sério? Eu quero... eu faço. Eu quero isso tanto que dói. Mas eu simplesmente não posso. Padre S...

Nora abriu a pasta que continha a fotografia e estendeu-a na frente do rosto de Michael sem uma palavra. Silenciosamente Michael olhou para a imagem na frente dele.

Observando seus olhos, Nora viu sua expressão mudar de curiosidade para o entendimento.

Michael finalmente arrancou os olhos da fotografia e olhou para Nora, que estava sutilmente sorrindo para ele.

— Sente-se melhor agora? — Perguntou ela.

Michael acenou com os olhos arregalados para ela.

— Muito.

O som da água caindo despertou Michael de seu sono. Chuva caía no telhado acima dele e na janela ao lado dele. Normalmente, ele amava o som da chuva, especialmente chuva da manhã no verão. Mas agora seu primeiro pensamento ao acordar foi de Griffin em sua moto, estradas molhadas e pneus cantando.

Então isto é amor, ele decidiu. O amor era fodidamente aterrorizante.

Mesmo acordado Michael manteve os olhos fechados, não querendo enfrentar a manhã ainda. Ele tinha passado toda a noite dormindo no assento da janela enrolado no colo de Nora como uma criança. Na última noite ele tinha estado determinado em não adormecer, mas Nora tinha começado a correr os dedos pelo cabelo e cantarolando suavemente, cantarolando a mais tranquila das canções de ninar. A música e seu toque suave acalmaram a sua mente e, finalmente, permitiu-lhe algum descanso.

Ele ouviu passos no corredor, passos familiares e seu coração disparou ao ouvir o som. Mas ele manteve os olhos fechados, continuou fingindo estar dormir.

— Bem-vindo a casa, — Nora sussurrou. — Você sobreviveu à noite?

Michael sentiu uma nova mão em suas costas, maior do que a de Nora.

— Mal, — veio a voz de Griffin, também em um sussurro. — O seu padre... Não tenho palavras.

— Será que ele chutou o seu traseiro? Não, não me diga. Eu vou ficar muito ciumenta se ele fez.

— Ele não fez, — Griffin disse e Michael ouviu a surpresa em sua voz, o relutante respeito. — Nós conversamos.

— Uma conversa com Søren? Eu acho que eu prefiro levar uma surra.

— Doeu pior do que uma surra. Mas eu acho que eu precisava.

— Então, qual é o veredicto com você e o meu Anjo?

— O veredicto é...

Michael sentiu a mão de Griffin deslizar da sua parte inferior das costas até seu pescoço. Os dedos de Griffin cavaram suavemente em sua pele.

— Chega de fingir, Mick. Vamos. — A suavidade do toque de Griffin deu lugar a força e Michael se viu sendo transportado até ficar de pé.

— Griffin, é sete da maldita manhã, — disse Nora, bocejando luxuosamente.

— Bom. Vamos precisar de todo o dia para compensar o tempo perdido.

— Os dedos de Griffin cavaram na pele de Michael. — Desculpe-nos.

O coração de Michael correu, suas mãos ficaram dormentes e cada gota de sangue em seu corpo foi para os quadris.

— Desculpado. — Nora acenou com a mão quando Griffin puxou Michael para a porta.

— Oh, mensagem de Søren, Nora, — disse Griffin, parando na porta.

— Meu Deus, o quê? — Ela perguntou.

— Ele disse que está em apuros por ir à festa na cidade. Disse-lhe para ficar no norte do estado e longe de problema. Então ele está te punindo.

Nora revirou os olhos.

— Maldição. — Nora parecia horrorizada com a perspectiva de punição.

— Tanto faz. Eu vou fazer isso. O que é?

— Ele disse... — Griffin fez uma pausa e Michael estremeceu. Griffin parecia realmente com medo do que ia dizer a ela. Michael esperava que a pausa fosse durar para sempre. Ele não tinha ideia do que estava prestes a acontecer entre ele e Griffin mas algo lhe disse que o que quer que fosse, a vida dele nunca mais seria a mesma depois.

— O quê? — Nora exigiu, sua voz afiada com raiva.

— Não mate o mensageiro, ok?

Michael de repente temeu o castigo de Nora mais do que o que Griffin tinha planejado para ele.

— Griffin... diga-me. — Nora deu-lhe um olhar frio e duro.

Griffin exalou pesadamente.

— Søren disse que você tem que visitar a sua mãe.

Michael quase riu alto com puro alívio. Mas o rosto de Nora caiu e ela levantou a mão à testa.

— Fodido sadista, porra.

— Boa sorte, — Griffin disse quando ele bateu em uma retirada rápida, arrastando Michael com ele pela parte de trás de sua camiseta.

— O que há de errado com a mãe de Nora? — Michael perguntou enquanto eles se aproximavam do quarto de Griffin.

— Elas não gostam uma da outra.

— Mas por que...

A pergunta de Michael morreu em seus lábios quando Griffin pegou Michael pelos ombros e empurrou-o com firmeza, mas suavemente para a porta do quarto. Cavando com as mãos no cabelo de Michael, Griffin forçou Michael a encontrar seus olhos.

— Não volte a falar até eu dar-lhe permissão.

Michael abriu a boca para um automático "Sim, senhor", mas lembrou-se e permaneceu em silêncio.

— Bom menino. Agora vá. Na minha cama. Agora mesmo.

Sem um momento de hesitação, Michael abriu as portas para o quarto de Griffin, puxou as cobertas para trás e deslizou na cama. Ele não fez nada mais.

Griffin arrancou sua jaqueta de couro de motociclista, tirou a sua cueca boxer e lançou-se na cama ao lado de Michael.

Rolando de costas, Griffin pegou Michael e puxou-o com força contra o peito.

— Agora vá dormir, — Griffin ordenou. Michael levantou a cabeça e olhou para ele.

Griffin encontrou seus olhos e depois caiu na gargalhada.

— Sério? — Michael perguntou, quebrando a regra de não falar.

— Estou exausto. Não dormi a noite toda. Eu te amo demais para colocar a mão em você deste jeito. Agora cale a boca, sub, e vá dormir.

Michael balançou a cabeça e colocou a cabeça para baixo no centro do peito de Griffin. Ele só dormiu uma ou duas horas ontem à noite. Mas algo que Griffin disse forçou Michael levantar a cabeça novamente.

— Você me ama? — Ele perguntou, sua voz um pouco mais que um sussurro.

Griffin trouxe sua boca para Michael. Pelo que parecia ser um ano, mas provavelmente não durou não mais do que um minuto, Michael foi submetido ao mais suave, ao mais profundo, ao mais íntimo beijo de sua

vida. Com peritos toques de língua, Griffin conseguiu pegar fogo em todos os nervos do corpo de Michael com a boca na boca de Michael.

— Sim, — Griffin disse, finalmente, terminando o beijo com o sorriso mais erótico Michael tinha já viu em sua vida. — Agora vá dormir.

Michael pressionou todo o seu corpo para Griffin e regalou-se no calor de seu peito através do tecido macio de sua camiseta branca. Bem antes de adormecer, Michael sussurrou as duas palavras que ele estava à espera de dizer desde o momento em que ele conheceu Griffin.

— Sim, senhor.

* * *

Nora olhou-se no espelho e amaldiçoou o seu reflexo. Ela não tinha visto a mãe dela em mais de seis anos e aqui estava ela tentando decidir se sua mãe aprovaria sua roupa. A última coisa que ela queria era provocar uma briga, mostrando-se aparecendo em uma roupa que sugerisse a mulher que Nora tinha se tornado. Ela deixou a proteção da mãe e voltou para a cidade, voltou ao mundo que sua mãe tinha orado que a filha um dia deixasse para trás.

Jeans, calças de brim básicas. A blusa branca abotoada até um nível respeitável. Botas com um salto baixo. Cabelo em um rabo de cavalo. Quase sem maquiagem. Certamente que seria bom o suficiente, domada o suficiente, baunilha o suficiente para sua mãe.

Nora entrou em seu BMW e saiu em velocidade quase vertiginosa. Ela queria acabar com esta punição o mais rápido possível. Estar aqui em Guilford tão perto onde sua mãe havia se mudado havia sido um erro. Ela

deveria ter sabido que em algum ponto Søren iria pedir-lhe para visitar a mãe. Eles tinham sido amigos uma vez. Søren e sua mãe. Quando Nora era apenas um adolescente problemática que todos chamavam de Elle ou Ellie, o santo Padre Stearns e sua mãe tinham trabalhado juntos um tempo tentando domar seu lado selvagem. É claro, os métodos de Søren tinham se provado muito mais eficazes do que as ameaças e desprezo de sua mãe. Nora sabia que sua mãe sempre pensou que sua filha tinha muito de seu pai réprobo nela. Tinha sido um milagre que sua mãe a tinha aceitado naquele dia em que Nora tinha aparecido na frente da porta ainda sentindo cólicas dos medicamentos que tinha tomado, agitada do choque de fugir do único homem que ela amou.

Mas sua mãe tinha-a deixado entrar, protegido ela, lutou para mantê-la lá quando os outros questionaram se Nora pertencia lá ou não.

— Ela deixou seu amante, — sua mãe disse aos outros que a queriam fora. — Ele não vai buscá-la aqui. Ele não pode. Ele abusou dela. Fisicamente.

Embora virasse o estômago de Nora ouvir sua mãe dizer a mentira, ela manteve o silêncio, orando para que os outros sentissem pena dela e deixassem-na ficar. E, finalmente, eles tinham. A Nora, tinha sido dado o seu próprio quarto, tarefas a fazer e ordens para manter a cabeça para baixo e não causar problemas. Ela tinha causado problemas, é claro. Não podia se conter. Era a sua natureza. Em sua solidão lá na casa, ela começou a escrever uma história sobre uma menina fugindo de um homem. Nora poderia ver a menina no olho da sua mente, vê-la correndo através das árvores, virando a cabeça para trás a cada poucos segundos para ver quem a seguia. E Nora tinha sussurrado para a menina em sua mente, “não corra. Ele é o único de

quem você não tem que ter medo...” E com essa frase, com essa ideia, ela tinha escrito o primeiro livro dela, *The Runaway*.

Por só esse livro, o livro que mudou sua vida, ela ficaria eternamente grata pelo seu ano de limbo naquela casa com sua mãe. Søren disse uma vez que o livro tinha sido sua maneira de escrever para fora do inferno. Mas não tinha sido um inferno na casa. O inferno era ter deixado Søren. O inferno foi ficar longe dele. Atrás dos portões para os quais Nora dirigia... era mero purgatório. E era para o purgatório que agora ela voltava.

Inferno punido pecados. Purgatório queimava-os. Ela gostaria de manter os seus pecados, muito obrigado. Não importa o quanto eles machucassem.

Nora estacionou o carro e se dirigiu para a casa principal. Encontrou a campainha no portão de ferro forjado, Nora tocou e esperou.

— Sim, filha? — Veio uma voz fraca de uma face envelhecida atrás do portão.

— Meu nome é Eleanor Schreiber. — Nora esperou para ver se a mulher se lembrava dela.

A velha sorriu e acenou.

— Vou encontrá-la para você.

— Obrigada, — disse Nora, inteiramente sem gratidão.

Ela ouviu o som de pano raspando o chão, quando a mulher caminhava por um corredor. Poucos minutos depois, passos mais jovens se aproximaram. Uma porta no lado da porta se abriu e duas mulheres atravessaram, uma na casa dos 80 e uma na casa dos 50.

— Irmã Mary John, esta é a sua visitante.

A mulher na casa dos 50 deu um suspiro profundo.

— Elle? O que você está fazendo aqui?

— Oi mãe.

* * *

Quando Michael acordou, a chuva da manhã se dissipara completamente e a quente luz branca do sol encheu o quarto de Griffin. Ele supôs que tinha dormido até cerca do meio-dia ou mais tarde, dormido mais profundamente e melhor do que ele já tinha em sua vida. O peito de Griffin era o melhor travesseiro o mundo.

Michael pôs a mão na caixa torácica de Griffin e sentiu seu coração batendo de forma constante contra a mão dele. Como isso aconteceu? O que ele tinha feito para merecer o direito de estar na cama de Griffin Fiske com a mão sobre o coração de Griffin? Parecia a coisa mais ridícula do mundo. Como um presente. Como uma graça. E inteiramente sem querer, Michael inclinou-se e deixou cair o menor dos beijos na boca de Griffin.

O toque de suas bocas fez Griffin se mexer em seu sono. Os cílios escuros tremeram e abriram. Michael congelou.

— Desculpe, senhor, — disse ele em pânico.

— Nunca se desculpe por me beijar, Mick. Isto é uma ordem.

Michael sorriu.

— Suas ordens são realmente fáceis de seguir, senhor.

— Tire suas roupas, — disse Griffin, sem pestanejar ou perder uma batida.

As mãos de Michael ficaram dormentes.

— Ok, eu retiro o que disse.

Rolando, Griffin segurou o lado do rosto de Michael. Com o polegar acariciou o arco da maçã do rosto de Michael. Com as pontas dos dedos Griffin amassou a pele macia debaixo do ouvido de Michael.

— Eu ajudo.

Estendendo a mão, Griffin reuniu o tecido da camiseta de Michael em suas mãos e puxou-a para cima. Michael hesitou antes de levantar os braços para ajudar o processo.

— Eu estou tão magro e você está tão...

Griffin apertou a mão sobre a boca de Michael enquanto ele enviava a camiseta pelo ar através do quarto.

— Eu tenho o mais belo sub do mundo na minha cama. Se você insultá-lo, a punição será rápida e severa. — Griffin deu a Michael um olhar severo. — Compreende-me?

— Sim, senhor. — Michael acenou com a cabeça em penitência, mesmo quando seu coração disparou ao ouvir as palavras de Griffin.

— Eu quis fazer isto por semanas. — Griffin passou as mãos pelo cabelo de Michael, por seu pescoço e costas, sobre seus braços e no peito e estômago. — Colocar gelo em você após a sua primeira noite com Nora, pensei que iria me matar. Eu nunca tinha necessitado tanto tocar em alguém ou beijar alguém na minha vida.

— Sério? — A mente de Michael vacilou com a confissão. Ele não podia acreditar que na primeira vez que ele tinha estado dolorido por Griffin, Griffin tinha estado igualmente ansiando por ele.

— Sério. Juro por Deus, Mick, quase me matou não tocar você por tanto tempo. Assim... — Griffin pressionou o polegar na palma da garganta de Michael. — E assim... — Griffin correu a mão para baixo pelo centro das costas de Michael da nuca até a parte inferior das suas costas. — E assim... — Griffin apertou a mão entre as pernas de Michael e segurou os testículos. Michael inalou e fechou os olhos. — Nós não... — Griffin começou e parou. — É um grande negócio, deixar um cara dentro de você. Nós não temos de fazer isso ainda. Nós podemos esperar o tempo que você precisar ou quiser. Não me importo. Há um monte de outras coisas que podemos fazer. E eu estou um pouco no lado grande, então eu não quero machucar você. Podemos esperar. Devemos esperar.

Michael abriu os olhos e olhou para Griffin.

— Eu quero você dentro de mim, — ele disse simplesmente. Ele estendeu a mão e enfiou os dedos nos bíceps de Griffin. — Eu vou implorar se você ordenar. E eu vou implorar mesmo que você não o faça.

Griffin olhou para Michael com uma expressão no rosto que ele nunca tinha visto antes. Não, ele corrigiu. Ele tinha visto. Frequentemente. No rosto de Padre S durante a oração. Era amor misturado com reverência. Reverência... por ele?

A reverência se transformou rapidamente em ousada, adulterada luxúria quando Griffin agarrou os ombros de Michael e empurrou-o com força de costas. Suas bocas se encontraram, suas línguas se misturaram... os quadris de Griffin empurraram para Michael. Michael tremia enquanto ele sentia toda a força da fome de Griffin por ele pressionada contra seu estômago. Mas ele queria isso, precisava disso. Durante todo o verão ele esperou por isso. Ele

não iria deixar que o medo parasse ele. Ele se preocuparia amanhã com o que seu pai pensaria, com o que o mundo iria dizer. Hoje tudo o que importava era Griffin.

— Fique aqui, — Griffin disse enquanto se levantava. Michael assentiu e se deitou perfeitamente parado de costas, ofegante. Ele não assistiu Griffin, apenas olhou para o teto. Ele definitivamente poderia se acostumar a olhar para o teto de Griffin.

Griffin voltou para a cama com algemas de corda na mão e um sorriso no rosto.

— Para cima, — Griffin ordenou e Michael ficou de pé.

Ele ficou na frente de Griffin e inalou com prazer quando Griffin pegou os antebraços de Michael em suas mãos e amarrou-os com as algemas de corda atrás das costas. Michael primeiramente se perguntou por que seus antebraços e não os pulsos. Então se lembrou das novas tatuagens. Ele quase tinha esquecido elas. Mas Griffin não tinha.

— Agora... — disse Griffin com um sorriso sensual. — Para baixo.

Michael bateu com os joelhos sem hesitação ou uma palavra de protesto. Desde que testemunhou Nora fazendo isso para Griffin há seis semanas, ele sonhava em ficar de joelhos deste jeito. Griffin tirou sua cueca boxer e jogou-as de lado. Sim... Michael tomou uma respiração profunda. Bem assim.

Griffin deslizou na boca de Michael. Michael discerniu o toque sutil de sal em sua língua e saboreou finalmente sabendo que gosto Griffin tinha. Ele tomou o máximo que pôde de Griffin em sua boca. Nora tinha feito isso com ele várias vezes este verão, mas ele ainda não tinha ideia do que estava fazendo.

— Está tudo bem, Mick. Vá devagar, — disse Griffin, entrelaçando as mãos no cabelo de Michael. — É uma sensação incrível.

A ligeira captura na voz de Griffin empurrou Michael para continuar. De alguma forma, Michael tinha conseguido fazer algo certo. Certo o suficiente para que Griffin tivesse que terminar isso.

— Sim, isso foi tão incrível como eu sonhei. Muito impressionante, — Griffin disse, puxando da boca de Michael. — Não quero acabar com isto antes que comece.

Griffin estendeu a mão, agarrou Michael pelo braço e arrastou-o a seus pés. Quando Griffin chegou por trás dele e tirou as algemas de corda, Michael deu um beijo no ombro muscular de Griffin.

Griffin parou de se mover mas Michael continuou beijando.

— Está tudo bem? — Ele sussurrou enquanto sua boca se movia do ombro de Griffin para o pescoço.

— Deus, sim, está tudo bem. — Griffin inclinou a cabeça para o lado para dar melhor acesso da sua garganta a Michael. — Mick... Eu quero fazer algo se você estiver bem com isso.

— Qualquer coisa, senhor.

Griffin deu uma risada baixa e gutural.

— Deixe-me dizer-lhe o que é antes de dizer sim a isso.

— Ok, senhor. — Michael mordeu de leve no lóbulo da orelha de Griffin e foi recompensado com uma afiada entrada de ar. Mordidas... Griffin gostava de mordidas. Impressionante.

— Eu quero ir nu com você. Você pode dizer não.

Michael parou no meio de um beijo prolongado na clavícula de Griffin.

— Você quer dizer...?

Griffin assentiu. Michael não tinha esquecido a conversa de semanas atrás, quando Griffin revelou que ele nunca em sua vida tinha tido relações sexuais sem usar preservativo. Ele havia dito que era a única coisa que ele segurava para trás de modo que ele tivesse algo para dar, se ele alguma vez tivesse um relacionamento real com alguém.

E Griffin queria dar essa parte de si mesmo para Michael.

— Sim. Sim, com certeza, senhor. Absolutamente sim.

— Mick, o que você está tentando dizer?

Michael riu e se inclinou para Griffin, que envolveu seus braços ao redor dele.

— Sim, senhor! — Michael gritou as palavras e riu quando Griffin lhe deu um amplo olhar de choque.

— Essa é a primeira vez que eu ouvi você levantar a sua voz.

— Sim... — Michael deu de ombros. — Eu não sabia que eu podia fazer isso.

Griffin segurou o pescoço de Michael com as duas mãos.

— Eu gosto disso. Eu gosto de ouvir você. Eu sempre quero ouvi-lo, — disse Griffin e deixou cair um beijo rápido, mas sensual na boca de Michael. — Eu quero ouvir você falar. — Ele baixou a cabeça e beijou o pescoço de Michael. — E eu quero ouvir você gritar. — Ele mordeu a orelha de Michael. — E eu quero ouvir você implorar. — Griffin alcançou entre seus corpos, enfiou a mão na boxer de Michael e levou-o em sua mão. — E eu quero ouvir você gozar.

Michael estremeceu com as palavras de Griffin. Fechando os olhos, baixou a cabeça e se inclinou contra Griffin.

— E... — Griffin disse, passando as mãos pelas costas de Michael. — Quero ouvir você rir.

Com um empurrão, Griffin empurrou Michael e enviou-o esparramado através da cama.

Michael riu ruidosamente quando Griffin se arrastou em cima dele e prendeu-o forte no colchão.

— Bom menino. Agora não se mova. Eu vou transar com você em poucos minutos.

Griffin afastou-se novamente e Michael tentou deixar sua respiração lenta e profunda como Nora lhe tinha ensinado. Mas nada poderia levá-lo a qualquer coisa remotamente parecida como um lugar de paz ou Zen. Ele nunca quis nada tanto em sua vida como ele queria Griffin dentro dele. Foda-se Zen.

Michael observou enquanto Griffin chegava ao lado da cama com duas faixas de seda preta e uma gaze.

— Amarra-lo vai ser muito mais fácil quando as malditas tatuagens curarem, — disse Griffin, sorrindo enquanto ele gentilmente colocava as compressas de gaze sobre os pulsos de Michael. — Eu tenho algemas de couro, algemas, algemas de corda... e eu planeja usar cada uma delas em você. Pelo próximo mês, porém, é melhor ficar com gaze e seda.

— Eu não vou a lugar nenhum, — Michael disse enquanto ele deixava Griffin vincular seus pulsos. — Você não precisa me amarrar.

Griffin sorriu.

— Claro que eu não preciso. Eu quero. E você quer que eu faça. Não quer?

Michael corou mas não podia negar a verdade.

— Desesperadamente.

— Desesperadamente, huh? — Griffin repetiu enquanto amarrava as faixas de seda em torno de um dos pés da cama. Michael teve que virar para o lado para ficar em uma posição confortável. De lado... ok, então era assim que ia acontecer. — Você tem passado demasiado tempo com Nora e seus malditos advérbios. Confortável?

— Sim, senhor, — Michael disse, olhando para Griffin, que colocou a mão brevemente sobre o rosto de Michael.

— Você ficará bem. Vamos parar se doer. Fale comigo o tempo todo. Essa é uma ordem.

O coração de Michael apertou com a carinhosa preocupação de Griffin por ele. Então é assim que sente ser amado? Como se alguém lá fora, se preocupasse mais com o que ele queria e necessitava do que o que eles queriam e precisavam... Estranho.

Griffin subiu na cama novamente e sentou-se no quadril de Michael. Lentamente Griffin afrouxou a cueca boxer de Michael para baixo por suas pernas. Com Griffin despindo-o completamente nu, Michael olhou para o canto do quarto. Mesmo na noite de seu trio, Michael tinha mantido a cueca boxer durante o sexo. Griffin nunca o tinha visto nu antes.

Michael estremeceu quando a cueca caiu no chão ao lado da cama. Mas Griffin não fez comentários. Ao contrário, ele beijou o lado da coxa de Michael e trabalhou seu caminho até aos quadris de Michael.

Os beijos leves em partes nunca antes beijadas de seu corpo enviaram Michael tremendo para a borda do orgasmo.

— Eu quero que você goze em primeiro lugar, — disse Griffin, tendo Michael em sua mão novamente e levemente acariciando. — Você vai ficar mais relaxado. Relaxado é o que queremos.

A mão de Griffin fez coisas incríveis com ele. Nora sabia como tocar um cara. Ele não tinha queixas onde sua técnica estava em causa. Mas Griffin era tão forte e ainda assim, a maneira como ele tocou Michael tão gentilmente... a outra mão de Griffin agarrou a parte de trás do pescoço de Michael. Griffin colocou a boca no ombro de Michael e mordeu com força. A mistura de prazer e dor fez Michael gozar. Com um suspiro ele gozou na mão de Griffin com um orgasmo que pareceu durar para sempre.

— Oh, Deus. — Michael se inclinou e soprou nos lençóis.

— Estou pensando em praticar isto até que eu faça você gritar quando você gozar.

— Do orgasmo ou da mordida? — Perguntou Michael.

— Ambos.

Griffin deitou-se ao lado de Michael e pressionou seu peito nas costas de Michael. Por alguns minutos eles não fizeram nada além de ficarem deitados silenciosamente juntos de conchinha quando Griffin passou a mão sobre o corpo de Michael. O ritmo do toque de Griffin embalou Michael em um quase transe hipnótico. Cada músculo em seu corpo começou a desatar. Cada pedaço de ansiedade escoou para fora de sua pele e nos lençóis.

Quando Griffin abriu o frasco de lubrificante, Michael mal ouviu-o. Nada registrava exceto o toque de Griffin, sua proximidade.

— Apenas os dedos primeiros, — disse Griffin. — Tenho certeza que você fez isso com Nora.

— Sim. Estou bem lá, — Michael disse, levantando a perna para o peito quando o líquido frio encontrou sua pele quente. Quase tortuosamente lentos, os dedos de Griffin deslizaram para dentro Michael. — Muito bom.

Griffin riu enquanto ele esfregava a parte de trás do pescoço de Michael com beijos.

— Estou feliz de ter gostado. Qualquer coisa se sentindo mal? Sentindo estranho? Eu quero que você me diga.

— Parece incrível.

— Incrível é o que queremos. Isto será ainda melhor quando você estiver curado completamente e eu tiver surrado o inferno fora de você em primeiro lugar. Sexo depois de S & M é um novo tipo de extraordinário. Bem, eu acho que você sabe isso depois de todo esse tempo com Nora.

— Eu sei, — disse Michael. — Mas eu não sei como é com você. E eu mal posso esperar.

— Nem eu. Ok, três dedos? Bom? Mau?

— Bom. Mais do que bom. — Michael se sentiu aberto e relaxado. O orgasmo tinha ajudado um pouco com a tensão, mas realmente era Griffin, apenas Griffin, que poderia fazer todo o estresse ir embora. Michael amava e adorava Nora. Mas ela tinha uma selvageria com ela, um lado imprevisível que o fascinava mas assustava muito. Com Griffin embora... com Griffin ele se sentia seguro.

— Mais do que bom, — disse Griffin. — Isso é um eufemismo. Deus, Mick. Eu não posso acreditar o quão bom você se sente. Eu tenho que estar dentro de você. Eu não acho que eu posso esperar mais tempo.

Michael puxou contra os caixilhos em seus pulsos quando Griffin se empurrou mais profundamente nele.

— Então não espere.

Griffin deslizou os dedos para fora e Michael ouviu de novo o som do frasco de lubrificante.

Mais líquido frio cobriu-o e Michael abriu os olhos e olhou para as suas mãos atadas. Sempre que ele fantasiava sobre este momento com Griffin, ele sempre tinha imaginado medo e como ele teria que lutar para superá-lo. Mas agora ele não sentia medo. Nada mais que fome, paixão, necessidade.

E amor.

— Aqui está um pequeno truque, — Griffin disse quando ele colocou a garrafa de lado e empurrou ainda para mais perto de Michael. — Se você primeiramente empurrar...

— Eu sei. Empurre em primeiro lugar. Em seguida, solte. Ele vai se encaixar melhor, — Michael disse, citando Nora do dia em que ela scandalizou os loucos morcegos velhos na igreja.

— Nora. Certo. — Griffin riu no ouvido de Michael. — Estou feliz que você teve uma professora tão boa.

— Eu sinto que tenho muito a aprender ainda, — Michael disse enquanto Griffin beijava seu pescoço.

— Eu vou ensinar tudo que você precisa saber. Lição um. Quando eu entrar, você expira. Legal?

Michael praticou uma expiração.

— Legal.

Mais uma vez Michael olhou para o nada no canto do quarto de Griffin e tentou não pensar sobre o que estava acontecendo com ele. Ele não queria se estressar ou ficar tenso. Tinha aprendido isso de Nora.

Então, quando Griffin começou a empurrar dentro dele, Michael não fez nada, mas o que tinha sido ordenado a fazer. Ele suspirou, forte e lento, e só depois do segundo longo exalar, se deixou se concentrar no que ele estava sentindo.

Michael enterrou o rosto em seu braço e gemeu.

— Porra.

Griffin cravou os dedos nos quadris de Michael.

— Bom? — Perguntou ele, com a voz tensa e sem fôlego.

Michael concordou.

— Bom. Muito bom.

Por alguns minutos, Griffin mal se moveu, exceto pela mão correndo para cima e para baixo nos braços e costas e no lado de Michael. Michael não conseguia começar a imaginar o autocontrole que Griffin precisava por estar dentro dele, sem empurrar. Mas funcionou. Gradualmente Michael relaxou o suficiente para que Griffin pudesse empurrar um pouco mais profundamente dentro dele. E depois mais profundamente. Michael virou a cabeça para trás para um beijo quando Griffin começou a mover-se lentamente dentro e fora dele.

— Há algo errado com as suas costas, — Griffin soprou nos lábios de Michael.

— Há?

Griffin sorriu para ele.

— Meus vergões não estão sobre elas.

Michael riu, mas a risada virou para um suspiro quando Griffin atingiu um ponto dentro dele que fez todos os nervos de seu corpo cantar. Ele nunca tinha sonhado que iria se sentir tão bem. Arqueando as costas, ele tomou Griffin ainda mais profundamente. Ele jogou a perna para trás sobre a coxa de Griffin. As suas mãos formaram punhos e a dor em seus pulsos fizeram o prazer ainda mais potente.

Ele se soltou completamente, deixou seu ego morrer, seus medos desaparecem... Com Griffin dentro dele, ele não poderia começar a se importar com o que seu pai pensava, o que alguém pensava. De jeito nenhum isto era errado. E ninguém jamais iria convencê-lo disso.

Griffin empurrou a mão fortemente na parte inferior do estômago de Michael quando seus impulsos ficaram mais rápidos e mais duros.

— Deus, Mick... — Griffin respondeu asperamente em seu ouvido. — Nunca me senti assim antes. E não é...

Não é a coisa do preservativo, Michael sabia o que Griffin queria dizer. Mas ele não tinha que dizer isso. O corpo de Griffin disse, com as mãos que seguravam Michael como se o mundo estivesse prestes a terminar, os seus lábios não conseguiam parar de beijar seu pescoço e ombros, suas respirações desesperadas que equiparavam com as de Michael.

Michael sentiu os músculos na coxa de Griffin ficarem tensos como o aço. Ele empurrou uma, duas vezes e com um impulso final, Griffin gozou

duro, a boca junto ao ouvido de Michael. Michael grunhiu no prazer chocante de sentir Griffin despejar nele.

Por alguns minutos ou algumas horas, Michael estava muito gasto para notar o tempo, Griffin permaneceu dentro dele depois de recuperar o fôlego. Michael sentiu a primeira agitação do constrangimento. O que eles fariam agora? O que ele deveria dizer? As coisas seriam estranhas agora que eles fizeram sexo? O que acontecia agora?

Griffin envolveu um forte braço sobre o peito de Michael e segurou-o perto.

— Quero possuir você, — Griffin sussurrou no ouvido de Michael.

Michael sorriu, e pela primeira vez em sua vida sabia exatamente o que dizer e como dizê-lo.

— Você já possui.

* * *

— Ellie? Que diabos você está fazendo aqui? — A mãe de Nora, a irmã Mary John, deu um passo para frente e puxou Nora para um abraço, um abraço que Nora devolveu de forma rápida e superficial antes de dar um passo desajeitado para trás.

— Longa história. Como você está Mãe?

Nora sentiu os olhos de sua mãe em seu rosto, estudando-a atentamente. Nora manteve a expressão neutra enquanto ela devolvia o olhar. Os anos foram gentis com sua mãe. Aos 52, a mulher parecia quase 42. Claro que monjas clausuradas eram notoriamente saudáveis. Suas vidas eram tão

arregimentadas e cortadas do estresse do mundo que muitas das irmãs de sua mãe na ordem viviam bem até aos 90 anos e mantinha-se ativas, mesmo durante seus anos finais.

— Eu estou bem. Muito bem. Venha, vamos caminhar, vamos?

— Claro. — Nora seguiu a mãe até o portão e para dentro da casa-mãe. Um sinal de alerta que todos os homens eram impedidos de entrar no recinto cumprimentou-as quando elas passaram para os recantos da casa. Nenhum homem... nem mesmo padres. Foi por essa razão que Nora fugiu para a abadia de sua mãe quando ela deixou Søren. Por mais que ele a quisesse de volta, ele nunca teria pisado dentro deste lugar. À noite, por vezes, ela acordava na minúscula cela que lhe tinha sido dada e imaginava-o esperando fora das portas da abadia por ela. Tinha jurado que tinha ouvido o rugido singular do motor de sua motocicleta mais do que uma vez. Que durante todo esse tempo que eles tinham estado separados, ele sabia exatamente onde ela se escondia.

— Como tem passado, Ellie? — Perguntou a mãe enquanto elas passavam através da porta traseira e para os gramados.

— Ótima. Fantástica. Comecei a trabalhar com um novo editor no ano passado, uma nova editora. O novo livro bateu todas as grandes listas.

— Isso é maravilhoso para você.

Nora se encolheu com o tom calmo na voz de sua mãe. Maravilhoso *para* você. Não maravilhoso. Apenas maravilhoso para ela. Sua mãe desaprovava seus livros, sua escrita erótica. Sempre tinha. Sempre o faria.

— Você pode gostar do novo livro. Quase sem sexo nele. Bem, em comparação com os meus outros.

— Isso é uma grande mudança para você. O que mudou?

Nora deu de ombros e não disse nada quando elas entraram em um dos caminhos sinuosos. Pelo canto do olho, Nora estudou sua mãe. Ela odiava o quanto elas se pareciam, o mesmo nariz pequeno reto, a mesma mudança da cor dos olhos, a mesma tez pálida.

— Nada. Apenas brincando ao redor, tentando escrever algo diferente. Expandir os meus horizontes... — Nora se encolheu. Deus, parecia que ela estava dando uma entrevista com suas respostas banais.

— Você parece bem. Inteira, pelo menos. — Um leve sorriso brincava nos lábios de sua mãe.

— É essa a sua maneira de perguntar se estamos novamente juntos?

— Você não pode me culpar por me preocupar com você, não é?

Nora suspirou. Clássica deflexão maternal. Ela amava como sua mãe podia tomar todos os aspetos da vida de Nora que eram os mais pessoais, os mais privados, relacionamento com Søren, sua vida sexual, sua necessidade de se submeter, sua fome de dominar... coisas que nada tinham a ver de forma alguma com a mãe, e fazê-las sobre ela.

As mães deviam ir a algum tipo de escola para aprender como fazer isso tão bem.

— Estamos novamente juntos. E estamos felizes. E o amo. E eu sempre amarei. Oh, sim, ainda somos kinky como o inferno também. No caso de você também estar pensando sobre isso.

Sua mãe exalou com raiva.

— Eleanor, ele é um homem de Deus. Ele é um padre. Você tem alguma ideia do que seduzir um padre significa para a sua alma?

— Seduzir um padre? — Nora revirou os olhos. — Antes ele era um abusador que acabara me seduzindo. Agora, de repente eu sou a sedutora aqui?

— Você é uma mulher adulta agora, não mais uma criança. Você sabe melhor agora. Você sabe que podia ter uma vida além dele. Voltando para ele? Isso é desobediência intencional.

— É amor. E eu não estou desobedecendo ninguém. Até mesmo se o próprio Deus me disser que ele e eu não estamos autorizados a ficar juntos, então nós vamos ficar juntos. Dificilmente o torna impróprio para o sacerdócio. Quase todos os ministros protestantes são casados e judaicos rabinos. Nós, católicos, somos os loucos que fazem os nossos ministros permanecerem celibatários. Você pode ficar mais medieval do que isso?

— Ele escolheu se tornar um celibato sabendo que era um dos requisitos de padre. Se ele não pode honrar isso, ele deve deixar o sacerdócio.

— Sim, vamos pegar no melhor padre em Nova England e mudá-lo para, eu não sei, um professor de piano só porque ele é apaixonado por mim. E nós vamos deixar todos aqueles padres que gostariam de estuprar as coroinhas, ficarem na Igreja. A última vez que li a Bíblia, eu não me lembro que abusar sexualmente de crianças era parte de fazer a obra do Senhor.

— Você tinha quinze.

— Eu tinha 15 anos quando eu me apaixonei por Søren. 15 anos de idade, quando eu disse a Deus, ao diabo e para quem quisesse ouvir que eu venderia a minha alma por uma noite com ele. Quando você vai acreditar, quando você vai entender... Mãe, eu o seduzi.

— E é por isso que ele não pertence à Igreja. Há alguns padres que conseguem manter seus votos.

— Sim, aqueles que não me conhecem, — Nora disse puramente por despeito.

Sua mãe fez uma careta e Nora suprimiu uma pontada de culpa. Droga. Ela tinha um padre como amante e uma freira como mãe. Entre os dois, ela tinha suficiente culpa católica para começar a sua própria ordem religiosa. Depois de 10 anos, Nora ainda não podia acreditar que sua mãe tinha feito a sua ameaça de ter seu casamento anulado e se tornar freira.

— Eu rezo por você, Eleanor.

— Eu sei que você reza. Não serão respondidas. Não com um sim de qualquer maneira.

Nora sabia que sua mãe orava por ela a cada dia, orava a mesma oração todos os dias. “Pai, por favor, salve a minha filha daquele homem”.

Mas Nora nunca quis ser salva.

— Para registro, — disse Nora, quebrando o silêncio constrangedor, — Eu só estou aqui porque ele queria que eu viesse vê-la. Ele quer que a gente supere nossos problemas.

— Quanta consideração dele. Agora, quando é que ele está pensando em superar seus problemas?

— Ele não tem nenhum problema. Exceto que ele está na lista para ser bispo, uma posição que ele não quer.

— Eu dificilmente me preocuparia com isso. Deus nunca permitiria que tal homem tomasse uma posição de poder.

— Isso é verdade. Deus é muito bom sobre garantir que somente os santos possam governar reinos e países.

— Você perdeu sua mente e sua fé quando você foi para a cama dele.

— Nenhum, na verdade, — Nora replicou. — Só a minha virgindade e eu com certeza que não sinto falta dela.

— Ellie...

— Isto é ridículo. Ele é o único que perdeu a mente se ele acha que você e eu alguma vez vamos resolver isto. Eu amo-o. Ele é um bom homem. Ele é o melhor homem que já conheci. Eu sei que você não entende o que somos mas eu não me importo. Não é sua vida privada, é a minha.

— Eu aceitei isso, obviamente. Caso contrário, eu teria chamado o bispo e o denunciado anos atrás.

Nora apertou sua mandíbula para manter a calma. A razão pela qual sua mãe não tinha chamado o bispo sobre Søren não tinha nada a ver com o que ela fez ou não acreditava. No dia em que a mãe descobriu a verdade sobre ela e Søren, Nora tinha ameaçado que, se ela fizesse algo para prejudicar Søren de qualquer forma, Nora iria embora para sempre e ela nunca mais iria vê-la novamente. A ameaça funcionou, embora apenas Deus saiba o porquê. Quando elas viam uma a outra, elas sempre lutavam... bem deste jeito.

— Ellie... — A mãe parou de caminhar e virou-se. Nora evitou o contacto visual em primeiro lugar. Ela odiava ver sua mãe assim, envolta em um hábito de lã, o cabelo coberto com uma touca, seu corpo inteiro escondido em um mar de tecido.

— O quê, mãe?

— Você pode apenas tentar amar alguém ou até mesmo deixar alguém te amar, que não queira machucar você? Isso é pedir muito?

Nora mordeu o lábio inferior e não respondeu. A questão bateu muito perto dela.

— Nora? Você vai me responder se eu te chamar Nora? — Perguntou a mãe com uma voz suave, com preocupação. Na pronúncia do nome que ela tinha escolhido em vez do que a sua mãe tinha dado a ela, Nora piscou e duas lágrimas caíram de seus olhos e para o chão.

— Eu tentei, — Nora sussurrou com voz rouca. Os músculos de seu estômago se apertaram e a garganta dela cerrou.

— Você tentou? — A mãe dela soou ao mesmo tempo chocada e feliz. — Quem era?

Nora bateu em sua bochecha.

— Seu nome é Wesley. Ele trabalhou para mim. Mas era mais do que isso. Ele era o meu melhor amigo. E... — Nora fez uma pausa para respirar. — Eu o amo tanto. Ele ficou doente uma vez e eu não conseguia encontrá-lo. E eu nunca tinha orado tão forte por qualquer coisa na minha vida, rezado para que ele fosse ficar bem.

— Ele amava você também?

Nora concordou.

— Como louco. Eu não percebi isso por um longo tempo. Eu nunca pensei que alguém tão doce e puro realmente iria querer alguém como eu. Mas ele não me via assim. Ele não via a Nora Sutherlin que escreve erótica e faz kink... Eu era apenas a sua Nora, sua amiga louca que ele queria amar e

com quem estar e manter em segurança. Eu acho que ele teria ficado comigo para sempre se eu não o tivesse expulsado.

— Por que... por que você iria expulsá-lo de sua vida se você o amava tanto? Se ele amava você?

— Porque tudo o que garoto queria era me amar e não me machucar. E você não tem ideia o quanto isso dói em alguém como eu. E eu queria amá-lo sem ferir ele... e eu feri-o tão mal. Ele merecia mais do que eu. O fiz ir.

Nora se encolheu quando a mãe estendeu a mão e segurou seu rosto com as mãos como ela tinha tantas vezes quando Nora ainda era Ellie, ainda criança, ainda precisava do toque de uma mãe.

— Minha Ellie... Você o mandou embora em uma missão de tolos. Não há ninguém melhor do que você, minha linda menina. Não em toda a criação de Deus.

Apenas seus anos de formação nos pés de Søren tinham instilado autocontrole suficiente para Nora se manter de entrar em colapso nos braços de sua mãe.

Nora cruzou os braços sobre o peito e olhou por sua mãe e tentou pensar em qualquer coisa e qualquer pessoa, mas Wesley.

— É o melhor, — ela finalmente disse. — Seja qual for a razão por que se nos separamos, é para o melhor. Wesley... ele...

— Você ainda o ama, não é?

Nora tocou seu rosto e saiu com os dedos molhados de lágrimas. Estendeu a mão e deixe sua mãe vê-los.

— Muitas águas...

Sua mãe pegou a mão de Nora na dela e apertou.

— Eu nunca vi você chorar por ele, naquele ano que você esteve aqui.
Nem uma lágrima.

— Algumas feridas são profundas demais para lágrimas.

Sua mãe sacudiu a cabeça.

— Ou talvez não suficientemente profundas. Tente, Ellie. Tente por mim.
Só uma vez, tente estar com alguém que faz você chorar assim, por amor.
Não por dor ou medo. É pedir muito?

Nora deu de ombros e balançou a cabeça.

— É tarde demais. Passou tanto tempo, eu tenho certeza que ele seguiu
em frente agora. Espero que ele tenha, de qualquer maneira.

— Mentirosa, — sua mãe provocou-a e Nora riu. Riu? Riu com a mãe ao
falar sobre um cara? Então merda com esta acontecia na vida real, não apenas
nos filmes. Quem diria?

— Eu tenho que ir, — disse Nora. — Coisas para fazer. Pessoas em quem
bater. Foi bom te ver mais uma vez.

Sua mãe juntou as mãos na frente dela em uma postura de piedade
resignada.

— Claro. Tente não deixar passar seis anos sem vir me visitar
novamente.

— Eu não acho que eles me deixariam voltar depois de tudo o que eu fiz.

— Nora sorriu, lembrando-se de todos os problemas que ela causou aqui,
atrás dos portões onde nenhum homem poderia vir.

— Você está de brincadeira? Eles ainda falam sobre você. Você deu-nos
seis anos de jantar de conversação.

— Eu vivo para servir. — Nora fez uma reverência antes de voltar para as portas traseiras.

Ela caminhou rapidamente, querendo estar fora deste mundo e de volta para o dela, logo que possível. Todas essas mulheres celibatárias assustavam-na. Ela não podia se imaginar desistindo de sexo por um poder superior. Até mesmo seu Wesley tinha desistido de esperar e tinha certamente dormido com sua sexy namorada mais velha agora. O pensamento de uma outra mulher, as mãos dela em seu Wesley colocou pensamentos quase assassinos na cabeça de Nora, pensamentos que ela não tinha o direito de ter.

Elas caminharam através da casa-mãe em direção ao portão. Sua mãe abriu a porta que levava de volta ao mundo real, para o solo não-consagrado, onde Nora vivia.

— Eu vou te visitar novamente. Em breve, eu prometo, — disse Nora. — Posso trazer-lhe alguma coisa? Contrabandear alguma coisa? Pizza? Peixe sueco? Maconha? Qualquer coisa?

A mãe sorriu.

— Só a minha filha, feliz e inteira.

Nora indiciado seu corpo com um gesto de mão.

— Inteira, — disse ela.

— E feliz?

— Acredite ou não, sim. Talvez não por sua definição mas pela minha.

— Então eu posso viver com isso.

Nora fez uma pausa e olhou para a mãe. Ela queria dizer algo mais, dizer outra coisa mas não conseguia encontrar as palavras. Ou ela sabia as palavras, mas não tinha a coragem para dizê-las.

— Eu te vejo mais tarde, mãe.

— Oh, Ellie?

— O quê, mãe? — Nora se voltou para ela e engasgou quando sua mãe deu um forte e rápido tapa no seu rosto.

Ao primeiro Nora não podia falar do choque sozinho.

— Isto parece ser a única maneira de deixar alguém dizer-lhe que te ama. Que assim seja, — sua mãe disse, abaixando a mão.

Nora se endireitou e sorriu.

— Isso não se sente como amor para mim, — disse Nora, percorrendo o portão. — Pareceu amador. Próxima vez que visitar, vamos trabalhar em sua técnica.

Nora caminhou até seu carro e lutou com as lágrimas todo o caminho. Ela se recusou a acreditar que a mãe estava certa. Ela não ia desistir de Søren simplesmente para satisfazer sua mãe e a restritiva, baunilha, porra chata definição da sociedade do que o amor deveria ser.

Não importa de qualquer maneira. O único cara baunilha que ela tinha amado era Wesley e ela nunca mais o veria novamente. Søren certamente não permitiria isso. Não se ela lhe dissesse a verdade, de que seus sentimentos por Wesley se arrastavam ao longo de dentro de seu coração, como a serpente no jardim. A vida com Søren era o paraíso, um paraíso perigoso escuro, mas ainda assim um perfeito Eden nu.

— Quase perfeito, — ela sussurrou para ninguém quando ela se sentou ao volante de seu carro.

Ela enfiou a chave na ignição, mas antes que ela ligasse o carro, ela ouviu os sons ameaçadores de Toccata e Fugue em D Minor.

Nora pegou seu telefone da bolsa.

— Søren... — ela respirou de alívio. — Deus, eu senti...

— Diga-me a verdade, pequena. Você fez as pazes com Wesley?

Nora exalou. Ela e Wesley nunca ficariam juntos. E ela poderia viver com isso. Por este homem e pelo o que eles tinham, ela iria viver com isso.

— Sim, senhor.

Ele então falou as palavras que ela estava esperando durante todo o verão para ouvir.

— Venha para casa para mim.

Nora quase quebrou a barreira do som dirigindo de volta à propriedade de Griffin. Uma vez lá, ela levou apenas três segundos para ouvir na porta do quarto de Griffin. Ela ouviu Michael rir e depois o silêncio, o silêncio pesado. Ela ia deixar os meninos terem a sua privacidade. Rabiscando uma nota, ela empurrou-a por baixo da porta, deixando eles saberem que Søren tinha lhe dado autorização para voltar para casa.

Ela embalou rápido e pegou a estrada mais rápido. Depois de quase dois meses separados, Nora não poderia esperar mais um minuto para ver Søren. Ela tinha que tocá-lo, beijá-lo, deixar seus braços lembra-la que pertencia a ele e só a ele. Uma vez que ela o sentisse dentro dela mais uma vez, Nora poderia deixar ir esses pensamentos traidores sobre Wesley e seu arrependimento de tê-lo deixado ir muito facilmente, muito cedo.

Quando ela chegou na reitoria, a noite já tinha caído. Ela estacionou o carro no bosque de árvores que protegiam ela e a casa de olhos curiosos.

Dentro da casa e subindo as escadas ela correu, seus sapatos clicando com força na madeira.

Seu coração bateu contra a sua caixa torácica, o sangue dela queimava em suas veias. Depois de quase 20 anos, Søren ainda podia agitar suas paixões como ninguém que ela alguma vez tinha ou iria amar.

Ela nem sequer fez todo o caminho para o quarto dele. Ele devia ter ouvido os sapatos na madeira, porque ele entrou no corredor e se encontraram no meio do caminho. Sem nenhuma palavra ele foram um para

o outro, braços segurando, mãos ávidas, lábios e línguas procurando e encontrando. Ela arrastou os dedos pelo cabelo. Sua camisa rasgou em seu frenesi para chegar a sua pele. Søren mordeu sua clavícula e agarrou suas coxas tão furiosamente que ela gritou. Dor... dor, é claro. Ele tinha que machucá-la antes que ele pudesse fazer amor com ela. Søren não tinha lado baunilha. Ele tinha que jogar duro para ficar duro, como ela disse a Kingsley anos atrás. E ela estava bem com isso.

Søren bateu-a contra a parede e puxou a saia para cima. Em segundos ele estava profundamente dentro dela. Nora colocou os braços ao redor de seus ombros e se agarrou a ele como se sua vida dependesse disso, e nesse momento ela sabia que dependia. Se ela alguma vez deixasse Søren de novo... se ela fosse para longe dele novamente, ela não sabia se ela seria forte o suficiente para voltar. Então ela segurou firme, cravou as unhas em seus ombros, engasgou seu nome em sua orelha e entregou-se aos empurrões brutais que a deixariam machucada, dentro e fora.

Quando ela gozou, ela respirou seu nome com os olhos fechados. E mesmo depois que ele se tinha desgastado dentro dela, ele ainda a segurou em seus braços, presa à parede.

— Minha pequena, — ele sussurrou enquanto beijava a bochecha dela, os olhos dela.

Lentamente, ele saiu dela e baixou-a até ao chão. Eles endireitaram as suas roupas quando seus corpos se desembaraçaram. Prendendo a respiração, Nora esperou.

Ela não teve que esperar muito tempo.

Søren deu um passo para trás. E depois outro.

— De mãos e joelhos, — disse ele e Nora ajoelhou-se graciosamente no chão.

Ele perguntou a ela há dois anos em seu aniversário como ela iria voltar para ele se ela alguma vez retornasse a cama dele.

Se você voltar para mim, pequena, você vai correr ou você vai rastejar?

Eu vou voar, ela respondeu.

Hoje à noite quando ela voltou para ele, ela rastejou.

* * *

Michael passou quase três dias no quarto de Griffin. Eles vieram à tona para respirar apenas por comida e duchas e o vislumbre ocasional de luz solar antes de se retirar de volta para cama. Na segunda noite juntos, Griffin amarrou Michael aos pés da cama e açoitou ele pela primeira vez. E Michael tinha pensado que Nora tinha um braço de flagelação vicioso. Até ter os pulsos tatuados não tinha doído tanto.

Ele amou cada segundo disso. Nada mais o assustava em estar com Griffin. A parte do sexo demorou um pouco para se acostumar, mas o incrível prazer de ter Griffin dentro dele valeu a pena todo o trabalho e caretas ocasionais. O S & M eles iriam descobrir. O amor... o amor ele não tinha queixas. Michael aqueceu-se no amor de Griffin, rebolou nele, deixou seu coração que tinha estado tão sedento por afeição beber em cada gota. Todas as manhãs, Griffin dizia a ele, "eu te amo." Toda noite ele dizia o mesmo. E tudo o que Michael tinha que fazer era ir a qualquer lugar perto do alcance de Griffin se ele quisesse ser puxado para dentro dos dois braços mais

perversos, mais fortes que ele já encontrou em sua vida. Desde a sua tentativa de suicídio, Michael sentiu quase constante solidão, ansiedade e sentido que, enquanto pessoas como Padre S e Nora iriam entendê-lo, ninguém nunca realmente o amaria. Mas com Griffin ele finalmente se sentia amado, em paz e seguro.

Mas no terceiro dia, Griffin fez e disse a única coisa que poderia quebrar a felicidade de Michael.

— Eu não tenho relacionamentos secretos, Mick. Se vamos fazer isso, eu quero conhecer a sua mamãe. Empacote. Nós estamos indo embora.

As palavras foram ditas em um tom que não admitia desafio. Michael tinha sabido que era bom demais para ser verdade de qualquer maneira. Uma vez que Griffin visse como verdadeiramente humilde suas origens eram, a pequena casa, o carro com 10 anos na garagem, os móveis gastos, ele perceberia o quão diferentes eles eram e quão pouco Michael pertencia ao mundo de Griffin.

Em um silêncio tenso Michael olhou pela janela do Porsche de Griffin quando eles dirigiram da propriedade para Wakefield. Griffin pareceu sentir a ansiedade de Michael e deixou-o sozinho com seus pensamentos.

Quando chegaram a Wakefield, Griffin passou pelo Sagrado Coração, mas eles encontraram a igreja vazia. Michael imaginou que Padre S e Nora ainda estavam na cama apreciando o reencontro. Ele desejava que ele pudesse dizer o mesmo sobre ele e Griffin. Antes de deixar a igreja, Michael foi para o santuário da Virgem Maria no canto da antecâmara e acendeu uma vela em oração.

Maria, Mãe de Deus, Michael orou em seu coração. *Por favor, ajude a minha mãe. Por favor me ajude e a Griffin*. Era isso. Ele não tinha ideia do que mais a rezar. Ele sabia que não queria ferir sua mãe mas ele não queria que ela ferisse Griffin, também. Muitos cenários horríveis correram pela mente de Michael quando Griffin os dirigiu para a casa de Michael. Sua mãe perderia a merda, com certeza. Ela provavelmente proibiria Michael de ver Griffin. E Michael iria recusar. E então? Sair de casa? Viver com Griffin? Parecia um pouco cedo para isso. Claro, não haveria Griffin depois de toda essa merda com a sua família acontecesse.

Griffin entrou na rua e Michael engoliu uma onda de náusea. A náusea piorou por cada casa que eles passaram no caminho para a sua. Quando chegaram a casa de Michael a náusea virou temor, choque e pânico.

— Ah, porra, — Michael respirou quando ele notou uma visão familiar e verdadeiramente indesejável.

— O quê, Mick? — Perguntou Griffin, agarrando o joelho de Michael.

— O meu pai está aqui.

* * *

Nora se esticou sobre o peito de Søren e soltou um suspiro feliz.

— Obrigada, senhor, — ela ronronou, virando a cabeça para dar-lhe uma mordida rápida sob a sua clavícula.

— Eu quero saber o que você especificamente está me agradecendo ou devo simplesmente dizer por nada?

Nora moveu-se completamente em cima do Søren e pressionou seu corpo inteiro no dele quando ele passou os braços ao redor dela. Ela adorava a altura de Søren. Com 1,93m ele era exatamente 30cm mais alto do que ela. Ela podia estar em cima dele, o estômago contra estômago e sua cabeça podia encaixar bem sob o queixo.

— Bem, eu perdi a conta após o sétimo orgasmo. E você também fez aquela coisa que eu gosto com a coisa.

— Nenhum obrigado é necessário. Eu próprio desfrutei.

Nora levantou a cabeça e olhou Søren nos olhos.

— Apenas obrigada... por ser você, — disse ela. — O mundo é um mundo melhor, mais interessante com você nele.

Ele sorriu quando ele deixou cair um beijo no topo de sua cabeça.

— E o mundo é certamente o lugar mais selvagem, mais bonito com você nele, pequena.

— Sério?

— Bastante.

— Diga algo agradável sobre mim. Eu estou pescando por elogios, se você não notou.

— Eu notei, — disse ele enquanto ele rolou rapidamente, prendendo Nora sobre suas costas. — Pescar elogios é contra as regras. Continue e eu vou ter que puni-la.

— Eu não me lembro dessa regra, senhor.

— Acabei de fazer ela.

Rindo, Nora levantou a cabeça e enfeitou os lábios de Søren com um beijo.

Ela se afastou e bateu os cílios para ele.

— Diga-me mais sobre meus olhos.

— Seus olhos são... — ele começou antes de repente parar e correr para fora da cama.

— O quê? Meus olhos são o quê?

Søren começou a se vestir.

— Eu vou te dizer depois da minha reunião. — Ele se inclinou e beijou-a rápido enquanto ele abotoava a camisa dele.

— Reunião? — Nora mexeu-se para uma posição sentada. — Que reunião? Eu pensei que você disse que o comitê de busca tinha escolhido o Padre Peterson. Não mais reuniões.

Søren deslizou seu colarinho romano no lugar.

— Eles fizeram. Graças a Deus. Esta reunião não é com qualquer comissão. Prometi a Suzanne uma última longa conversa.

Nora estreitou os olhos.

— Esta cadela repórter está me dando nos malditos nervos. Por que ela não pode deixá-lo sozinho?

— Ela não é o inimigo. Especialmente agora que ela já não pensa que eu sou o inimigo.

— Bem, se nós a temos enganado tanto assim, — começou Nora. Søren atirou um olhar vicioso que quase a fez rir. — Então por que é que ela ainda paira por aí?

— Ela tem algumas perguntas finais para mim. Depois de tudo que eu a coloquei através deste verão, eu sinto que ela merece algumas respostas.

Søren dirigiu-se para a porta. Nora teve um pensamento repentino e deu um salto na cama.

— Søren? Espere um segundo. Deixe-me ir falar com ela.

* * *

— Mick? Você está bem? — Griffin colocou a mão no joelho de Michael e apertou.

Michael balançou a cabeça.

— Não.

A mão em seu joelho mudou-se para o rosto de Michael.

— Olhe para mim, — disse Griffin em quase um sussurro. Relutantemente, Michael virou a cabeça para encontrar os olhos de Griffin. — Eu tenho isto. Eu não vou deixar nada de ruim acontecer.

Algo no tom de Griffin fez Michael quase acreditar.

— OK.

Griffin sorriu.

— Bom. Vamos acabar com isto. Quero transar com você antes do jantar.

Com um golpe brincalhão no joelho de Michael, Griffin saiu do carro e deu a volta para o lado de Michael. Com extrema relutância, Michael abriu a porta e saiu para a calçada. Griffin estendeu a mão. Michael olhou para ele. Eles nunca tinham estado em público antes. Na cama eles tinham dado as mãos... e todas as outras partes do corpo. Mas aqui? Em sua rua? Em sua casa? Na frente de seus pais?

— Nós estamos nisto juntos, Mick. Eu te amo.

Michael se assustou com as palavras. Eles pareciam vir ecoando de dentro de um desfiladeiro. Ou o desfiladeiro estava dentro dele e as palavras o encheram e ele, finalmente, silenciou a voz dentro dele que avisava que ele nunca seria amado por quem e o que ele era. Sem mais hesitação, Michael pegou a mão de Griffin, enquanto caminhavam até a casa. Michael abriu a porta sem bater e ele e Griffin entraram.

Ele ouviu vozes na cozinha. Calmas, iradas vozes.

— Eles estão brigando, — Michael sussurrou. — Eles estão sempre brigando.

— Eles estão divorciados, — Griffin sussurrou de volta. — O que eles têm para brigar?

Michael engoliu.

— Eu.

Eles entraram na cozinha e a mãe e o pai de Michael pararam imediatamente de falar. O rosto da mãe dele era uma máscara de choque. O rosto de seu pai tinha uma expressão da confusão que logo se transformou em fúria ao ver a mão de Michael na de Griffin.

— Michael... — começou o pai.

— Eu sou Griffin Fiske, o namorado de seu filho, — disse Griffin, sorrindo amplamente para os pais de Michael. — Prazer em conhecê-los.

— Não. De jeito nenhum, — disse o pai de Michael. — De jeito nenhum que isso está acontecendo. Michael, o que você est...

Ele apressou-se para a frente e Michael se preparou. Mas Griffin deu um passo entre eles e ergueu o queixo.

— Eu acho que você não me ouviu, — repetiu Griffin. — Eu sou Griffin Fiske. Eu sou o namorado do seu filho. Prazer em conhecê-lo.

Desta vez, ele disse as palavras sem sorrir e com o toque sutil de uma ameaça na voz. Michael sempre tinha imaginado seu pai como o grande pai mau, mais alto do que ele, mais musculoso mas em comparação com Griffin, ele parecia leve e baixo.

— Quem diabos é você? — Seu pai perguntou.

Griffin sorriu perigosamente enquanto Michael saía de trás de Griffin e tentou se aproximar de sua mãe, que ainda estava de pé, em silêncio atordado.

— Eu sinto que estou me repetindo. Mick, estou me repetindo? — Perguntou Griffin.

— Mamãe, papai. — Michael tentou se manifestar. — Griffin e eu...

— Cale a boca, Michael, — seu pai ordenou, — ou eu juro por Deus...

O que o pai de Michael estava prestes a jurar o mundo nunca saberia pois Griffin levantou a mão e estalou os dedos ruidosamente no rosto do pai de Michael.

O snap realmente calou o pai de Michael momentaneamente.

— Não faça isso, — disse Griffin, em tom de ameaça casual. — Não diga a ele para calar a boca. Coisas ruins vão acontecer com as pessoas que não tratam Mick da maneira como ele merece.

— Não se atreva a me dizer como falar com meu filho. O meu fodido, doentio filho.

Michael se encolheu com as palavras do pai. E ao lado dele sua mãe também se retraiu.

— Ken, por favor, — a mãe de Michael começou. — Vamos manter a calma e conversar sobre isso. Nós sempre soubemos que Michael não era-

— Normal? — Disse o pai. — Obviamente que não. E a culpa é sua, Melissa. Você deixou-o crescer o cabelo. Você manteve-o fora da escola católica. Você mimou ele. Tornou-o em um maldito veado...

Michael e sua mãe se retraíram de novo em uníssono quando Griffin de forma rápida e eficiente colocou o pai de Michael na parede. Seu ombro bateu no azulejo com um ruído surdo.

— Griffin, não, — Michael implorou, não querendo que polícia viesse.

Mas Griffin não prestou qualquer atenção. Ele colocou a mão no centro do peito do pai de Michael e segurou-o contra a parede, preso como um inseto em uma caixa.

— Eu disse que coisas ruins acontecem quando as pessoas não tratam Mick muito bem, — disse Griffin, pisando até ao pai de Michael e olhando para ele ameaçadoramente. — Eu amo o seu filho. E eu vou quebrá-lo se você sequer olhar para ele de lado novamente. Seu filho “não normal” é o artista destreinado mais talentoso que eu já vi. Ele é inteligente, um patinador incrível, tem um grande senso de humor e é a pessoa mais gentil, mais humilde que eu já conheci. Eu estou tão apaixonado por ele que eu não posso nem pensar direito. O que está bem já que, obviamente, eu não sou direito⁷⁷. E nem ele. Enfim, estou divagando. Eu faço isso às vezes. Difícil me calar. O ponto é... — Griffin disse, e apontou forte no peito do pai de Michael, forte o suficiente para a ponta do seu dedo certamente deixar uma pequena contusão

⁷⁷ Nesta frase houve trocadilho. Ele diz que não está a pensar direito (straight) e que está ok pois ele não é direito (straight). Straight é a palavra em inglês que descreve uma pessoa homossexual. Griffin começou a divagar e misturou o fato de não estar a ver direito com o de ele não ser homossexual.

circular. — Suas opiniões sobre... tudo realmente, não são bem-vindas aqui. Michael está bem. Estou cuidando dele agora. Shoo.

Com as duas mãos, Griffin fez um gesto de desprezo, como se o pai de Michael fosse simplesmente uma mosca ou um gato feroz rondando.

— Esse é o meu filho. — O pai de Michael apunhalou um dedo com raiva na direção de Michael.

— Ele é minha propriedade.

— Sua quê?

Michael se encolheu para fora mesmo quando seu coração acelerou por dentro. Ser reivindicada como propriedade de Griffin falou para ele nos níveis mais profundos.

— Minha. Propriedade. Ele pertence a mim. Completamente por sua escolha. E você não é mais relevante nesta equação, — Griffin continuou. — Você faz ele se sentir mal. Portanto, você não tem permissão para estar novamente em sua presença até que chegue o momento em que você pode controlar as suas inseguranças o suficiente para manter sua boca fechada em torno de Michael.

— Eu tenho vindo a pagar para mantê-lo em comida e roupas com um teto sobre sua cabeça desde o dia em que nasceu.

— Dinheiro? — Griffin levantou-se reto. — Isto é sobre dinheiro? Dinheiro eu tenho. Quanto você quer por ele?

— Desculpe-me? — Repetiu o pai de Michael.

— Quanto você quer por seu filho? Vou escrever-lhe um cheque agora mesmo para você ficar fora da vida dele para sempre.

— Griffin, não lhe dê um centavo. — As palavras saíram sem aviso. — Ele não merece isso.

Ele não merece isso. Tinha Michael realmente dito isso em voz alta? Antes ele teria dito, ou pelo menos pensado, *eu não mereço isso. Eu não mereço que você gaste um centavo por mim.* Mas Griffin valorizava-o tão alto, tratava-o como a mais rara e mais preciosa posse... Michael começou a pensar que talvez ele fosse.

— Não, ele não merece isso, — disse Griffin, alcançando o bolso de trás da calça jeans e puxando a carteira. — Mas você merece uma vida sem ele. Não me disse que ele mantém controle total do apoio à criança que é pago por cheque? Onde estamos? Qual é o total?

— Griffin... — Michael implorou.

— 42.300 dólares, — disse a mãe de Michael em uma alta e clara voz, os olhos fixos em Griffin. — E se eu tivesse o dinheiro, eu daria tudo de volta para ele para me livrar dele também.

Michael observou enquanto os olhos de Griffin e os olhos de sua mãe se encontraram. Algo se passou entre eles que Michael viu mas não entendeu.

— Vamos arredondar 50.000? — Griffin pegou o pai de Michael pelo ombro e virou-o, empurrando seu peito contra a parede. Em seguida, usando as costas como uma superfície plana, Griffin preencheu o cheque. — Estou me sentindo generoso. Vamos torná-lo 69 000. Eu adoro escrever 69. Vou até colocar isso no memorando. Que vender o seu filho por 69.

Griffin girou o pai de Michael ao redor, arrancou o cheque e enfiou-o no bolso do seu pai.

— Eu sou bom para isso, — disse Griffin. — Não sou, Mick? Você não disse que esse cara aqui trabalhou em uma corretora de ações?

Michael concordou.

— No Hamilton.

— Legal, — Griffin disse em aprovação. — Meu pai é John Fiske. Ouviu falar dele?

O pai de Michael não respondeu em palavras mas os olhos arregalados confessaram que sabia exatamente quem era o pai de Griffin e apenas quanto em dinheiro Griffin era bom.

— Vá, pai, — disse Michael. — Você não quer que eu seja seu filho mais do que eu quero que você seja meu pai. Agora você não tem que ser mais meu pai.

— Você acabou de levar um fora. — Griffin bateu levemente em cima da cabeça do pai de Michael. — Triste, eu sei. Oh, adeus.

Mais uma vez, Griffin fez o gesto de enxotar. O pai de Michael atirou a todos na sala um olhar de puro ódio.

Ele saiu da cozinha e pelo corredor, Griffin seguindo duro em seu calcanhares, sem dúvida, querendo se certificar de que ele realmente ia embora. Michael e sua mãe arrastaram-se atrás de Griffin.

Fora no gramado da frente, o pai de Michael se virou.

— É um pecado, você sabe disso, certo? — Disse o pai de Michael, olhando para trás e para a frente entre Michael e Griffin. — O sexo entre dois homens. É contra a natureza e contra Deus. É uma abominação mesmo. Você vai à igreja, Michael. Você sabe disso.

— Se é uma abominação, papai, você está apenas fazendo errado. Empurre para baixo, então liberte. Ele vai se encaixar melhor. — Michael quase gritou as palavras.

O pai de Michael balançou a cabeça em desgosto enquanto ele caminhava até seu carro e partia.

Griffin olhou para Michael e ambos caíram na gargalhada incontida.

— Você costuma gritar dicas de sodomia em seu gramado dianteiro? — Perguntou Griffin, arrastando Michael para um beijo rápido.

— O quê? Você não? — Michael ainda estava rindo quando ele saiu do abraço de Griffin. Foi então que ele viu sua mãe de pé na varanda em silêncio. — Mãe... oh, Mãe, eu sinto muito... — Michael disse, seu coração afundando através do solo. — Eu não pensei... e os vizinhos, eu...

A mãe de Michael deu dois passos para a frente e envolveu-o em um abraço.

Ele congelou, incapaz de se lembrar da última vez que sua mãe lhe tinha segurado assim.

— Mãe? — Michael timidamente devolveu o abraço.

— Eu senti sua falta, garoto. Longo verão sem você.

Michael olhou para Griffin, que só deu de ombros e murmurou, *Mulheres*, para ele.

Sua mãe não parecia pronta ou disposta a deixá-lo ir ainda. Assim, Michael inclinou-se para o abraço e fechou os olhos.

— Eu também senti sua falta, mãe.

Finalmente, ela se afastou e enxugou uma lágrima do rosto. Virando-se para Griffin ela esticou a mão.

— É bom conhecê-lo, Griffin.

Griffin olhou para a mão dela e revirou os olhos. Ele deu um passo para a frente e abraçou-a tão forte que ela saiu do chão.

— Griffin, você devia colocar a minha mãe no chão.

Griffin colocou a mãe de Michael de volta ao chão em seus pés.

Michael olhou para Griffin e depois para a mãe e vice-versa.

— Então, — disse Michael. — Almoço?

Suzanne entrou no santuário do Sagrado Coração e encontrou-o vazio. Ela fez uma última marcação para falar com ele; ela tinha algumas questões deixadas para perguntar mas as perguntas não eram a razão por que ela veio. O que ela realmente queria era pedir desculpas por suas suspeitas e agradecer-lhe por ajudá-la a acreditar novamente, se não em Deus, pelo menos em um padre.

Vagando o perímetro do santuário, ela estudou as placas na parede, imagens da paixão de Cristo com algarismos romanos gravadas nelas. Ela parou em uma placa que mostrava uma mulher ajoelhada em frente de Jesus estendendo o véu dela. Suzanne franziu as sobrancelhas e tentou lembrar o nome da mulher. Ela não se lembrava a última vez que ela orou as Estações da Cruz. Talvez ela nunca tivesse.

— Qual é o seu nome? — Ela perguntou em voz alta quando ela começou a cavar por seu iPhone.

— Veronica, — veio uma voz atrás dela.

Suzanne virou-se e viu uma mulher de pé no final de um banco com os braços cruzados sobre o peito. A mulher usava uma saia preta apertada que abraçava os quadris bem torneados, saltos altos de tiras, uma blusa vermelha justa e um pequeno sorriso misterioso em seu incrivelmente lindo rosto. A mulher parecia familiar. Extremamente familiar.

— Oh, Deus, — Suzanne disse, de repente, fazendo a conexão. — Você é Nora Sutherlin.

A mulher acenou com a cabeça enquanto ela descruzou os braços e empurrou uma mecha do cabelo preto ondulado atrás da orelha.

— Culpada, — disse ela com um tipo de sorriso que disse a Suzanne que esta era uma mulher que, possivelmente, nunca tinha experimentado um momento de culpa em sua vida. — E você é Suzanne Kanter. Você é ainda mais bonita do que ele disse que era.

Suzanne corou e colocou as mãos trêmulas nos bolsos de trás da calça jeans. Tão intimidador quanto achou Padre Stearns, ela nunca tinha sentido metade do nervosismo que sentiu ao redor de Nora Sutherlin.

— Um... — Suzanne começou e revirou os olhos para o seu próprio constrangimento. — Bem, você é tão bonita como ele disse que era.

Nora Sutherlin, ao contrário dela, não corou. Ela só olhou para Suzanne com seus inteligentes olhos escuros.

— Uma pergunta, — disse Sutherlin.

Suzanne piscou.

— Uma pergunta? Você tem uma pergunta para mim?

Sutherlin sacudiu a cabeça.

— Você perseguiu-o durante todo o verão. Seguindo-o. Invadiu a reitoria. Você mesmo foi ver sua irmã. Você é tenaz. Eu posso apreciar isso. Está, no entanto, na hora de você nos deixar em paz. Você sabe que ele não é um perigo para a sua congregação. Eu posso unicamente supor que você ainda está aqui por outros motivos. Razões que eu não tenho que adivinhar por que, vamos ser honestas, nós duas o vimos.

O rubor de Suzanne aprofundou mas ela não podia negar a verdade das palavras de Sutherlin. A atração dela pelo Padre Stearns era ainda uma ferida muito fresca para se preocupar em negar.

— Sim, — Suzanne admitiu. — Eu o vi.

Sutherlin levantou a sobrancelha, obviamente, ouvindo a verdade mais profunda com as palavras. Ela sorriu de novo, descruzou os braços e sentou-se no braço do banco.

— Eu disse uma pergunta e isso é exatamente o que quero dizer, Sra. Kanter. Você pode fazer uma pergunta, — Sutherlin levantou um único dedo — e eu vou respondê-la. Sinceramente. Sem subterfúgios ou dissimulação. Vou dizer-lhe a verdade, toda a verdade e nada além da verdade para qualquer pergunta que você fizer.

Os olhos de Suzanne se alargaram.

— Em seguida, você vai me dizer que eu ganhei na loteria, — disse ela, mal acreditando nas suas orelhas.

— Só na loteria verdade. Mas este prêmio vem com um preço. Eu vou responder a sua pergunta mas a resposta ficará fora do registro. E você não pode usar nada do que eu lhe disser para feri-lo. E você não pode pegar nada do que eu disser a você para saber mais. Se uma única palavra minha aparece na impressão, terei Kingsley destruindo sua carreira tão completamente que você não vai obter um emprego até como garoto de meteorologia como o seu antigo professor sugeriu. Você entende isso?

Engolindo em seco, Suzanne assentiu. Ela ouviu a ameaça na voz de Sutherlin e sabia que ela quis dizer cada palavra. Que ela sequer sabia sobre o seu antigo professor sugerindo que ela se tornar uma garoto de meteorologia

era um sinal que o mundo desta mulher não era um que Suzanne quisesse ficar um momento mais longo do que o necessário.

— Além disso, uma vez que eu dê a resposta, — Sutherlin continuou, — você vai deixar eu, Kingsley e Søren em paz. Nós deixaremos de existir para você. Você vai nos banir dos seus pensamentos, sua memória, sua conversa e seu vocabulário. Você pode aceitar isso?

Ela não podia se imaginar banir completamente o Padre Stearns de sua memória. O corpo dela ainda formigava quando ela pensava em suas mãos em seus braços. Mas ela iria tentar. Para o bem da verdade, toda a verdade, ela iria tentar.

— OK. Eu aceito. Eu vou ir para o Iraque em breve de qualquer maneira. Tempo de eu seguir em frente.

— Sim, — disse Sutherlin. — Sim, é. Agora pergunte a sua questão e todos nós podemos seguir em frente.

Suzanne não teve nem sequer que fazer uma pausa por um momento para pensar sobre sua pergunta.

— Você e Padre Stearns estão dormindo juntos?

Se ela achasse que tal inquérito poderia perturbar Sutherlin, Suzanne estava altamente desapontado.

Sutherlin não parecia nem chocada nem assustada com a pergunta. Ela nivelou seus escuros olhos verdes no rosto de Suzanne.

— Você realmente quer desperdiçar uma pergunta sobre algo sobre a qual você já sabe a resposta? — Perguntou Sutherlin.

O estômago de Suzanne caiu alguns centímetros. Ela esperava... acreditava... pelo menos queria ter acreditado... Mas isso não importava.

Sutherlin foi virgem até aos dezenove anos. Quando ela e o seu padre se tornaram amantes, ela tinha sido, pelo menos, legalmente adulta.

— Não, eu não acho. — Suzanne suspirou profundamente. — Que tal isso? O conflito de interesses que está nessa denúncia anônima que alguém me enviou, o que é? É sua irmã Elizabeth? Ela praticamente confessou ter matado o pai.

— Ela matou o pai e ela confessou para Søren. E Søren se recusou a revelar sua confissão. Escutei no funeral. E ele tem estado preocupado durante 17 anos de que Elizabeth iria descobrir que ouvi. Mas não, esse não é o conflito de interesses onde a igreja está em causa.

— Então, o que é?

— O pai de Søren era um homem muito rico quando ele morreu. Ele teve metade da fortuna de sua esposa no divórcio e com a sua visão para os negócios sem escrúpulos, ele triplicou na altura em que morreu. E quando ele morreu, deixou cada centavo para o seu único filho. Quase meio bilhão de dólares.

Suzanne engasgou.

— Mas... o pai dele enviou-o para longe depois do que aconteceu com Elizabeth. Quase o matou.

— Verdade. Mas como seu pai não tinha mais filhos e não tinha relação com a filha, ele teve uma mudança de... o que quer que tivesse no lugar de um coração. Mas o dinheiro não era uma oferta de paz. Foi um suborno. Padres fazem votos de pobreza. Para aceitar todo esse dinheiro, Søren teria de deixar o sacerdócio. Por nada e por ninguém ele alguma vez deixaria o sacerdócio.

— Então o que fez ele?

Sutherlin sorriu.

— O que qualquer bom padre faria. Ele dizimou. Ele deu dez por cento do dinheiro para a Igreja. Cinco por cento a sua antiga escola católica em Maine. E cinco por cento para esta diocese. O restante ele dividiu ao meio e deu a cada irmã. Ele não manteve um único centavo para ele mesmo.

Suzanne cobriu a boca com a mão e se afastou. Em sua cabeça, ela rapidamente analisou os números. Cinco por cento dos quinhentos milhões de dólares era...

— Vinte e cinco milhões de dólares, — Suzanne respirou. Ela se virou. — Ele deu para esta diocese?

— Ele deu. Você sabe como ele funciona. Párocos são transferidos o tempo todo. Ainda assim, Søren está aqui há quase vinte anos. Como ele consegue tal isenção? Ele comprou-a.

— Eu me perguntava por que eles não o moviam, o subiam na escada.

— Ele gosta daqui.

Ele gosta de sua privacidade, Suzanne percebeu.

— O que você chamaria dar uma promoção para um homem que doou vinte e cinco milhões de dólares para a sua corporação? — Perguntou Sutherlin.

— Um conflito de interesses, — Suzanne sussurrou. — Eu pensei... eu pensei que ele podia ser um predador. Ou, você sabe, porque... com você que ele tinha...

— Sexo? Você pensou que o conflito de interesses era sobre sexo? — Sutherlin riu como se fosse a coisa mais ridícula que já ouviu. — Esta é a

Igreja Católica, sra. Kanter. E a Igreja Católica tem estado piscando para o sexo por dois mil anos. É o dinheiro que os deixa nervosos.

Suzanne sacudiu a cabeça. Muitos pensamentos colidindo dentro dela.

— Ele deu tudo isso? Cada centavo?

Sutherlin assentiu.

— Ele deu. Teimoso padre idiota. Quando ele e Marie-Laure se casaram, ele ficou com acesso ao seu enorme fundo fiduciário. Depois que ela morreu, ele deu cada centavo desse também. Ele nasceu para ser padre. O dinheiro não lhe interessa. Esse é o conflito de interesses. Agora, se me dá licença, eu vou continuar com a minha vida sem me preocupar com uma repórter ferindo Søren.

— Você chama-o de Søren? — Suzanne perguntou, a questão saiu antes que ela pudesse pará-la.

— Claro que eu chamo. É o nome dele. Por que você pergunta?

— Ele disse que só disse o seu nome real para as pessoas mais próximas a ele, para as pessoas que ele confiava e que conheciam o verdadeiro ele.

— Isso é muito verdadeiro.

— Há quanto tempo você o chamava de Søren?

O rosto de Sutherlin suavizou quando ela virou o olhar de Suzanne e sorriu para a imagem de Veronica estendendo a véu para o Cristo caído.

Após um longo silêncio, Sutherlin olhou para Suzanne.

— Desde o dia em que nos conhecemos.

Suzanne assentiu e não disse nada. Essas cinco palavras disseram a Suzanne tudo o que ela precisava saber. Padre Stearns e Nora Sutherlin

tinham algo, uma conexão, uma intimidade... algo profundo e inexplicável, algo intocável, inatingível.

Na noite em que Suzanne tinha lhe pedido para fazer amor com ela, ele tinha dito que ele não pertencia a ele mesmo. Ela pensou que significava que ele pertencia a Deus ou a Igreja. Agora ela sabia que ele queria dizer Nora Sutherlin.

— Estou saindo agora, — disse Sutherlin. — E você deve também.

— Eu gostaria de, pelo menos, dizer-lhe adeus. Ou eu não posso? — Perguntou Suzanne. A questão não tinha nenhum sarcasmo. Fosse o que fosse que Nora Sutherlin lhe dissesse para fazer, ela faria.

— Eu vou permitir isso. Ele gosta de você. Eu não, mas eu sou um pouco tendenciosa.

— Eu posso ver isso.

Sutherlin ergueu o queixo com as palavras de Suzanne e de alguma forma sabia que ela tinha se explicado mal. Lentamente Sutherlin caminhou para ela, seus quadris balançando a cada passo em frente. Ela nunca esteve na presença de um ser mais imediato, visceralmente sexual em sua vida.

— Não, você não pode ver isso, — disse Sutherlin, chegando a ficar na frente dela. — Você não pode ver nada. Eu não posso. Ele não pode. Nós não podemos. Nós não existimos, lembra? Você sabe o que eu sou?

Suzanne encolheu os ombros em confusão.

— Você é... uma escritora.

— Eu sou. Eu também sou uma das mais famosas dominatrixes de todo o mundo. Eu costumava ser a número um do Kingsley. Você sabia disso?

Suzanne engoliu em seco novamente.

— Eu poderia ter ouvido alguns rumores.

— Acredite neles, — disse Sutherlin. — E saiba que são apenas a ponta do iceberg. Eu já tive um barão de gado do Texas me pagando 50 000 dólares para marcá-lo com o próprio ferro da marca dele. Eu tinha um CEO de Silicon Valley me pagando 60 000 dólares para mijar em seu rosto. Eu coloquei ricos e famosos no hospital. E eles pagaram através dos dentes pelo privilégio. Eu tenho um arquivo policial tão grosso como o pau de Kingsley, e ainda assim eu nunca fui condenada por qualquer crime quando em adulta. Por quê? Os policiais e os advogados e os juízes vivem no bolso de Kingsley. E um ou dois deles viviam no meu. Na cidade, eu posso fugir com o assassinato.

Suzanne endireitou os ombros e olhou Sutherlin diretamente nos olhos, algo que levou toda a sua coragem.

— Você está me ameaçando, sra. Sutherlin?

Sutherlin apenas sorriu.

— Não. Claro que não. Tudo que estou dizendo é que eu vou fazer de tudo para protegê-lo. Qualquer coisa. Mas não há necessidade de se preocupar. Eu machuco as pessoas. Eu machuco-as muito. Deixei cicatrizes permanentes em alguns clientes. Algumas cicatrizes externas. Algumas interiores. Mas toda essa dor que eu tenho infligido... foi tudo consensual. Eu nunca fiz mal a ninguém sem a permissão deles. Tudo o que estou querendo dizer, sra. Kanter, é... — Sutherlin inclinou-se para frente e pressionou o mais leve, o mais suave, o mais aterrorizante beijo nos lábios de Suzanne antes de se afastar uma polegada e sussurrar, — Há uma primeira vez para tudo.

E com isso, Sutherlin deu um passo para trás. E outro. Então ela se virou os calcanhares e saiu da igreja.

Suzanne respirou fundo. Ela levantou a mão e encontrou-a tremer. Zonas de guerra, recordou-se. Ela tinha estado em zonas de guerra. Esta mulher não devia aterrorizá-la.

Determinada a obter um pingo de sua dignidade de volta, Suzanne correu do santuário e viu Nora Sutherlin indo em direção a um Porsche que tinha puxado até ao meio-fio.

— Espere! — Suzanne chamou e Sutherlin virou.

— Sim?

— Só mais uma pergunta... por favor.

Sutherlin sorriu.

— Mais uma. Mas faça-a boa.

Suzanne assentiu.

— Como ele é... você sabe, na cama? Eu tenho que saber. Eu nunca estive tão atraída por alguém na minha vida. E eu nunca vou chegar a estar com ele. Pode me dizer isso?

Sutherlin parecia positivamente chocada com a pergunta.

— Na cama? Eu e Søren? Nós não estamos dormindo juntos, — disse Sutherlin.

— Mas... mas eu perguntei se vocês estavam. E você disse para não fazer perguntas das quais eu já sabia a resposta.

Sutherlin assentiu.

— Exatamente. É claro que não somos amantes. — Sutherlin deslizou um par de óculos de sol pretos elegantes. — Ele é um padre. Isso é nojento.

Mais uma vez Sutherlin girou nos calcanhares e se afastou. Desta vez Suzanne deixou-a ir.

Ela observou quando Sutherlin chegou ao Porsche. Dois homens saíram do carro. Não, não dois homens. Um homem e um adolescente. O homem era Griffin Fiske. E o adolescente era... Suzanne estreitou os olhos para ele. Um jovem bonito, seja lá quem ele fosse. Quase de aparência angelical. Cabelo preto do comprimento do ombro, olhos prata tão brilhantes que ela poderia vê-los brilhar a partir de dez pés de distância, pele pálida, magra mas apenas de um jeito de um adolescente... até mesmo seus pulsos ainda tinham aquela delicadeza de adolescente neles. Suzanne olhou mais de perto para os pulsos e viu que tinham ataduras de gaze. Ataduras? Ela fez a conexão, finalmente. Michael Dimir, o rapaz que tinha cortado os pulsos no santuário, ele teria dezessete anos agora. Griffin Fiske e Nora Sutherlin deram um ao outro um beijo rápido quando o menino, Michael, desembrulhou a gaze de seus pulsos. Sutherlin deu aos pulsos dele um polegar para cima antes de ela o beijar rapidamente nos lábios. O rapaz se inclinou de volta contra o peito de Griffin Fiske quando Fiske passou um braço possessivo ao redor dele.

Michael Dimir... com Griffin Fiske? Que diabos...

— Jesus, que tipo de igreja é esta? — Suzanne se perguntou em voz alta.

— Minha igreja, — disse uma voz familiar atrás dela.

Suzanne apenas sorriu quando Nora Sutherlin bateu no menino, Michael Dimir, na bochecha. Ela olhou para trás, levantou os óculos de sol, deu a Suzanne uma piscadela arrogante e caminhou em direção a um BMW no estacionamento.

— Você alguma vez quis bater o inferno fora da mulher? — Perguntou Suzanne.

Padre Stearns lançou um pesado, resignado suspiro.

— Todos os dias da minha vida.

Rindo, Suzanne virou-se e olhou para ele. Encontrou-o segurando um pequeno mas requintado buquê de rosas brancas.

— Para mim? — Ela brincou.

— Não. — O ligeiro sorriso deixou seu rosto e ele deu-lhe um olhar da mais profunda compaixão. — Para Adam. Eu acho que é tempo de você visitar o túmulo de seu irmão.

Suzanne ficou em silêncio. Sua garganta se apertou. Lágrimas brotaram nos olhos dela.

— Eu vou com você. Você não estará sozinha. — Padre Stearns disse, entregou-lhe as flores. Suzanne segurou-as no peito.

— Ok, — ela sussurrou. Ela olhou para ele e tentou sorrir no meio das lágrimas.

— Ele está enterra...

— Eu sei onde ele está. Eu também sei onde ele está enterrado. Vamos agora. Vou encontrá-la lá.

Suzanne não conseguia nem falar para agradecê-lo. Ela simplesmente se dirigiu para o carro e dirigiu para o cemitério da cidade onde a família tinha colocado seu irmão para descansar. Terreno público. Solo não-consagrado. Quando ela chegou ao lado da sepultura, Padre Stearns já estava lá com a cabeça perfeitamente loira inclinada em uma oração silenciosa.

— Eu ainda odeio a Igreja por lhe recusar um enterro católico, — Suzanne admitiu quando ela lançou as flores no túmulo. Quando de joelhos ela puxou algumas ervas daninhas da lápide.

Adam Gabriel Kanter. Nascido 03 de julho de 1978, morreu 01 de novembro de 2006. Que o Senhor lhe dê tréguas de todos os seus inimigos. II Samuel 7: 1

— Eu não posso culpá-lo, — disse o padre Stearns. — Mas eu posso ajudar lá.

Suzanne olhou para cima e viu o Padre Stearns puxar um frasco de água do bolso. Ele abriu-a e polvilhou sobre o solo.

Água benta.

Suzanne acrescentou suas próprias lágrimas a água benta que ele derramou no chão.

— Você vai orar por ele, não vai? — Perguntou Suzanne. — Eu não posso. Eu simplesmente não posso acreditar o suficiente para orar. Mas isso significaria algo para mim se você fizesse.

— Vou rezar por ele e por você, Suzanne, todos os dias.

— Eu nunca mais vou te ver de novo, pois não?

Padre Stearns não sorriu.

— Eu acho que os nossos caminhos estavam destinados a se cruzar. E talvez seja melhor que eles não se cruzem mais uma vez. Não nesta vida de qualquer maneira.

Suzanne entendeu o recado.

— Obrigada... por tudo. Por Adam. Por ser um bom padre, um bom homem.

— Eu sou tão humano e tão falível como qualquer um. Mas obrigado. Sua fé em mim é encorajador. Talvez um dia você vai encontrar a sua fé nele novamente.

— Talvez, — disse ela. — Mas não prenda a respiração.

Padre Stearns assentiu. Ele estendeu a mão e acariciou o arco de sua bochecha.

— Adeus, Suzanne. Se você alguma vez realmente precisar de mim, sabe onde me encontrar.

— Zonas de guerra, — ela lembrou a ele com um sorriso. — Eu posso cuidar de mim mesma.

Seus dedos roçaram os lábios como o beijo mais suave.

— Eu sei que você pode.

Ele deixou cair sua mão e começou a sair. No limite do cemitério viu um Rolls Royce esperando.

— O seu fundo fiduciário, — Suzanne chamou de repente, lembrando-se uma última pergunta. — Nora Sutherlin disse que você deu o seu fundo fiduciário. A quem você deu?

Padre Stearns continuou andando.

— Royces Rolls não comprou a si mesmos, pois não, Suzanne? — Ele parou em seu caminho, virou-se e piscou para ela antes de sair novamente em direção ao Rolls.

A piscadela parecia tão familiar. Nora Sutherlin tinha piscado para ela assim.

Bem... desse... jeito...

E Suzanne percebeu que tinha sido enganada.

Ela ficou olhando para ele, para o padre católico que tinha, sozinho financiado o kink do Submundo de Nova York. A história do século ia e vinha. Com um telefonema que ela poderia arruiná-lo, arruinar a diocese,

trazer mais vergonha e infâmia para a Igreja Católica do que todos os mais horríveis mas menos tórridos escândalos sexuais combinados.

— Nora Sutherlin... — ela suspirou enquanto observava o amante da escritora de erótica entrar no banco de trás do Rolls. — Você é uma puta com sorte.

Suzanne voltou-se para o túmulo de Adam e sorriu.

— Eu sinto falta de você, irmão mais velho, — disse ela. Ela beijou a ponta dos dedos e tocou na lápide. Ela deixou por isso mesmo. Da próxima vez que ela viesse a sepultura, ela ficaria um pouco mais de tempo.

Suzanne pegou o celular e bateu o primeiro número em sua discagem rápida.

— Ei, você, — disse ela quando Patrick respondeu.

— Ei, você está bem? — Perguntou Patrick.

— Estou realmente incrível. Juntei finalmente toda a história do Padre Stearns de uma vez por todas.

— Bom. Terminou com isso?

— Completamente. Nem sequer era a irmã. Você estava certo. Ele tinha doado o dinheiro que levantou a sobancelha da igreja. Ele não será bispo embora ele provavelmente devesse ser. Mas de qualquer forma. Quer jantar?

Ela ficou tensa quando Patrick não respondeu de imediato.

— Não sei. É um jantar? Ou é um encontro?

Suzanne voltou da pausa com uma pausa antes de responder.

— É um encontro.

* * *

Michael obedientemente fechou os olhos e tentou não espirrar ou recuar.

— Isto é ridículo, Nora, — disse ele. — Eu sinto que estou me casando.

Nora sorriu.

— Nada tão formal ou aterrorizante. As Cerimônias de Coleira aqui no 8th Circle são apenas uma desculpa para humilhar publicamente o sub e provocar o dominante por se apaixonar. Griffin é muito atrasado para a provocação.

— O guyliner⁷⁸ é parte dada humilhação? — Michael abriu os olhos quando Nora terminou de adorná-los com delineador.

— Eu conheço o Griffin. Ele vai fazer xixi em si mesmo quando ele o vir com delineador. Uma das fraquezas dele.

— Legal. — Ele tomou uma respiração rápida. — Eu não posso acreditar que isto é real. É real, certo?

Nora deu um passo para trás e inclinou o rosto para a luz baixa. Ela assentiu para a obra dela com apreciação.

— Sim. Muito real. E ele vai se sentir muito real quando deixar de ser divertido. A primeira vez que Griffin colocar o pé sobre algo que você não gosta... a coisa toda da coleira realmente afunda. Mas vale a pena. Você encontra o dom certo e vale completamente a pena. Apenas desfrute do período de lua de mel enquanto dura.

Michael olhou para Nora quando ela tampou o lápis delineador e guardou-o. Ela parecia tão estranha esta noite vestida toda branco. Saia branca, blusa branca, coleira branca ao redor do pescoço. Ele estava todo de

⁷⁸ Colocar delineador em um homem.

branco também, calças brancas, sem sapatos, camisa branca aberta fora das calças com as mangas enroladas até os cotovelos.

— Ele está me levando para Key West por uma semana amanhã. Falando de lua de mel.

Nora ajeitou a coleira dela.

— Boa escolha para casais do mesmo sexo. Vocês dois decidiram sobre a situação de escola/casa em toda essa excitação?

— Sim. Ele vai ter um novo lugar que vai ser fácil de chegar de trem. Eu vou estar nos dormitórios durante a semana e ser dele nos fins de semana.

— Você vai contar para todo mundo na escola que você é um submisso bissexual de coleira do mais rico bebê do fundo fiduciário em Nova York?

— Talvez não neste semestre.

Nora sorriu.

— Boa decisão. Sua mãe está lidando bem com tudo?

— Sim. Melhor do que eu pensava.

— As mães podem surpreendê-lo às vezes.

Michael foi até a sua mochila e tirou uma pasta de fotos para fora.

— Aqui. É melhor eu dar essa de volta para você. Griffin pode bisbilhotar.

— Obrigada, — ela disse, tomando a foto de volta. Ela abriu a pasta de Borgonha e sorriu para a foto. — Deus, eles eram sexy como o inferno, não eram?

— Seriamente, — Michael concordou enquanto olhava por cima do ombro de Nora para a fotografia a preto-e-branco. Na foto ele viu um jovem Padre S de 18 anos sentado casualmente em uma poltrona em um terno

escuro, arrumado e asseado. Aos seus pés, estava sentado outro menino, apenas um ano mais jovem, com o cabelo escuro longo e seu uniforme de escola católica artisticamente amarrotado, com a jaqueta abandonada, a gravata frouxa e o colarinho aberto.

— Kingsley e Søren... Eu acho que esta é a única foto alguma vez tirada deles quando eram adolescentes. Parece que eles estavam estudando, trabalhando em algo. Me pergunto se alguém diferente de nós, kinksters, entende.

Michael tinha entendido. Ele percebeu. O pescoço de jovem Kingsley tinha duas contusões que alguém sem qualquer experiência em kink iria simplesmente assumir que eram chupões ou mordidas de amor. Mas Michael conhecia essas marcas, as tinha carregado na sua própria pele. Lábios não tinham feito aquilo, nem dentes. Um polegar e o dedo indicador pressionando na pele tinha deixado aquelas contusões. Kingsley tinha sido preso pelo pescoço durante o sexo com o jovem padre S.

— Nós todos temos que começar em algum lugar, certo? — Perguntou Nora, fechando a pasta e enfiando a fotografia longe. — Søren e Kingsley não têm vergonha de que eles eram amantes quando eles eram jovens. Kingsley simplesmente não quer que ninguém saiba que ele é um switch.

— Eu não vou contar. Eu prometo. Nem mesmo a Griffin.

— Eu sei, — disse Nora. — É melhor irmos. Eles estão esperando.

Juntos, eles deixaram o calabouço privado do Padre S no 8th Circle, o clube onde ele, Nora, Griffin e Kingsley faziam, um par de vezes por semana, alguns dos jogos mais duros.

Algumas portas abaixo era o calabouço privado de Griffin. Michael já tinha sido avisado de que ele estaria gastando muito tempo nu e amarrado nesse quarto. Mesmo agora, enquanto ele entrava nele sem restrições e completamente vestido, ele se sentia nu e amarrado. Abertamente vulnerável. Ligado a Griffin.

Olhando ao redor quando entrou no quarto, ele viu o Padre S e Kingsley Edge falando um para o outro em voz baixa. Ambos usavam tudo preto para além do colarinho branco de Padre S e um lenço branco no bolso de Kingsley. Uma mulher incrivelmente bonita de pele de ébano com um vestido marfim de cair o queixo se sentava em um sofá de couro preto. Kingsley estalou os dedos e a mulher se levantou e foi para o seu lado. Devia ser Juliette. Nora lhe tinha dito sobre ela, a secretária haitiana de Kingsley que mantinha tanto Kingsley como todos os seus interesses comerciais em linha fora do quarto, enquanto Kingsley mantinha-a em linha dentro do quarto. Juliette lhe deu um sorriso deslumbrante e os joelhos de Michael quase se dobraram da força da beleza dela.

Nora guiou Michael para o centro da sala e ficou ao lado dele. Griffin entrou, vestindo calças pretas e uma camisa de seda preta e sem sapatos. Ele deu uma olhada em Michael e fez um caminho mais curto para ele. Antes que eles pudessem se encontrar, Nora se interpôs entre eles.

— Whoa, devagar, Fiske. Você não pode beijar o sub ainda. Acalme-se, menino, — Nora ordenou e Griffin mostrou divertidamente os dentes para ela.

— Então vamos acabar com isso. Eu preciso beijá-lo. Agora. Agora mesmo, — disse Griffin, tentando pisar em torno de Nora.

— Paciência é uma virtude, Griffin, — Padre S disse quando todos eles formaram um círculo solto em torno de Griffin e Michael.

— Eu não o vi durante todo o dia. Isso é toda a paciência que você vai ter de mim, — Griffin disse.

— É um começo, — disse o padre. — Continue.

Nora deu um passo para o lado e Griffin puxou uma coleira de couro preto do bolso, apertou-a no pescoço de Michael, prendeu-a e trancou-a fechada. Michael fechou a olhos quando os braços de Griffin foram ao redor dele.

— Eu te amo, — Griffin sussurrou enquanto o pequeno cadeado na parte de trás da coleira clicou fechado. — E você pertence a mim.

— Sim, senhor, — Michael disse, sorrindo. Ele abriu os olhos e Griffin beijou-o profundamente, apaixonadamente e sem reservas.

— Nojento, — disse Nora. — Esses dois caras estão se beijando. Isso é nojento.

— É muito pouco natural, — Kingsley concordou. — Eu tremo só de pensar.

— É mesmo? — Juliette perguntou com seu sotaque Haitiano rico, melódico. — Então o que você estava fazendo com aquele jovem homem na noite passada?

— Reunião de negócios. Nós estávamos discutindo as finanças no Möbius.

— Enquanto nus? — Perguntou Juliette, batendo os cílios.

— Era uma reunião informal, — disse Kingsley.

Michael teve de parar de beijar para que ele pudesse rir. Pelo menos aqui, entre esses esquisitos e perversos, ele e Griffin iriam sempre encontrar aceitação. E talvez se tivessem sorte, outros iriam aceitá-los também.

— Griffin Randolph Fiske, — Padre S começou, — você é agora o orgulhoso proprietário de Michael Dimir. Ele é como um filho para mim. Se você machucá-lo de qualquer maneira que ele não queira, você vai responder a mim.

— E a mim, — disse Nora, dando um passo à frente para dar um beijo rápido na bochecha de Michael e Griffin.

— *Et moi*, — disse Kingsley.

— *Et moi aussi*, — disse Juliette.

Michael engoliu um nó na garganta. Ele sabia que Griffin nunca faria nada para feri-lo, mas comoveu-o para além das palavras saber que ele tinha todas estas incríveis pessoas do seu lado se ele o ferisse.

— Não se preocupe. Não vai acontecer, — disse Griffin, pegando em Michael pela mão. — Mas eu gostaria de machucá-lo do jeito que ele gosta agora. Então, a não ser que vocês queiram assistir, fujam.

Griffin fez o gesto de enxotando que tinha funcionando tão bem no pai de Michael.

Ninguém se mexeu. Griffin olhou para Nora.

— O quê? — Ela perguntou com inocência fingida. — Todos nós queremos assistir.

Nora não conseguia parar de sorrir. Ela tomou um gole de vinho branco e colocou o copo de volta na mesa. Sabia tão bem que ela queria beber a coisa toda sem parar, mas eles estavam no 8th Circle e o novo bartender que Kingsley tinha contratado realmente aplicava a regra de duas bebidas no máximo. Certamente ela e Søren jogariam mais tarde naquela noite, por isso era melhor ela ficar sóbria e em alerta. Søren esteve agindo estranhamente toda a noite. Ele e Kingsley continuaram escapando, a sussurrar um para o outro. Não era comum eles a manterem de fora das coisas. Mas ela confiava em Søren. Ele diria a ela o que estava acontecendo quando fosse a hora. Do outro lado da sala, ele olhou para ela e Nora sorriu. Ele não sorriu de volta.

Depois de alguns minutos, ele fez o seu caminho para ela. Ela ficou a beira do bar na seção VIP, olhando para a horda abaixo. A música martelava no fundo, corpos se contorciam. Ela gostava de jogar no poço no Circle. No top... sub... não importa. O público kink era tão humilhante, tão primitivo. Ela tinha experimentado as piores agonias no poço, teve seus orgasmos mais fortes. Mas esta noite, parecia um outro mundo. Estrangeiro, estranho, distante.

— Você está calma esta noite, pequena, — Søren disse quando ele veio até ela e beijou-a natesta.

— Eu estou bem, senhor. Minha mente tem estado em um monte de lugares recentemente.

— Tem estado em Kentucky?

Nora olhou para ele bruscamente.

— Kentucky? Não, ela...

— Eleanor. — Søren cobriu os lábios com um dedo. — Diga-me a verdade ou não fale nada.

Ela assentiu com a cabeça e ele tirou a mão.

— Sim, — ela admitiu. — Às vezes, ela vagueia para Kentucky. Mas ela sempre volta para aqui, volta para você.

— Eu sei que volta. Estar separado de você neste verão... você deve saber que eu também senti o meu coração tocado por outra pessoa.

O estômago de Nora apertou.

— Essa repórter era muito mais quente do que ela precisava de ser.

— E inteligente e danificada.

— Bem o seu tipo. Estou feliz que ela não, você sabe, chegou a você mais do que ela fez. Chegar a nós. Eu estava preocupada lá por um tempo que ela descobriria o que somos. As coisas poderiam ter começado a ficar feias. Mas eu acho que isso teria impedido você de ser, certo?

— O fato de que eu tinha um repórter cavando o meu passado me impediu de me tornar bispo, — Søren disse, um pequeno brilho brilhando em seus olhos. O brilho contou-lhe tudo.

— Oh, seu filho da puta, — Nora gemeu. — Foi você quem lhe deu a dica anônima, não foi?

— Kingsley, na verdade. Embora a ideia tenha sido minha. Eu sabia que se pudesse dizer a comissão de pesquisa que eu tinha uma repórter tenaz farejando cada passo meu, eles não arriscariam em me fazer bispo e a notícia da minha doação para diocese sendo pública.

— Seu manipulador maquiavélico idiota, eu te amo. — Nora caiu na gargalhada.

Ela deveria saber. Ela absolutamente devia ter sabido que a presença de Suzanne na vidas dele tinha sido ideia de Søren o tempo todo.

— Em minha defesa, — disse Søren sem um pinga de vergonha ou arrependimento, — escolhemos ela porque eu sabia que eu poderia ajudá-la.

— Sim, você é um santo. St. Søren o Bastardo, Patrono da manipulação. — Ela não podia parar de rir. Ele realmente faria qualquer coisa para protegê-los, para protegê-la.

— Eu ainda estou à espera da aprovação final para a minha canonização. Nora levantou-se na ponta dos pés e beijou-o.

— Você pode abrir o cartão agora, — disse Søren em seus lábios.

— O cartão? Oh, o cartão. — Nora lembrou da enfurecida nota que Søren tinha lhe dado no início do verão. Ela resistiu à tentação de abri-la durante semanas.

Por trás do bar, ela pegou sua bolsa e cavou através dela. Retirando o cartão, ela rasgou-o e leu as palavras escritas nele na escrita elegante de Søren.

Você está formalmente convidado a participar da Cerimônia da Coleira de Griffin Fiske e Michael Dimir.

A mandíbula de Nora caiu. Ela olhou para Søren e golpeou o braço dele com o cartão.

— Você sabia? — Os olhos de Nora quase caíram da sua cabeça.

— Claro que eu sabia, — disse Søren. — Conheço Griffin há anos. Eu sou o confessor de Michael. Eu sabia que eles se apaixonariam. Eu sabia que ia ser

uma boa oportunidade para Griffin se redimir. Estou muito feliz por Michael. Ele precisa de alguém tão falador e tão efusivo em seu afeto como Griffin.

— Então você ordenou a Griffin para ficar longe de Michael porque...?

— Nós valorizamos o que devemos sacrificar para ter. Eu nunca vou querer que Griffin tenha Michael como garantido. Eu acho que ele nunca irá.

Nora olhou para o cartão antes de rasgá-lo em pedaços e jogá-lo no ar como confete.

— Eu te amo, seu homem terrivelmente brilhante. — Nora abraçou Søren no que ela achava que seria um rápido abraço brincalhão. Mas Søren puxou-a para mais perto e segurou-a com força contra ele. Tão apertado que quase a assustou. Ele enterrou o rosto em seu cabelo e inalou.

— Søren? Qual é o problema? — Ela sussurrou. — Você tem estado tenso durante toda a noite.

A mão de Søren descansou em seu pescoço. Ela sentiu algo, ouviu um clique, e a coleira branca dela saiu nas mãos de Søren. Ela olhou para a coleira e para Søren.

— Senhor? — As mãos de Nora ficaram dormente. Seu coração disparou.

— Eu te amo, — disse ele. — Eu te amo o suficiente para tirar isso de você por algum tempo. Eu te amo o suficiente para lhe dar isso de volta.

Ele enfiou a mão no bolso e entregou-lhe uma chave com uma fita branca no lugar de um chaveiro. A fita branca... a chave para o quarto branco. Ela conheceu Michael naquele quarto no ano passado e tomou a virgindade dele. Søren havia lhe dado essa mesma chave com as palavras *“Ele ainda é virgem... Você pode fechar os olhos e fingir que é...”*

— Søren?

— Você voltou para mim depois de anos separados. E isso me deu tanta alegria em tê-la novamente que eu negligenciei em perguntar a mais importante questão. Por quê? Por que você voltou para mim? E você estava vindo para mim? Ou você estava deixando alguém?

— Você sabe que eu esta...

— Eu vi o seu livro. Vi a dedicatória.

Nora fechou os olhos. Esperava que Søren não tivesse notado que, pela primeira vez, ela dedicou um livro a alguém que não fosse ele.

— Muitas águas... — disse Søren. — Você ainda o ama.

Uma lágrima caiu dos olhos de Nora. Ela não podia negar as palavras. Mas ela não queria admiti-las, tampouco.

— Eu te amo demais para mantê-la contra a sua vontade, — disse Søren.

Nora olhou para ele.

— Mesmo se contra a minha vontade é o que eu quero?

— Mesmo assim. — A chave estava quente na palma da sua mão. Ela olhou para ele e se perguntou. — Vá. Você sabe que é o que você quer.

Os dedos de Nora enrolaram em torno da chave. Um poço de esperança surgiu em seu coração. Mas ela socou-a de volta para baixo. Não... ela não podia acreditar... poderia ser?

— Eu vou voltar, — ela prometeu. — Eu sempre vou voltar para você.

— Eu sei, — disse ele com fria, calma arrogância. — Se eu não acreditasse nisso, eu não deixaria você ir.

— acredite. É verdade. — Ela deu um passo para trás. Em seguida, outro. — Sempre.

— Eleanor, se tiver alguma misericórdia nesse seu coração escuro, quando você sair agora, você vai caminhar e não correr.

Ela lhe deu um sorriso, um sorriso que lhe disse tudo o que ela queria dizer, mas não tinha as palavras ou a voz para dizer.

— Eu nunca corri de você, lembra? Mas eu sempre vou correr de volta.

Nora não mais o beijou ou tocou. Se ela fizesse, ela temia que ela não seria capaz de parar. E ela tinha que ir, tinha que ir embora, tinha que ver quem esperava por ela atrás da porta do quarto branco.

Virando-se, ela andou com lentidão agonizante para a porta na parte de trás do bar. Ela abriu a porta e atravessou o limiar, fechando a porta atrás dela. Uma vez sozinha, Nora parou e olhou para seus pés. Ela usava saltos altos. Ela sempre usava nestes dias no clube. Søren preferia-os as botas que ela sempre amarrava durante seus dias como uma dominatrix. Mais recatada, saltos altos eram. Mais femininos. Ela podia fazer qualquer coisa em seus saltos se ela tivesse que fazer. Qualquer coisa, mas correr e ela sabia que essa era a verdadeira razão para Søren fazê-la usá-los.

Ela tirou os sapatos e deixou para trás no corredor. E Nora não andou e ela não rastejou e ela não voou.

Ela correu. No final do corredor ela correu como se os cães do inferno beliscavam seus calcanhares. Ela correu como se o próprio Deus lhe tivesse ordenado. Correu como se sua vida dependesse disso e nesse momento ela poderia ter jurado que dependia.

Ela não sabia por que ela correu. Ela não sabia quem ou o que esperava por ela no quarto branco. Ela só sabia que tinha que chegar lá o mais rápido que podia e quem quer que fosse, valia a pena correr.

A mão de Nora tremia tão forte quando ela finalmente chegou a porta do quarto branco que ela mal podia colocar a chave na fechadura. Mas, então colocou e a porta se abriu e ela parou de correr. Ela parou de correr, porque sem nenhuma razão, nenhuma que fizesse sentido, nenhuma que importasse, ele estava bem ali na frente dela.

— Wesley... — ela respirou, incapaz de dar outro passo. Mas ela não teve porque ele estava de pé e correndo para ela agora, e ele segurou-a nos braços e ela o segurou nos dela e ela sabia que nunca iria correr novamente. Não dele de qualquer maneira. Não do seu Wesley.

— Nora... Eu senti sua falta... tanto...

Ela se afastou para olhar para ele. Seu Wesley, o mesmo bonito rosto de menino, os mesmos grandes olhos castanhos que olhavam para ela como se ele nunca tivesse visto nada parecido antes.

Nora tomou seu rosto em suas mãos, ainda incapaz de realmente acreditar que era ele, seu Wes, bem na frente dela.

— Meu Deus, você precisa de um corte de cabelo.

* * * * *



Quer ficar por dentro dos lançamentos?
Siga nosso [blog](#) e curta nossa [Fanpage no Facebook!](#)

THE ORIGINAL SINNERS



Para saber mais informações sobre a série, contos que se entrelaçam com os livros acesse: <https://www.goodreads.com/series/79635>